



“BERNARD CORNWELL É O HERDEIRO DIRETO
DE PATRICK O'BRIEN” — THE ECONOMIST

BERNARD
CORNWELL

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

A Águia de
SHARPE

ESPAÑA, JUNHO DE 1809

AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÓNICAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BERNARD CORNWELL

A Águia de
SHARPE

Formatação ePub de LeYtor



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

Título Original: Sharpe's Eagle © 1981,
by Bernard Cornwell

Todos os direitos de publicação em Língua Portuguesa desta obra, excepto Brasil,
reservados por:
Planeta,, editora, lda

Revisão: Frederico Sequeira
Capa: José Laranjeira

Composição, impressão e acabamento: Grafitexto, Lisboa
Depósito legal nº 223305/05 ISBN 972-731-166-0

Proibida a reprodução no todo ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização
do editor

O condenado

Trilogia As Crônicas de Artur

O rei do inverno

O inimigo de Deus

Excalibur

Trilogia A Busca do Graal

O arqueiro

O andarilho

O herege

Série As Aventuras de Sharpe O tigre de Sharpe (Índia, 1799)

Todo o homem se envergonha De não ter sido soldado

Samuel Johnson



1809

O Exército britânico estava dividido regimentos como ainda hoje, mas a maior parte deles recebia um número e não um nome; assim, por exemplo, o regimento de Bedfordshire chamava-se na realidade o 14, os Comandos de Connaught o 88 e assim sucessivamente. Os soldados preferiam os nomes, mas tiveram de esperar até 1881 para que isso fosse oficialmente aprovado. Não dei deliberadamente qualquer número ao South Essex pois trata-se de um regimento fictício.

Um regimento era uma unidade administrativa; a unidade básica de combate era o batalhão. A maior parte dos regimentos consistia, pelo menos, em dois batalhões, mas alguns, como o imaginário South Essex, eram pequenos regimentos de um único batalhão. É por isso que em Sharpe e a Águia do Império se usam indistintamente ambas as palavras em referência ao South Essex. Em teoria, um batalhão tinha mil homens, mas as doenças e as baixas, aliadas à escassez de recrutas, faziam com que os batalhões entrassem frequentemente em batalhas com apenas quinhentos ou seiscientos homens.

Todos os batalhões estavam divididos em dez companhias. Duas delas, a Companhia Ligeira e a Companhia de Granadeiros, constituíam a elite do batalhão e, em particular as companhias ligeiras, eram tão úteis que se recrutavam ou se ampliavam regimentos completos de tropas ligeiras, como os Fuzileiros do 95°.

Um batalhão era normalmente comandado por um tenente-coronel, com dois maiores, dez capitães e, abaixo destes, os tenentes e alferes. Nenhum destes oficiais tinha recebido qualquer tipo de preparação; isso estava reservado aos oficiais de engenharia e artilharia. Um em cada vinte oficiais era promovido. A promoção normal efetuava-se mais por antiguidade do que por mérito, mas um homem rico, desde que tivesse servido durante um determinado período num posto, podia comprar a promoção ao posto seguinte e, desta forma, antecipar-se. O sistema de compra podia levar a promoções muito injustas, mas vale recordar que, sem ele, o soldado britânico de grandes êxitos militares, Sir Arthur Wellesley, posteriormente duque de Wellington, não teria alcançado uma graduação suficientemente elevada no início da sua carreira, para formar o mais extraordinário exército que a Grã-Bretanha teve; o exército em que Richard Sharpe lutou contra os franceses em Portugal, Espanha e França entre 1808 e 1814.

Era possível ouvir os canhões muito antes de eles aparecerem. As crianças agarravam-se às saias das mães, perguntando-se que coisa tão espantosa provocava aqueles ruídos. Os cascos dos grandes cavalos misturavam-se com o som metálico de tirantes e correntes, com o estrondo cavo das rodas desconjuntadas e, sobretudo, com o estrondo de toneladas de latão, ferro e vigas que se chocavam contra o pavimento destroçado da cidade. Então apareceram os canhões, os armões, os cavalos e a escolta; os artilheiros pareciam tão duros quanto os canhões enegrecidos e atarracados que evocavam a luta que havia a norte, de onde a artilharia tinha arrastado as suas volumosas armas, por rios cheios e subido vertentes encharcadas pela chuva para esmagar o inimigo até à derrota. Agora voltariam a fazê-lo. As mães agarravam os filhos mais novos e apontavam para os canhões, seguras de que estes britânicos fariam Napoleão desejar ter ficado na Córsega para se dedicar a criação de porcos, que era a única coisa para que servia.

E por fim chegou a cavalaria! Os camponeses portugueses aplaudiam as fileiras de vistosos uniformes a trote, os sabres brilhantes e curvos desembainhados que se exibiam pelas ruas e praças de Abrantes, e o fino pó levantado pelos cascos dos cavalos era um preço barato a pagar pela visão dos esplêndidos regimentos que, segundo diziam os cidadãos, expulsariam completamente os franceses para além dos Pireneus, de volta aos esgotos de Paris. Quem poderia resistir perante tal exército? De norte a sul, desde os portos da costa oeste, estavam se reunindo e marchavam em direção a leste pela estrada que vai até à fronteira espanhola e até ao inimigo. Portugal ficaria livre, o orgulho da Espanha seria restaurado, a França seria humilhada e estes soldados britânicos voltariam às suas adegas e às suas tabernas deixando Abrantes e Lisboa, Coimbra e o Porto em paz. Eles, os soldados, não tinham tanta confiança em si próprios. Na verdade tinham derrotado o exército que Soult tinha a norte, mas, ao avançar para as suas sombras alongadas, perguntavam o que havia para além de Castelo Branco, a cidade mais próxima e a última antes da fronteira. Em breve voltariam a defrontar-se com os veteranos de Jena e de Austerlitz, que vestiam capote azul, os donos dos campos de batalha europeus, os regimentos franceses que tinham convertido em carne picada os mais distintos exércitos do mundo. Os habitantes da cidade estavam impressionados, pelo menos com a cavalaria e a artilharia, mas, aos olhos de um conhecedor, as tropas que se reuniam nos arredores de Abrantes eram infelizmente poucas e os exércitos franceses que ameaçavam o leste eram terrivelmente grandes. O exército britânico, que atemorizava as crianças de Abrantes, não assustaria os marechais franceses.

Enquanto o tenente Richard Sharpe, esperava ordens nos arredores da cidade, via a cavalaria embainhar os sabres ao mesmo tempo que os últimos espectadores ficavam para trás. Retomou então a tarefa de desenrolar da coxa a ligadura suja.

Quando as últimas polegadas tinham se soltado, caíram para o chão algumas sanguessugas e o sargento Harper ajoelhou-se para apanhá-las antes de olhar para a ferida.

— Já cicatrizou, tenente. Ótimo.

Sharpe resmungou. O golpe de sabre tinha se convertido em nove polegadas de tecido cicatrizado e enrugado, limpo e mais rosado em comparação com a pele mais escura. Tirou a última sanguessuga gorda e deu-a a Harper para que a guardasse.

— Vá lá, querida, você parece bem alimentada.

O sargento Harper fechou a lata e levantou os olhos para Sharpe.

— Teve sorte, senhor.

Era verdade, pensou Sharpe. O hussardo francês quase que acabara com ele; a sua espada estivera a meio caminho de lhe desferir um tremendo golpe quando a bala do fuzil de Harper o obrigara a levantar da sela e o rosto do francês, envolto em estranhas trancas, se transformara com a agonia da dor. Sharpe desviara-se desesperadamente e o sabre, que lhe apontara para o pescoço, tinha-lhe cortado a coxa deixando-lhe outra cicatriz como recordação dos dezesseis anos no exército britânico. Não fora uma ferida profunda, mas Sharpe vira morrer muitos homens por causa de golpes menores, com o sangue envenenado e a carne descorada e pestilenta. Os médicos eram incapazes de fazer outra coisa que não fosse deixar que o ferido suasse e apodrecesse até morrer nas charneiras que chamavam de hospitais. Um punhado de sanguessugas fazia mais do que um exército de doutores, pois devoravam o tecido doente e deixavam a carne a cicatrizar naturalmente. Sharpe levantou-se e tentou mexer a perna.

— Obrigado, sargento. Está como nova.

— Fico satisfeito, senhor.

Sharpe vestiu o traje da cavalaria que usava em vez dos calções verdes regulamentares dos Fuzileiros do 95. Estava orgulhoso do macacão verde com reforços de couro preto que tinha tirado do cadáver de um coronel de caçadores da guarda imperial de Napoleão no Inverno anterior. A parte lateral exterior de cada uma das pernas estava decorada com mais de vinte botões de prata e com esse metal tinha pago comida e bebida quando o seu pequeno bando de fuzileiros havia fugido para sul através das neves da Galiza. O coronel tinha sido uma boa presa; não havia muitos homens em ambos os exércitos tão altos quanto Sharpe, mas as calças assentavam-lhe perfeitamente e as botas de couro preto, bonito e macio, eram feitas à sua medida. Patrick Harper não tivera tanta sorte. O enorme sargento irlandês era uns dez centímetros mais alto que Sharpe e ainda não tinha encontrado calças para substituírem as suas, já sem cor, remendadas e feitas em retalhos, que apenas serviam para espantar os corvos num campo de nabos. Toda a companhia estava assim, pensava Sharpe, com os uniformes velhos e as botas literalmente presas com tiras de couro. Enquanto o batalhão principal estivesse na pátria, na Inglaterra, a pequena companhia de Sharpe não encontraria um único oficial comissário desceioso de complicar a vida com dois livros de contabilidade, que lhes proporcionasse calças e calçados novos. O sargento Harper entregou-lhe a casaca do uniforme.

— Quer que lhe dê um banho húngaro, tenente?

Sharpe negou com a cabeça.

— Está bem assim.

A casaca não tinha muitos piolhos, pelo menos não suficiente para ter de impregná-la com fumaça de fogo feito com erva e cheirar carvão durante os dois dias seguintes. A casaca estava tão gasta como as do resto da companhia, mas nada, nem o cadáver mais bem vestido de Espanha ou Portugal, o teria convencido a tirá-la. Era verde, a casaca verde-escura dos Fuzileiros do 95, e era o emblema de um regimento de elite. A infantaria vestia vermelho, mas a melhor infantaria britânica vestia verde, e mesmo depois de três anos no 95 Sharpe gostava da distinção do uniforme verde. Nada mais tinha do que esse uniforme e do que podia transportar às costas. Richard Sharpe não tinha outro lar a não ser o regimento, nem outra família além da sua companhia, nem outros haveres senão o que lhe cabia na mochila e nas cartucheiras. Não conhecia outra forma de viver e esperava morrer dessa maneira. Ajustou a faixa vermelha de oficial à volta da cintura e cobriu-a com o cinto preto de couro com fivela prateada em forma de serpente. Após um ano na península apenas a faixa e o sabre denotavam o seu posto de oficial e até mesmo a espada, tal como as calças, não eram regulamentares. Os oficiais de fuzileiros, tal como todos os de infantaria ligeira, usavam um sabre curvo de cavalaria, mas Sharpe detestava tal arma. Em lugar dela usava a espada comprida e reta da cavalaria pesada; uma arma horrível, mal calibrada e brutal, mas Sharpe gostava da sensação de uma lâmina selvagem que pudesse derrotar as finas espadas dos oficiais franceses e amassar um mosquete e uma baioneta.

A espada não era a sua única arma. Richard Sharpe servira durante dez anos nas fileiras dos casacas-vermelhas, primeiro como soldado raso, depois como sargento, carregando um mosquete de alma lisa pelas planícies da Índia. Resistira na linha com o pesado fuzil de pedrneira, entrara aterrizado em brechas abertas a baioneta e, no entanto, usava uma arma comprida na batalha. A espingarda Baker era o seu distintivo, diferenciava-o de outros oficiais, e os alferes de dezesseis anos, recém-chegados com uniformes novos e brilhantes, olhavam desconfiados para o tenente alto de cabelo negro com a espingarda pendurada e a cicatriz que, exceto quando ria, lhe dava um ar de sinistra diversão ao rosto. Alguns perguntavam a si próprios se as histórias seriam verdadeiras, histórias de Seringapatam e Assye, do Vimeiro e de Lugo, mas a expressão dos seus olhos aparentemente brincalhões, ou a visão dos punhos gastos das suas armas, afugentava qualquer dúvida. Poucos oficiais novos se punham a pensar no que representava realmente a espingarda, a luta mais feroz que Sharpe já tivera, a ascensão do rancho geral à messe dos oficiais. O sargento Harper olhou pela janela para a praça iluminada pela luz da tarde.

— Ai vem o Feliz, Tenente.

— O capitão Hogan.

Harper não se importou com a repreensão. Ele e Sharpe estavam juntos havia muito tempo, tinham partilhado muitos perigos e o sargento sabia perfeitamente quais as liberdades que podia tomar com o seu taciurno oficial.

— Parece mais contente que nunca, Tenente. Deve ter outro trabalho para nós.

— Deus queira que nos mandem para casa.

Harper, destrancando suavemente a segurança da espingarda com as suas enormes mãos, fingiu não ter ouvido o comentário. Sabia o que queria dizer mas o tema era perigoso. Sharpe comandava o que restava de uma companhia de fuzileiros que tinha ficado isolada da retaguarda do exército de Sir John Moore durante a retirada para a Corunha no Inverno anterior. Fora uma campanha com um tempo terrível, mais apropriado às histórias de viajantes da Rússia do que ao Norte de Espanha. Alguns homens tinham morrido enquanto dormiam, com os cabelos gelados presos ao chão, enquanto outros tinham desistido, exaustos da marcha, à espera que a morte chegasse. A disciplina do exército ruíra e os bêbados vagabundos foram carne fácil para a cavalaria francesa, que chicoteara os animais esgotados até pisar os calcanhares do exército inglês. A chusma salvou-se do desastre graças a apenas alguns regimentos, como o 95, que mantiveram a disciplina e continuaram a lutar. De 1808 passou-se a 1809 e aquele pesadelo de batalha continuou, uma batalha em que se lutava com pólvora úmida e com os homens congelados que assomavam por entre a neve para vislumbrares os capotes dos dragões franceses. Então, um dia em que o nevasca aumentava com o vento, mais parecendo um monstro malévolos, os cavaleiros cortaram a retirada à companhia. O capitão morreu, o outro tenente também, as espingardas não disparavam, os sabres do inimigo erguiam-se e caíam, e a neve úmida abafava todos os sons exceto os grunhidos dos dragões e os terríveis golpes das lâminas que abriam feridas fumegantes em contato com o ar gelado. O tenente Sharpe e alguns sobreviventes abriram caminho, lutando, e escaparam até os penhascos onde os cavaleiros não podiam segui-los mas, quando a tempestade passou e o último homem morrera selvagememente ferido, não houve qualquer possibilidade de se reunir ao grosso do exército. O segundo batalhão de Fuzileiros do 95 regressara à pátria, enquanto Sharpe e os seus trinta homens, perdidos e esquecidos, tinham se dirigido para o sul, afastando-se dos franceses, para se juntarem à pequena guarnição britânica de Lisboa.

Desde então, Sharpe tinha pedido uma dúzia de vezes que o mandassem para casa, mas os fuzileiros eram poucos, demasiado valiosos, e o novo comandante do exército, Sir Arthur Wellesley, mostrava-se renitente em perder nem que fossem trinta homens. Assim, tinham ficado e lutado com qualquer batalhão que precisasse do reforço da sua Companhia Ligeira e voltaram a marchar para norte, retrocedendo, e tinham estado com Wellesley quando este vingou Sir John Moore expulsando o marechal Soult e os seus veteranos do Norte de Portugal. Harper sabia que o seu tenente acalentava raiva e ressentimento. Richard Sharpe era pobre, terrivelmente pobre, e jamais teria dinheiro para comprar a promoção seguinte. Chegar a capitão, mesmo de um batalhão regular, custaria a Sharpe mil e quinhentas libras; se reunisse essa quantia até poderia esperar que o nomeassem rei de França. Tinha apenas uma esperança de promoção, por antiguidade no seu próprio regimento; subir à custa de homens que morressem ou fossem promovidos e cuja promoção tivesse sido comprada. Mas enquanto Sharpe estivesse em Portugal e o regimento na pátria, na Inglaterra, se esqueceriam dele, seria preterido uma vez e outra. Tal injustiça fazia com que o ressentimento fermentasse em Sharpe. Via que homens, mais novos que ele, compravam os seus postos de capitães, comandantes, enquanto ele, melhor soldado, ficava para trás por ser pobre e estar lutando em vez de estar a salvo na Inglaterra.

A porta da cabana abriu-se de rompante e o capitão Hogan entrou. Envergando capa azul e calças brancas parecia um oficial da marinha, e afirmava que tinham confundido o seu uniforme com o de um francês tão freqüentemente, que tinham disparado mais vezes sobre ele do lado dos seus homens do que do inimigo. Era oficial de engenharia, um dos raríssimos engenheiros militares que havia em Portugal; esboçou um largo sorriso enquanto tirava o chapéu de três bicos e inclinava a cabeça para a perna de Sharpe.

— O guerreiro está restabelecido? Como vai essa perna?

— Perfeita, Capitão.

— Foram as sanguessugas do sargento Harper, não é verdade? Bom, nós, os irlandeses, somos uns diabos espertos. Sabe Deus onde estariam vocês, os ingleses, sem nós.

Hogan tirou a caixa de rapé e cheirou um bom bocado. Enquanto Sharpe esperava o inevitável espirro cravou os olhos no capitão baixinho e de meia-idade. Durante um mês, os seus fuzileiros tinham escoltado os homens de Hogan, pois o oficial de engenharia tinha desenhado um mapa dos caminhos que atravessam as passagens mais altas da Espanha. Já não era segredo nenhum que a qualquer momento Wellesley levaria o seu exército para a Espanha seguindo o Tejo, que apontava como uma lança para a capital, Madrid, e Hogan, além de desenhar intermináveis mapas, reforçara as confluências dos rios e as pontes para que agüentassem as toneladas de bronze e madeira que a artilharia de campanha deslocaria no seu caminho até ao inimigo. Fora um trabalho bem feito e em boa companhia, até que choveu e os fuzis não disparavam quando o hussardo francês, com cara de louco, quase conseguiu um lugar entre os heróis com a sua carga solitária contra os fuzileiros. Contudo, o sargento Harper conseguira que a umidade não entrasse na caçoleta da sua espingarda, e Sharpe ainda tremia ao pensar no que podia ter acontecido se a arma não tivesse disparado.

O sargento fez recuar as peças de segurança da espingarda como se fosse se retirar, mas Hogan agarrou-o pela mão.

— Fique, Patrick. Tenho um presente para você; um que agradaria inclusive a um selvagem de Donegal.

Tirou uma garrafa escura da mochila e arqueou as sobrancelhas enquanto olhava para Sharpe.

— Não se importa?

Sharpe assentiu. Harper era um bom homem, bom em tudo que fazia, e nos três anos que se conheciam Sharpe e Harper tinham se tornado amigos, ou pelo menos eram tão amigos quanto podem ser um sargento e um oficial. Sharpe não podia conceber uma batalha sem o enorme irlandês a seu lado, o irlandês receava lutar sem Sharpe, e juntos formavam o par mais formidável que Hogan tinha visto no campo de batalha. O capitão pôs a garrafa em cima da mesa e tirou a rolha.

— Conhaque. Conhaque francês das adegas do próprio marechal Soult e

requisitadas como despojos no Porto. com as saudações do general.

— De Wellesley? — perguntou Sharpe.

— Do próprio. Perguntou por você, Sharpe, e eu disse-lhe que estava se tratando, pois assim não sendo, estaria comigo.

Sharpe não disse nada. Por um momento, Hogan parou de verter cuidadosamente o líquido.

— Não seja injusto, Sharpe! Ele gosta de você. Crê que se esqueceu de Assaye?

Assaye. Sharpe recordava perfeitamente. O campo semeado de mortos no exterior da aldeia indiana, onde tinha sido promovido em pleno campo de batalha. Hogan estendeu-lhe um copo de estanho.

— Sabe que ele não pode fazê-lo capitão do 95. Não tem autoridade para isso!

— Sei.

Sharpe sorriu e levou o copo aos lábios. Mas Wellesley tinha autoridade para mandá-lo para a pátria, onde poderia ser promovido. Afastou esse pensamento da cabeça, sabendo que a ofensa continua da sua promoção regressaria, e invejava Hogan que, sendo oficial de engenharia, só podia conseguir a promoção por antiguidade. Isso significava que Hogan era ainda capitão, apesar de estar na casa dos cinquenta, mas, pelo menos, não havia ciúmes nem injustiça porque nenhum homem podia comprar a sua subida de escalão. Inclinou-se.

— E então, alguma novidade? Continuamos com você?

— Sim, e temos um trabalho. — Os olhos de Hogan brilharam. — E também é um bom trabalho.

Patrick Harper sorriu brincalhão.

— Isso significa um golpe duro e pesado.

Hogan assentiu.

— Tem razão, sargento. Uma ponte enorme a enviar pelos ares. — Tirou um mapa do bolso e abriu-o em cima da mesa. Sharpe reparou como o dedo calcado seguia o curso do rio Tejo desde o mar até Lisboa, passava por Abrantes, o local onde estavam sentados agora, e seguia para a Espanha, para parar aí, onde o rio rodava fazendo uma grande curva para o sul.

— Valdelacasa — disse Hogan. — Aí há uma velha ponte romana. Não agrada ao general.

Sharpe sabia porquê. O exército avançaria pela margem norte do Tejo até Madrid e o rio protegeria o seu flanco direito. Havia poucas pontes que os franceses pudessem atravessar para fustigarem as linhas de aprovisionamento, e essas pontes situavam-se em cidades como Alcântara, onde os espanhóis tinham guarnições que protegiam as passagens. A de Valdelacasa nem sequer estava assinalada. Se não havia povoação, não

havia guarnição, e uma força francesa poderia atravessar e fazer estragos na retaguarda britânica. Harper inclinou-se e olhou para o mapa.

— Porque não está assinalada, Capitão?

Hogan esboçou um gesto depreciativo.

— Admira-me que o mapa situe Madrid, quanto mais Valdelacasa.

Tinha razão. O mapa de Tomás Lopez, o único disponível para os exércitos na Espanha, era um trabalho maravilhoso da imaginação espanhola. Hogan apontou com o dedo no mapa.

— A ponte é utilizada raras vezes, está em muito mau estado. Disseram-nos que só a muito custo poderá ser atravessada por uma carroça, imagine-se por um canhão, mas pode ser restaurada e poderíamos ter os “calças velhas” nas nossas costas de um momento para o outro,

Sharpe sorriu. “Calças velhas” era a estranha alcunha que os fuzileiros davam aos franceses e Hogan tinha adotado com gosto a expressão. O oficial de engenharia baixou a voz em tom conspirativo.

— Disseram-me que é um lugar estranho, há apenas um convento em ruínas e a ponte. Chamam-lhe Ponte dos Malditos. — Balançou a cabeça como se tivesse saído com a sua. Sharpe esperou alguns instantes e suspirou.

— Está bem. O que quer dizer com isso?

Hogan sorriu, triunfante.

— Surpreende-me que tenha de perguntar! A Ponte dos Malditos. Parece que, outrora, todas as freiras foram obrigadas a sair do convento e massacradas pelos mouros. Está assombrada, Sharpe, é espiada pelos espíritos dos mortos!

Sharpe inclinou-se para frente para olhar o mapa mais de perto. Dada a espessura do dedo de Hogan, a ponte devia estar sessenta milhas além da fronteira e eles estavam à mesma distância de Espanha.

— Quando saímos?

— Temos um problema — disse Hogan enquanto dobrava o mapa com cuidado. — Podemos sair para a fronteira amanhã, mas não vamos cruzá-la até que os espanhóis nos convidem formalmente a isso.

Inclinou-se para trás com o copo de conhaque.

— E temos de esperar pela nossa escolta.

— Escolta! — exclamou Sharpe aborrecido. — Nós somos uma escolta!

Hogan negou com a cabeça.

— Oh, não. A política é assim. Os espanhóis nos deixam-nos mandar a ponte pelos ares, mas só se um regimento espanhol for conosco. É uma questão de orgulho,

pelo que se vê.

— Orgulho! — disse Sharpe mostrando a sua irritação de forma evidente. — Se o senhor tem todo um regimento de espanhóis, por que raios precisa de nós?

Hogan sorriu de forma apaziguadora.

— Preciso de vocês, mas há mais uma coisa, sabe?

Harper interrompeu-o. O sargento estava de pé junto à janela, alheio à conversa e olhando para a pequena praça.

— Que maravilha. Oh, tenente, com aquilo sim, tinha limpo a espingarda.

Sharpe olhou pela janela. Lá fora, montada numa égua preta, estava uma jovem também vestida de preto; calções pretos, casaco preto e um chapéu de abas largas, que lhe fazia sombra no rosto mas que não obscurecia a sua surpreendente beleza. Sharpe contemplou-lhe a boca, os olhos escuros, os cabelos encaracolados da cor da pólvora fina, e então ela percebeu que a observavam. Dedicou-lhes meio sorriso e deu a volta, deu uma ordem a um criado que agarrava o cabeçalho de uma mula e olhou fixamente para o caminho que ia da praça ao centro de Abrantes. Hogan emitiu um ronco de complacência.

— É alguém muito especial. Não se vê muitas vezes uma coisa assim. Quem será?

— A mulher de um oficial? — sugeriu Sharpe. Harper balançou a cabeça em sinal de discordância.

— Não usa aliança, Capitão. Mas está à espera de alguém, de um canalha com sorte.

E seria um canalha rico, pensou Sharpe. O exército estava juntando a normal fila de mulheres e de crianças que seguia os regimentos para a guerra. Cada batalhão apenas podia levar as mulheres de sessenta soldados para uma guerra no estrangeiro, mas nada podia impedir que outras mulheres se juntassem às esposas oficiais: garotas da região, prostitutas, costureiras e lavadeiras, todas elas vivendo à conta do exército. Aquela garota era diferente. Cheirava a dinheiro e a privilégios, como se tivesse fugido de uma casa rica de Lisboa. Sharpe pensou que seria amante de um oficial rico e que faria parte da sua equipe, tal como os cavalos puro-sangue, as pistolas de Manton, o serviço de prata para as refeições de campanha e os cães que correriam obedientes atrás do cavalo. Havia muitas jovens como ela, Sharpe sabia, jovens que custavam muito dinheiro. Sentiu que a velha inveja o invadia de novo.

— Meu Deus — Harper voltou a falar enquanto continuava a olhar pela janela.

— Que está acontecendo?

Sharpe inclinou-se para a frente e, tal como o seu sargento, não acreditava no que os seus olhos viam. Um batalhão de infantaria britânico entrava na praça marchando garbosamente, um daqueles batalhões que Sharpe não via há doze meses. Um ano em Portugal tinha convertido o exército no pesadelo de um sargento de instrução; os descorados uniformes tinham sido remendados com o tecido castanho onipresente entre

os camponeses portugueses, tinham o cabelo comprido e havia já muito tempo que desaparecera o brilho dos botões e das condecorações. Sir Arthur Wellesley não se importava com isso; apenas se preocupava com que cada soldado tivesse sessenta cartuchos de munições e a cabeça desperta, se as calças eram castanhas em vez de brancas não tinha qualquer importância para o resultado da batalha. Mas aquele batalhão acabava de chegar da Inglaterra. Os casacos eram de um brilhante vermelho-escarlate, os cintos brancos como a espuma e as botas negras e engraxadas como o carvão. Todos os homens usavam polainas bem abotoadas e, mais surpreendente ainda, usavam o terrível colarinho; quatro polegadas de pele preta envernizada e rígida que comprimiam o maxilar, já que se pressupunha que assim manteriam o queixo dos homens alto, e as costas retas. Sharpe não se recordava de quando vira a última dessas golas; em campanha, os homens as "perdiam", e com elas também desapareciam as chagas purulentas que se produziam junto ao maxilar onde a pele rígida se fundia com a carne suada.

— Enganaram-se no caminho para o Castelo de Windsor — disse Harper. Sharpe balançou a cabeça.

— É inacreditável!

Quem quer que estivesse no comando daquele batalhão deveria ter transformado a vida daqueles homens num inferno para conseguir que se mostrassem tão imaculados apesar da travessia da Inglaterra em barcos cheios de gente e muito sujos e, apesar da longa marcha desde Lisboa, debaixo do calor do Verão, as armas brilhavam, o equipamento estava novo e era regulamentar, enquanto os rostos estavam inchados e vermelhos por causa dos colarinhos apertados e do sol a que não estavam habituados. À frente de cada companhia cavalgavam os oficiais; todos, reparou Sharpe, montavam magnificamente. A bandeira ia envolvida em couro brilhante e era escoltada por sargentos, cujas lâminas das alabardas tinham sido polidas até atingirem um aspeto brilhante e resplandecente. Os homens desfilavam com passo perfeito, sem olhar para a esquerda ou para a direita, exatamente, tal como Harper tinha dito, como se marchassem para uma guarda real em Windsor.

— Quem são?

Sharpe tentava recordar os regimentos que usavam canhões amarelos na manga do uniforme, mas aquele não se parecia com nenhum dos regimentos que conhecia.

— São os South Essex — disse Hogan.

— Quem?

— Os South Essex. São novos, muito novos. Recém-recrutados pelo tenente-coronel Henry Simmerson, primo do general Sir Banester Tarleton.

Sharpe assobiou baixinho. Tarleton lutara na guerra da América, ocupava agora um lugar no Parlamento e era o mais duro adversário militar de Wellesley. Sharpe tinha ouvido dizer que Tarleton queria o comando do exército em Portugal e tinha ficado amargamente ressentido pelo fato de terem preferido o jovem Wellesley. Tarleton era uma pessoa influente, um inimigo perigoso para Wellesley e Sharpe sabia o suficiente de

política de alto nível para entender que a presença do primo de Tarleton no exército não ia ser bem-vinda por Wellesley.

— E aquele ali? — perguntou apontando para um homem corpulento que montava um cavalo cinzento no meio do batalhão.

Hogan confirmou.

— Aquele é Sir Henry Simmerson.

O tenente-coronel Sir Henry Simmerson tinha o rosto vermelho sulcado de veias púrpuras, com uma papada pendente. Os olhos, à distância a que Sharpe os via, pareciam pequenos e vermelhos, e dos dois lados do rosto desconfiado e penetrante surgiam orelhas proeminentes que pareciam os munhões sobressalentes de cada lado de um canhão. Tal e qual um porco a cavalo, pensou Sharpe.

— Nunca ouvi falar dele.

— Não é de estranhar. Não fez nada — disse Hogan com desdém. — Abastado, membro do Parlamento por Paglesham, juiz de paz e, Deus nos livre, coronel de milícia.

Hogan parecia surpreso pela sua própria falta de benevolência.

— Tem boas intenções. Não se dará por satisfeito até que estes rapazes sejam o melhor batalhão do raio do exército, mas creio que o homem terá um sobressalto quando vir a diferença entre nós e a Milícia.

Tal como outros oficiais, Hogan não tinha tempo a perder com a Milícia, o segundo exército britânico. Era utilizada exclusivamente dentro da Grã-Bretanha, nunca tinha de lutar, os soldados não passavam fome, nem tinham de dormir em campo aberto debaixo de um aguaceiro, no entanto desfilavam com pompa gloriosa e presunção. Hogan riu.

— Não podemos nos queixar. Somos felizardos por termos sir Henry.

— Felizardos? — disse Sharpe olhando para o oficial de engenharia grisalho.

— Claro que sim. Sir Henry chegou precisamente anteontem a Abrantes, mas disse-nos que era um perito na arte da guerra. O homem nem sequer viu um francês, mas já deu lições ao general de como vencê-los! E... — exclamou Hogan rindo e abanando a cabeça — ...talvez aprenda. Uma batalha vai tirar-lhe essa rigidez.

Sharpe olhava para as companhias que desfilavam firmemente como autômatos pela praça. As condecorações de cobre sobre as barretinas refletiam o sol, mas os rostos por baixo do brilho eram inexpressivos. Sharpe adorava o exército, era a sua casa, o refúgio de que um órfão necessitara dezesseis anos antes, mas gostava dele sobretudo porque, de uma maneira torpe, lhe dava a possibilidade de demonstrar, uma e outra vez, que o apreciavam. Podia irritar-se com os ricos e com os privilegiados mas reconhecia que o exército o tinha tirado do abismo e lhe tinha posto uma faixa de oficial, e Sharpe não sabia de outro trabalho que oferecesse a um bastardo de origem modesta e foragido da justiça a possibilidade de graduação e de obter responsabilidade. Mas Sharpe também

tivera sorte. Em dezesseis anos praticamente nunca tinha parado de lutar e tivera a sorte de que para as batalhas em Flandres, na Índia e em Portugal tivessem convocado homens que, como ele próprio, reagiam à frente do perigo como um jogador diante de um baralho de cartas. Sharpe suspeitava que iria odiar o exército em tempo de paz, com os seus desfiles religiosos e instruções sem sentido, as suas invejas mesquinhas e os seus requintes intermináveis, e via o exército em tempo de paz que não lhe agradava no South Essex.

— Suponho que ele é dos que gostam de chibatadas.

— Chibatadas, desfiles de castigo, manobras em excesso — acrescentou Hogan com uma careta. — Sir Henry usa tudo isso. Diz que só quer o melhor. E realmente o tem. O que acha deles?

Sharpe riu com asperza.

— Que Deus me livre do South Essex. Isso não é pedir muito, não acha?

— Reccio que seja — respondeu Hogan sorrindo.

Sharpe olhou para ele, sentindo que estava tudo perdido. Hogan encolheu os ombros.

— Disse-lhe que havia mais. Se um regimento espanhol se dirigir para Valdelacasa, Sir Arthur acredita que, a bem da diplomacia, também deve ir um britânico. Para mostrar a bandeira e essas coisas.

Deu uma olhadela às lustrosas fileiras e voltou-se para Sharpe.

— Sir Henry Simmerson e os seus elegantes homens vêm conosco.

Sharpe resmungou.

— Quer dizer que devemos cumprir as ordens dele?

— Não propriamente — respondeu Hogan apertando os lábios. — O tenente vai acatar as minhas ordens.

Tinha falado como jurista, de forma afetada e Sharpe olhou para ele com curiosidade. Só podia haver uma razão para que Wellesley tivesse subordinado Sharpe e os seus fuzileiros a Hogan, em vez de a Simmerson, e isso era porque o general não confiava em Sir Henry. Sharpe ainda não sabia porque precisava dele; no fim de contas Hogan podia esperar a proteção de dois batalhões inteiros, pelo menos mil e quinhentos homens.

— Será que o general pensa que haverá uma batalha?

— Não sabe — respondeu Hogan, encolhendo os ombros. — Os espanhóis dizem que os franceses têm um regimento completo de cavalaria na margem sul, com artilharia pesada, que tem perseguido os guerrilheiros ao largo do rio durante a Primavera. Quem sabe? Acredita que podem tentar impedir que destruamos a ponte.

— Continuo sem entender porque precisa de nós.

— Talvez não precise de nós — sorriu Hogan. — Mas não haverá qualquer outra ação militar durante um mês; os franceses permitirão que nos internemos bem dentro de Espanha antes de nos enfrentar, então Valdelacasa nos dará, pelo menos, a oportunidade de uma escaramuça. Quero comigo alguém em quem confie. Talvez eu só o queira comigo como um favor.

Sharpe sorriu. Um favor, acompanhar um coronel da milícia que pensava saber tudo; porém ocultou os seus sentimentos.

— Por você, Capitão, será um prazer.

— Quem sabe? — disse Hogan, sorrindo também. — Pode ser. A jovem vai embora.

Sharpe seguiu o olhar de Hogan através da janela e viu que a jovem vestida de negro saudava com a mão um oficial do South Essex. Sharpe teve a impressão de que se tratava de um homem louro, de uniforme imaculado, montado num cavalo que provavelmente custara mais do que a promoção do cavaleiro. A jovem impeliu a égua picando-a com as esporas e, seguida pelo criado e pela mula, juntou-se à retaguarda do batalhão que desfilava pelo caminho de Castelo Branco. A praça ficou de novo vazia; o pó assentou no calor abrasador. Sharpe virou-se para trás e começou a rir.

— Do que está rindo? — perguntou Hogan. Sharpe apontou com o copo de conhaque para o casaco andrajoso de Harper e para as suas calças esburacadas.

— Digamos que os novos aliados não vão agradecer muito a Sir Henry: o rosto do sargento tornou-se sombria.

— Deus salve a Irlanda.

Hogan ergueu o copo.

— Assim seja.

CAPÍTULO II

O rufar dos tambores ouvia-se distante e amortecido já que por vezes se misturava com os outros ruídos da cidade, mas era insistente e sinistro e Sharpe alegrou-se quando o som parou. Também se alegrou por ter chegado a Castelo Branco, vinte e quatro horas depois do South Essex, após uma esgotante jornada que consistira em forçar as mulas de Hogan a seguirem por um caminho aberto com sulcos profundos e estriados que mostravam por onde, antes deles, tinha passado a artilharia de campanha. Agora as mulas, abatidas pelos barris de pólvora, pacotes de encerado com mechas, picaretas, estacas, pás e todo o material de que Hogan necessitava para Valdelacasa, caminhavam com paciência atrás dos fuzileiros e dos artífices de Hogan, enquanto abriam caminho entre as ruas cheias de gente até à praça principal. Quando saíram para a luz brilhante do Sol confirmaram-se as suspeitas de Sharpe a respeito do rufar dos tambores.

Alguém tinha sido chicoteado. A vítima já não estava lá e Sharpe, ao ver a formação em quadrado do South Essex, recordou-se quando fora chicoteado, anos atrás, e a luta por calar a agonia, para não mostrar aos oficiais quanto o látego o machucara. Sharpe levaria para a tumba as cicatrizes de ter sido chicoteado, mas duvidava que Simmerson soubesse quão selvagem era o castigo que acabava de aplicar ao seu batalhão.

Hogan parou o cavalo à sombra do paço episcopal.

— Não parece ser o melhor momento para falar com este santo coronel. Alguns soldados estavam retirando quatro triângulos de madeira que estavam encostados à parede mais afastada da praça. Quatro homens chicoteados. Bendito seja Deus, pensou Sharpe, quatro homens. Hogan virou o cavalo de maneira a ficar de costas para o batalhão.

— Tenho de trancar a pólvora, Richard. Senão roubariam até o ultimo grão. Nos encontramos aqui.

Sharpe concordou.

— De qualquer maneira, preciso de água. Dez minutos?

Os homens de Sharpe esparramaram-se junto ao muro, tiraram os apetrechos e as espingardas e o seu humor azedou ao depararem com uma disciplina que os regimentos de fuzileiros havia tempos tinham deixado para trás. Sir Henry guiou delicadamente o cavalo para o centro da praça e dirigiu a voz claramente para Sharpe e para os seus homens.

— Vergastei quatro homens porque os quatro desertaram.

Sharpe levantou os olhos, espantado. Já havia desertores? Olhou para o batalhão, os rostos eram inexpressivos, e interrogou-se sobre quantos homens estariam tentados a fugir das fileiras de Simmerson. O coronel estava semi-erguido sobre a sela, sem

dúvida desfrutando do momento.

— Alguns entre vocês sabem como estes homens planejam o delito. Alguns entre vocês ajudaram-nos. Mas preferiram ficar em silêncio, sendo assim acoitei quatro homens para recordar a vocês qual o seu dever.

A voz era curiosamente aguda; teria soado divertida se ele não fosse tão alto. Tinha falado de forma controlada, mas de repente Sir Henry virou-se para a esquerda e para a direita e agitou um braço como se apontasse para cada um dos homens que estavam sob o seu comando.

— Vocês são os melhores!

A sonoridade foi tão repentina que os pombos voaram assustados para as cornijas do convento. Sharpe esperava mais, mas nada aconteceu, o coronel virou o cavalo e afastou-se sobre a montaria, deixando para trás o grito de batalha como uma ameaça.

Sharpe chamou a atenção de Harper e o sargento encolheu os ombros. Não havia nada a dizer, os rostos dos homens do South Essex manifestavam o fracasso de Simmerson; pura e simplesmente não sabiam como ser os melhores. Sharpe observou como as companhias se afastavam da praça e só viu mau humor e ressentimento na sua expressão. Sharpe acreditava na disciplina. A deserção frente ao inimigo merecia a morte, certas infrações mereciam vergastadas e se um homem fosse enforcado por saque era por culpa sua, pois as regras eram simples. E para Sharpe, a chave era a seguinte: regras simples. Exigia três coisas dos seus homens: que lutassem como ele, com profissionalismo impiedoso; que só roubassem o inimigo e os mortos se tivessem fome, e que nunca se embriegassem sem a sua autorização. Era um código simples, fácil de entender por homens que na maioria tinham se integrado no exército por terem fracassado em outros campos, e funcionava. Estava apoiado pelo castigo e Sharpe sabia que, por muito que os seus homens gostassem dele e o seguissem com gosto, temiam a sua ira quando traíam a sua confiança. Sharpe era um soldado.

Atravessou a praça até um beco à procura de uma fonte e reparou num tenente da companhia do South Essex que cavalgava para o mesmo beco sombrio entre os edifícios.

Era o homem que tinha acenado com a mão à jovem vestida de preto e Sharpe sentiu uma punhalada de irritação quando ele entrou no beco primeiro. Eram ciúmes irracionais. O uniforme do tenente era de corte elegante, o sabre curvado da infantaria ligeira era caro e o cavalo preto que montava provavelmente valia tanto como a promoção a tenente. Sharpe sentia-se ofendido pela riqueza daquele homem, pelos seus privilégios, pela fácil superioridade de homem nascido de latifundiários. E isso o aborrecia porque sabia que aquele ressentimento se baseava na inveja. Encostou-se a uma parede do beco para dar passagem ao cavaleiro, levantou os olhos, moveu a cabeça amavelmente, e teve a impressão de ver uma cara magra e elegante envolta em cabelo louro. Esperava que o tenente ignorasse a sua presença; Sharpe não era bom em conversas de sociedade e não tinha a mínima vontade de falar educadamente num beco pestilento quando, sem dúvida, iria ser apresentado aos oficiais do batalhão ao longo do dia.

Mas Sharpe depressa se sentiu desiludido, pois o tenente deteve-se e olhou para o fuzileiro.

— Nos Fuzileiros não os ensinam a fazer continência?

A voz do tenente era tão suave e delicada como o uniforme. Sharpe não disse nada. Os seus galões tinham desaparecido, rasgados nas lutas do Inverno, e percebeu que o tenente louro o confundira com um soldado raso. Não era de estranhar. O beco era muito escuro e o perfil de Sharpe, com a espingarda a tiracolo, ajudava a justificar a confusão do tenente. Sharpe levantou os olhos para o rosto fina e os olhos azuis, e estava quase a explicar-se quando o tenente moveu o pingalim e golpeou o rosto de Sharpe.

— Maldito homem, responde!

Sharpe sentiu-se invadido pela cólera, mas ficou calado e esperou pela sua vez.

O tenente guardou o pingalim.

— Batalhão? Companhia?

— Segundo batalhão, quarta companhia.

Sharpe falou com deliberada insolência e lembrou-se dos dias em que não tinha proteção contra oficiais como este. O tenente voltou a sorrir sem um lance de simpatia.

— Você vai me tratar por senhor. E vai ver. Quem é o teu oficial?

— O tenente Sharpe.

— Ah! — disse o tenente enquanto mantinha o pingalim levantado. — O tenente Sharpe de quem todos ouvimos falar. O que veio das fileiras, não é verdade?

Sharpe assentiu e o tenente levou atrás o pingalim.

— Por isso você não diz senhor? Terá o senhor Sharpe estranhas idéias a respeito da disciplina? Bom, terei que ver o tenente Sharpe e ordenar que o castiguem pela sua insolência.

Deu um golpe com o pingalim na cabeça de Sharpe. Este não tinha lugar para recuar, por isso, pôs ambas as mãos por baixo do estribo do homem e levantou-o com todas as suas forças. O pingalim deteve-se a meio caminho, o homem começou a gritar e no momento seguinte encontrou-se deitado de costas aos pés do cavalo, ali onde outro cavalo defecado anteriormente.

— Terá que lavar o uniforme, tenente — sorriu Sharpe.

O cavalo do tenente tinha relinchado e afastara-se alguns passos. O furioso oficial estrebuchava com os pés e levou a mão ao punho do sabre.

— Olá! — gritou Hogan no momento em que entrava no beco.

— Pensei que o tinha perdido!

O oficial de engenharia encaminhou o cavalo na direção dos homens e olhou com jovialidade para o fuzileiro.

— As mulas já estão no estábulo e a pólvora guardada. — Voltou-se para o alterado tenente e tirou o chapéu. — Boa tarde. Creio que nos conhecemos. Sou Hogan.

O tenente largou a espada.

— Gibbons, Capitão. Tenente Christian Gibbons.

Hogan sorriu brincalhão.

— Estou vendo que já conhece Sharpe. O tenente Richard Sharpe dos Fuzileiros do 95.

Gibbons olhou para Sharpe e os olhos abriram-se de surpresa ao perceber, pela primeira vez, que a espada que pendia do cinturão de Sharpe não era a espada-baioneta normal que usavam os Fuzileiros, mas sim uma lâmina de tamanho normal. Nervoso, ergueu os olhos para Sharpe. Hogan continuou a falar animado.

— Com certeza ouviu falar do tenente Sharpe, como todo mundo. É o sujeito que matou o sultão de Tippoo. Depois, deixe-me ver, fez aquele horrível assalto em Asseye. Ninguém sabe quantos Sharpe matou ali. Quantos foram, Sharpe?

Hogan não deu atenção a nenhuma das previsíveis respostas e continuou a andar sem qualquer remorso.

— É um sujeito terrível, o nosso tenente Sharpe, tão mortal com uma espada como com uma espingarda.

Gibbons não podia se enganar com a mensagem de Hogan. O capitão tinha visto a briga e estava prevenindo Gibbons em relação às possíveis conseqüências de um duelo formal. O tenente acatou a saída proposta. Inclinou-se e tirou a barretina de Companhia Ligeira e inclinou a cabeça para Sharpe.

— A culpa foi minha, Sharpe.

— O prazer foi meu, Tenente.

Hogan viu Gibbons pegar as rédeas do cavalo e desaparecer do beco.

— Não é muito amável ao receber um pedido de desculpas.

— Não foi apresentado com muita cortesia — disse Sharpe esfregando a face. — Além do mais, bateu-me com o pingalim.

— O quê? — perguntou Hogan rindo, incrédulo.

— Porque achou que o atirei no esterco?

— Não há nada que me dê maior satisfação do que uma relação amistosa e profissional entre oficiais camaradas, caro Sharpe — disse Hogan abanando a cabeça. — Já estou vendo que este trabalho será um prazer. O que ele queria?

— Que o cumprimentasse. Pensou que eu era um soldado raso.

Hogan voltou a rir.

— Sabe Deus o que Simmerson pensará de você. Vamos descobrir.

Foram conduzidos até o quarto de Simmerson e encontraram o coronel do South Essex sentado na cama sem outra roupa vestida a não ser um par de calças. Tinha um médico ajoelhado ao seu lado que levantou os olhos nervoso quando os dois oficiais entraram no quarto; o movimento provocou uma sacudidela impaciente da mão de Simmerson.

— Continue, vamos, não tenho o dia todo!

O médico tinha na mão algo que parecia uma caixa metálica com um gatilho armado na tampa. Deixou-o suspenso do braço de Sir Henry e Sharpe viu que estava tentando encontrar um pedaço de pele que ainda não estivesse marcado com sinais estranhamente simétricos.

— Escarificação! — rugiu Sir Henry para Hogan. — O senhor se sangra, Capitão?

— Não, Coronel.

— Pois devia. É muito salutar. Todos os soldados deviam se sangrar. — Virou-se para o médico, que ainda duvidava perante o antebraço cheio de cicatrizes. — Vamos, seu idiota!

No estado de nervos em que estava, o médico apertou o gatilho por engano e ouviu-se um ruído agudo. Sharpe viu na parte inferior da caixa um grupo de pequenas lâminas que disparavam para fora como línguas de aço. O médico recuou.

— Lamento, Sir Henry. Um momento.

O médico forçou mais uma vez as lâminas a entrar na caixa e Sharpe de repente percebeu que era uma máquina de sangrar. Em lugar da antiga lanceta na veia, Sir Henry preferia o escarificador, uma vez que o supunha mais rápido e eficaz. O médico colocou a caixa sobre o braço do coronel, deu uma olhadela nervosa no paciente e então apertou o gatilho.

— Ah, assim está melhor!

Sir Henry fechou os olhos e sorriu momentaneamente. Um pequeno esguicho de sangue jorrou do braço e escapou da toalha com que o médico dava pequenos golpes sobre o esguicho.

— Outra vez, Paton, outra vez!

— Mas Sir Henry... — replicou o médico abanando a cabeça.

— Não discuta comigo! Maldito homem, sangue-me! — exclamou olhando para Hogan. — Restam sempre humores prejudiciais depois de algumas chicotadas, Capitão.

— É muito compreensível, Coronel — disse Hogan com o seu sotaque irlandês, e Simmerson olhou-o com ar suspeito.

A caixa voltou a estalar, as folhas saltaram sobre o braço grosso e mais sangue jorrou para as toalhas. Hogan chamou discretamente a atenção de Sharpe, pois vislumbrou neste um sorriso que muito facilmente poderia se converter em gargalhada.

Sharpe voltou a olhar para Sir Henry Simmerson, que estava vestindo a camisa.

— O senhor deve ser o capitão Hogan.

— Sim, Coronel — confirmou Hogan em tom afável. Simmerson virou-se para Sharpe.

— E quem diabos é você?

— Tenente Sharpe, Coronel. Fuzileiros do 95.

— Não, nada disso. Você é uma maldita vergonha, isso é que é! — Sharpe não disse nada. Ficou olhando por cima do ombro do coronel para a janela, para as distantes colinas azuis onde os franceses concentravam as suas forças.

— Forrest! — gritou Simmerson já de pé. — Forrest!

A porta se abriu e o major, que devia estar à espera da chamada, entrou. Sorriu assustado para Sharpe e Hogan e então voltou-se para Simmerson.

— Coronel?

— Este oficial precisa de um uniforme novo. Forneça-o, por favor, e providencie para que lhe descontem no vencimento.

— Não — respondeu Sharpe contundente.

Simmerson e Forrest voltaram-se para o olhar fixo. Por um momento Sir Henry não disse nada, não estava habituado a ser contrariado, e Sharpe continuou.

— Sou oficial dos Fuzileiros do 95º e usarei o meu uniforme enquanto tiver essa honra.

Simmerson começou a ficar vermelho e os dedos agitavam-se ao seu lado.

— Maldito Sharpe! O senhor é uma vergonha! Não é um soldado mas sim um varredor! Agora está sob as minhas ordens e eu ordeno-lhe que volte dentro de quinze minutos...

— Não, meu Coronel.

Desta vez Hogan tinha falado. As suas palavras detiveram Simmerson em pleno discurso, mas o capitão não deu tempo a que o coronel continuasse. Mostrou todo o seu encanto irlandês, começando por um sorriso de sensatez tão doce que teria encantado um peixe a ponto de sair da água.

— Sir Henry, Sharpe está sob as minhas ordens. O general é muito explícito. Tal

como entendo, Sir Henry, vamos juntos para Valdelacasa, mas Sharpe irá comigo.

— Mas...

Hogan levantou a mão detendo o protesto de Simmerson.

— O meu Coronel com certeza tem razão. Mas, está claro, que entenderá que as condições no campo podem não ser as que desejamos e também senhor, não será necessário dizer-lhe, que eu terei de dispor dos fuzileiros.

Simmerson ficou olhando para Hogan. O coronel não tinha entendido uma única palavra dos disparates de Hogan, mas este tinha dito tudo de uma maneira tão lógica e tão militar, que Simmerson estava tentando desesperadamente encontrar uma resposta que não o fizesse passar por idiota. Olhou para Hogan por um momento.

— Mas as decisões serão minhas!

— Tem toda a razão, Coronel. Toda! — disse Hogan com ênfase mas afetuosamente. — Normalmente, é assim. Mas eu creio que o general tinha a idéia, Coronel, de que o senhor ficaria muito sobrecarregado com os problemas dos nossos aliados espanhóis e, claro, há exigências da engenharia que o tenente Sharpe conhece.

Inclinou-se com um gesto conspirativo.

— Necessito de homens que possam carregar, Coronel. O senhor me compreende.

Simmerson deu uma gargalhadinha rouca. Hogan livrara-o da dificuldade. Apontou para Sharpe.

— Você se veste como um operário comum, hem, Forrest? Um operário! — Estava encantado com a sua piada e repetia-a enquanto vestia a ampla casaca escarlate e amarela.

— Um operário! Hem, Forrest?

O major sorria por obrigação. Parecia um vigário resignado assaltado continuamente pelos pecados de um rebanho impenitente e, quando Simmerson se virou de costas, dirigiu um olhar de desculpas a Sharpe.

— Sendo assim serviu muito como soldado, Sharpe, sem falar no tempo em que não passou de operário?

— Um pouco, Coronel.

Simmerson soltou uma gargalhadinha.

— Que idade tem?

— Trinta e dois, Coronel — respondeu Sharpe olhando firmemente para a frente.

— Trinta e dois, hem? E ainda é tenente? O que acontece Sharpe? É questão de incompetência?

Sharpe reparou que Forrest fazia sinais ao coronel mas este não os observou.

— Alistei-me, senhor.

Forrest baixou a mão. O coronel calou-se. Não havia muitos homens que pudessem dar o salto de sargento para alferes e os que o tinham conseguido dificilmente poderiam ser classificados como incompetentes. Só havia três requisitos que um simples soldado necessitava para ser promovido. O primeiro é que devia saber ler e escrever. E Sharpe tinha aprendido na prisão do sultão Tippoo, acompanhado pelos gritos de tortura de outros prisioneiros britânicos. Segundo, o homem devia ter realizado algum ato de valentia suicida, e Sharpe sabia que Simmerson estava se perguntando sobre o que ele tinha realizado. O terceiro requisito era ter uma sorte extraordinária, e Sharpe às vezes perguntava-se se isso não era uma lâmina de dois gumes. Simmerson suspirou.

— Então o senhor não é um cavalheiro, Sharpe?

— Não, Sir.

— Mas podia tentar se vestir como se fosse, não? Só porque cresceu numa pocilga não quer dizer que deve se vestir como um porco.

— Não, Coronel. — Não havia mais nada a dizer. Simmerson inclinou-se para trás sobre a sua volumosa barriga.

— Quem o promoveu, Sharpe?

— Sir Arthur Wellesley, senhor.

Sir Henry rosnou de triunfo.

— Eu sabia! Não tem padrões! Já vi este exército, o seu aspeto é uma vergonha! Não se pode dizer o mesmo dos meus homens, não é verdade? Não se pode lutar sem disciplina!

Olhou para Sharpe.

— Que qualidade tem de ter um bom soldado, Sharpe?

— Capacidade para disparar três cartuchos por minuto, senhor.

Sharpe respondera em tom insolente. Sabia que a resposta irritaria Simmerson. O South Essex era um batalhão novo e duvidava que os seus mosqueteiros estivessem ao nível de outros batalhões mais antigos. De todos os exércitos europeus, apenas o britânico fazia os treinos com cartuchos carregados, mas demorava semanas, por vezes meses, para que um soldado aprendesse as complicadas instruções de carregar e disparar um mosquete com rapidez, sem pânico, concentrando-se apenas em disparar melhor do que o inimigo.

Sir Henry não esperara aquela resposta e ficou olhando pensativo para o fuzileiro cheio de cicatrizes. Honestamente, e Sir Henry não gostava de ser honesto para si mesmo, temia o exército que encontrara em Portugal. Até então, Sir Henry tinha acreditado que servir como soldado era uma questão gloriosa de homens obedientes em

fileiras bem alinhadas, com as casacas escarlates brilhando ao sol, e, em vez disso, deparara-se com oficiais desalinhados e de fralda de fora que riam da instrução da sua milícia. Sir Henry sonhara conduzir o seu batalhão para a batalha, montado no seu cavalo de guerra, com a espada ao alto, alcançando a glória imortal. Mas, olhando fixamente para Sharpe, exemplo típico de tantos oficiais que tinha conhecido no breve tempo que estava em Portugal, perguntava-se se havia algum oficial francês que se parecesse com Sharpe. Imaginara o exército de Napoleão como um rebanho de soldados ignorantes conduzidos por oficiais afetados e estremecia por dentro ao pensar que pudessem ser afinal homens apurados e duros como Sharpe que pudessem arrancá-lo do cargo antes que tivesse chance de se ver pintado a óleo como herói conquistador. Sir Henry já tinha medo e ainda não tinha visto o inimigo, mas antes tinha de se vingar sutilmente daquele fuzileiro que o tinha desconcertado.

— Três cartuchos por minuto?

— Sim, meu Coronel.

— E como ensina os seus homens a disparar três cartuchos por minuto?

Sharpe encolheu os ombros.

— Paciência, senhor. Prática. Não há nada melhor do que uma batalha.

Simmerson fez um gesto irritado.

— Paciência! Prática! Não são crianças, Sharpe. São bêbados e ladrões! Lixo da valeta!

A sua voz voltou a elevar-se.

— Açoite-os, Sharpe, chicoteie-os! É a única maneira! Dê-lhes uma lição que não esqueçam. Não é assim?

Fez-se silêncio. Simmerson virou-se para Forrest.

— Não é assim, comandante?

— Sim, Coronel — respondeu Forrest sem convicção. Simmerson voltou-se para Sharpe.

— Sharpe?

— É o último recurso, Coronel.

— O último recurso, Coronel — disse Simmerson, imitando Sharpe secretamente satisfeito. Era a resposta que queria. — Você é brando, Sharpe! Pode ensinar os homens a disparar três tiros por minuto?

Sharpe sentia o desafio no ar mas já não tinha escapatória.

— Sim, Coronel.

— Perfeito!

Simmerson esfregou as mãos.

— Esta tarde, Forrest?

— Como, Coronel?

— Dê ao senhor Sharpe uma companhia. A ligeira está bem. O senhor Sharpe os fará melhorar o tiro! — Simmerson virou-se e fez uma reverência a Hogan com grande ironia. — Isto se o capitão Hogan estiver de acordo em ceder-nos os serviços do tenente Sharpe.

Hogan encolheu os ombros e olhou para Sharpe.

— Com certeza, Coronel.

Simmerson sorriu.

— Excelente! Assim, senhor Sharpe, ensinará a minha Companhia Ligeira a disparar três cartuchos por minuto?

Sharpe olhou pela janela. Fazia calor, o dia estava seco e não havia qualquer razão para que um bom homem não disparasse cinco vezes por minuto com um tempo daqueles. Dependia, claro, das capacidades dos homens da Companhia Ligeira. Se só fossem capazes de disparar dois tiros por minuto, era quase impossível convertê-los em especialistas numa tarde, mas tentar não fazia mal. Voltou a olhar para Simmerson.

— Tentarei, senhor.

— Com certeza que tentará, senhor Sharpe, com certeza. E pode dizer-lhes da minha parte que se não conseguirem mandarei chicotear um em cada dez. Entendeu, senhor Sharpe? Um em cada dez.

Sharpe entendia perfeitamente. Simmerson o tinha enganado para que operasse uma tarefa provavelmente impossível e o resultado seria que o coronel teria uma orgia de chicotadas e ele, Sharpe, seria o culpado. E se conseguisse? Então Simmerson afirmaria que a ameaça do chicote tinha funcionado. Viu o triunfo nos pequenos olhos vermelhos de Simmerson e sorriu para o coronel.

— Não falarei de chicotadas, senhor. Não vai querer que se distraiam, não é verdade?

Simmerson devolveu-lhe o sorriso.

— Utilize os seus próprios meios, senhor Sharpe. Mas deixarei o triângulo onde está; parece-me que vou precisar dele.

Sharpe encaixou a barretina deformada na cabeça e cumprimentou o coronel com enérgica precisão.

— Não se preocupe, senhor. Não precisará de um triângulo. Bom dia, senhor.

Agora falta conseguir que seja assim, pensou.

CAPÍTULO III

Não posso acreditar, senhor. Diga-me que não é verdade — o sargento Patrick Harper balançou a cabeça enquanto olhava, junto a Sharpe, como a Companhia Ligeira do South Essex disparava duas descargas às ordens de um tenente.

— Envie este batalhão para a Irlanda, Tenente. Seríamos um país livre em duas semanas! Não repeliriam nem o coro de uma igreja!

Sharpe confirmou tristemente. Não que os homens não soubessem carregar os mosquetes e dispará-los; simplesmente faziam-no com uma lentidão indolente e seguindo fielmente o livro de instruções que os sargentos impunham rigorosamente. Oficialmente havia vinte movimentos para carregar e disparar um mosquete, dos quais cinco se referiam a como se devia usar a baqueta de aço para meter a bala e carregar o cano, e a insistência do batalhão em fazê-lo conforme o livro, significava que Sharpe tinha cronometrado para os dois tiros de prova um tempo de mais de sessenta segundos. Tinha três horas, quando muito, para fazê-los chegar a vinte segundos por tiro e compreendia a reação de Harper perante semelhante tarefa. O sargento era claramente insolente.

— Deus nos livre de ter de enfrentar uma escaramuça ao lado destes sujeitos! Os franceses nos comeriam no café da manhã!

Tinha razão. Se a companhia nem sequer estava bem instruída para se manter na frente de batalha, ainda menos conseguiria enfrentar escaramuças com as tropas ligeiras em frente ao inimigo. Sharpe fez Harper calar-se quando um capitão de cavalaria se dirigiu para eles a trote. Era Lennox, capitão da Companhia Ligeira, que sorriu zombeteiramente para Sharpe.

— Terrível, não é verdade?

Sharpe não sabia o que responder. Confirmar poderia ser considerado uma crítica àquele escocês grisalho que parecia bastante amistoso. Sharpe deu uma resposta pouco comprometedor e Lennox desceu da sela para se pôr a seu lado.

— Não se preocupe, Sharpe. Já sei que são ruins, mas Sua Eminência insiste em fazê-lo desta maneira. Se deixasse por minha conta, faria com que os canalhas o fizessem direito, mas se saltamos uma única linha do regulamento então, são três horas de manobras com as mochilas carregadas — disse, olhando para Sharpe intrigado. — Esteve em Assaye?

Sharpe assentiu e Lennox voltou a sorrir.

— Sim, recordo-me de você. Nesse dia tornou-se famoso. Eu estava com o 78°.

— Eles também se tornaram famosos.

Lennox gostou da amabilidade. Sharpe lembrou-se do campo indiano e da imagem do Regimento das Terras Altas desfilar em perfeita ordem para assaltar as

linhas de Mahratta. Abriram-se grandes brechas nas fileiras escocesas enquanto marchavam lentamente para a tempestade de artilharia, mas os escoceses tinham feito bem o seu trabalho massacrando os artilheiros e tinham carregado com ousadia frente à enorme massa de infantaria inimiga que não teve coragem para contra-atacar um regimento que parecia invencível. Lennox balançou a cabeça.

— Já sei o que pensa, Sharpe. Que diabos faço eu aqui com este bando? — Não esperou pela resposta. — Sou um velho, estava na reserva, mas a minha mulher morreu, o meio vencimento já não dava e precisavam de oficiais para o maldito Sir Henry Simmerson. Assim, estou aqui. Conhece Leroy?

— Leroy?

— Thomas Leroy. Também é capitão. É bom. Forrest é um tipo decente. Mas o resto! Só por vestirem um uniforme elegante pensam que são guerreiros. Olhe para aquele ali!

Apontou para Christian Gibbons, que montava o seu cavalo preto em direção ao campo.

— O tenente Gibbons? — perguntou Sharpe.

— Já o conhece? — riu Lennox. — Então não lhe vou dizer nada do senhor Gibbons, exceto que é sobrinho de Simmerson, que nada lhe interessa a não ser as mulheres e que é um canalha arrogante. Maldito inglês! Desculpe-me, Sharpe.

Sharpe riu.

— Nem todos somos assim tão maus.

Reparou que Gibbons trazia delicadamente o cavalo a passo e se detinha a poucos metros deles. O tenente ficou olhando fixamente com arrogância para os dois oficiais. Então aquele, pensou Sharpe, era sobrinho de Simmerson?

— Precisam de nós aqui, Capitão?

Lennox balançou a cabeça.

— Não, senhor Gibbons. Vou deixar Knowles e Denny com o tenente Sharpe enquanto opera os seus milagres.

Gibbons tocou no chapéu e foi embora, espreando o cavalo. Lennox viu-o afastar-se.

— Este não faz nada errado. É a menina dos olhos remelentos do coronel.

Virou-se e saudou a companhia.

— Deixo-lhe o tenente Knowles e o alferes Denny, ambos são bons rapazes mas mal ensinados por Simmerson. Têm um ou outro soldado veterano, isso será uma ajuda, e boa sorte, Sharpe, vai precisar dela! — Grunhiu enquanto subia para a sela. — Bem-vindo ao manicômio, Sharpe!

Sharpe ficou com a companhia, com os seus jovens oficiais e com as fileiras de rostos mudos que o olhavam fixamente, temerosos por algum novo tormento planejado pelo seu coronel. Caminhou para a frente da companhia, olhando para as caras vermelhas que inchavam com os pescoços apertados e brilhantes do suor, causado pelo calor intenso, e virou-se para eles.

Tinha a casaca desabotoada, a camisa aberta e não usava chapéu. Para os homens do South Essex era como um visitante de outro continente.

— Agora estão em guerra. Quando encontrarem os franceses muitos de vocês morrerão. A maioria. — Aquelas palavras assustavam-nos. — Vou lhes dizer porquê. — Apontou para o horizonte, para leste. — Os franceses estão por ali, à sua espera.

Alguns dos homens olharam para lá como se esperassem que o próprio Bonaparte surgisse através dos olivais dos arredores de Castelo Branco.

— Eles têm mosquetes e todos eles podem disparar três ou quatro cargas por minuto. Dirigidas contra vocês. E vão matá-los porque vocês são muito lentos. Se não os matarem primeiro, eles os matarão, é muito simples. Você, — disse, assinalando um homem da primeira fila —, traga-me o seu mosquete!

Pelo menos tinha atraído a atenção e alguns deles entenderiam o fato muito simples de que o lado que disparasse mais balas tinha mais chances de ganhar. Agarrou o mosquete do homem, um punhado de cartuchos e pousou a sua espingarda. Susteve o mosquete por cima da cabeça e começou pelo princípio.

— Olhem para ele! Um mosquete do tipo Índia. Cinquenta e cinco polegadas e um quarto de comprimento com dois canos de trinta e nove polegadas. Dispara balas de três quartos de polegada, quase tão largas como um dedo médio, e até mata franceses!

Ouviu-se um riso nervoso, mas os homens o escutavam.

— Porém, com ele, não matarão nem um francês. Vocês são muito lentos! No tempo que demoram para efetuar dois disparos o inimigo provavelmente consegue fazer três. E acreditem em mim, os franceses são lentos. Assim, esta tarde aprenderão a disparar três cargas por minuto. Com o tempo, dispararão quatro por minuto e, se forem realmente bons, poderão chegar a cinco!

A companhia observava-o carregar o mosquete. Havia tempo que não disparava com uma espingarda de alma lisa, mas comparado com a espingarda de Baker era ridiculamente fácil. O cano não tinha ranhuras para prender a bala e não era preciso empurrar a baqueta com força bruta nem mesmo encaixá-la com golpes. Um mosquete era carregado tão rapidamente que, por essa razão, a maior parte dos exércitos o usavam em vez da espingarda, mais lenta mas muito mais precisa. Experimentou a pederneira, que era nova e estava bem colocada, pegou a arma e a levantou.

— Tenente Knowles?

O jovem tenente pôs-se em sentido.

— Sim, tenente!

— Tem relógio?

— Sim, tenente.

— Pode cronometrar um minuto?

Knowles sacou de um enorme relógio de bolso de ouro e abriu a tampa em seguida.

— Sim, tenente.

— Quando eu disparar, o senhor vai olhar para o relógio e me avisa quando tiver passado um minuto. Entendido?

— Sim, tenente.

Afastou-se da companhia e apontou o mosquete para um muro de pedra. Por Deus, rezou, que não falhe o tiro, e premiu o gatilho. O cão, com a sua pederneira agarrada, deu um salto para a frente, a pólvora da caçoleta incendiou-se, no instante a seguir explodiu a carga principal e ele sentiu o forte coice quando a bala de chumbo saiu disparada entre fumaça branca e espessa.

Agora tudo era instintivo; os movimentos que nunca eram esquecidos. A mão direita fora do gatilho, deixar cair a arma sobre a mão esquerda e quando a culatra toca no chão a mão direita já tem o cartucho seguinte. Arrancar a cápsula com os dentes. Vazar a pólvora para o cano mas lembrando-se de guardar uma pitada para a isca. Cuspir na bala. Movimentar a baqueta para cima e para baixo no cano. Um empurrão rápido e já estava mais uma vez de fora, o cano para cima, o percussor no lugar, pôr isca na caçoleta e disparar em meio a fumaça que restava do primeiro tiro.

Assim uma e outra vez, e as recordações de permanecer na linha junto a camaradas suados e com olhos enlouquecidos e ir continuando os movimentos como num pesadelo. Sem se importar com as ondas de fumaça, de gritos, aproximando-se pela esquerda e pela direita para preencherem os espaços deixados pelos mortos, só carregar e disparar, carregar e disparar, deixando que as chamas cusпам para a bruma de fumaça de pólvora, que as balas de chumbo batam contra o inimigo que não se vê e esperando que não se retire. Então ouve-se a voz de alto ao fogo e obedece-se, com o rosto negra e picada pelas explosões de pólvora na caçoleta a algumas polegadas da face direita, os olhos queimando da fumaça e dos grãos de pólvora, e quando essa fantasmagórica cortina se levanta aparecem pela frente os mortos e feridos, apoiamo-nos no mosquete e rezamos para que da próxima vez a arma não parta a pederneira ou pura e simplesmente se negue a disparar.

Sharpe apertou o gatilho pela quinta vez e a bala bateu ao longe no campo; o mosquete já estava apoiado no chão e a pólvora no cano antes de Knowles gritar: “Acabou o tempo!”

Os homens vibraram, riram e aplaudiram por um oficial ter ultrapassado as normas e mostrar que podia fazê-lo. Harper sorria abertamente. Ele pelo menos sabia quão difícil que era efetuar cinco disparos num minuto e Sharpe sabia que o sargento tinha reparado que astutamente fizera o primeiro disparo antes que se começasse a

cronometrar. Sharpe fez calar o ruído.

— É assim que se utiliza um mosquete. com rapidez! Agora vocês vão fazer o mesmo.

Fez-se silêncio. Sharpe sentiu o diabo no corpo; por acaso não lhe dissera Sharpe que usasse os seus próprios métodos?

— Tirem os colarinhos!

Ninguém se mexeu. Os homens olharam fixamente para ele.

— Vamos! Depressa! Tirem os colarinhos!

Knowles, Denny e os sargentos observavam, espantados, enquanto os homens sustinham os mosquetes entre as pernas e utilizavam ambas as mãos para arrancarem com força os duros colarinhos de pele.

— Sargentos! Recolham os colarinhos. Tragam-nos aqui.

O batalhão fora tratado com muita brutalidade. Não havia maneira de lhes ensinar a ser soldados rápidos em disparar, a menos que lhes oferecesse a oportunidade de se vingarem do sistema que os tinha condenado a ser um batalhão de chicoteados. Os sargentos aproximaram-se dele, com ar desconfiado, e levando nos braços os odiosos colarinhos.

— Ponham-nos aqui.

Sharpe fez com que amontoassem os setenta e tantos colarinhos, uns quarenta passos à frente da companhia. Apontou para o monte brilhante.

— É esse o alvo! Cada um de vocês fará três disparos. Só três. E terão de efetuá-los em apenas um minuto! Os que conseguirem duas vezes seguidas, poderão ir embora e têm a tarde livre. Os outros continuarão a tentar uma e outra vez até serem capazes.

Deixou que os oficiais organizassem o exercício. Os homens sorriram amplamente e levantou-se um murmúrio entre as fileiras que ele não tentou acalmar. Os sargentos olhavam para ele como se tivesse cometido uma traição, mas ninguém se atreveu a contrariar o fuzileiro alto e moreno com a espada comprida. Quando estava tudo preparado Sharpe deu o sinal e as balas começaram a esbarrar contra o monte de pele. Os homens esqueceram as antigas instruções e concentraram-se em disparar o seu ódio contra os colarinhos de pele que lhes tinham ferido a carne e que representavam Simmerson e toda a sua tirania. No final das primeiras sessões apenas vinte homens tinham conseguido, quase todos soldados veteranos que tinham voltado a se alistar no novo batalhão, mas uma hora e três quartos mais tarde, quando o Sol avermelhava por trás de si, o último homem disparou a última bala em direção aos fragmentos de pele rígida que manchavam a erva.

Sharpe fez formar toda a companhia em duas filas e olhou para elas, satisfeito, quando soaram três descargas sob as ordens de Harper. Olhou através da fumaça branca que ainda flutuava no ar parado até ao horizonte, a leste. Ali, na Estremadura, os franceses estavam à espera, com as suas águias reunidas para a batalha que em breve

chegaria, enquanto atrás dele, pelo caminho que vinha da cidade, via-se vir Henry Simmerson, disposto a proclamar a sua vitória e orgulhar-se das suas vítimas no triângulo.

— O que nos vem para cima — disse Harper baixinho.

— Cale-se! Faça-os carregar. Vamos fazer uma demonstração. — Sharpe viu os olhos de Simmerson quando lentamente começou a perceber o significado dos colarinhos desabotoados dos seus homens e das orlas de pele em cima da erva. Sharpe reparou que o coronel respirava fundo.

— Prontos! Fogo!

A ordem de Sharpe resultou numa descarga completa que ribombou como um trovão no vale. Se Simmerson gritava agora, as suas palavras perdiam-se por entre o ruído. Ao coronel só restava observar que os seus homens manejavam os mosquetes como veteranos às ordens de um sargento de fuzileiros, ainda maior que Sharpe, cujo rosto largo e confiante era dos que sempre haviam posto Sir Henry furioso, provocando as suas frases mais violentas desde o assento bem protegido de magistrado em Chelmsford.

A última carga sacudiu a parede de pedra e Forrest voltou a meter o relógio no bolso.

— Faltam dois segundos para o minuto, Sir Henry, e quatro tiros.

— Sei contar, Forrest.

Quatro tiros? Simmerson estava impressionado porque secretamente tinha se desesperado a ensinar os seus homens a disparar com rapidez, em vez de manusearem nervosamente os mosquetes. Mas os colarinhos de uma companhia! E no dia em que o sobrinho tinha voltado a cheirar como um moço de estrebaria!

— Maldito seja, Sharpe!

— Sim, Coronel.

A fumaça irritante da pólvora fez com que o cavalo de Sir Henry desse um esticão com a cabeça e o coronel acerrou-se para acalmá-lo. Sharpe observou o gesto e pensou que tinha posto o coronel em ridículo ante os seus próprios homens, e também que isso tinha sido um erro. Sharpe tinha ganho uma pequena batalha, mas tinha feito um inimigo poderoso e influente. O coronel aproximou o cavalo de Sharpe e a sua voz era surpreendentemente calma.

— Este é o meu batalhão, senhor Sharpe. O meu batalhão. Lembre-se disso.

Por um momento pareceu que a sua ira ia rebentar, mas susteram-se e em vez disso, gritou a Forrest que o seguisse. Sharpe deu a volta e foi embora. Harper estava sorrindo brincalhão, os homens pareciam satisfeitos, e apenas Sharpe teve o pressentimento de uma ameaça, como um inimigo invisível que estivesse se aproximando. Afastou esse sentimento. Havia mosquetes para limpar, rações a distribuir e, depois das colinas limítrofes, inimigos suficientes para todos.

CAPÍTULO IV

Patrick Harper marchava a passo ligeiro, feliz por sentir o caminho debaixo dos pés, feliz por finalmente terem atravessado a fronteira não delimitada e estarem a caminho de algum lugar, de qualquer lugar. Tinham-se posto em marcha de madrugada, de forma que a maior parte do caminho se efetuara antes do sol aquecer ao máximo. Esperava com prazer uma tarde de descanso e desejava que o local onde iam acampar, e que o major Forrest tinha se apressado a encontrar, ficasse perto de um qualquer riacho em que lançaria a cana com uma das suas larvas no anzol. Os soldados do South Essex estavam em algum lugar atrás deles; Sharpe iniciara a marcha de um dia no passo rápido do regimento de Fuzileiros, três passos caminhando, três correndo, e Harper alegrava-se por estarem longe da atmosfera de suspeita que reinava naquele batalhão. Sorriu ao lembrar-se dos colarinhos. Corria o rumor preocupante de que o coronel mandara Sharpe pagar todos os setenta e nove colarinhos estragados e isso, na opinião de Harper, era um preço terrível. Não tinha perguntado nada a Sharpe quanto a esse rumor; se o tivesse feito, este teria dito que se metesse na sua vida, ainda que para Patrick Harper, Sharpe fizesse parte da sua vida. O tenente podia ser mal-humorado, irascível e propenso a repreender o sargento para aliviar a sua frustração mas, no fundo, Harper considerava Sharpe como um amigo. Não era palavra que um sargento usasse para um oficial, mas não ocorria outra coisa a Harper. Sharpe era o melhor soldado que o irlandês já vira num campo de batalha, com olhos de camponês para o terreno e instinto de caçador para a guerra. Mas Sharpe apenas pedia conselho a um homem em batalha, e esse homem era o sargento Harper. Era uma relação fácil, de confiança e respeito, e Patrick Harper considerava que o seu trabalho era manter Richard Sharpe vivo e ocupado. Gostava de ser soldado, mesmo em um exército da nação que tinha ocupado a pátria da sua família e tinha pisado a sua religião. Fora educado nas lendas dos grandes heróis irlandeses, podia recitar de memória a história de Cuchulain que tinha derrotado as forças de Connaught, e quem tinham os ingleses que se pudesse comparar com tal herói? Mas a Irlanda era a Irlanda e a fome leva os homens a lugares estranhos. Se Harper tivesse dado razão ao coração estaria lutando contra os ingleses, não a seu lado, mas, como muitos dos seus compatriotas, tinha encontrado um refúgio para a pobreza e a perseguição nas fileiras do inimigo. Nunca esquecia a pátria. Tinha na mente a imagem de Donegal, uma região de rochas retorcidas e solo fino, de montanhas, lagos, grandes planícies e minifúndios, em que as famílias enfrentavam uma existência miserável. E que famílias! Harper era o quarto filho que tinha sobrevivido à infância dos onze que a mãe tivera, e ela dizia sempre que não sabia como tinha podido parir uma coisa tão grande. Alimentar Patrick — dizia a mãe — era como alimentar três dos outros, e passara mais fome do que os irmãos. Depois chegou o dia em que partiu para ganhar a vida. Caminhara das montanhas Blue Stack até às ruas pavimentadas de Derry e aí se embebedara dando por si alistado sem saber como. Oito anos depois, com vinte e quatro anos, era sargento. Em Tangavane ninguém acreditaria!

Já lhe era difícil olhar os ingleses como inimigos. A familiaridade tinha arranjado muitas amizades. O exército era um lugar em que os homens fortes podiam vingar e

Patrick Harper gostava da responsabilidade que conseguira e desfrutava do respeito de outros, como Sharpe. Recordava as histórias dos seus compatriotas que tinham lutado contra os casacas-vermelhas nas colinas e nos campos da Irlanda e, por vezes, perguntava-se sobre o que seria dele se voltasse a viver de novo em Donegal. Esse problema de lealdade era muito difícil e guardava-o no fundo da mente, escondido junto aos vestígios da sua religião. Talvez a guerra durasse sempre ou talvez Patrick voltasse e convertesse os inimigos à verdadeira fé. Quem sabe? Mas por enquanto estava satisfeito por ser soldado e contentava-se com isso. Na véspera tinha visto um falcão-peregrino voando muito alto, e a alma de Patrick Harper elevava-se até alcançá-lo. Conhecia todos os pássaros do Ulster, amava-os, e enquanto caminhava esquadrihava a terra e o céu em busca de novas aves, porque o sargento nunca se cansava de observá-las. Nas colinas a norte do Porto vislumbrava por breves instantes uma estranha pega com uma longa cauda azul, completamente diferente de tudo o que tinha visto antes, e queria ver outra. A expectativa e a espera faziam parte da sua satisfação e do seu prazer.

Apareceu uma lebre num campo próximo do caminho. Uma voz gritou “é minha” e todos se detiveram enquanto o homem se ajoelhava, apontava rapidamente e disparava. Errou o tiro e os fuzileiros troçaram dele. A lebre girou sobre as patas e escondeu-se entre as rochas. Daniel Hagman não costumava errar, tinha aprendido a disparar com o pai, que era caçador, e todos os fuzileiros estavam secretamente orgulhosos da habilidade daquele homem do Cheshire com a espingarda. Enquanto recarregava balançou a cabeça, aborrecido.

— Lamento, meu Tenente. Estou ficando velho.

Sharpe riu. Hagman tinha quarenta anos, mas ainda disparava melhor que o resto da companhia. A lebre tinha percorrido duzentas jardas e teria sido um milagre se tivesse acabado nas panelas do jantar.

— Vamos descansar — disse Sharpe. — Dez minutos.

Pôs dois homens de sentinela. Os franceses estavam a várias milhas de distância, a cavalaria britânica estava a caminho à frente deles, mas os soldados mantinham-se vivos tomando precauções e esta era uma terra estranha por isso Sharpe manteve a guarda e os dois homens seguiram com as armas carregadas. Tirou a mochila e as cartucheiras, satisfeito por se livrar das oitenta libras de peso e sentou-se ao lado de Harper, que estava recostado e olhava para o céu azul-claro. — Um dia quente para marchar, sargento.

— Realmente, senhor. Mas melhor que o maldito Inverno passado.

Sharpe sorriu brincalhão.

— Arranjou-se para se manter suficientemente quente.

— Fizemos o que pudemos, senhor, fizemos o que pudemos. Lembra-se do santo padre no mosteiro?

Sharpe assentiu, mas não havia maneira de parar Patrick Harper quando tinha começado a contar uma boa história.

— Disse-nos que não havia nada para beber no local! Nada para beber e estávamos tão frios como a água no Inverno! Foi terrível ouvir tal mentira na boca de um homem de Deus.

— O senhor deu-lhe uma lição, Sargento! — disse Pendleton, o menino da companhia, com apenas dezessete anos e ladrão das ruas de Bristol, enquanto sorria para o irlandês do outro lado da estrada.

— Nós o ensinamos, rapaz. Lembra-se? Não há padre que fique sem bebida, e nós a encontramos. Meu Deus! Um barril suficientemente grande para afogar a sede de um exército inteiro, e durou uma noite. Primeiro metemos a cabeça do santo padre dentro do vinho para lhe ensinar que mentir é um pecado mortal.

Harper ainda ria ao recordar.

— Não me cairia mal um gole agora — disse, enquanto olhava inocentemente para os homens que descansavam à sua volta na beira do caminho. — Alguém quer um gole?

Fez-se silêncio. Sharpe deitou-se para trás e ocultou o sorriso. Sabia o que Harper estava fazendo e não podia adivinhar o que aconteceria a seguir.

Os Fuzileiros eram um dos poucos regimentos que podiam selecionar os recrutas e recusar os que não fossem os melhores, mas mesmo assim sofria com o pecado que assediava todo o exército: a embriaguez.

Sharpe calculou que houvesse pelo menos meia-dúzia de garrafas de vinho pelas redondezas e Harper ia encontrá-las. Ouviu o sargento aproximando-se dos homens.

— Bom! Revista.

— Sargento! — exclamou Gataker, caindo na esparrela. — Inspeccionou as garrafas de água esta manhã! Já sabe que não temos nada de especial nelas.

— Sei o que não tinham nas garrafas de água, mas não é disso que estou falando, não é verdade?

Não houve resposta.

— Tirem para fora todas as munições! Agora, já!

Ouviram-se queixumes. Tanto os portugueses como os espanhóis estariam encantados por venderem vinho em troca de meia-dúzia de cartuchos feitos com pólvora britânica, a mais fina do mundo, e não era um risco muito grande apostar que se algum homem tivesse menos que os oitenta cartuchos que lhes correspondiam Harper encontraria uma garrafa escondida no fundo da sua mochila. Sharpe ouvia o ruído da revista e o tumulto. Abriu os olhos e viu que tinham aparecido, como por encanto, sete garrafas. Harper vigiava-as triunfalmente.

— Estas, partilharemos esta noite. Bem feito, rapazes, sabia que não me iam decepcionar — disse voltando-se para Sharpe. — Quer que façamos uma contagem de munições, Tenente?

— Não, vamos continuar.

Sabia que podia confiar que os homens não vendessem mais do que um punhado de cartuchos. Olhou para o enorme irlandês.

— Quantos cartuchos tem, sargento?

— Oitenta, senhor.

— Mostre-me o corno de pólvora.

— Pensei que lhe agradasse beber uma pinga esta noite, senhor — disse Harper sorrindo maliciosamente.

— Vamos, passe-me.

Sharpe esboçou uma divertida careta ante a frustração de Harper. Além das oitenta cargas, mais vinte do que o resto do exército, os fuzileiros também tinham um corno de pólvora fina para usarem em caso de necessidade.

— Bom, sargento. Dez minutos de marcha rápida e a seguir mais lenta.

Ao meio-dia encontraram-se com o major Forrest e a sua pequena guarda avançada a cavalo, que surgia entre o caminho e o riacho que Harper tanto descjara. O major guiou os fuzileiros para o local escolhido.

— Sharpe, achei que seria melhor que ficasse um tanto afastado do coronel.

— Não se preocupe — respondeu Sharpe fazendo uma careta ao nervoso comandante. — É uma excelente idéia.

Forrest no entanto continuava preocupado. Olhou para os homens de Sharpe que estavam cortando ramos.

— Sharpe, Sir Henry insiste que as fogueiras estejam bem controladas.

— Nem uma chama fora do lugar, senhor. Prometo — respondeu Sharpe levantando as mãos.

Uma hora depois, chegou o batalhão e os homens atiraram-se para o chão e descansaram as cabeças sobre as mochilas. Alguns deles foram até o riacho e sentaram-se metendo os pés feridos e inchados na água fresca. Colocaram-se sentinelas, encostaram-se as armas, o cheiro do tabaco espalhou-se por entre as árvores e um confuso jogo de futebol começou, longe do amontoado de bagagem que indicava a desordem temporária dos oficiais. Os últimos a chegar foram as mulheres e as crianças, misturados com os portugueses e os seus animais, Hogan com as suas mulas e o gado vacum conduzido pelos camponeses contratados, que proporcionaria carne até ao último animal ser sacrificado.

Sharpe sentia-se inquieto na tarde sonolenta. Não tinha família a quem escrever e não tinha vontade de se juntar a Harper, que tentava em vão pescar alguns peixes inexistentes com as suas larvas. Hogan dormia, ressonando suavemente à sombra, Sharpe se levantou da erva, pegou a espingarda, encaminhou-se para o piquete de

guarda e passou por ele. O dia estava fantástico. Não se via uma nuvem no céu, a água do riacho corria límpida, um sopro de brisa agitava a erva e fazia oscilar as pálidas folhas das oliveiras. Caminhou entre a corrente e uma seara de milho, saltou por cima de uma represa de vime que tapava um açude e entrou num pequeno olival salpicado de rochas. Nada se mexia. Os insetos zumbiam e estalejavam, um cavalo relinchou no acampamento, o som da água desapareceu atrás de si. Alguém lhe tinha dito que estavam em Julho. Talvez fosse o dia do seu aniversário. Não sabia em que dia tinha nascido, mas recordava-se que a mãe, antes de morrer, lhe chamara de um bebê de Julho, ou seria de Junho? Pouco se lembrava dela. Cabelo escuro e uma voz à distância. Tinha morrido quando ele era ainda uma criança e não tinha mais família.

A paisagem diluía-se sob o calor, quieto e silencioso, e o campo tinha engolido o batalhão, como se este não existisse. Dirigiu o olhar para o caminho por onde o batalhão tinha desfilado e, mais ao fundo, muito longe para ver bem, havia uma nuvem de pó por onde ia o grosso de um exército. Sentou-se junto a um nodoso tronco de árvore, com a espingarda entre os joelhos e olhou fixamente para a neblina produzida pelo calor. Surgiu do chão uma lagartixa, deteve-se, olhou para ela, depois o bicho subiu correndo pelo tronco da árvore e ficou imóvel, como se ele fosse tirar-lhe a vista enquanto estivesse quieto. Um ligeiro movimento no céu o fez levantar os olhos, um falcão deslizava suavemente, com as asas paradas e a cabeça esquadrinhando o terreno à procura de uma presa. Patrick teria sabido de imediato de que ave se tratava, mas para Sharpe o pássaro não passava de outro caçador, e hoje, pensou, não há nada para nós, os caçadores. Como se tivesse lido o seu pensamento, o pássaro bateu as asas e, por momentos, ficou fora do alcance da sua vista. Sentia-se confortável e preguiçoso, em paz com o mundo, contente por ser um fuzileiro na Espanha. Olhou para as pequenas oliveiras que prometiam uma fraca colheita, e pensou na família que abanaria os ramos no Outono, cujas vidas estavam delimitadas entre a corrente do rio, os extensos campos e o caminho alto e escarpado que ele provavelmente nunca mais voltaria a ver.

Então ouviu-se um ruído. Muito longe para que lhe parecesse alarmante, mas estranho e bastante persistente para o alertar e fazer com que a mão direita agarrasse firmemente a espingarda. Havia sem dúvida cavalos no caminho, apenas dois pelo som dos cascos, mas moviam-se lentamente e com pouca segurança, e esse som sugeria-lhe que algo acontecia. Duvidava que os franceses tivessem patrulhas de cavalaria nesta parte da Espanha, mas pelo sim, pelo não, moveu-se em silêncio por entre o arvoredo, escolhendo instintivamente um caminho que escondesse e camuflasse o seu uniforme verde, até que surgiu à brilhante luz do Sol para surpreender o viajante.

Era a jovem. Ainda vestida como um homem, com as calças pretas e as botas, com o mesmo chapéu de abas largas que ocultava a sua beleza. Estava a pé, ou melhor coxeava como o seu cavalo e, ao ver Sharpe, deteve-se e olhou para ele aborrecida, como se a perturbasse ser vista de surpresa. O criado, um homem pequeno e moreno que conduzia uma mula muito carregada, deteve-se dez passos atrás dele e ficou olhando fixamente para ele sem dizer nada ao fuzileiro alto e cheio de cicatrizes. A égua olhava também para Sharpe, sacudia as moscas com a cauda e deteve-se pacientemente com uma pata traseira levantada do chão. A ferradura pendia de um único cravo e o animal devia ter sofrido terrivelmente com o calor da estrada cheia de pedras. Sharpe balançou a

cabeça enquanto olhava para a pata.

— Porque não tiraram a ferradura?

— Sabe como se faz isso? — perguntou ela numa voz surpreendentemente suave. Ela sorriu, o aborrecimento desapareceu-lhe do rosto e, por um instante, Sharpe não disse nada. Calculou que tivesse uns vinte anos, mas usava a sua beleza com a segurança de alguém que sabe que esta pode ser melhor herança do que o dinheiro ou as terras. A hesitação dele parecia diverti-la, como se estivesse habituada a produzir aquele efeito nos homens, e arqueou maliciosamente as sobrancelhas. — Sabe?

Sharpe assentiu e dirigiu-se ao bonito animal. Puxou o casco para si, sustendo firmemente a ferradura, e a égua estremeceu mas ficou quieta. A ferradura teria caído se desse mais uns passos, arrancou-a facilmente com um pequeno puxão e largou a pata da égua. Mostrou a ferradura à garota.

— Teve sorte.

— Porquê? — perguntou ela olhando-o com os olhos grandes e escuros.

— Talvez possa ser recolocada, se bem que eu não possa garantir isso.

Sentia-se desajeitado e pouco à vontade na presença dela e até sentia que lhe travava a língua. Desejava-a apaixonadamente. Ela não fez qualquer gesto para pegar a ferradura, ele então meteu-a no alforje que estava transbordando.

— Deve haver alguém que saiba ferrar um cavalo ali em cima — disse apontando com a cabeça. — Há um batalhão ali acampado.

— O South Essex? — perguntou ela num inglês correto, mas com pronúncia portuguesa.

— Sim.

— Está bem — anuiu. — Eu o seguia quando a ferradura se desprendeu. Olhou para o criado e sorriu. — Pobre Agostinho. Tem medo dos cavalos.

— E a senhora?

Sharpe queria que ela continuasse a falar. Não era costume as mulheres seguirem o exército; as tropas de Sir Arthur Wellesley já tinham reunido mulheres inglesas, irlandesas, espanholas e portuguesas, amantes e prostitutas, mas era pouco comum ver uma mulher tão bonita, com um bom cavalo e servida por um criado, e aquilo despertava a curiosidade de Sharpe. Mais do que a curiosidade. Desejava aquela jovem. Era uma reação à beleza dela tal como uma reação ao fato de saber que uma jovem de semelhante beleza não precisava de um tenente andrajoso e sem fortuna pessoal. Podia escolher entre os oficiais ricos, mas tal não iria impedir Sharpe de olhar para ela e de a desejar. Ela parecia ter lido os seus pensamentos.

— Acha que eu devia ter medo?

Sharpe encolheu os ombros, lançando uma vista de olhos caminho acima onde a

fumaça do batalhão se fundia com o entardecer.

— Os soldados não são apreciados, minha Senhora.

— Obrigada, por me avisar — disse ela gracejando. — Tenente? — perguntou observando a faixa descolorida.

— Tenente Sharpe, minha Senhora.

— Tenente Sharpe — sorriu ela, mostrando-lhe a sua beleza. — Deve conhecer Christian Gibbons.

Ele balançou a cabeça, sentindo a injustiça da vida. O dinheiro podia comprar tudo: uma promoção, uma graduação de oficial, uma espada desenhada especialmente para um homem, inclusive uma mulher como aquela.

— Conheço.

— E não gosta dele! — Riu, sabendo que o seu instinto tinha razão. — Mas eu sim.

Deu um estalo com a língua ao cavalo e apanhou as rédeas.

— Espero que voltemos a nos ver. Vou com vocês para Madrid.

Sharpe não queria que ela fosse embora.

— Está muito longe de casa.

— O senhor também, tenente, o senhor também — disse ela, virando-se com um sorriso divertido.

Conduziu a égua coxa, seguida pelo criado mudo, para o bosque e para as primeiras espirais de fumaça azul que começavam a dar vida às fogueiras para fazer comida. Sharpe observou-a, deixou que os olhos seguissem a figura esbelta por baixo da roupa de homem e sentiu inveja e a intensidade do seu desejo. Encaminhou-se de novo para o olival, como se o fato de abandonar o caminho pudesse apagá-la da sua memória e assim recuperar o sossego da tarde. Maldito Gibbons e o seu dinheiro, malditos todos os oficiais que podiam pagar as belezas que cavalgavam em éguas de pura raça atrás do exército. Deu rédea solta aos seus mais amargos pensamentos, girou-os na cabeça para tentar convencer-se que não a desejava, mas enquanto caminhava por entre as árvores sentia ainda o calor da ferradura na mão direita. Nela apenas havia um cravo retorcido, e meteu-o com cuidado no saco de munições. Pensou que talvez pudesse ser útil: precisava de um cravo para fixar a mola da espingarda quando desmontava a segurança para limpá-la, mas havia muitos cravos melhores e sabia que o guardava porque tinha pertencido à jovem. Aborrecido, procurou-o por entre os grandes cartuchos e atirou-o para muito longe.

Ouviu-se o som de disparos de mosquete do batalhão e; pensou que tinham sacrificado dois bois para o jantar dessa noite. Havia vinho com o guisado e depois o brandy de Hogan, histórias de velhos amigos e campanhas esquecidas. Tinha estado com prazer à espera da comida, do entardecer, mas de repente tudo mudara. A jovem estava

no acampamento, o seu riso invadiria a paz, e ele, pensava enquanto regressava pelo riacho, ele nem sequer sabia como se chamava.

CAPÍTULO V

O regimento de Santa Maria teria conquistado o mundo se as palavras e a pompa tivessem sido suficientes. Mas a pontualidade não era uma das suas manifestas virtudes militares. O South Essex tinha marchado rapidamente durante quatro dias para chegar ao encontro em Plasência, mas não encontrou um único soldado espanhol na cidade. As cegonhas batiam preguiçosamente as asas nos ninhos sobre os telhados empinados que se elevavam até à antiga catedral que dominava tanto a cidade como a planície que a rodeava, mas não havia sinal do Santa Maria. O batalhão esperava. Simmerson tinha acampado fora das muralhas e os homens olhavam com inveja como outras unidades chegavam e marchavam para o interior das ruas tentadoras com as suas tabernas e as suas mulheres. Três homens desobedeceram à ordem taxativa de se manterem fora da cidade e foram capturados, completamente bêbados, pelo capitão de piquete à cidade e açoitados enquanto o batalhão formava junto ao rio Jerte.

Por fim, com dois dias de atraso, chegou o regimento espanhol e o South Essex passou por uma revista às cinco horas da manhã para iniciar a marcha para sul, para Valdelacasa. O ar estava fresco mas aqueceria ao despontar do Sol, e a hora prevista para a partida, as cinco e meia, passou sem que houvesse sinal do Santa Maria. Os homens batiam os pés e esfregavam as mãos para se livrarem do frio. Batiam as seis nos sinos da cidade. As crianças que esperavam junto às mães para verem marchar o batalhão começaram a se cansar e corriam por entre as fileiras, apesar dos gritos de Simmerson a que se seguiram os dos sargentos e dos cabos. O batalhão estava formado junto à ponte romana sobre o rio e Sharpe seguiu o capitão Hogan, resmungão, até aos antigos arcos e ficou olhando fixamente para a água que corria à volta dos enormes pedregulhos de granito que algum levantamento de terra tinha deixado no leito do rio. Hogan estava impaciente.

— Malditos! Porque é que não podemos iniciar a marcha e deixar que esses miseráveis nos alcancem mais à frente?

Sabia perfeitamente que isso não era possível. A resposta chamava-se diplomacia e parte do preço da cooperação com as susceptíveis tropas espanholas era que o regimento nativo devia marchar primeiro. Sharpe não disse nada. Ficou olhando fixamente para a água e para as grandes ervas que ondulavam à passagem da corrente. Estremeceu com a brisa do amanhecer. Partilhava a impaciência de Hogan misturada com as frustrações que se agitavam dentro de Simmerson como a erva do rio que se movia lentamente. Levantou os olhos para a catedral, banhada pelo sol do amanhecer, e tentou concentrar a sua apreensão quanto à operação de Valdelacasa. Parecia simples. Um dia de marcha até ao rio, um dia para Hogan destruir os arcos, já decrepitos, e um dia de marcha para regressar a Plasência, onde Wellesley estava concentrando as suas forças para a etapa seguinte de avanço dentro da Espanha. Mas havia algo, algo instintivo tão difícil de concretizar como as sombras cinzentas que retrocediam com o alvorecer, que lhe dizia que não iria ser assim tão fácil. Não eram os espanhóis que o preocupavam. Tal como Hogan, sabia que a presença deles era um imperativo político e uma farsa militar. Se

fossem tão inúteis como a sua reputação sugeria, isso não importava; o South Essex era suficientemente forte para agüentar o que fosse necessário. E era esse o problema. Simmerson nunca tinha enfrentado o inimigo e Sharpe tinha pouca fé na habilidade do coronel para fazer o que era necessário. Se realmente houvesse franceses na margem sul do Tejo, e se o South Essex tivesse de repelir um ataque na ponte enquanto Hogan colocava as cargas, então Sharpe preferiria que fosse um soldado veterano a tomar decisões e não aquele coronel da milícia cuja cabeça estava abarrotada de teorias sobre batalhas e de táticas aprendidas nos seguros campos de Essex.

Mas não era só Simmerson. Olhou para o caminho que conduzia à cidade onde permanecia um confuso grupo de mulheres, as mulheres do batalhão, e perguntou-se se a jovem, Josefina Lacosta, estaria ali. Pelo menos já sabia como se chamava e a tinha visto, uma dúzia de vezes, montada na delicada égua com uma multidão de tenentes de Simmerson rindo e gracejando à sua volta. Tinha ouvido rumores acerca dela; era mulher de um rico oficial português, que a tinha abandonado. Ninguém tinha certeza, mas o que era verdade é que conhecera Gibbons num baile no Hotel Americano de Lisboa e, em poucas horas, tinha decidido ir para a guerra com ele. Dizia-se que tinham planejado se casar quando o exército chegasse a Madrid e que Gibbons lhe prometera uma casa e uma vida de bailes e diversão. Fosse qual fosse a verdade sobre Josefina, ninguém se privava da sua presença, extasiava todo o batalhão, coqueteava até com Sir Henry, que respondia com muita galanteria e dizia aos oficiais que os jovens são assim. “Christian precisa se exercitar, não é verdade?” Simmerson repetia a graça e ria cada vez que o fazia. A indulgência do coronel fora tal que permitiu que o sobrinho quebrasse o regulamento e alugasse vários quartos na cidade onde vivia com a jovem e acolhia os seus amigos em longas e calorosas noites. Gibbons era a inveja de todos os oficiais, Josefina a sua jóia da coroa, e Sharpe estremecia sobre a ponte e perguntava-se se ela iria algum dia para as terras planas de Essex e para uma grande casa construída com os lucros da salga de peixe. Bateram as sete e ouviu-se o rumor da excitação ao ver-se que um grupo de cavaleiros surgia das casas e cavalgava em direção ao batalhão que os esperava. Os cavaleiros afinal eram britânicos e a tropa voltou a acalmar-se. Hogan e Sharpe encaminharam-se para os seus homens formados junto à Companhia Ligeira de Lennox à esquerda do batalhão e viram que os recém-chegados cavalgavam para se reunir com Simmerson. Todos os cavaleiros usavam uniforme, menos um, que tinha calças azuis por baixo de um capote cinzento e trazia na cabeça um simples chapéu de dois bicos. O alferes Denny, de dezesseis anos e com mal contida excitação, estava de pé, perto dos fuzileiros, e Sharpe perguntou-lhe se sabia quem era o que parecia civil.

— Não, tenente.

— Sargento Harper! Diga ao senhor Denny quem é o cavaleiro com o capote cinzento.

— O general, senhor Denny. Sir Arthur Wellesley em pessoa. Nascido na Irlanda, como os melhores soldados!

Uma onda de risos percorreu as fileiras mas todos se puseram em sentido olhando para o homem que os levaria até Madrid. Viram que puxava um relógio e olhava para a cidade de onde deviam vir os espanhóis. Contudo, não havia sinal do

regimento, apesar do sol já estar bem alto acima do horizonte e o orvalho ter desaparecido da erva. Um dos oficiais do estado-maior de Wellesley separou-se do grupo e fez o cavalo trotar até Hogan. Sharpe pensou que ele quisesse falar com o oficial de engenharia e afastou-se, voltando para a ponte, para dar a Hogan alguma intimidade.

— Sharpe! Richard!

A voz era familiar, como se pertencesse ao passado. Virou-se para ver o oficial do estado-maior, um tenente-coronel que lhe estava acenando com a mão e escondia o rosto com um tricórnio.

— Richard! Não se lembra de mim?

— Lawford! — O rosto de Sharpe abriu-se num sorriso. — Tenente-Coronel! Nem sequer sabia que estava aqui!

Lawford apeou rapidamente da sela, tirou o chapéu e balançou a cabeça.

— Você está com um aspeto horrível! Realmente devia comprar outro uniforme um dia destes — disse, sorrindo, enquanto estendia a mão a Sharpe. — Estou encantado por vê-lo, Sharpe.

— E eu a você. Tenente-coronel? As coisas correram bem!

— Custou-me três mil e quinhentas libras, Richard, e você bem o sabe. Bendito seja o dinheiro.

Lawford. Sharpe lembrava-se de quando o digno William Lawford era um tenente assustado e um sargento chamado Sharpe o tinha guiado através do calor da Índia. Depois Lawford saldara a sua conta. Numa cela da prisão de Seringapatam o aristocrata ensinou o sargento a ler e a escrever, e esse exercício impedira que ambos enlouquecessem no úmido inferno dos calabouços do sultão Tippoo. Sharpe balançou a cabeça.

— Não o via desde...

— Há meses. Muito tempo. Como está?

— Tal como vê — sorriu zombeteiramente Sharpe.

— Desalinhado? — sorriu Lawford.

Tinha a idade de Sharpe, mas era essa a única semelhança. Lawford era um dândi, vestia sempre a melhor roupa e Sharpe tinha-o visto pagar sete guinéus a um alfaiate do regimento para dar um acabamento melhor a um casaco por si de corte perfeito. Estendeu expressivamente as mãos.

— Pode deixar de se preocupar, Richard, Lawford está aqui. Os franceses se renderão com certeza quando souberem. Meu Deus! Custou-me meses conseguir este trabalho! Estava detido no Castelo de Dublin, rendendo a maldita guarda e procurando mil ligações para entrar para o estado-maior de Wellesley. E aqui estou! Cheguei há duas

semanas!

As palavras retumbavam. Sharpe estava encantado por vê-lo. Lawford, tal como Gibbons, resumia tudo o que mais odiava no exército; como o dinheiro e as influências podiam comprar as promoções, enquanto outros, como Sharpe, apodreciam na miséria. No entanto, Sharpe gostava de Lawford, não podia sentir ressentimento e supunha que era porque o aristocrata, com toda a segurança da sua origem, correspondia a Sharpe da mesma maneira. E Lawford, apesar de todos os seus ornamentos e da sua suposta languidez, era um militar lutador. Sharpe levantou a mão para deter o fluxo de notícias.

— Que aconteceu, senhor? Onde estão os espanhóis?

— Na cama — respondeu Lawford abanando a cabeça. — Pelo menos estavam, os guerreiros vestiram as calças e disseram que já vinham.

Aproximou-se de Sharpe e baixou a voz.

— Que tal se dá com Simmerson?

— Não tenho de me dar com ninguém de maneira nenhuma. Trabalho para Hogan.

Parecia que Lawford não tinha ouvido a resposta.

— É um homem extraordinário. Sabia que pagou para promover este regimento?

Sharpe balançou a cabeça.

— Sabe quanto lhe terá custado isso, Richard? É impensável!

— Então é rico. Mas isso não o faz militar — disse Sharpe com amargura.

— Mas quer ser — disse Lawford encolhendo os ombros. — Quer ser o melhor. Vínhamos para cá no mesmo barco e tudo o que fazia diariamente era sentar-se a ler as normas e o regulamento para os exércitos de Sua Majestade! — exclamou abanando a cabeça. — Talvez aprenda. No entanto, não invejo você — disse virando-se para olhar para Wellesley. — Bem, não posso ficar aqui todo o dia. Escute. Tem de vir comer comigo quando voltar deste trabalho. Virá?

— Será um prazer.

— Formidável! — exclamou Lawford subindo para a sela. — Espera-os uma luta. Enviamos os Dragões Ligeiros para o sul e disseram que há um punhado considerável de franceses por lá com alguma artilharia. Estiveram tentando arrancar os guerrilheiros das colinas mas agora estão se dirigindo de novo para leste, como nós, por isso boa sorte. — Obrigou o cavalo a dar meia volta e então olhou para trás. — E... Richard.

— Senhor?

— Sir Arthur pediu que lhe desse os seus cumprimentos.

— Como?

Lawford baixou os olhos para Sharpe.

— Você é um idiota — disse-lhe amigavelmente. — Quer que dê cumprimentos ao general? Será o mais apropriado.

Sorriu brincalhão, saudou com o chapéu e foi embora.

Sharpe seguiu-o com a vista enquanto ele se afastava e a apreensão perante o frio amanhecer dissipou-se de repente com aquela imprevista avalanche de amizade. Hogan aproximou-se dele.

— Amigos em altos cargos?

— Um velho amigo. Estivemos na Índia.

Hogan não disse nada. Olhava fixamente para o campo, com a boca aberta de surpresa e Sharpe seguiu-lhe o olhar.

— Meu Deus.

Chegara o regimento de Santa Maria. Dois trombeteiros com perucas empoadas encabeçavam a procissão. Montavam cavalos pretos e brilhantes, engalanados com uniformes que eram um escândalo de ouro e prata, as trombetas engalanadas com cintas, borlas e bandeirolas.

— Diabos! — exclamou uma voz entre as fileiras. — As fadas estão do nosso lado.

As bandeiras vinham depois, cobertas de brasões, bordadas a ouro, com borlas, laços, coroas, floreados, transportadas por cavaleiros cujos animais davam passos delicadamente altos com se a terra fosse pouco adequada para suportar tão esplêndidas criações.

Os oficiais vinham atrás. Devia ser um prazer para Sir Henry Simmerson, pois tudo o que podia ser areado tinha sido polido com tal intensidade que feria a vista; quer fosse de pele, bronze, prata ou ouro. Dragonas de cordões dourados incrustadas de pedras semipreciosas; casacos debruados com fios de prata, com plumas e alamares, com faixas, tudo reluzente. Era um espetáculo deslumbrante.

Os soldados vinham a seguir, uma desordem que avançava vacilando, movida por tambores enérgicos mas irregulares. Sharpe estava espantado. Tudo o que tinha ouvido a respeito do exército espanhol parecia estar certo, pelo menos no que se referia ao grosso do regimento; as armas estavam baças e descuidadas, não havia coragem no seu porte, e Madrid parecia de repente muito longe se era aquela a qualidade dos aliados que ajudariam a desobstruir o caminho. Sentiu-se uma renovada intensidade dos tambores espanhóis quando os dois trombeteiros desafiaram o céu com uma fanfarra. Depois fez-se silêncio.

— E agora? — murmurou Hogan.

Discursos. Wellesley, sábio em questões de diplomacia, fugiu quando o coronel espanhol se aproximou para arengar ao South Essex. Não havia tradutor oficial, mas

Hogan que falava alguma coisa de espanhol estava oferecendo aos ingleses uma oportunidade, uma pequena oportunidade, de partilhar o glorioso triunfo dos guerreiros espanhóis contra os seus inimigos. Os gloriosos guerreiros espanhóis, incitados pelos seus sargentos, aplaudiram o discurso enquanto o South Essex, incitado por Simmerson, fez o mesmo. Trocaram-se saudações, apresentaram-se armas, houve mais fanfarras, mais tambores, chegou tudo ao clímax quando apareceu um sacerdote que, montando um pequeno burro cinzento, benzeu o Santa Maria com a ajuda de alguns rapazes vestidos com sobrepeles brancas. Intencionalmente, os pagãos britânicos não foram incluídos nas preces ao Todo-Poderoso.

Hogan puxou sua caixinha de rape.

— Acredita que lutarão?

— Sabe Deus.

Sharpe sabia que no ano anterior, um exército espanhol tinha forçado a rendição de vinte mil franceses, não havia dúvida de que os espanhóis podiam lutar se o seu comando e a sua organização se equiparassem com as suas ambições. Mas para Sharpe, a evidência deste regimento sugeria que os seus aliados imediatos não tinham a organização nem os chefes necessários para fazer outra coisa que não fosse, talvez, pronunciar discursos retumbantes.

Às dez e meia, com cinco horas de atraso, o batalhão pôs finalmente as mochilas às costas e seguiu o Santa Maria atravessando a velha ponte. Sharpe e Hogan iam à frente do South Essex e imediatamente atrás de uma retaguarda espanhola de aspeto pouco guerreiro. Uma recua de mulas estava sendo obrigada a avançar, bem carregada de luxos para que os oficiais espanhóis tivessem todo o conforto no campo; entretanto, no meio dos animais, cavalgava o sacerdote que se virava continuamente e sorria nervoso com os dentes enegrecidos aos pagãos que iam atrás dele. O mais estranho de tudo eram três mulheres jovens vestidas de branco que montavam cavalos de pura raça e usavam guarda-sóis debruados. Riam constantemente com um riso tonto, voltavam-se e olhavam para os fuzileiros, pareciam três noivas a cavalo. Bela maneira de ir para a guerra, pensou Sharpe.

Até o meio-dia a coluna apenas fizera cinco milhas e tinha parado. Soaram trombetas à cabeça do regimento espanhol; alguns oficiais percorreram a galope as fileiras, levantando violentas nuvens de pó e os soldados simplesmente deixaram cair as armas e as mochilas e sentaram-se na estrada. Todos os que tinham graduação começaram a discutir, o sacerdote cravado entre as mulas gritava histérico a um oficial a cavalo, enquanto as três mulheres definhavam visivelmente e abanavam-se com as mãos calçadas por luvas brancas. Christian Gibbons conduziu o cavalo para a cabeça da coluna e sentou-se olhando fixamente para elas.

Sharpe ergueu a vista para ele.

— A do meio é a mais bonita.

— Obrigado — disse Gibbons com pesada ironia. — É muito observador da sua parte, Sharpe.

Estava a ponto de esporear o cavalo para a frente quando Sharpe pôs uma mão na brida.

— Ouvi dizer que os oficiais espanhóis gostam de duelos.

— Ah — respondeu Gibbons olhando fixamente para Sharpe. — Talvez o senhor tenha razão.

Levou o cavalo caminho abaixo.

Hogan gritava em espanhol ao sacerdote, tentando averiguar porque tinham parado. O sacerdote sorriu com a boca enegrecida e elevou os olhos para o céu como para dizer que eram desígnios de Deus e não havia nada a fazer.

— Maldição! — exclamou Hogan olhando rapidamente à sua volta. — Maldição! Não percebem o tempo que perdemos? Onde está o coronel?

Simmerson não estava muito longe. Ele e Forrest chegaram produzindo um rápido martelar de cascos.

— Que diabos está acontecendo?

— Não sei, Coronel. Os espanhóis sentaram-se.

Simmerson umedeceu os lábios.

— Por acaso sabem que temos pressa?

Ninguém respondeu. O coronel olhou para os oficiais como se algum deles pudesse sugerir uma resposta.

— Vamos, então. Vejamos o que acontece. Importa-se de traduzir, Hogan?

Sharpe mandou dispersar os seus homens enquanto os oficiais a cavalo avançaram até à cabeça da coluna. Os fuzileiros sentaram-se à beira do caminho com as mochilas ao lado. Os espanhóis pareciam adormecidos. O Sol ia alto e a superfície da estrada refletia um calor asfíxiante. Sharpe tocou por acaso no cano da espingarda e desviou-se para trás ao sentir o metal quente. O suor escorria-lhe pelo pescoço e a luz brilhante do Sol, refletida sobre os ornamentos metálicos da infantaria espanhola, era deslumbrante. Ainda faltavam quinze milhas. As três mulheres levaram lentamente os cavalos até à cabeça do regimento, uma delas virou-se e saudou os fuzileiros com ar coquete. Harper enviou-lhe um beijo e, quando já tinham ido embora, o pó caiu lentamente sobre a fina erva da beira do caminho.

Decorreram quinze minutos de silêncio antes de Simmerson, Forrest e Hogan voltarem com passo lento da sua reunião com o coronel espanhol. Sir Henry não vinha satisfeito.

— Malditos sejam! Vão parar durante o resto do dia!

Sharpe olhou para Hogan com ar curioso. O oficial de engenharia assentiu.

— É verdade. Há uma estalagem ali em cima e os oficiais instalaram-se nela.

— Malditos! Malditos! Malditos! — exclamou Simmerson batendo no arção da sela. — Que vamos fazer?

Os oficiais que iam a cavalo olharam uns para os outros. Simmerson era o homem que tinha de tomar a decisão e ninguém respondeu à sua pergunta, mas só se podia fazer uma coisa. Sharpe olhou para Harper.

— Formar, sargento.

Harper vociferou as ordens. Os arrieiros espanhóis, cujo descanso fora perturbado, olharam curiosos para a maneira como os fuzileiros carregavam as mochilas e formavam.

— Baionetas, sargento.

Deu a ordem e as compridas baionetas com punho de latão saíram das bainhas. Cada lâmina media vinte e três polegadas de comprimento, perfeitamente afiada brilhante debaixo do sol. Simmerson ficou nervoso ao ver as armas.

— Que raios está fazendo, Sharpe?

— Só se pode fazer uma coisa, Coronel.

Simmerson olhou para a direita e para a esquerda para Forrest e para Hogan, mas estes não lhe prestaram qualquer ajuda.

— Sugere simplesmente que continuemos, Sharpe?

Era isso que devia ter proposto, pensou Sharpe, mas confirmou.

— Não era o que o senhor pretendia, Coronel?

Simmerson não estava seguro. Wellesley tinha-o convencido da necessidade de serem rápidos, mas também havia o dever de não ofender os susceptíveis aliados. Mas o que se passaria se a ponte estivesse ocupada pelos franceses quando chegassem? Olhou para os fuzileiros, austeros com os seus uniformes escuros, e depois para os espanhóis que se esparramavam pelo caminho fumando tranquilamente.

— Muito bem.

— Senhor — disse Sharpe e virou-se para Harper. — Quatro fileiras, sargento.

Harper respirou profundamente.

— Companhia! Em filas de dois à direita!

Havia momentos em que os homens de Sharpe, apesar dos uniformes andrajosos, sabiam como surpreender um coronel da milícia. com um ruído e uma precisão mais apropriada à guarda real, as filas numeradas e iguais deram um passo atrás; toda a companhia, sob outra voz de comando, virou para a direita e, em lugar de duas filas, havia agora quatro de frente para os espanhóis. Harper fizera uma pausa de um segundo enquanto o movimento era efetuado.

— Marcha rápida!

Marcharam. As botas batiam no caminho pondo as mulas em fuga, com os arrieiros assustados à frente. O sacerdote deu uma olhadela, fincou os calcanhares e entrou pelo campo.

— Vamos, canalhas! — gritava Harper. — Marchem! — Aceleraram o ritmo até atingirem o habitual na infantaria ligeira, batendo com as botas no caminho de modo que o pó se elevava no ar. Atrás deles, o South Essex estava formado e seguia-os, à frente deles o regimento espanhol separava-se para os campos, os oficiais saíam correndo da pousada de paredes brancas e gritavam aos fuzileiros. Sharpe não fez caso deles. O coronel espanhol, como se fosse uma aparição envolvida em galões, saiu pelas portas da pousada para ver o seu regimento feito em pedaços. Os homens tinham se dispersado pelos campos e os britânicos dirigiam-se para a ponte. O coronel não tinha as botas calçadas e sustinha na mão um copo de vinho. Quando chegaram junto da pousada Sharpe virou-se para os seus homens.

— Companhia, continência à direita!

Tirou a comprida lâmina, manteve-a em posição de continência e os homens sorriram zombeteiramente enquanto apresentavam armas ao coronel. Pouca coisa podia fazer. Queria protestar mas honra era honra e a continência devia ser retribuída. O espanhol estava perante um dilema. Numa mão o vinho e na outra o grande charuto. Sharpe viu o conflito no rosto do coronel, tentando decidir o que largar primeiro, mas por fim o coronel do Santa Maria acabou por segurar o copo de vinho e o charuto numa cerimoniosa pirueta.

— Olhar em frente!

Hogan riu com vontade.

— Bem feito, Sharpe! — disse olhando para o relógio. — Chegaremos à ponte antes do anoitecer. Espero que os franceses ainda não tenham chegado.

Esperemos que os franceses nunca cheguem, pensou Sharpe. Derrotar um aliado era uma coisa, mas as suas dúvidas a respeito da habilidade do South Essex para enfrentar os franceses eram mais reais que nunca. Olhou para o caminho branco e poeirento que se estendia pela planície monótona e, durante um fugaz e desagradável momento, perguntou a si mesmo se voltaria. Afastou esse pensamento e agarrou a culatra da arma. com a outra mão tocou inconscientemente no vulto que sentia sobre o esterno. Harper viu o gesto. Sharpe pensava que era um segredo o fato de levar pendurada ao pescoço uma bolsa de couro em que guardava as suas riquezas mundanas, mas todos os homens estavam a par disso e o sargento sabia que quando Sharpe tocava na bolsa com as suas poucas moedas de ouro pilhadas em antigos campos de batalha, significava que o tenente estava preocupado. E se Sharpe estava preocupado... Harper virou-se para os fuzileiros.

— Vamos, canalhas! Isto não é um funeral! Mais depressa!

CAPÍTULO VI

Valdelacasa não existia como lugar onde os seres humanos vivessem, amassem ou comerciassem; era simplesmente um edifício em ruínas e uma grande ponte de pedra que tinha sido construída para atravessar o rio num tempo em que o Tejo era mais largo do que a corrente que agora deslizava escura por entre os três arcos centrais da construção romana.

E, desde a ponte, com o edifício que a acompanhava, a terra estendia-se numa vasta concavidade pouco profunda, dividida em duas pelo rio numa direção, e pelo caminho de ida e volta para o rio na outra. O batalhão tinha descido a quase imperceptível vertente quando as sombras do crepúsculo começavam a deslizar sobre pálido prado; só as antigas ruínas, a ponte e a água que corria silenciosamente para o longínquo mar.

— Isto não me agrada, tenente — disse Harper, com uma expressão verdadeiramente preocupada.

— Porquê?

— Não há pássaros, senhor. Nem sequer um abutre.

Sharpe tinha de admitir que era verdade, não se via nem ouvia um único pássaro.

Era um lugar esquecido, e enquanto marchavam para o edifício, os homens vestidos com as casacas verdes estavam estranhamente calados, como se estivessem contagiados por uma antiga melancolia.

— Não há sinal dos franceses.

Sharpe não via qualquer movimento na paisagem escurecida.

— Não são os franceses que me preocupam — disse Harper inquieto. — É o lugar, senhor. Não é bom.

— Está se comportando como um irlandês, sargento.

— Talvez, tenente. Mas diga-me porque não há aqui um povoado. A terra é melhor do que a que deixamos para trás, há uma ponte, porque não há um povoado?

Porque não? Parecia um lugar perfeito para haver um povoado, mas por outro lado tinham unicamente passado por uma pequena aldeia nas últimas dez milhas, era possível que simplesmente não houvesse gente suficiente na imensidão da planície da Extremadura para habitar todos os lugares adequados. Sharpe tentou não dar importância à preocupação de Harper, que vinha completar seus próprios pressentimentos sombrios. Começara a sentir que Valdelacasa tinha realmente um ar sinistro e Hogan não ajudava muito.

— Aquela é a Ponte dos Malditos — disse Hogan juntando-se a eles e apontando

para a ponte com a cabeça. — Deve ter sido um convento. Os mouros decapitaram todas as freiras. A história diz que as mataram na ponte, lançaram as suas cabeças na água mas deixaram os corpos apodrecer. Dizem que ninguém vive aqui, porque os espíritos caminham pela ponte de noite à procura das suas cabeças.

Os fuzileiros escutaram-no em silêncio. Quando Hogan acabou, Sharpe surpreendeu-se ao ver que o enorme sargento se benzia sub-repticiamente e supôs que passariam uma noite inquieta. Estava certo. A escuridão era total, não havia lenha na planície, e os homens não puderam acender fogueiras e, de madrugada, o vento trouxe nuvens que esconderam a Lua. Os fuzileiros montavam guarda no extremo sul da ponte, a margem em que os franceses andavam soltos, e foi uma noite de nervos em que as sombras pregavam partidas e as geladas sentinelas não tinham certeza se imaginavam os ruídos que tanto podiam ser das freiras decapitadas como das patrulhas francesas. Precisamente antes do amanhecer, Sharpe ouviu o ruído das asas de um pássaro seguido do piar de um mocho e pensou em dizer a Harper que, no fim de contas, havia pássaros. Contudo decidiu não fazê-lo; lembrou-se que se dizia que os mochos pressagiavam a morte e que a notícia teria preocupado ainda mais o irlandês.

Mas o novo dia, apesar de não ter trazido o regimento espanhol, que ainda devia estar na pousada, proporcionou um céu brilhante salpicado apenas por algumas nuvens altas e espalhadas que restavam da leve chuva da noite. Pancadas sonoras provinham da ponte onde os artífices de Hogan partiam à martelada o parapeito, no local escolhido para a explosão e as apreensões, noturnas pareciam não ser mais que um pesadelo. Os fuzileiros foram substituídos pela Companhia Ligeira de Lennox e, sem ter mais nada que fazer, Harper despiu-se e entrou na água.

— Isto está melhor. Há um mês que não tomo banho. Aconteceu alguma coisa, tenente? — perguntou olhando para Sharpe.

— Não há sinal deles. — Sharpe devia ter olhado fixamente para o horizonte, uma milha para o sul umas cinquenta vezes desde o amanhecer, mas não havia rastro dos franceses. Olhou para Harper, que saía pingando do rio e sacudia-se como um cão pastor. — Talvez não estejam aqui, tenente.

Sharpe balançou a cabeça.

— Não sei, sargento, pressinto que não estão longe daqui. — Virou-se para o outro lado do rio, para o caminho por onde tinham chegado no dia anterior.

— Ainda não se vêem os espanhóis.

— Talvez não apareçam — disse Harper enquanto se limpava.

Já tinha ocorrido a Sharpe a possibilidade de que todo o trabalho fosse feito antes de o regimento espanhol chegar a Valdelacasa e perguntava-se porque sentia ainda uma agitada inquietação a respeito daquela missão.

Simmerson tinha se portado com delicadeza, os artífices estavam trabalhando duramente e não se viam os franceses. O que podia acontecer de errado? Caminhou até a entrada da ponte e perguntou a Lennox:

— Alguma novidade?

— Está tudo calmo — respondeu o escocês, balançando a cabeça. — Creio que Sir Henry não terá batalha hoje.

— Queria combater?

— Está descejando — riu Lennox. — Creio que ele acha que Napoleão virá em pessoa.

Sharpe virou-se e olhou para baixo, para a estrada. Tudo permanecia imóvel.

— Não estão longe. Pressinto isso.

— Pensa que sim? — perguntou Lennox olhando para ele com ar sério. Pensava que éramos nós, os escoceses, que tínhamos um sexto sentido.

Virou-se e olhou para o horizonte vazio juntamente com Sharpe.

— Talvez tenha razão, Sharpe. Mas chegarão muito tarde.

Sharpe concordou e caminhou pela ponte. Esteve conversando com Knowles e Denny e, quando os deixou para se juntar a Hogan, pensou com tristeza no ambiente da messe de oficiais do South Essex. A maior parte dos oficiais apoiava Simmerson, os homens que primeiro tinham comprado a promoção na milícia. Não havia bom ambiente entre eles e os oficiais do exército regular. Sharpe gostava de Lennox, agradava-lhe a sua companhia, mas a maior parte dos oficiais pensava que o escocês era muito afável com ele, muito ao estilo dos fuzileiros. Leroy era um tipo decente, um americano unionista, mas guardava as suas idéias assim como o faziam os outros oficiais que tinham pouca confiança na capacidade do coronel. Sharpe tinha pena dos oficiais mais novos, que aprendiam o ofício em tal escola, e alegrava-se porque, assim que a ponte fosse destruída, os seus fuzileiros se afastariam do South Essex para encontrarem uma companhia semelhante à sua.

Hogan estava metido num buraco até o pescoço. Sharpe olhou para baixo e viu, entre o entulho, as pedras da parte curva dos arcos.

— Que quantidade de pólvora vai pôr?

— Toda que houver! — Hogan estava satisfeito, era um homem que gostava do seu trabalho. — Isto não é fácil. Esses romanos construíam bem. Vê aqueles blocos? — perguntou apontando as pedras dos arcos que estavam à vista. — Foram todos talhados e cortados no lugar onde estão. Se puser uma carga em cima de um destes arcos provavelmente vou reforçar ainda mais a maldita ponte! Não posso pôr a pólvora por baixo, com muita pena minha.

— Porquê?

— Não temos tempo, Sharpe, não temos tempo. Vai conter a explosão. Se puser esses barris por baixo do arco, a única coisa que vou fazer é espantar os peixes. Não. Vou fazer o contrário.

Estava falando em parte para consigo mesmo, com a mente cheia de pesos de pólvora e medidas de mecha.

— O contrário?

— Por assim dizer — respondeu Hogan coçando o rosto sujo. — Estou descendo até ao estribo e então farei voar lateralmente a maldita ponte. Se funcionar, Sharpe, derrubará dois arcos em vez de um.

— Funcionará?

— Deve funcionar! — sorriu Hogan. — Será uma detonação dos diabos, isso eu garanto.

— Quanto falta?

— Estarei pronto dentro de duas horas. Talvez antes. — Hogan escorregou para fora do buraco e ficou junto de Sharpe.

— Vamos trazer a pólvora aqui para cima. — Virou-se para o convento, pôs as mãos em concha em frente à boca e ficou imóvel. Os espanhóis tinham chegado, com as trombetas à frente, os pavilhões ao vento e a infantaria com casacas-azuis atrás em desordem.

— Louvados sejam — disse Hogan. — Já posso dormir descansado.

O regimento espanhol marchava para o convento, passaram pela frente do South Essex que fazia instrução no campo e continuaram. Sharpe esperava ordens que fizessem deter os espanhóis, mas não foram dadas. Em vez disso, os trombeteiros dirigiram os cavalos para a ponte, os pavilhões seguiram-nos, depois os oficiais gloriosamente fardados e por fim a infantaria.

— Que diabos estão fazendo? — perguntou Hogan, afastando-se para um dos lados da ponte.

O regimento passou com cuidado pela parte destroçada e em frente ao buraco que Hogan tinha aberto. O oficial de engenharia fez sinais com as mãos.

— Vou fazê-la voar! Bum! Bum!

Não fizeram caso dele. Hogan tentou dizê-lo em espanhol, mas os homens continuaram a desfilar. Incluindo o sacerdote e as três damas vestidas de branco rodearam cuidadosamente com as suas montarias o buraco de Hogan, dirigindo-se à margem sul, onde o capitão Lennox tinha mandado retirar rapidamente do caminho a Companhia Ligeira. O regimento era seguido por Simmerson, furioso, que tentava averiguar que diabos se estava a acontecer. Hogan balançou a cabeça aborrecido.

— Se fôssemos só nós dois, Sharpe, estaríamos de volta a essa hora. — Fez sinal aos seus homens para que tirassem os barris de pólvora do buraco.

— São nossos aliados, lembre-se disso.

Hogan limpou a testa.

— Simmerson também é.

— Ficarei contente quando isto acabar — disse, voltando para a sua escavação.

Os barris chegaram e Sharpe deixou que Hogan comprimissem bem a pólvora na base dos arcos. Regressou à margem sul, onde os seus fuzileiros esperavam e olhavam como o Santa Maria desfilava formando uma longa fila pelo caminho que conduzia ao horizonte distante.

Lennox sorriu enquanto desmontava do cavalo.

— O que lhe parece isto, Sharpe? — perguntou, apontando para os espanhóis que enfrentavam decididos um horizonte vazio.

— O que estão fazendo?

— Disseram ao coronel que o seu dever era atravessar a ponte! Tem qualquer coisa a ver com o orgulho espanhol. Como nós chegamos primeiro, eles têm que chegar mais longe — disse ao mesmo tempo que tocava no chapéu para cumprimentar Simmerson que voltava a atravessar a ponte.

— Sabe o que ele pretende fazer?

— Quem? Simmerson? — perguntou Sharpe enquanto olhava para o coronel em retirada.

— Sim. Pretende levar todo o batalhão para o outro lado.

— O quê?

— Se eles atravessam, nós também — riu Lennox. — Um louco, isso que ele é.

Ouviram-se gritos dos fuzileiros de Sharpe e este dirigiu a vista para onde eles apontavam as armas no horizonte.

— Vê alguma coisa?

— Absolutamente nada — respondeu Lennox olhando fixamente. Um relâmpago.

— Além!

Sharpe subiu para o parapeito e rebuscou a mochila à procura do seu único pertence valioso, um telescópio construído por Matthew Berge em Londres. Não fazia idéia do seu valor mas suspeitava que tinha custado no mínimo trinta guinéus. Tinha uma placa curva de bronze no tubo de nogueira e uma inscrição gravada sobre a placa que dizia: “com GRATIDÃO AW. 23 DE SETEMBRO, 1803.” Lembrava-se dos penetrantes olhos azuis que olharam para ele quando lhe foi entregue o telescópio. “Recorde-se, senhor Sharpe, os olhos de um oficial são mais valiosos do que a sua espada!”

Abriu o tubo de repente e retirou os protetores de bronze da lente.

A imagem dançava no vidro, conteve a respiração para manter os braços quietos e

movimentou o tubo lateralmente para obter uma boa panorâmica. Maldito tubo! Não parava quieto.

— Pendleton!

O jovem fuzileiro, às ordens de Sharpe, aproximou-se da ponte, saltou para o parapeito e baixou-se de modo a que o tenente pudesse apoiar o telescópio no seu ombro. O horizonte saltou e ele moveu suavemente a lente para a direita. Nada, exceto erva e mato. A cor fazia brilhar o ar sobre a vertente suave enquanto o telescópio perscrutava o horizonte.

— Vê alguma coisa, tenente?

— Fique quieto, maldito!

Virou a lente para trás, concentrando-se no local em que o caminho branco e poeirento se unia com o céu. Então, de repente, como o ator que surge de um alçapão do cenário, alguns cavaleiros perfilaram-se no monte. Pendleton arquejou, a imagem moveu-se, mas Sharpe conseguiu captá-la. Uniformes verdes, um único cinto cruzado. Fechou o óculo e levantou-se.

— Caçadores.

Ouviu-se um murmúrio que provinha do regimento espanhol, os homens davam cotoveladas e apontavam para o alto da colina. Sharpe dividiu mentalmente a linha pela metade, mais uma vez pela metade e contou as silhuetas distantes em grupos de cinco. Lennox aproximava-se a cavalo.

— Duzentos, Sharpe?

— Creio que sim.

Lennox brincava nervoso com o punho da espada.

— Não nos incomodarão — disse em tom preocupado.

Apareceu uma segunda linha de cavaleiros. Sharpe abriu de novo o tubo e apoiou-o no ombro de Pendleton. Os franceses estavam fazendo uma aparição teatral; duas linhas de cavalaria, com duzentos homens cada uma, caminhando lateralmente para a ponte. Através da lente, Sharpe viu as carabinas penduradas nos ombros e um vulto obscuro junto ao estribo em que o cavaleiro tinha atado uma rede cheia de feno para o cavalo. Levantou-se mais uma vez e disse para Pendleton que descesse de um salto.

— Vão combater, tenente?

Tal como Lennox, o rapaz estava impaciente por dar início a uma refrega com os franceses. Sharpe balançou a cabeça.

— Não vão se aproximar mais. Estão simplesmente olhando. Não vão ganhar nada se nos atacarem.

Quando Sharpe tinha sido enclausurado com Lawford na masmorra de Tippoo, o tenente tinha tentado ensinar-lhe a jogar xadrez. Fora um esforço em vão. Nunca

conseguia se lembrar que pedra representava determinada peça e os carcereiros tinham chegado a pensar que a quadrícula rabiscada no chão tinha qualquer relação com magia. Foram castigados e o tabuleiro desapareceu. Mas Sharpe lembrava-se da expressão “empate.” Era essa a posição naquele momento. Os franceses não podiam causar dano à infantaria e a infantaria não podia causar dano aos franceses. Simmerson conduzia o resto do batalhão pela ponte, fazendo-o passar com cuidado pela frente do desesperado Hogan e das suas escavações. Não importava quantos homens tivessem os aliados. A cavalaria era muito rápida, os soldados a pé nunca chegariam a se aproximar dela. E, se a cavalaria decidisse atacar, seria aniquilada pelas terríveis descargas a curta distância e qualquer cavalo que sobrevivesse às balas se afastaria ou empinaria em vez de galopar contra as fileiras bem cerradas e eriçadas de pontas de aço. Hoje não haveria combate. Simmerson não pensava assim. Satisfeito, agitou para Lennox a espada desembainhada.

— Já os temos, Lennox! Já os temos!

— Sim, Coronel.

Lennox parecia triste, teria gostado de lutar.

— Será que este louco não percebe que não vão nos atacar? Acredita por acaso que vamos nos movimentar pesadamente pelo campo como uma vaca caçando uma raposa? Maldito! Já fizemos o nosso trabalho, Sharpe. Minamos a ponte e dentro de uma hora tudo isto terá acabado.

— Lennox! — gritou Simmerson, que estava como peixe na água. — Forme a sua companhia à direita! A companhia de Sterritt protegerá a ponte e se não se importa levarei emprestado o senhor Gibbons como meu ajudante-de-campo.

— O senhor fica ganhando, tenente — comentou ele sorrindo na brincadeira para Sharpe. — Ajudante-de-campo! Acha que está lutando na Batalha de Blenheim! O que faria, Sharpe?

— Não me convidaram — respondeu Sharpe devolvendo-lhe o sorriso. — Observarei os seus galantes esforços. Divirta-se!

A cavalaria detivera-se a meia milha e estava alinhada junto à estrada, as caudas dos cavalos sacudiam as inúmeras moscas. Sharpe interrogava-se sobre o que lhes devia parecer a cena que tinham pela frente; os espanhóis avançando atabalhoadamente em quatro fileiras, oitocentos homens cercando as bandeiras, caminhando em direção a quatrocentos cavaleiros franceses enquanto, na ponte, outros oitocentos homens a pé se preparavam para avançar.

Simmerson reuniu os seus comandantes de companhia e Sharpe ouviu como lhes dava as ordens. O South Essex ia formar em linha, em quatro filas como os espanhóis, e avançar por trás deles.

— Esperemos até ver o que faz o inimigo, cavalheiros, e nos movimentaremos conforme ele atuar! Desfraldem os pavilhões!

Lennox piscou o olho a Sharpe. Era grotesco que dois desajeitados regimentos a pé pensassem que podiam atacar quatrocentos cavaleiros que saltariam pelo caminho,

rindo do esforço deles para alcançá-los. Provavelmente o comandante francês não acreditaria no que estava acontecendo e, pelo menos, iam proporcionar-lhe uma história divertida para contar quando se reunisse ao exército de Victor. Sharpe perguntava-se sobre o que Simmerson iria fazer quando fosse evidente que os franceses não iam atacar. Provavelmente o coronel afirmaria que espantara o inimigo. Os alferes retiraram as capas de couro das bandeiras do South Essex, desfraldaram-nas e içaram-nas. Pareciam até airosas no meio daquela comédia e Sharpe sentiu uma picada de lealdade que lhe era familiar. A primeira que içaram foi a do rei, uma grande bandeira do Reino Unido com o número do regimento no centro e, ao lado, o estandarte do South Essex, uma bandeira amarela com o escudo e a bandeira do Reino Unido bordada no canto superior. Era impossível ver as bandeiras desfraldadas, o sol da manhã brilhava sobre elas e não se mexiam. Mas elas eram o regimento; mesmo que só restasse um punhado de homens no campo de batalha e os restantes tivessem sido massacrados, o regimento ainda existiria se as bandeiras ondulassem e desafiassem o inimigo. Era o ponto de reunião entre a fumaça e o caos da batalha, mas mais que isso, havia homens que dificilmente combateriam pelo rei de Inglaterra e pelo país, mas lutariam pelas bandeiras, pela honra do seu regimento, pelas chamativas bandeiras que custavam poucos guinéus e eram levadas para o centro da linha pelos porta-bandeiras mais novos, protegidos por sargentos veteranos armados com grandes lanças de aço duro. Sharpe vira homens empunhando bandeiras nas batalhas, substituindo os mortos, retomando as bandeiras, mesmo sabendo que se converteriam então no alvo principal do inimigo. A honra era tudo. As bandeiras do South Essex eram novas e brilhantes, a do regimento, que não tinha participado em qualquer batalha, não estava rota por balas ou cartuchos, mas, ao vê-la, Sharpe sentiu uma repentina emoção e transformou a farsa das loucas esperanças de Simmerson numa questão de honra.

O South Essex seguiu o regimento espanhol até os cavaleiros. Tal como a dos espanhóis a linha dos britânicos media cento e cinquenta jardas de largura, as quatro fileiras terminavam com as baionetas, os oficiais da companhia cavalgavam ou caminhavam com as espadas desembainhadas. Os espanhóis detiveram-se a umas quatrocentas jardas à frente, caminho acima, e Simmerson não teve outro remédio senão mandar o batalhão parar para averiguar o que os espanhóis pretendiam. Hogan aproximou-se de Sharpe e apontou com a cabeça para os dois regimentos.

— Não vai se juntar à batalha?

— Creio que é uma festa privada. O capitão Sterritt e eu estamos protegendo a ponte.

Sterritt, um homem simpático, sorriu nervosamente a Sharpe e a Hogan. Tal como o seu coronel sentia-se aterrado perante o aspeto daqueles militares veteranos e secretamente assustado que o inimigo pudesse ser tão duro e descuidado como o fuzileiro e o oficial de engenharia. Hogan estava limpando as mãos com um trapo e Sharpe perguntou-lhe se já tinha acabado o trabalho.

— Já está tudo pronto. Dez barris de pólvora bem apertados, as mechas colocadas e o buraco tapado. Tão depressa esses garbosos soldados saíam, de uma vez por todas, do meu caminho, poderei comprovar se funciona ou não. O que está acontecendo

agora?

Os espanhóis estavam formando em quadrado. Um bom batalhão podia mudar de linha para quadrado em trinta segundos, mas os espanhóis demoraram quatro vezes mais. Era a formação adequada para enfrentar um ataque de cavalaria, mas já que os franceses não mostravam qualquer inclinação de carregar contra uma força quatro vezes superior em número, as evoluções dos espanhóis eram completamente desnecessárias. Sharpe reparou que os oficiais e sargentos insistiam e obrigavam os seus homens a formar o que parecia ser mais ou menos um quadrado, um quadrado ligeiramente irregular, mas serviria.

Sharpe lembrou-se das três mulheres. Não as viu com o regimento espanhol, olhou em volta e descobriu-as observando decorosamente da margem. Uma delas reparou no seu olhar e levantou a mão enluvada.

— Felizmente os franceses não têm canhões.

— Tinha me esquecido desse rumor — disse Hogan arqueando as sobrancelhas.
— Vai animar as coisas.

Não havia combinação mais mortífera para os homens a pé do que a cavalaria com a artilharia. A infantaria formada em quadrado estava completamente a salvo da cavalaria; a única coisa que os cavaleiros podiam fazer era cavalgar à volta da formação atacando inutilmente com as baionetas. Mas se a cavalaria estivesse apoiada por canhões, o quadrado convertia-se numa armadilha mortal. A metralha abria buracos nas fileiras, a cavalaria entraria e atacaria com os sabres. Sharpe perscrutou o horizonte. Não havia canhões.

Simmerson observara que o regimento espanhol formava em quadrado. Estava obviamente espantado. Devia ter-lhe ocorrido que ele não podia atacar os franceses, assim os franceses deviam atacá-lo.

Houve uma pausa no processo. Os espanhóis haviam formado o seu quadrado irregular à direita do caminho; Simmerson com fantástica precisão deu ordens e o South Essex demonstrou, à esquerda, como um batalhão devia formar em quadrado. Mesmo a meia milha, Sharpe viu que os cavaleiros aplaudiam ironicamente.

Agora havia dois quadrados, os espanhóis mais perto dos franceses e nem mesmo assim os cavaleiros fizeram qualquer movimento. O tempo passou. O Sol elevou-se no céu, o prado estremeceu com a confusão, os cavalos franceses baixaram o pescoço e começaram a comer erva. O capitão Sterritt, que defendia a ponte com a sua companhia, queixou-se:

— Porque não atacam?

— O senhor atacaria? — perguntou Sharpe.

Sterritt estava confuso. Sharpe compreendia porquê. Simmerson sentia-se cada vez mais ridículo, tinha marchado para a batalha com a espada desembainhada e as bandeiras desfraldadas e o inimigo resistia a lutar. Era virtualmente impossível marchar ordenadamente numa formação em quadrado; podia fazê-lo o lado que comandava, pois

marchava em frente, mas as alas laterais tinham de caminhar de lado e a linha do fundo tinha que fazer marcha-ré, todos lutando, rodeados por cavaleiros. Não era impossível, Sharpe já o tinha feito, mas só quando a sobrevivência dependia do impossível e os homens encontravam maneira de o fazer. Podia voltar a pedir a formação em linha mas então pareceria ainda mais ridículo ter formado em quadrado para nada. Então Simmerson ficou onde estava e os franceses continuaram a olhar, muitíssimo espantados ante as estranhas palhaçadas dos inimigos.

— Alguém tem de fazer alguma coisa! — exclamou o capitão Sterritt franzindo as sobrelhas, desconcertado. — A guerra não devia ser assim! Era glória e vitória, não aquela humilhação.

— Alguém está fazendo alguma coisa — disse Hogan apontando com a cabeça para o South Essex. Tinha saído um cavaleiro do quadrado e galopava para a ponte.

— É o tenente Gibbons.

Sterritt saudou com a mão o sobrinho do seu coronel, que deteve bruscamente o cavalo. Tinha o rosto austero, invadido pela seriedade do momento. Baixou os olhos para Sharpe.

— Deve apresentar-se ao coronel.

— Porquê?

— O coronel solicita sua presença — disse Gibbons com ar surpreso. — Já! Hogan tossiu.

— O tenente Sharpe está sob as minhas ordens. Porque o coronel o solicita?

Gibbons apontou o braço em direção aos franceses estáticos.

— Necessitamos de uma linha de atiradores, Sharpe, algo que leve os franceses à ação.

Sharpe balançou a cabeça.

— Para que distância à frente do quadrado acha que devo levar os meus homens? — perguntou em tom educado.

— Suficientemente próximo para que a cavalaria se desloque — respondeu Gibbons encolhendo os ombros.

— Não vou me mexer. Seria uma loucura! — Gibbons ficou olhando para Sharpe.

— Como disse?

— Não vou matar os meus homens. Se me puser a mais de cinquenta jardas desse quadrado, os franceses nos caçam como lebres. Não sabe que os atiradores se retiram perante a cavalaria?

— Venha de uma vez por todas, Sharpe? — disse Gibbons em tom de ultimato.

— Não.

O tenente voltou-se para Hogan.

— Capitão? Ordena ao tenente Sharpe que obedeça?

— Escute, meu rapaz — disse Hogan e Sharpe notou que acentuara a sua pronúncia irlandesa —, diga da minha parte ao seu coronel que, quanto mais depressa regresse pela ponte, mais depressa poderemos lhe fazer um buraco e mais depressa podemos voltar para casa. Eu não vou dar ordens ao tenente Sharpe para que se suicide. Bom dia, tenente.

Gibbons fez o cavalo dar meia volta puxando as rédeas e cravou esporas de ambos os lados, gritou algo ininteligível para Sharpe e Hogan, e galopou de volta ao imponente quadrado levantando nuvens de poeira.

Sterritt voltou-se para eles espantado.

— Não podem desobedecer a uma ordem!

Hogan perdeu a paciência, Sharpe nunca tinha visto o irlandês tão zangado, mas os acontecimentos tinham-no exasperado.

— Não compreende, desgraçado? Não sabe o que é uma linha de atiradores? É uma linha de homens dispersos em frente do inimigo. Eles o caçariam como espantalhos! Meu Deus! Quem você acha que é?

Sterritt ficou branco, perante a ira de Hogan. Tentou acalmar o oficial de engenharia.

— Mas alguém tem de fazer alguma coisa.

— Tem toda razão. Tem que voltar para a maldita ponte e não nos fazer perder mais tempo!

Alguns homens da companhia de Sterritt começaram a rir dissimuladamente.

Sharpe estava perdendo a paciência. Não se importava que o assunto fosse seu ou não.

— Silêncio!

Produziu-se um silêncio embaraçoso no extremo da ponte, apenas quebrado pelo riso tonto das três mulheres espanholas.

— Podemos começar por elas.

Hogan virou-se para elas e gritou em espanhol. Olharam para ele, olharam umas para as outras, mas ele voltou a gritar com insistência. Renitentes, conduziram os cavalos pela frente dos fuzileiros e dos oficiais e voltaram para a margem norte.

— São menos três para atravessar a ponte. Já deve ser meio-dia — disse Hogan olhando para o céu.

Os franceses deviam estar tão aborrecidos como os outros. Sharpe ouviu as notas de um clarim e viu que formavam em quatro esquadrões. No entanto estavam de frente para a ponte; o esquadrão principal estava umas trezentas jardas para além do quadrado espanhol. Em vez de duas linhas compridas formaram eficientemente em fileiras de dez homens, o comandante saudou ironicamente os quadrados com a espada e deu ordens para se movimentarem. Os cavaleiros iam a trote, seguindo em círculos na direção dos espanhóis, continuaram a dar voltas, estavam virando para marcharem para o alto da colina, para leste, onde se reuniriam com o marechal Victor e o seu exército à espera do avanço de Wellesley.

O desastre começou quando os franceses estavam no ponto mais próximo em que o seu amplo círculo os tinha colocado em relação ao regimento de Santa Maria. Por frustração ou por orgulho, mas com estupidez total, o coronel espanhol deu ordem de fogo. Todos os mosquetes em condições de disparar explodiram entre chamas e fogo e as balas perderam-se inutilmente. Um mosquete era eficaz, com algum otimismo, a cento e cinquenta jardas; a duzentas jardas, a distância entre os franceses e os espanhóis, a descarga era simplesmente inútil. Sharpe só viu cair dois cavalos.

— Oh meu Deus! — exclamou em voz alta.

O que aconteceu depois foi simples questão matemática. Os espanhóis tinham disparado a sua descarga e demorariam pelo menos vinte segundos para recarregar. Um cavalo a galope podia percorrer duzentas jardas em menos tempo. O coronel francês não duvidou. A sua coluna estava de lado para os espanhóis, o clarim tocou, e com fantástica precisão os franceses passaram de uma coluna de quarenta fileiras de dez homens cada uma a dez linhas de quarenta homens. As duas primeiras entraram diretamente a galope, com os sabres desembainhados, as outras iam atrás a trote ou a passo. No entanto não tinham por que sair vitoriosos. Um quadrado de infantaria, mesmo com os mosquetes descarregados, era insensível a tal ameaça. Tudo o que os homens tinham de fazer era ficarem quietos e manterem as baionetas firmes, e os cavalos se desviariam, correriam para as partes laterais do quadrado e seriam derrubados pelos mosquetes carregados dos lados e do fundo da formação.

Sharpe correu alguns passos para a frente. Com terrível certeza sabia o que ia acontecer. Os soldados espanhóis, assustados, apontavam mal. Tinha feito uma descarga aterradora pelo ruído e pela fumaça, mas de repente tinham o inimigo em cima, os cavalos mostravam os dentes entre os mantos de fumaça dos mosquetes, os cavaleiros gritavam com os sabres ao alto e galopavam diretamente para eles. Os espanhóis quebraram a formação como contas caídas de um rosário partido. Os franceses lançaram outras duas linhas de cavalaria quando a primeira chocou contra a massa tomada pelo pânico. Os sabres baixavam, levantavam-se ensanguentados e voltavam a cair.

Os caçadores estavam literalmente abrindo caminho entre o quadrado compacto, os cavalos não conseguiam movimentar-se entre o aglomerado de homens que gritavam. A terceira linha francesa desviou-se, corrigiu e carregou contra os espanhóis que tinham quebrado a formação e corriam desesperadamente. Os espanhóis largaram os mosquetes e correram em direção ao South Essex para se pôr a salvo.

Tinham os franceses entre eles, cavalgando junto aos homens que corriam, golpeando habilmente as cabeças e os ombros dos fugitivos. Atrás deles mais linhas de cavalaria trotavam joelho com joelho para o ataque. Os sabres franceses baixavam à direita e à esquerda, mais espanhóis deixaram a massa, as bandeiras baixaram, corriam a toda a velocidade para o quadrado britânico procurando desesperadamente a segurança. O South Essex não via o que se estava acontecendo, apenas os espanhóis que se dirigiam a eles e os cavaleiros soltos entre o pó que se levantava.

— Fogo! Dispare, idiota — disse Sharpe.

Simmerson tinha uma chance de sobreviver. Tinha de tirar os espanhóis do caminho, de contrário os fugitivos irromperiam no seu próprio quadrado e deixariam passar os cavaleiros atrás deles. Não fez nada. Com um gemido, Sharpe viu que os espanhóis alcançavam as fileiras vermelhas e afastavam as baionetas para os lados enquanto corriam para se pôr a salvo. O South Essex cedeu terreno, abriu-se para deixar entrar os homens desesperados para o buraco central, o primeiro francês alcançou as fileiras, ergueu o sabre e foi derrubado da sela por um tiro de mosquete. Sharpe viu o cavalo cambalear pelos ferimentos de bala, cair de lado sobre o quadrado e arrastou as quatro filas. Outro cavaleiro chegou até à brecha, golpeando à direita e à esquerda, mas também foi derrubado do cavalo por um tiro. Então tudo acabou. Os franceses entraram na brecha, o quadrado dispersou-se, os homens misturaram-se com os espanhóis e correram. Desta vez, só havia um lugar para onde ir. A ponte. Sharpe gritou para Sterritt.

— Tire a sua companhia do meio!

— O quê?

— Mexa-se! Vá, homem, mexa-se!

Se a companhia ficasse na ponte os fugitivos a arrastariam

Sterritt montou o cavalo e abriu a boca olhando para Sharpe, aturdido e aflito pela tragédia que tinha diante de si. Sharpe virou-se para os seus homens.

— Por aqui! Rápido!

Harper estava ali. Harper era de confiança. Sharpe mandava e os homens seguiam-no, mas Harper sabia conduzi-los. Sharpe desatou a correr com Hogan a seu lado.

— Volte, Capitão!

— Vou com você!

— Não. Quem explodirá a ponte?

Hogan desapareceu. Sharpe não fez caso do caos que tinha à direita, desceu correndo até à margem, contando os passos. A setenta passos considerou que já tinham se afastado o suficiente. Sterritt tinha desaparecido. Voltou-se para os seus homens.

— Alto! Três fileiras!

Os seus fuzileiros estavam ali, não tinham precisado de ordens. Atrás dele ouviam-se gritos, o som ocasional de um ou outro mosquete, mas sobretudo o som de cascos e de espadas que caíam. Não se virou. Os homens do South Essex ficaram observando-o ao passarem pela frente dele.

— Olhem para mim! — Olharam. Ereto e tranquilo. — Não estão em perigo. Façam simplesmente o que eu disser. Sargento!

Harper sorriu brincalhão. Havia que chamar os homens da companhia de Sterritt. O grande irlandês foi passando pelas fileiras, obrigando os homens a desviar os olhos da carnificina e a olhar para os seus mosquetes. Um dos homens, lívido de medo, levantou os olhos para o enorme sargento.

— O que vai acontecer, Sargento?

— O que vai acontecer? Você vai ganhar o teu soldo, rapaz. Vai combater.

O sargento percorreu as fileiras com os olhos e riu. Sharpe tinha salvo oitenta mosquetes e trinta espingardas da derrota e os franceses, que Deus os abençoasse, iam ter luta.

CAPÍTULO VII

Foi uma carnificina. Quinze minutos antes, mil e seiscientos homens de infantaria tinham alinhado num campo, dirigidos e organizados; agora a maior parte deles corria para a ponte, largavam os mosquetes, as mochilas, qualquer coisa que pudessem torná-los mais lentos e trazer para mais próximo dos seus calcanhares os metódicos sabres dos franceses. O coronel francês era bom. Concentrou alguns dos seus homens sobre os fugitivos, fazendo-os correr a trote, virando para a direita e para esquerda com a mesma facilidade que num campo de treinos, conduzindo a massa tomada pelo pânico para o matadouro que era a entrada da ponte. Mais cavaleiros receberam ordens de ir contra o que restava do quadrado britânico, um tropel de homens, lutando desesperadamente à volta das suas bandeiras, mas Sharpe viu mais cavalaria, que permanecia imóvel em duas fileiras. Os franceses reservavam algo que se pudesse enviar para manter o ataque ou para quebrar qualquer resistência repentina da infantaria. Não havia motivo para defender a ponte. Já estava bem protegida dos franceses pela massa turbulenta de homens que lutavam para se porem duvidosamente a salvo. Sharpe calculou que cerca de mil homens tentavam escapular por uma estrada com largura apenas para uma carroça. A visão era absurda. Sharpe já tinha visto o pânico no campo de batalha, mas nunca como ali. Menos de cem cavaleiros levaram um número dez vezes maior de homens a uma fuga horrível. A multidão da ponte não avançava, a pressão dos corpos era grande demais, mas os espanhóis e os britânicos lutavam e agitavam-se, arranhavam e empurravam, desesperados para escaparem dos caçadores que cortavam os flancos da massa. Mesmo os que conseguiam abrir caminho até à ponte não estavam a salvo. Sharpe vislumbrou homens que caíam na água no lugar em que a ponte estava quebrada e onde Hogan derrubara os parapeitos. Outros, acossados pelos sabres, uniam-se à cauda da multidão. Os franceses não tinham qualquer chance de abrir caminho a golpes de sabre por entre aquela imensa barreira de ossos e carne; nem sequer tentavam chegar à ponte. Em vez disso, os caçadores mantinham o pânico em ebulição, de modo que os homens não tivessem possibilidade de formar outra vez e virarem-se contra os perseguidores com os mosquetes carregados e as baionetas levantadas. Os cavaleiros quase se detinham ao desferir os golpes com o sabre. Sharpe viu um homem atacar alegremente os fugitivos com a quilha da espada. Custa matar um homem, sobretudo se leva mochila e está de costas. Os cavaleiros inexperientes descreviavam com as espadas arcos impressionantes que caíam em golpe sobre as costas dos soldados; a vítima seria derrubada e descobriria surpresa que a sua ferida consistia simplesmente numa mochila e um capote rasgados. Os caçadores veteranos esperavam até se encontrarem ao lado do alvo e então golpeavam para trás o rosto desprotegido, e Sharpe sabia que haveria muito mais feridos do que mortos, terrivelmente feridos, rostos mutilados por lâminas, cabeças abertas até o osso. Virou-se para frente.

Ali sim, tinha lugar um verdadeiro combate. As bandeiras do South Essex ainda ondulavam, apesar dos homens que estavam à volta não manterem a imagem de uma verdadeira formação. Tinham sido obrigados a formar um anel infernal, acossados por trás, pelos cavaleiros e lutavam contra os sabres e os cascos com a espada e a baioneta.

Era uma luta desesperada. Os franceses tinham lançado a maior parte dos seus homens contra o pequeno grupo; talvez não tivessem qualquer chance de capturar a ponte mas, no meio daquela roda aterrada, havia uma grande recompensa. As bandeiras. Para os franceses abandonarem o campo tendo capturado as bandeiras do regimento era cavalgar para a glória, converterem-se em heróis, saber que aquela história seria contada por toda a Europa. O homem que capturasse as bandeiras poderia pedir o que quisesse como recompensa, dinheiro, mulheres ou promoção, e os caçadores tentavam romper a resistência dos britânicos com uma fúria selvagem. O South Essex repelia o ataque com grande desespero, os seus esforços eram guiados pela determinação fanática de que as bandeiras não caíssem. Perdê-las era a pior das desgraças.

Sharpe só levou alguns segundos para compreender o caos absoluto que tinha pela frente; não lhe restava outra opção, avançaria para as bandeiras esperando que o anel de sobreviventes agüentasse o ataque dos cavaleiros tempo suficiente, até que a sua companhia os tivesse ao alcance dos mosquetes e das baionetas. Virou-se para eles. Harper fizera um bom trabalho. Os fuzileiros estavam espalhados entre as fileiras para conterem os nervos destroçados dos homens da companhia de Sterritt. Os homens de casaca verde sorriram amplamente a Sharpe. Os homens de vermelho estavam aterrados e nervosos. Sharpe reparou que Harper tinha colocado uma fileira de fuzileiros em cada extremo da companhia, eram os flancos que seriam os pontos fracos da formação e apenas nervos bem temperados e baionetas rígidas deteriam os cavaleiros atacantes. Dois tenentes nervosos foram empurrados para o interior das fileiras e, tal como os outros homens da companhia de Sterritt, pestanejavam ao ver a multidão junto à ponte.

Queriam correr, queriam pôr-se a salvo na outra margem, mas Sharpe também viu dois sargentos firmes que já tinham estado em outras batalhas e esperavam as ordens com tranquilidade.

— Vamos para frente. Para as bandeiras. — Alguns rostos empalideceram de medo.

— Não há nada a temer. Desde que se mantenham em formação. Entendido? Devem manter a formação.

Falou calmamente, mas com firmeza. Alguns homens continuaram a olhar para os fugitivos da ponte.

— Se alguém romper as fileiras, vocês dispararão.

Agora sim, olhavam para ele. Harper esboçou um largo sorriso.

— E ninguém disparará sem eu ter dado a ordem. Ninguém. — Tinham compreendido. Tirou a espingarda do ombro, atirou-a a Pendleton e desembainhou a sua espada mortal.

— Em frente!

Deu alguns passos em frente, ouvindo Harper que gritava para a formação marcando o ritmo do avanço. Apressou-se. Não tinham muito tempo e sabia que as primeiras duzentas jardas seriam muito fáceis. Avançaram pelo descampado plano e sem

cavaleiros que estorvassem. O mais difícil seriam os últimos cem passos, em que a companhia deveria se manter em formação enquanto fosse pisando os mortos e os feridos. Então os franceses perceberiam o perigo e os desafiariam. Perguntava-se quanto tempo teria decorrido desde a carga fatal dos espanhóis; talvez só tivessem sido alguns minutos mas, de repente, estava sentindo de novo as sensações do combate. Sentiu um desinteresse que lhe era familiar, sabia que duraria até à primeira descarga ou explosão, e fixava-se em detalhes irrelevantes; parecia que o chão se movimentava debaixo dos seus pés em vez de ser ele a caminhar pela terra poeirenta e gretada de princípio de Verão. Via cada uma das raras folhas de erva pálida e que havia formigas correndo à volta de montinhos brancos de excrementos. A luta à volta das bandeiras parecia muito distante, os sons chegavam abafados, e ele queria cobrir essa distância. Deram-se as primeiras mostras de excitação, de júbilo até, ante a proximidade da batalha. Alguns homens sentiam-se entusiasmados pela música, outros pelo comércio; havia homens que gostavam de trabalhar a terra, mas Sharpe fora feito para aquilo. Para o perigo do combate. Tinha sido soldado durante metade da sua vida, conhecia o desânimo, as injustiças, conhecia os olhares meio compadecidos dos homens cujos negócios lhes permitiam dormir a salvo durante a noite, mas não conheciam isto. Sabia que nem todos os soldados sentiam, poderia envergonhar-se se pensasse nisso, e não era aquele o momento.

Os franceses estavam sendo reprimidos. Alguém tinha organizado os sobreviventes do grupo britânico; havia uma primeira ala ajoelhada, com os mosquetes cravados na erva, as baionetas à altura do peito dos cavalos. Os sabres golpeavam sem qualquer efeito os mosquetes angulosos, ouviavam-se gritos, guinchos de homens e de cavalos, e as bandeiras foram rodeadas por um manto de fumaça de pólvora com clarões de chama e aço. Enquanto caminhava, com a grande espada na mão, via cavalos sem cavaleiros que trotavam à volta da massa confusa de caçadores que tinham sido feridos ou derrubados das selas. Alguns franceses iam a pé, golpeando com as espadas ou mesmo derrubando com as mãos nuas as fileiras britânicas. Um oficial do South Essex obrigou o cavalo a sair do anel, as filas fecharam-se imediatamente atrás dele. Não levava chapéu, o rosto estava irreconhecível por baixo de uma máscara de sangue. Lançou o cavalo à carga e arremeteu com a espada delgada e direita contra o corpo de um caçador. A espada ficou presa. Sharpe viu-o puxá-la pelo punho, o seu fanatismo louco transformou-se em medo e num instante um francês mostrou como se devia fazer, atravessando o peito do inglês com a lâmina curva do sabre, retirando-a com facilidade enquanto o oficial de casaca vermelha caía junto com a sua vítima. Outro caçador, a pé, golpeava às cegas entre as fileiras intransponíveis. Um soldado aparou o golpe, picou para frente com a baioneta e o francês morreu. Bem feito, pensou Sharpe, há sempre alguém melhor.

Tocou um clarim. Olhou para a direita e viu que a retaguarda francesa se adiantava. Avançavam deliberadamente para a carnificina à volta das bandeiras. Não tinham sabre e Sharpe compreendeu o que o coronel francês pensava fazer. O quadrado britânico, ou o que dele restava, tinha agüentado e os sabres da cavalaria ligeira não podiam fazê-lo dispersar. Mas os caçadores, ao contrário das outras cavalarias, usavam carabinas e planejavam fazer uma descarga de perto contra as duas fileiras de casacas-vermelhas, o que as destroçaria e permitiria que as espadas penetrassem até o centro.

Apressou o passo, mas sabia que não chegariam às bandeiras antes da cavalaria e observou, incomodado, como com meticulosa disciplina alguns dos espadachins afastavam os cavalos do quadrado infernal para oferecerem campo de tiro par as carabinas. Os cavaleiros marchavam com cuidado entre os mortos e os feridos. Sharpe viu que os britânicos carregavam febrilmente os mosquetes, cortando os nós com as lâminas das baionetas quando atacavam os canos com as cargas, mas já era muito tarde. Os franceses detiveram-se, dispararam, avançaram para deixar que uma segunda fileira se detivesse e lançaram a sua descarga contra o South Essex. Alguns mosquetes responderam, um caçador caiu derrubado ao chão, uma baqueta saiu pelo ar, lançada por algum soldado que tinha disparado o mosquete em meio ao carregar. As descargas francesas destruíram as filas frontais; abriu-se uma grande fenda na formação vermelha e o inimigo introduziu as espadas curvas para desmembrar e rasgar profundamente a infantaria, de onde poderiam arrebatar e ganhar o maior troféu que um homem podia conseguir num campo de batalha.

Os homens de Sharpe estavam agora entre os corpos. Pisou um soldado britânico cuja cabeça estava virtualmente separada por um golpe de sabre. Atrás dele alguém vomitou. Lembrou-se que a maioria dos homens do South Essex nunca tinha visto uma batalha, nem sequer faziam idéia do efeito das armas na carne de um homem. Os sobreviventes do quadrado juntavam-se a ele, retirando-se do campo, perdendo a coesão. Viu que as bandeiras caíam e voltavam a elevar-se, vislumbrou um oficial que gritava aos homens, incitando-os a voltar a atacar os cavalos que os feriam com os cascos e levavam os terríveis sabres. Havia tão pouco tempo... mais franceses lutavam a pé, tentavam separar as baionetas e abrir caminho até às bandeiras, até à glória. Então começou a ter problemas. Viu um oficial francês que conduzia os seus homens e se dirigia para eles; a companhia de Sharpe tinha sido descoberta e o francês sabia o que uma centena de mosquetes carregados podia fazer aos cavaleiros tão juntos como os que estavam concentrados à volta das bandeiras. Retirou alguns homens da luta, alinhou-os rapidamente e lançou-os contra o novo perigo. Apenas tinha conseguido atingir uma dezena de homens e de cavalos. Sharpe voltou-se.

— Alto!

Ficou de costas para os cavaleiros. Sabia de cabeça quantos segundos tinha e os homens assustados do South Essex que o observavam precisavam de uma demonstração do que uma boa infantaria era capaz de fazer à cavalaria.

— Retaguarda! Meia volta!

Precisava proteger a retaguarda para o caso de serem cercados por alguns cavaleiros. Harper estava ali.

— Primeira linha! De joelhos!

Caminhou entre eles, com calma, e saltou por cima da primeira linha para ficar a salvo na formação. Os cavalos estavam a umas cinquenta jardas de distância.

— Só a fila central disparará! Só a fila central! Fuzileiros, retenham o disparo! Só a fila central! Apontem baixo! Apontem para o estômago! Vamos deixar que se

aproximem! Esperem! Esperem! Esperem!

As espadas dos franceses estavam ensanguentadas até o punho, os cavalos estavam cobertos de suor, os rostos dos cavaleiros mostravam o aspeto de homens que tinham lutado e matado desesperadamente. No entanto, a vitória deles sobre homens que os superavam quatro vezes em número tinha sido tão fácil que estes cavaleiros acreditavam ser capazes de tudo. A dúzia de franceses cavalgava em direção à companhia de Sharpe, esquecendo o perigo, confiantes de que aqueles britânicos cairiam tão facilmente como os dos quadrados. Sharpe viu-os aproximarem-se num galope temerário, viu os torrões de erva levantados pelos cascos, os dentes à mostra e as crinas ondulantes dos cavalos. Esperou, continuou a falar em voz alta, mas moderada.

— Esperem por eles! Esperem! Esperem! Quarenta jardas, trinta. — No último momento o oficial francês percebeu o que tinha feito. Sharpe viu que partia o freio do cavalo mas era muito tarde.

— Fogo!

Os caçadores desintegraram-se. Foi uma descarga pequena, só umas dezenas de mosquetes, mas disparados a uma distância mortal. Os cavalos caíram, dois ou três resvalaram quase até à primeira linha, os cavaleiros varreram o solo num remoinho de cascos, sabres e braços. Não restou nem um único caçador.

— De pé! Em frente! — Passou de novo para a frente e conduziu-os por entre os restos sangrentos dos seus atacantes. Um francês estava vivo, tinha uma perna quebrada por ter caído do cavalo e deu um golpe de sabre em direção a Sharpe. Este não se incomodou em devolver o golpe. Deu-lhe um pontapé no pulso ferido de maneira que a espada caiu da mão. A companhia caminhou por entre os homens mortos e os cavalos; começaram a andar mais depressa, estavam perdendo a batalha em volta das bandeiras, os britânicos viam-se forçados a se retirar. Sharpe viu que as compridas lanças dos sargentos que protegiam as bandeiras estavam sendo utilizadas; uma delas balançou por cima do caos e bateu contra a cabeça de um cavalo de modo que este empinou e derrubou o cavaleiro. A disciplina do quadrado tinha se desvanecido com a carga das carabinas francesas. Sharpe não via oficiais, deviam estar lá, mas agora os franceses estavam perto das bandeiras e alguns homens do quadrado disperso corriam para Sharpe para a segurança que proporcionavam as baionetas horizontais. Afastou-os para o lado com a espada, gritou-lhes que fossem para os lados. Teve de parar, incapaz de abrir caminho entre os fugitivos que tinha pela frente e brandiu para eles a quilha da espada. Harper juntou-se a ele e foi golpeando os fugitivos com a coronha do rifle; a enorme massa do irlandês obrigava os que corriam a desviarem-se para os flancos onde podiam se unir com segurança à companhia de Sharpe. Então ficou livre e continuou, ainda brandindo a espada, com o sangue fervendo de prazer. A sua intenção não era efetuar uma carga de baioneta, mas havia muito pouco tempo. As bandeiras cambaleavam, a espada de um oficial cortou a mão de um francês que segurava um dos paus e então as bandeiras caíram. Sharpe gritou palavras ininteligíveis e correu. Atrás dele os homens tropeçavam nos corpos e escorregavam nas poças de sangue. Um caçador apeado correu na sua direção, baixou o sabre contra ele descrevendo uma ampla curva. Sharpe levantou a espada, a lâmina do francês partiu-se, deu-lhe um golpe no

peçoço, reparou que o francês caía e tropeçou nele. Alguns cavalos tapavam a visão das bandeiras, ouviam-se os estalidos dos fuzis, um homem tombou. Divisou Harper derrubando do cavalo um caçador, o rosto do sargento era uma terrível máscara de raiva e força. Aproximou-se outro cavaleiro, puxando as rédeas para projetar o seu impulso sobre Sharpe e desapareceu para trás quando Sharpe espetou a sua grande espada na queixada do cavalo. Viu que o animal empinava, o caçador largou o sabre gritando e Sharpe vislumbrou a lâmina brilhante que pendia da correia da sua cintura enquanto cavalo e homem caíam para trás. Ainda restava um grupo de casacas-vermelhas junto às bandeiras caídas e Sharpe viu que dois franceses desmontavam para afastar os últimos defensores com as mãos vazias.

Então parecia que os casacas-vermelhas tinham desaparecido, havia apenas caçadores e gritos de triunfo franceses enquanto retiravam as hastes dos mortos e arrebatavam as bandeiras. Sharpe virou-se e susteve a espada coberta de sangue bem alto sobre a sua cabeça.

— Alto! Apresentar armas!

Estava na linha direta de fogo e atirou-se ao chão, arrastando consigo Harper, ao mesmo tempo que gritava a ordem de disparar. A descarga passou por cima das suas cabeças e então levantaram-se e correram. As balas dos mosquetes tinham desviado os franceses das bandeiras que voltaram a cair, mas desta vez rodeadas também pelos mortos do inimigo além dos britânicos.

Só havia que avançar poucas jardas mas havia mais cavaleiros avançando para o local onde tantos tinham morrido pela posse das bandeiras. Sharpe lançou-se por cima dos corpos, arrastando-se entre sangue e membros, alcançou uma haste e arrastou-a para si. Era a bandeira do regimento, o campo amarelo e brilhante rasgado e com buracos recentes; cravou a ponta da espada num cadáver e foi movendo a haste de um lado para o outro contra os cavaleiros como se fosse um garrote primitivo. A bandeira real estava muito longe. Harper ia até ela, mas um cavalo se chocou contra o sargento e o fez cair de costas. Outro cavalo empinou e afastou-se da ondulação de seda amarela que Sharpe tinha na mão, uma espada golpeou a haste e Sharpe viu lascas que saltavam voando da madeira nova, então a rede com feno atada à sela atingiu-o e atirou-o ao chão. Sentia o cheiro dos cavalos, via os cascos no ar por cima da sua cabeça, o rosto do francês envolto pela corrente prateada da barretina que se baixava para ele para lhe arrancar a bandeira da mão. Agüentou. Um casco caiu-lhe sobre o rosto, o cavalo afastou-se da carne que acabava de pisar, o cavaleiro esticou-se e de repente largou. Sharpe viu Harper balançando a grande lança de um sargento. Tinha golpeado com a espada a coluna do cavaleiro e o homem deslizou suavemente para cima de Sharpe, soltando o último suspiro no ouvido do fuzileiro.

Sharpe saiu de baixo do corpo. Deixou ali a bandeira, estava tão a salvo como na sua mão. Harper ia agitando a lança, mantendo os cavaleiros à distância. Onde estava a companhia? Sharpe olhou à volta e viu-os a correr para a batalha. Eram tão lentos! Procurou a espada, encontrou-a e arrancou-a do corpo em que a tinha enterrado. Os cavaleiros continuavam a vir, tentavam desesperadamente obrigar os cavalos renitentes a passar pelos montes de mortos. Sharpe voltou a gritar. Harper rugia, mas não havia

inimigos à distância de uma espada. Avançou para a bandeira do rei. Viu-a deitada debaixo dos corpos a umas cinco jardas. Escorregou no sangue, levantou-se de novo, mas vinham para ele três franceses a pé com os sabres desembainhados. Harper estava junto dele, um caçador caiu com a lâmina da lança cravada no estômago, o outro afundou-se sob a espada de Sharpe que lhe cortou o movimento do sabre como se a espada do francês fosse feita de delicado marfim. Mas o terceiro tinha a bandeira da União, a tinha tirado de debaixo dos corpos e mostrava-a aos homens a cavalo que estavam por trás dele. Sharpe e Harper arremeteram contra ele, a lança afundou-se nas costas do caçador mas já tinha cumprido a sua missão. Um cavaleiro tinha agarrado a franja da bandeira e fugia esporeando o cavalo. Vinham mais franceses, arranhando dois fuzileiros para conseguir a segunda bandeira. Eram muitos!

— Contenha-os, Patrick! Contenha-os!

Harper começou a dar voltas com a lança, aos gritos, era Cuchulain Mão Vermelha, o invencível. Parou com as pernas abertas, a sua tremenda altura dominava a luta, pedia aos franceses de uniforme verde que se aproximassem e o matassem. Sharpe gatinhou até onde estava a bandeira do regimento, estendeu-a debaixo do corpo e lançou-a como um dardo para a companhia que avançava. Viu que caía entre a tropa. Harper continuava ali, grunhindo ao inimigo, desafiando-o, mas já não se lutava. Sharpe pôs-se a seu lado com a espada na mão e os franceses deram a volta, encontraram os cavalos, e montaram-nos para partir. Um deles virou-se e pôs-se de frente para os fuzileiros, ergueu o sabre ensanguentado em sinal de saudação e Sharpe elevou a sua espada vermelha como resposta.

Alguém lhe deu uma palmada nas costas, os homens gritavam como se tivessem ganho, quando tudo o que tinham feito fora reduzir a metade a vitória dos franceses. A companhia estava com eles, de pé no meio dos mortos, vendo os caçadores marcharem a trote com o seu troféu. Não havia qualquer chance de recuperar a bandeira real, estava já a trezentas jardas, rodeada por cavaleiros triunfantes no início de uma longa viagem que a levaria para além dos Pireneus para servir de chacota à multidão de Paris antes de se juntar às outras bandeiras italianas, prussianas, austríacas, russas e espanholas que assinalavam as vitórias francesas por toda a Europa. Sharpe viu-a partir e sentiu-se mal e envergonhado. As bandeiras espanholas também estavam ali, as duas, mas não era assunto seu. A sua própria honra estava ligada à bandeira capturada, a sua reputação de militar, era uma questão de orgulho.

Tocou no cotovelo de Harper.

— Você está bem?

— Sim, tenente.

O sargento arquejava sustentando ainda a lança meio ensanguentada.

— E o senhor?

— Estou bem. Foi muito bom. Obrigado.

Harper recusou o cumprimento mas sorriu amplamente ao seu tenente.

— Era uma bandeira excepcional, senhor. Pelo menos recuperamos uma.

Sharpe voltou-se para olhá-la. Ondulava sobre a companhia, rota e manchada de sangue, perdida e recuperada. Por baixo dela havia um oficial e Sharpe reconheceu Leroy, o mal-humorado e solitário capitão Leroy, que Lennox descrevera como o único outro militar decente do batalhão. O seu rosto era uma máscara de sangue e Sharpe abriu caminho até ele por entre as fileiras.

— Capitão?

— Muito bem, Sharpe. Isto foi um massacre.

A voz do capitão parecia estranha, o seu sotaque era esquisito e Sharpe lembrou-se de que era americano; um dos pequenos grupos de unionistas que ainda lutavam pela pátria mãe. Sharpe apontou para a cabeça de Leroy.

— Está ferido?

— Isto é só um arranhão. Ainda tenho uma ferida na perna.

Sharpe olhou para baixo. A coxa de Leroy estava banhada em sangue.

— Como foi?

— Junto às bandeiras. Graças a Deus que o senhor chegou, ainda que Simmerson merecesse perder as duas. O grande filho da mãe.

Sharpe olhou para a ponte. Não se via grande coisa porque o campo que levava até ela ainda estava cheio de cavaleiros franceses. Viam-se baforadas de fumaça e ouvia-se o disparo dos mosquetes, alguém tinha organizado qualquer tipo de defesa, mas os caçadores já não lutavam. Os clarins haviam-nos retirado da matança e voltaram a subir o caminho onde formaram fileiras rodeando os seus três troféus. Deviam sentir-se orgulhosos, pensou Sharpe, uma cavalaria de quatrocentos homens tinha destroçado dois regimentos, capturado três bandeiras e tudo por causa da estupidez e do orgulho de Simmerson e do coronel espanhol. Interrogava-se sobre onde estaria Simmerson. Não estava no grupo que rodeava as bandeiras, a menos que o seu cadáver jazesse num dos montes. Voltou-se para Leroy.

— Viu Simmerson?

— Sabe Deus o que foi feito dele. Forrest estava ali.

— Morto?

— Não sei — respondeu Leroy, encolhendo os ombros.

— Lennox?

— Não o vi. Estava no quadrado.

Sharpe olhou ao redor do campo. A visão era aterradora. O local onde estavam, onde tinham lutado pelas bandeiras, encontrava-se rodeado de corpos. Havia feridos, agitando-se e gritando, cavalos deitados que tossiam sangue e escoiceavam o solo com

um estremecimento frenético.

— Dispare nesses cavalos, sargento.

— Senhor? — disse o homem olhando fixamente para Sharpe.

— Dispare neles! Rápido!

Não suportava ver aqueles animais feridos. Alguns homens encaminharam-se para eles e apontaram-lhe os mosquetes à cabeça e Sharpe virou-se para contar os seus fuzileiros.

— Estão todos sãos e salvos, senhor.

Harper já os tinha contado.

— Obrigado.

Tinham corrido pouco perigo ao permanecerem nas fileiras com as baionetas erguidas. Lembrava-se que tinha pensado o mesmo quando o South Essex marchara campo acima orgulhoso, com as bandeiras ondulando e agora estavam destroçados. Tentou fazer uma estimativa do preço daquela carnificina. Não havia no campo mais que trinta ou quarenta franceses mortos, um preço alto entre quatrocentos, mas tinham conseguido a glória para o seu regimento e tinham infligido tremendas perdas aos britânicos e aos espanhóis. Uma centena de mortos? Olhou para os montes de cadáveres, para a trilha de corpos que conduzia até à ponte; era impossível calcular o número. Seria elevado e haveria muito mais feridos, homens cujas faces tinham sido esmagadas pelos cavaleiros, homens cegos que seriam levados para Lisboa, enviados para casa e ficariam abandonados à fria caridade de uma sociedade amplamente habituada a mendigos mutilados. Estremeceu.

Mas não eram só os mortos e os feridos. Na sua primeira batalha, o batalhão de Simmerson também tinha perdido o orgulho. Sharpe levava dezesseis anos lutando no exército, tinha defendido as bandeiras na confusão da batalha e tinha investido à baioneta tentando alcançar o estandarte inimigo; tinha visto capturar bandeiras que se exibiam pelo acampamento e tinha sentido o júbilo feroz da vitória, mas esta era a primeira vez que assistira a uma bandeira britânica ser arrebatada do campo e sabia quanto os inimigos iam celebrar quando o troféu chegasse ao exército do marechal Victor. Em breve o exército de Wellesley deveria entrar em batalha, não uma escaramuça contra quatro esquadrões de caçadores, mas sim numa verdadeira batalha em que as máquinas mortais da artilharia fariam da sobrevivência um jogo de azar e os seus inimigos iriam então para essa batalha com o ânimo levantado porque tinham humilhado os britânicos. Começou a conceber uma idéia, uma idéia tão ultrajante que sorriu e o jovem Pendleton, à espera para lhe devolver o rifle, sorriu também ao seu oficial.

— Conseguimos, senhor! Conseguimos!

— O quê?

Sharpe queria saborear a idéia, mas havia muito que fazer.

— Salvar a bandeira, senhor, não é isso?

Sharpe olhou para o rosto do jovem. Depois de passar a vida roubando nas ruas de Bristol o rapaz tinha o rosto cansado e faminto mas os olhos brilhavam e suplicava desesperadamente a confiança. Sharpe sorriu.

— Sim, conseguimos.

— Sei que perdemos a outra, senhor, mas não foi por culpa nossa, não é verdade?

— É verdade. Se não fôssemos nós tinham perdido ambas as bandeiras. Muito bem!

O rosto do rapaz resplandecia.

— E o senhor e o sargento Harper, senhor. — As palavras do rapaz saíam em turbilhão, pela necessidade urgente de partilhar o entusiasmo. — Estavam aterrorizados, senhor!

Sharpe pegou a espingarda e riu.

— O sargento Harper não sei, mas eu também tive bastante medo.

— Diz isso por dizer! — disse Pendleton rindo.

Sharpe sorriu e foi andando entre os corpos. Havia tanto para fazer, enterrar os mortos, cuidar dos feridos. Olhou para a ponte. Estava agora vazia, os fugitivos tinham atravessado e Sharpe viu que estavam se organizando em companhias na outra margem. Os franceses estavam a meia milha, em filas, e observavam um único cavaleiro que trotava em direção a Sharpe. Pensou que era um oficial francês que vinha negociar uma trégua enquanto resgatavam os feridos. Sharpe sentia-se muito cansado.

Desviou os olhos para a ponte e perguntava-se por que razão Simmerson não enviava qualquer homem para começar a cavar as sepulturas, a pôr as ligaduras, a despir os mortos. Demorariam um dia inteiro para pôr em ordem aquele caos. Sharpe pegou o rifle e começou a caminhar em direção ao oficial de caçadores cujo cavalo ia escolhendo delicadamente o caminho por entre os corpos. Levantou uma mão em sinal de cumprimento.

E naquele momento a ponte explodiu.

CAPÍTULO VIII

A ponte resistia a ser destruída. Havia dois milênios que estava sobre as águas do Tejo e a pedra velha rendia-se lentamente aos modernos explosivos. O pilar central estremeceu profundamente e o movimento sentiu-se até onde estava Sharpe e a sua companhia, que deram meia volta para verem qual era a causa. Das fendas da obra saiu uma nuvem de pó. Durante um segundo pareceu que a ponte ia agüentar, as pedras arquearam e então partiram-se com lentidão agonizante até que, por fim, a pólvora negra venceu e a obra ruiu numa obscena bola de fumaça e chamas. O caminho da ponte voou pelos ares, ficou suspenso por um momento e, em seguida, desmoronou na água. O pilar, dois arcos, a base da ponte, tudo foi destruído pela explosão atoadora que rolou interminavelmente pelos prados, assustando os cavalos franceses, fazendo com que os cavalos dispersos dos que tinham lutado a pé relinchassem e fugissem impulsivamente a galope pela erva, como se fossem à procura da segurança humana. Uma enorme coluna de fumaça, fervendo de pó antigo, elevou-se por cima dos arcos derrocados; a água borbulhava, as pedras caíram nas profundidades verdes ao longo da corrente; pouco a pouco o silêncio seguiu-se ao trovão, o rio adaptou-se às novas pedras no seu leito e a fumaça negra seguiu à deriva para oeste como uma pequena nuvem de tempestade baixa e malévola. Hogan não devia ter se preocupado. Tinham ruído quarenta pés de ponte, Wellesley estava a salvo da cavalaria que o poderia pilhar a sul e Sharpe e os seus homens ficavam agora abandonados do outro lado do Tejo.

O capitão Leroy caiu no chão. Sharpe quis saber se algum pedaço de pedra da ponte teria se desviado e o atingido inesperadamente, mas o capitão negou com a cabeça.

— É a perna. Não se preocupe, Sharpe, eu me arranjaréi. Por que diabos fizeram isto? — perguntou Leroy apontando com a cabeça para as ruínas fumegantes da ponte.

Sharpe teria gostado de saber. Teria sido por engano? Hogan decerto teria esperado que Sharpe e a sua companhia, aumentada agora com duzentos homens, alcançassem a segurança que a outra margem oferecia, antes de atear as mechas que conduziam à base do pilar. Ficou olhando para o outro lado do rio mas a atividade que via não tinha qualquer sentido, os homens desfilavam em companhias, pensou ver Simmerson sobre o seu cavalo cinzento rodeado de oficiais que olhavam fixamente para a destruição levada a efeito na ponte.

— Tenente, tenente.

Gataker, o fuzileiro, estava chamando-o. O oficial de caçadores francês chegara, um capitão, com o rosto curtido pelo sol e dividido por um comprido bigode preto. Sharpe dirigiu-se a ele e cumprimentou-o. O francês retribuiu o cumprimento e olhou para a carnificina que havia à volta.

— Felicitações pela batalha, monsieur.

O inglês dele era perfeito; cortês, grave, respeitoso. Sharpe devolveu-lhe o cumprimento.

— Também o felicitamos. Conseguiram uma vitória notável.

As palavras soaram altas e desapropriadas. Era extraordinário que os homens pudessem dilacerar-se selvagememente uns aos outros, lutar como demônios loucos e em pouco tempo tornarem-se educados, generosos até em relação aos danos que o inimigo lhes infligira. O capitão francês sorriu por instantes,

— Obrigado, monsieur.

Deteve-se por um momento, olhou para os corpos que jaziam próximo da ponte e, quando se voltou de novo para Sharpe, a sua expressão mudou; tornou-se mais curioso e menos formal.

— Porque atravessaram o rio?

— Não sei — respondeu Sharpe, encolhendo os ombros. O francês desmontou e enrolou as redes no pulso.

— Não tiveram sorte — disse, sorrindo para Sharpe. — Mas o senhor e os seus homens lutaram bem e para quê? — perguntou apontando com a cabeça para a ponte.

Sharpe voltou a encolher os ombros. O capitão de caçadores com o grande bigode olhou-o por uns instantes.

— Creio que ainda têm menos sorte que o seu coronel, não? — Falava em voz baixa de modo que os homens que olhavam fixamente e com curiosidade para o seu antigo inimigo não o ouviram. Sharpe não reagiu mas o francês estendeu as mãos.

— Nós também temos desses. Lamento, monsieur. — Era tudo demasiado educado, demasiado íntimo. Sharpe olhou para os corpos que jaziam no campo.

— Pretende falar dos feridos?

— Já o fiz, monsieur, já o fiz. Não é que tenhamos muitos mas necessito da sua permissão para revistar este pedaço de campo. No que respeita ao resto — disse fazendo uma reverência —, somos os donos.

Era verdade. Pelo campo cavalgavam agora caçadores encurralando os cavalos extraviados. Estavam ganhando um prêmio já que havia meia-dúzia de puros-sangue ingleses, perdidos por oficiais do South Essex, e Sharpe sabia que eram melhores cavalos do que os que se podiam comprar na Espanha. Mas havia algo de curioso nas palavras que o capitão tinha utilizado.

— Já o fez, meu Capitão? Mesmo? — perguntou Sharpe fixando os olhos compassivos do francês, que encolheu levemente os ombros.

— A situação mudou, monsieur — disse apontando com a mão para a ponte destruída. — Creio que terão problemas para alcançar a outra margem, não?

Sharpe assentiu, era evidente.

— Creio, monsieur, que o meu coronel quererá retomar a luta após um tempo conveniente.

Sharpe riu. Apontou para os mosquetes, para as espingardas e para as compridas baionetas.

— Quando estiverem prontos, senhor, quando estiverem prontos.

O francês também se riu.

— Eu o consultarei, monsieur, e o informarei com tempo suficiente — disse puxando pelo relógio. — Digamos que temos uma hora para tratar dos nossos feridos? Depois voltaremos a falar.

Sharpe não tinha outra alternativa. Uma hora não chegava para que os seus duzentos homens recolhessem os feridos, os levassem, apesar da sua agonia, para a entrada da ponte e idealizassem a maneira de mantê-los a salvo. Por outro lado, uma hora era muito mais do que os franceses precisavam e sabia que não podia pedir mais tempo. O capitão desenrolou as rédeas e preparou-se para montar.

— Felicitações de novo. Tenente?

Sharpe assentiu com a cabeça.

— E os meus mais sentidos pêsames. Bonne chance! — Montou e voltou a meio galope em direção ao horizonte.

Sharpe fez a recontagem da sua nova companhia. Os sobreviventes do quadrado acrescentavam uns setenta homens à sua unidade. Leroy era o oficial de patente mais alta, claro, mas a sua ferida obrigava-o a querer que Sharpe tomasse as decisões. Havia mais dois tenentes, Knowles, da Companhia Ligeira, e um homem chamado John Berry. Berry era gordo e de lábios carnudos, um jovem que perguntou com petulância a data de promoção de Sharpe e, ao inteirar-se que Sharpe era mais antigo, ficou com pior disposição do que se tivessem disparado sobre o seu cavalo. Sharpe suspeitava que esse era o único motivo por que Berry se mantivera junto às bandeiras.

Os grupos de trabalho tiraram as casacas dos mortos, amarraram as mangas aos mosquetes abandonados e fizeram umas macas rudimentares sobre as quais levaram os feridos para a ponte. Metade dos homens trabalhava nos montes que rodeavam o local onde Sharpe e Harper haviam trepado entre sangue e cadáveres para resgatar as bandeiras. A outra metade trabalhava entre os corpos em leque que acabava na entrada da ponte. Os franceses tinham terminado rapidamente e começavam a procurar por entre os corpos de casaca azul dos espanhóis. Não era piedade o que mostravam, mas sim o desejo de saquear os mortos e os feridos. Os britânicos fizeram o mesmo, não havia maneira de detê-los, os despojos de uma batalha eram a recompensa dos sobreviventes. Os fuzileiros, por ordens de Sharpe, recolheram os mosquetes abandonados, dezenas deles, e tiraram as munições dos mortos. Se os franceses iam atacar, Sharpe planejava armar cada homem com três ou quatro espingardas carregadas e enfrentar os cavaleiros com uma descarga contínua que destroçaria os atacantes. Isso não lhe devolveria as bandeiras. Estas já tinham ido para sempre ou até que num futuro impensável o exército pudesse marchar sobre Paris e trazer de volta os troféus. Enquanto avançava por entre a carnificina, orientando os trabalhos, duvidava que os franceses tivessem realmente intenção de voltar a atacar. As perdas que sofreriam mal compensariam o esforço; talvez

esperassem que ele se rendesse.

Ajudou Leroy a ir até à ponte, encostou-o ao parapeito e cortou-lhe as calças brancas. O americano tinha uma ferida na coxa, escura e purulenta mas a bala de carabina tinha-a atravessado perfeitamente e, apesar do nojo evidente demonstrado por Leroy, Sharpe mandou Harper colocar as larvas na ferida antes de ligá-la com uma tira rasgada da camisa de um morto. Forrest estava vivo, aturdido e sangrando, tinham-no encontrado com a espada na mão, onde as bandeiras haviam caído. Sharpe apoiou-o até junto de Leroy. Forrest ainda levaria alguns minutos para recuperar a consciência e Sharpe duvidava que o major, que mais parecia um vigário, quisesse entrar de novo em ação naquele dia. Pôs a bandeira junto aos dois oficiais, pendurou a grande bandeira amarela no parapeito como símbolo de desafio aos franceses, mas e os britânicos? Por duas vezes tinha caminhado cautelosamente até o extremo destruído do caminho e vociferado para o outro lado, mas parecia que os homens que se encontravam lá estavam em outro mundo, andavam de um lado para o outro com as suas coisas, alheios à carnificina que tinham a umas centenas de pés. Pela terceira vez Sharpe foi até ao extremo da ponte por entre as pedras derrubadas.

— Eh! — Só devia restar meia hora. Fez de novo concha com as mãos. — Eehhu!

Hogan apareceu, saudou-o e aproximou-se pela outra parte da ponte destruída. Era tranquilizante ver a casaca azul do oficial de engenharia e o seu tricórnio, mas o uniforme tinha qualquer coisa de diferente. Sharpe não sabia o que havia de estranho, mas qualquer coisa havia. Apontou com a mão para o buraco existente entre os dois.

— O que aconteceu?

— Não foi coisa minha — respondeu Hogan abrindo os braços. — Simmerson acendeu as mechas.

— Pelo amor de Deus, porquê?

— Porque havia de ser? Assustou-se. Pensou que os franceses iam cercá-lo. Lamento. Tentei detê-lo mas estou preso.

Era isso, Hogan não tinha o sabre. O irlandês sorriu amplamente para Sharpe.

— O senhor também, logicamente.

Sharpe proferiu uma série de palavrões. Hogan deixou-o acabar.

— Já sei, Sharpe, já sei. É uma estupidez. Tudo porque nos negamos a que os seus fuzilheiros formassem uma linha de atiradores, lembra-se?

— Acha que o teríamos salvo?

— Tem que colocar a culpa em alguém. Não vai colocá-la em si mesmo, por isso sou eu o bode expiatório.

Hogan tirou o chapéu e coçou a careca.

— Pouco me importa, Richard. Isso só significa suportar o seu mau humor até que regressemos ao exército. Depois não saberemos mais nada dele. O general o afastará! Não se preocupe!

Parecia ridículo falar das suas mútuas prisões aos gritos através de um espaço onde a água esbarrava branca contra as pedras destruídas. Sharpe apontou com a mão para os dois feridos.

— O que acontecerá com todos estes? Temos dezenas de feridos e os franceses voltarão em breve. Precisamos de ajuda. O que ele está fazendo?

— O que ele está fazendo? — exclamou Hogan abanando a cabeça. — Parece uma galinha a quem cortaram o pescoço. Dá instrução aos homens, é isso que está fazendo. Todo o pobre desgraçado que não tenha mosquete terá sorte se receber apenas três dúzias de chicotadas. O grande sacana não sabe o que fazer!

— Pelo amor de Deus!

Hogan ergueu a mão.

— Já sei, já sei. Eu lhe disse que tem que conseguir tábuas e cordas — disse, apontando para a brecha de quarenta pés. — Não é que pense salvar esta ravina com madeira mas podemos fazer balsas e atravessar sobre elas. Mas aqui não há madeira! Tem de mandar buscá-la

— E ele fez isso?

— Não.

Hogan não disse mais nada. Sharpe imaginava a discussão que ele tinha tido com Simmerson e sabia que o oficial de engenharia tinha feito todo o possível. Por momentos falaram de nomes, de quem tinha morrido, de quem estava ferido. Hogan perguntou por Lennox mas Sharpe não tinha notícias e perguntava a si mesmo se o escocês estaria morto no campo. Então viu o tenente Christian Gibbons cavalcando pela ponte ao lado de Hogan. O tenente louro parou olhando para o oficial de engenharia.

— Pensei que estava preso, Capitão, e detido.

Hogan levantou os olhos para o tenente arrogante.

— Precisava urinar.

Sharpe riu. Hogan acenou-lhe com a mão, desejou-lhe boa sorte e virou-se para o convento deixando Sharpe frente a Gibbons. O uniforme do tenente estava limpo e brilhante.

— Você está preso, Sharpe, e tenho ordens para lhe dizer que Sir Henry pedirá um conselho de guerra.

Sharpe riu. Era a única resposta possível, o que enfureceu o tenente.

— Não é para rir! Ordena-lhe que me entregue o seu sabre.

Sharpe olhou para a água.

— Quer vir buscá-lo, Gibbons? Ou eu tenho de levar?

Gibbons não fez caso do comentário. Tinham-lhe dito que desse um recado e estava determinado a dá-lo até o fim quaisquer que fossem as dificuldades.

— E ordena-lhe que devolva a bandeira do regimento.

Era incrível. Sharpe nem acreditava no que ouvia. Estava em cima de uma ponte destruída, debaixo de um calor que torrava enquanto que atrás de si havia filas de feridos cujos gritos se ouviam nitidamente e, no entanto, Simmerson tinha enviado o sobrinho para ordenar a Sharpe que entregasse o sabre e a bandeira.

— Porque explodiram a ponte?

— Isso não é assunto seu, Sharpe.

— Raios o partam, é sim, Gibbons, estou no lado oposto, raios. — Olhou para o elegante tenente cujo uniforme não estava manchado de terra nem de sangue. Suspeitava que o uniforme de Simmerson estaria na mesma. — Pensavam em abandonar os feridos, Gibbons? Não é verdade?

O tenente olhou para Sharpe com desagrado.

— Você me fará o favor de buscar a bandeira, Sharpe, e de atirá-la para este lado da ponte?

— Vá embora, Gibbons — respondeu Sharpe com idêntico desdém. — Vá buscar o seu precioso tio para falar comigo, não vou falar com o seu cão. A bandeira? Fica aqui. Vocês a abandonaram e eu lutei por ela. Os meus homens lutaram por ela e ficará conosco até que vocês nos levem de volta através do rio. Entendeu? — perguntou com a voz cada vez mais carregada de raiva. — Diga isto ao seu gordo charlatão! A bandeira dele fica conosco. E diga-lhe que os franceses vão voltar a atacar. Querem esta bandeira e por isso fico com o meu sabre, Gibbons, para poder lutar por ela!

Desembainhou as trinta e cinco polegadas de aço. Não tinha tido tempo para limpar a espada e Gibbons apenas pôde desviar os olhos do sangue incrustado.

— E, Gibbons, se quiser pode vir buscá-lo.

Virou as costas ao tenente e dirigiu-se para os feridos e mortos, onde Harper esperava com o rosto desfigurado.

— Sargento?

— Encontramos o capitão Lennox, tenente, está ferido.

Sharpe seguiu Harper por entre as filas de feridos que olhavam fixamente para ele sem dizer nada. Era tão pouco o que podia fazer! Podia vender as feridas mas não havia maneira de lhes aliviar as dores. Precisava de conhaque, de um médico, de ajuda. E agora Lennox.

O escocês estava pálido, o roto contorcido pelas dores, mas balançou a cabeça e sorriu amplamente quando Sharpe se acorou junto a ele. Sharpe sentiu uma ponta de remorso ao recordar as últimas palavras que tinha trocado com o capitão da Companhia Ligeira a alguns passos apenas daquele local; tinha sido “divirta-se”. Lennox fazia esgares de dor.

— Eu lhe disse que ele era louco, Richard, e agora isto. Vou morrer! Vou morrer!

Falava com realismo. Sharpe balançou a cabeça.

— Não. Vai ficar bom. Estão fazendo balsas. Vamos levá-los para casa, para que seja visto por um médico, ficará bem.

Agora era Lennox quem balançava a cabeça. Movia-se com uma lentidão agonizante e mordeu o lábio superior ao sentir que o atingia uma nova pontada de dor. O corpo estava encharcado em sangue da cintura para baixo e Sharpe não se atrevia a tirar o uniforme ensopado e rasgado, com medo de piorar a ferida. Lennox suspirou profundamente.

— Não me engane, Sharpe. Estou morrendo e estou consciente disso. — O seu sotaque irlandês era mais acentuado. Levantou os olhos para o rosto de Sharpe.

— O louco tentou que eu formasse uma linha de atiradores.

— Comigo também.

Lennox concordou lentamente. Franziu ligeiramente a testa.

— Atingiram-me logo no início. Um canalha derrubou-me, abrindo-me com o sabre. Precisamente no estômago. Não pude fazer nada. Que aconteceu? — perguntou levantando de novo os olhos.

Sharpe explicou-lhe. Contou-lhe que os espanhóis tinham destruído o quadrado britânico ao procurar segurança no seu interior, que os sobreviventes tinham se reunido e repellido o ataque francês, o fogo das carabinas e a perda da bandeira. Ao mencionar a bandeira real, Lennox deitou-se para trás de dor. Essa desonra doía-lhe mais do que o corpo rasgado que o estava matando.

— Tenente! Tenente!

Um soldado chamava Sharpe mas apontava com a mão para outro local. Lennox tentava dizer qualquer coisa mas o soldado insistiu:

— Tenente!

Sharpe voltou-se e viu três caçadores que cavalgavam a trote na sua direção. A hora devia ter passado.

— Mais problemas? — perguntou Lennox, sorrindo debilmente.

— Sim. Mas podem esperar.

Lennox agarrou a mão de Sharpe.

— Não. Posso esperar. Ainda não vou morrer. Ouça. Quero perguntar-lhe uma coisa. Você e esse irlandês grande, voltarão? Promete?

Sharpe assentiu.

— Prometo?

— Prometo.

Pôs-se de pé, surpreso por ter de enxugar os olhos, e caminhou por entre os feridos até onde os caçadores esperavam por ele. O capitão que viera anteriormente estava ali e, com ele, dois soldados de cavalaria que olhavam com curiosidade o cemitério que os seus sabres tinham provocado. Sharpe cumprimentou, dando conta de repente que ainda tinha a espada com a lâmina ensanguentada na mão, e o capitão francês fez um esgar de dor ao vê-la.

— Monsieur.

— Senhor.

— A hora passou.

— Ainda não recolhemos todos os nossos feridos.

O francês balançou a cabeça com gravidade. Olhou à volta do campo. Ainda havia trabalho para uma hora e isso antes de começarem a ocupar-se dos mortos. Virou-se para Sharpe e falou em voz baixa.

— Creio, monsieur, que devem se considerar nossos prisioneiros. — Fez calar com a mão os protestos de Sharpe. — Não, monsieur, eu o entendo. Pode atirar a bandeira aos seus compatriotas, não é isso que queremos, mas a sua situação é desesperada. Os mortos superam os vivos. Não podem continuar lutando.

Sharpe pensou nos mosquetes que tinha recolhido. Carregados todos eles, preparados, destruiriam os franceses se fossem suficientemente loucos para atacar. Fez uma breve reverência ao caçador.

— O senhor é muito amável, mas, como pode ver, eu não pertencço ao regimento cuja bandeira capturaram. Sou fuzileiro e não me rendo.

Um pouco de valentia, pensou, não seria demais. No fim de contas, o capitão francês devia estar tentando intimidá-lo; tinha experiência suficiente para saber que os seus homens não quebrariam uma formação de infantaria bem comandada e comprovava que o fuzileiro alto com a espada ensanguentada podia comandar de forma conveniente. O capitão concordou como se estivesse à espera da resposta.

— Monsieur. Devia ter nascido francês. Hoje seria coronel!

— Comecei como soldado raso, senhor.

O francês mostrou-se surpreso. Não era nada extraordinário que recrutas franceses chegassem a oficiais, mas estava claro para o capitão de caçadores que tal parecia impossível no exército britânico. Levantou amavelmente a barretina com a

corrente prateada.

— Felicito-o. O senhor é um adversário respeitável.

Sharpe considerou que a conversa se estava se tornando demasiado educada e floreada. Olhou intencionalmente para as suas fileiras de feridos.

— Tenho de continuar, senhor. Se pretender continuar a atacar, isso é consigo.

Voltou-se, mas o francês chamou-lhe a atenção.

— Não compreende, tenente.

Sharpe virou-se.

— Sim, senhor. Compreendo. Permite-me continuar?

O capitão balançou a cabeça.

— Monsieur. Não me refiro aos nossos caçadores. Nós somos simplesmente a...

— Fez uma pausa à procura da palavra certa. — A vanguarda? A sua situação, tenente, é verdadeiramente desesperada.

Apontou para o alto da colina ao longe no horizonte mas ali não havia nada. O capitão esperou e então virou-se para Sharpe com um sorriso pesaroso.

— A minha coordenação é irremediável, tenente. Eu teria sido um péssimo ator.

— Desculpe-me, senhor, não estou compreendendo.

Mas então, sim, compreendeu. O capitão não necessitou dizer mais nada porque se efetuou um repentino movimento lá em cima e Sharpe não precisou do seu telescópio para lhe dizer o que via. Cavalos, cavalos sem cavaleiros, não mais do que uma dúzia, mas Sharpe sabia o seu significado. Um canhão, os franceses tinham trazido um canhão, um canhão de campanha que podia atingir a sua pequena força até destruí-la. Voltou a olhar para o capitão, que encolheu os ombros.

— Compreende agora, tenente?

Sharpe ficou olhando fixamente o horizonte. Só um canhão? Provavelmente seria um pequeno canhão, mas porquê apenas um?

Estariam os franceses por trás, ou teriam concentrado os esforços para trazer o canhão? Se estivessem com falta de cavalos então era possível que os tivessem a várias milhas. Era de esperar que os caçadores tivessem enviado uma mensagem à sua unidade principal dizendo que se enfrentavam com dois regimentos de infantaria e os franceses teriam enviado o canhão o mais depressa possível para ajudar a romper os quadrados. Começou a conceber uma idéia. Olhou para o capitão.

— Isso não altera nada, monsieur. — Manteve a espada ao alto. — Hoje o senhor é a segunda pessoa que requisita a minha espada. Dou-lhe a mesma resposta. Venha o senhor mesmo buscá-la.

O francês sorriu, levantou a sua espada e fez uma saudação.

— Será um prazer, monsieur. Confio em que sobreviva ao confronto e me dê a honra de comer comigo depois. A comida é ruim.

— Então alegre-me de não ter a honra de prová-la.

Sharpe sorriu para si mesmo enquanto o capitão dava ordens em francês e os três homens deram a volta aos cavalos para subir a colina. Sendo um soldado saído das fileiras imaginava que tinha praticado como um mestre o jogo da diplomacia. Então pensou em Lennox e apressou-se a regressar, tentando fixar a idéia na sua mente. Havia muito a fazer, muitas ordens a dar e muito pouco tempo, mas tinha prometido a Lennox. Deu uma vista de olhos para trás. O canhão, com o seu armão, descia lentamente a colina. Ainda tinha uma hora.

Lennox continuava vivo. Falou em voz baixa e rápida a Sharpe e a Harper. Ambos olhavam para o escocês e prometeram cumprir a sua última vontade. Sharpe recordava o momento em que, no campo de batalha, tinha visto que os franceses arrebatavam a bandeira real, lembrava-se agora de qual era a idéia fugaz que lhe tinha passado pela cabeça, e apertou a mão de Lennox.

— Isso eu prometi a mim mesmo.

Lennox sorriu.

— Não me desiludirá, eu sei. E Harper e o senhor podem fazê-lo, sei que podem.

Tinham de deixá-lo morrer só, não havia outra possibilidade, é que a outra última vontade do escocês era poder morrer com uma espada na mão. Afastaram-se renitentes e o grande sargento olhou para Sharpe.

— Poderemos fazê-lo, tenente?

— Prometemos, não foi?

— É verdade, mas nunca foi feito.

— Então seremos os primeiros! — disse Sharpe ferozmente. — Agora vamos, há muito para fazer!

Fixou a vista no canhão. Avançava, deslizando e percebeu que a sua idéia podia funcionar. Havia cabos soltos, havia sempre perguntas sem resposta; colocou-se então no lugar dos inimigos, e procurou-as. Harper notou a excitação no rosto do seu tenente, viu que a sua mão segurava continuamente o punho do sabre e esperou as ordens com paciência.

Sharpe mediu as distâncias, os ângulos, as linhas de tiro. Estava excitado, voltava-lhe a alegria, tinha alguma esperança apesar do canhão. Chamou os tenentes, os sargentos, pôs-se à frente deles e bateu com um punho na palma da mão.

— Ouçam...

CAPÍTULO IX

O tempo para as lamentações viria depois, o tempo para se entristecer pela carnificina, para pensar em estar vivo e sem feridas, sobretudo para lamentar não ter passado mais tempo com Lennox quando este estava morrendo. Sharpe desembainhou o grande sabre, levantou a espingarda com a mão esquerda, voltou-se para os cento e setenta homens formados em três fileiras atravessadas na estrada.

— Em frente!

Enquanto marchavam, Sharpe pensou brevemente na conversa que tivera com Lennox. Teria sido capaz de vencer o moribundo? Julgava que sim. Lennox era um militar, compreendia que Sharpe tivesse pouco tempo, e o fuzileiro estava convencido que tinha visto alívio no rosto do escocês. Cumprir a promessa era outra coisa; primeiro teria de acabar os assuntos do dia. Forrest marchava a seu lado, ambos a poucos passos da única bandeira que ondulava sobre a pequena formação; o major estava visivelmente nervoso.

— Dará certo, Sharpe?

O alto fuzileiro sorriu.

— Por enquanto sim, Comandante. Pensam que estamos loucos. — Forrest tinha insistido em ir com ele em vez de ficar com os feridos junto à ponte. No entanto estava um pouco aturrido, afetado pelo golpe que tinha recebido na cabeça e recusara a oferta de Sharpe para comandar os sobreviventes contra o novo assalto francês.

— Nunca tinha estado numa batalha, Sharpe — disse Forrest. — A exceção de uma vez em que reprimi um distúrbio por causa da comida em Chelmsford e não creio que isso conte.

Sharpe compreendia o nervosismo do major, agradecia a Forrest por ter dado a sua bênção ao que parecia um ato de completa loucura; no entanto, o instinto de Sharpe dizia-lhe que iria funcionar. Para os caçadores que observavam e aguardavam parecia que a pequena formação britânica tinha o propósito de se suicidar com uma carga mortal ou de glória sem qualquer chance de êxito, mas que pelo menos os livraria do desgaste de morrer a golpes dos artilheiros franceses. Forrest perguntara, quase queixoso, porque o inimigo continuava a lutar, acaso não tinham conseguido uma grande vitória? Mas os franceses deviam saber quão tristemente pequeno era o exército de Wellesley, pouco mais de vinte mil homens. Se pudessem destruir completamente o South Essex, os franceses eliminariam um terço da infantaria britânica e asseguravam aniquilar Wellesley quando a verdadeira batalha acontecesse. Além disso Sharpe estava oferecendo-lhes a chance de capturarem uma segunda bandeira britânica que desfilaria no acampamento francês para persuadir os soldados da fragilidade do novo inimigo.

— Está na hora, Sharpe? — Forrest estava ansioso.

— Não, Major, não. Falta um minuto.

Marchavam caminho acima, direito para o canhão que estava a trezentas jardas. O plano de Sharpe dependia de duas coisas, e o inimigo acabara por fazer as duas. Primeiro tinham aproximado o canhão dos britânicos, o máximo que a segurança permitia. Não deviam querer usar balas redondas contra a infantaria. Sharpe sabia que carregariam o canhão com uma carga de metralha, o contentor metálico mortal de balas de mosquete e ferro-velho que explodia assim que saía do canhão e borrifava com a sua mistura letal como se fossem pregos retorcidos disparados pelo trabuco de um cocheiro. Não havia dúvida de que os franceses esperavam que os britânicos se espalhassem pelo terreno acidentado junto ao rio, protegidos pelo declive da margem, mas as cargas de metralha os encontrariam mesmo ali e os matariam dois a dois, três a três. Em vez disso, os britânicos dirigiam-se diretamente para o canhão, como cordeiros a caminho do matadouro, e os artilheiros franceses provavelmente não precisariam mais do que três tiros para dispersá-los e deixar que a cavalaria acabasse com os sobreviventes aturdidos. O segundo cálculo de Sharpe tinha a ver com a cavalaria. Tinha sentido um grande alívio ao ver que desfilavam para a direita dos britânicos. Era o que esperava, mas se tivessem se dirigido para a esquerda o plano não teria sido possível e eles não teriam tido outra alternativa senão morrer junto à ponte. O terreno da direita estava limpo de corpos, não era como o da esquerda um caminho de obstáculos de homens e cavalos mortos, e Sharpe supusera que o oficial francês apontaria obliquamente o disparo do canhão e não queria que os cavaleiros, que agora esperavam com as armas prontas a abrir fogo, tivessem de passar por um caminho obstruído.

Observou os artilheiros franceses. Não pareciam ter pressa, não havia necessidade de correr, e olhavam continuamente para as forças britânicas que se dirigiam oportunamente para o canhão. Este apontava diretamente para Sharpe. Podia ver a carreta pintada de verde e suja, o canhão de bronze sem brilho e a boca enegrecida. Observara que a eficiente dotação levantava com uma alavanca os três quartos de tonelada, que o canhão de quatro pés e meio apontava diretamente para o caminho. Agora o artilheiro de casaca azul punha a bolsa de sarja contendo uma libra e meia de pólvora preta no canhão. Um segundo homem empurrou-a e Sharpe viu que um terceiro se inclinava sobre o canhão e a empurrava para baixo com uma estaca para que a bolsa de sarja se enfiasse e a pólvora pudesse voar com a mecha. Outro artilheiro avançava com a carga de metralha. Agora só faltavam alguns segundos para que o canhão ficasse pronto para disparar. Levantou a espingarda no ar e apertou o gatilho.

— Agora!

Os seus cento e setenta homens começaram a correr, uma corrida em que arrastavam os pés e arrebentavam os pulmões com os sapatos rotos. Cada soldado levava três mosquetes carregados, dois pendurados nos ombros, um nas mãos. Mantinham-se mais ou menos alinhados, se a cavalaria se movimentasse podiam fechar fileiras em segundos e formar a impenetrável parede de baionetas. Os artilheiros franceses ouviram o disparo da espingarda, pararam para observar o inimigo que desatava a correr pesadamente e sorriram zombeteiramente perante a inutilidade dos homens que acreditavam poder carregar contra um canhão de campanha. Então tudo mudou.

Durante os vinte minutos seguintes à visita do capitão de caçadores, os britânicos

tinham continuado a recolher os seus feridos. Sharpe estava seguro de que os franceses não tinham notado nada de estranho no fluxo de homens que iam e vinham dos corpos que jaziam abundantemente no local em que ele e Harper tinham salvo a bandeira do regimento. Durante esses vinte minutos Sharpe tinha escondido trinta homens entre os mortos, dez fuzileiros que estavam vestidos com casacas-vermelhas emprestadas e vinte do South Essex. Cada fuzileiro tinha duas espingardas, uma emprestada por um companheiro, e cada casaca-vermelha estava deitado com três mosquetes carregados. Os franceses não tinham percebido isso. Deixaram o armão do canhão e fizeram pontaria, sem se importarem com os corpos dispersos que jaziam a uns cem passos à sua direita. O momento do saque viria depois; primeiro os artilheiros destruiriam os presunçosos ingleses que se dirigiam para eles metade correndo metade a passo.

Harper suava com a casaca emprestada. Era muito pequena para ele e tinha rasgado as costuras de ambas as axilas, mas, mesmo assim, o suor escorria-lhe pelas costas. As casacas vermelhas eram essenciais. Os franceses já tinham se habituado à visão dos mortos e teriam reparado se de repente tivessem aparecido dez corpos com uniformes verdes entre os cadáveres. O maior receio de Harper fora que os franceses tivessem resolvido revistar os corpos para saqueá-los, mas não lhes tinham prestado atenção. Viu que Sharpe vinha entre eles, ainda estavam a cento e cinquenta jardas e ouviu o tenente Knowles suspirar de alívio quando Sharpe levantou a espingarda no ar. Knowles estava no comando dos trinta homens mas Harper tinha certeza que o inexperiente tenente não faria nada sem falar com ele primeiro e suspeitava que Sharpe dissesse a Knowles, que deixasse Harper tomasse as decisões.

O som do disparo regular elevou-se no campo. Aliviado, Harper estendeu os músculos e ajoelhou-se para a frente. “Levem o tempo que for preciso, rapazes, deixem falar os tiros.”

Se fosse rápido, daria cabo do seu propósito. Os fuzileiros apontavam deliberadamente, deixaram os braços desintumescer, os primeiros disparos seriam os mais importantes. Hagman foi o primeiro, Harper esperava que assim fosse, e olhou com aprovação quando o caçador de Cheshire grunhiu sobre a mira e apertou o gatilho. O artilheiro que estava a ponto de introduzir a mecha afastou-se rodopiando do canhão. Durante os dois segundos seguintes outras oito balas mataram mais três franceses da dotação, os quatro sobreviventes correram desesperadamente para a escassa proteção oferecida pela carreta e pelas rodas do canhão. O canhão já não podia ser disparado pois a carga de metralha ainda não estava colocada. Harper via-a junto a um artilheiro morto que tinha caído ao lado da boca de bronze, e qualquer homem que ousasse meter o projétil no canhão seria com toda certeza derrubado pelas espingardas mortais. Os franceses deixaram de usar as espingardas no campo de batalha, tinham-nas abandonado porque eram muito lentas para carregar, mas estes artilheiros estavam aprendendo que até uma espingarda lenta tem as suas vantagens em relação ao rápido mosquete que nunca era preciso a cem pés de distância.

— Alto ao fogo!

Os fuzileiros olharam para Harper.

— Hagman!

— Sargento?

— Mantenha-os ocupados. Gataker, Sim, Harvey!

Os três olhavam para ele na expectativa.

— Carreguem para Hagman. Os outros apontem nos oficiais de cavalaria.

O tenente Knowles e os vinte homens com mosquetes estavam ali para protegerem os fuzileiros se a cavalaria francesa carregasse contra eles, como certamente iria acontecer. Harper olhou fixamente para os cavaleiros. Pareciam tão surpresos como os artilheiros e estavam sentados nos cavalos olhando fixamente para os homens de artilharia mortos, como se não acreditassem nos seus próprios olhos. Tinham esperado que o canhão fizesse saltar a infantaria britânica em pedaços e agora percebiam que não havia canhão, nem vitória fácil. Harper levantou a sua primeira espingarda, pôs a mira em posição vertical e calculou que os cavaleiros estivessem a trezentas jardas, era um tiro comprido para uma espingarda, mas não impossível, e os franceses tinham agrupado convenientemente os seus oficiais veteranos num pequeno grupo à frente da primeira linha. Quando apertou o gatilho ouviu outras espingardas dispararem, viu que o grupo se dividia, e que um cavalo caía. Dois oficiais tombaram mortos ou feridos. Os franceses permaneciam temporariamente sem comandos. A iniciativa, tal como Sharpe planejara, estava totalmente nas mãos dos britânicos. Harper ficou de pé.

— O grupo de Hagman! Continuem a disparar. Os outros! Sigam-me! — Correu para o canhão, dando uma larga volta de maneira a que o campo de tiro de Hagman não fosse interrompido, e os homens seguiram-no. O plano para os fuzileiros fora destruir os artilheiros e permitir que a companhia de Sharpe capturasse o canhão, mas Harper viu que o seu tenente tinha ainda muito caminho pela frente e nem ele nem Sharpe pensavam que o canhão estivesse tão convenientemente próximo do grupo de emboscada. Knowles ficou surpreso com a corrida para o canhão, mas o enorme irlandês era tão contagiante que Knowles deu por si a apressar os casacas-vermelhas que escapavam por entre os corpos e corriam para o canhão que cada vez ganhava mais importância. Os artilheiros sobreviventes viram os mortos que tinham regressado à vida e fugiram. Quando Harper percorreu as últimas jardas a toda a velocidade, percebeu que os tiros espaçados de Hagman paravam e que ele estava ali, com as mãos na boca de bronze e os homens à sua volta.

— Tenente?

— Sargento? — Knowles ofegava.

— Duas fileiras entre o canhão e a cavalaria?

Harper fez com que soasse como uma pergunta, mas Knowles assentiu como se tivesse sido uma ordem. O jovem tenente estava freneticamente nervoso. Vira a cavalaria destruir o seu novo batalhão, observara como a bandeira real era confiscada do campo, e lutara contra os sabres com a espada que o pai lhe tinha comprado por quinze guinéus na loja de Kerrigan em Birmingham. Observara como Sharpe e o sargento Harper

tinham recuperado a bandeira do regimento e ficara estupefato com aquela ação. Agora queria demonstrar aos fuzileiros que os seus homens sabiam lutar com a mesma eficácia e alinhou o seu pequeno corpo, olhando fixamente para a cavalaria que por fim se movimentava. Parecia que uma centena de cavaleiros avançava para o canhão e os restantes dirigiam-se para Sharpe; Knowles lembrou-se dos sabres e do cheiro do medo e agarrou firmemente a sua espada. Estava decidido a não defraudar Sharpe. Pensou nas últimas palavras que este lhe dissera, nas mãos que lhe tinham agarrado os ombros e nos olhos que o trespassavam. “Espere!” — dissera Sharpe. — “Espere até que estejam a quarenta passos, então lance a descarga. Espere, espere, espere!” Parecia incrível a Knowles que ele e Sharpe tivessem o mesmo posto, estava seguro que ele nunca teria tais dotes de comando que pareciam naturais no fuzileiro alto. Knowles sentia-se intimidado pelos franceses. Eram os conquistadores da Europa, no entanto Sharpe via-os como homens a quem tinha de enganar e superar nos disparos e Knowles queria desesperadamente sentir a mesma confiança. Em vez disso estava nervoso. Queria lançar a sua primeira descarga agora, deter os cavalos franceses enquanto estivessem a uns cem passos, mas controlou o medo e observou como os cavaleiros se aproximavam, reparou que uma centena de sabres chiavam ao sair das bainhas e captavam o sol da tarde em filas curvas de luz. Harper chegou e ficou junto a ele.

— Temos um presente para os canalhas, tenente!

Parecia tão contente! Knowles engoliu a saliva e manteve a espada em baixo. Espere, disse para si mesmo, e surpreendeu-se ao ouvir que tinha falado em voz alta e que a sua voz tinha soado calma. Olhou para os homens. Confiariam nele!

— Muito bem, senhor. Permite-me? — disse Harper em voz baixa. Knowles concordou, sem estar seguro do que estava acontecendo.

— Pelotão!

Harper estava diante da diminuta linha de homens. Fez sinal aos homens da direita.

— Para o lado, quatro passos. Marchar! — Depois deu a mesma ordem para a esquerda. — Pelotão! Para trás, marchar!

Knowles recuou com eles, vendo como os franceses punham os cavalos a trote, e então compreendeu. Enquanto ele tinha olhado para os franceses, os fuzileiros tinham-se movimentado para o canhão. Em vez de apontar para baixo, para o caminho, agora estava apontado para a cavalaria francesa; de alguma maneira o tinham carregado e a carga de metralha que deveria ter varrido os britânicos do caminho, como uma dona de casa afugentando baratas com a vassoura, estava ameaçando a cavalaria. Harper estava na parte de trás do canhão, afastado da roda. Os artilheiros tinham feito a maior parte da carga, os fuzileiros tinham introduzido a carga de metralha no canhão e tinham encontrado a mecha lenta que ardia por um extremo. A espoleta estava no ouvido. Era uma lingüeta cheia de pólvora fina e quando Harper lhe tocasse, o fogo avançaria pelo tubo e acenderia a carga de pólvora que havia na bolsa de sarja.

— Reter fogo!

Harper gritava claramente, não queria que os homens sem experiência do South Essex disparassem ao mesmo tempo que o canhão.

— Reter fogo!

A cavalaria estava a setenta jardas, impelindo os cavalos a meio galope, dez cavaleiros na primeira fila. Harper calculou que houvessem cinqüenta homens no campo de tiro do pequeno grupo à volta do canhão e tinha mais cinqüenta de reserva. Tocou na mecha com a lingüeta. Soou um ruído sibilante, uma bola de fumaça proveniente do ouvido, e então ouviu-se uma enorme explosão. Saiu fumaça branca e acinzentada pela boca; o canhão, sobre as rodas de cinco pés, atirou para trás os seus quinze quintais que cravaram os lados da carreta e fizeram saltar as rodas do chão. A fina lingüeta metálica partiu-se ao sair da boca e Harper viu por entre a fumaça que as balas de mosquete e a metralha derrubavam a cavalaria. As primeiras filas foram destroçadas, as outras estavam aturdidas, eram incapazes de avançar sobre os cadáveres sangrentos e os feridos que cambaleavam, sangrando espantados. Harper ouviu Knowles gritar:

— Reter fogo! Reter fogo!

Bom rapaz, pensou o irlandês. A cavalaria tinha se dividido para ambos os lados da carnificina, parte da reserva aproximava-se a galope, mas os cavaleiros pareciam estonteados pela repentina explosão. Continuaram a avançar para o canhão mas mantiveram-se afastados da sua linha de fogo e Knowles observava as duas alas de cavaleiros que se aproximavam. Esperou, esperou até que meteram esporas nos cavalos e tentaram dar os últimos passos a galope; depois baixou a espada.

— Fogo!

Uma segunda descarga destroçou os cavaleiros que tentavam aproximar-se de ambos os lados do canhão. Caíram mais cavalos, mas os homens atiraram-se das selas num monte de braços, pernas, sabres e bainhas. Os cavaleiros de trás continuaram, deram a volta por trás do canhão e as espingardas iniciaram a sua missão e mais cavalos foram abatidos. Knowles estava surpreso por não ver cavalos em frente ao canhão, fez virar os seus homens, mudou para o terceiro mosquete e atirou uma terceira descarga por cima das cabeças dos fuzileiros ajoelhados.

— Obrigado, tenente!

Harper sorriu. A cavalaria se fora, dispersa pela metralha, ensangüentada pela descarga tão próxima, sem ter podido se acercar da infantaria por causa das barreiras de cavalos mortos e feridos. Harper viu que Knowles mandava os homens carregar os mosquetes. Virou-se para o canhão. Havia tanto a recordar! Limpar com os escovilhão, voltar a encher o ouvido; disse aos fuzileiros que voltassem a carregar o canhão capturado.

Sharpe tinha visto o canhão disparar, tinha observado os cavaleiros rasgados como uma ligadura ensangüentada, então voltara-se para os caçadores que atacavam a

sua própria formação. Quando a cavalaria tinha se aproximado mandara deter as três filas, ordenara-lhes que se virassem de frente para os franceses, à exceção da última fila que deu meia volta para enfrentar os cavaleiros que cercariam a pequena unidade. Os cavaleiros estavam com um humor selvagem. Tinham lhes arrancado uma vitória fácil, o capitão fora capturado, mas ainda restava a bandeira insolente ondulando sobre o pequeno grupo de infantaria. Esporearam os cavalos em direção a Sharpe, quebrando a disciplina, simplesmente com intenção de vingança e determinação de massacrar aquele corpo diminuto como o tacão de uma bota esmaga um escorpião. Sharpe observou como se aproximavam. Forrest deitou-lhe um olhar nervoso e aclarou a garganta, mas Sharpe balançou a cabeça.

— Espere, Major, aguarde um momento.

Ele e Forrest estavam junto à bandeira provocadora. Era uma armadilha para os franceses. Correram para ela, a trombeta tocou a sua carga gelada, os caçadores clamavam vingança, levantaram os sabres e morreram.

Sharpe deixara que se aproximassem até quarenta jardas e a descarga destroçou a primeira linha em frente aos britânicos. A segunda linha de cavaleiros franceses meteu esporas aos cavalos. Estavam confiantes. Acaso os britânicos não tinha disparado já a sua carga? Saltaram por cima dos restos angustiados da primeira fila e viram com horror que as fileiras de casacas-vermelhas não estavam ocupadas recarregando mas sim apontando tranquilamente os mosquetes. Alguns puxaram desesperadamente as rédeas, mas era já tarde demais. A descarga do segundo grupo de mosquetes de Sharpe amontoou os cavalos junto aos cadáveres da primeira linha.

— Troquem de mosquetes!

A última fila disparou, uma, duas vezes. Sharpe virou-se mas os sargentos experientes tinham-no feito bem. Os seus homens estavam rodeados de cavalos, mortos e agonizantes, caçadores estonteados e feridos que lutavam entre o caos e fugiam para a ampla extensão de terreno. Os franceses tinham perdido toda a coesão, toda a possibilidade de voltar a atacar.

— Virar à esquerda! Em frente!

Continuou a correr. Via Harper e Knowles. O jovem tenente parecia tranquilo e Sharpe viu o anel de franceses mortos que demonstrava que tinha aprendido a reter o fogo. O canhão voltou a disparar, envolvendo o grupo em fumaça, e Sharpe olhou para trás para ver que mais cavaleiros caíam onde estavam formando fileiras à sua direita. Alguns cavaleiros ainda cavalgavam à sua volta; Sharpe deteve-se e lançou uma descarga de vinte mosquetes para afastar um grupo de seis caçadores que avançavam a galope pelo flanco. Então os seus homens chegaram ao canhão. Sharpe agarrou Harper, deu-lhe umas palmadas nas costas, sorriu abertamente para o enorme irlandês e virou-se para felicitar Knowles. Tinham conseguido! Tinham capturado o canhão, tinham afastado a cavalaria, tinham causado danos terríveis aos homens e aos cavalos, e sem terem sofrido um só arranhão.

E era tudo. com o canhão nas mãos, Sharpe sabia que os franceses não se

atreveriam a voltar a atacar. Viu que davam voltas bem afastados do campo de tiro, enquanto os britânicos formavam em quadrado. Forrest estava radiante, procurando a todos como um bispo que tivesse celebrado uma confirmação particularmente agradável.

— Conseguimos, Sharpe! Conseguimos!

Sharpe ergueu os olhos para a bandeira que ondulava sobre o pequeno quadrado. A honra tinha sido recuperada em parte, não o suficiente, mas em parte. Tinha sido capturado um canhão francês, os caçadores estavam maltratados, alguns do South Essex tinham aprendido a lutar. Mas não era tudo. Havia cordas atadas à carreta do canhão capturado. Compridas e resistentes cordas francesas que podiam ser esticada por cima da ponte destruída em vez de subir por vertentes íngremes. Cordas e tábuas, tudo o que necessitava para começar a fazer os feridos atravessarem o rio.

Na ponte Lennox viu que um oficial caçador se aproximava a cavalo do quadrado britânico. Agora era muito tarde para voltar a negociar. Tinha frio e estava intumescido, a dor desaparecera e sabia que não duraria muito. Agarrou a espada, uma recordação atávica qualquer disse-lhe que era o seu salvo-conduto para o outro mundo; talvez onde o esperasse a mulher. Sentia-se satisfeito, cansado mas satisfeito. Tinha visto Sharpe avançar como um suicida, perguntando-se o que estaria fazendo, então ouvira o som característico das espingardas, vira figuras correndo para o canhão e observara como a cavalaria francesa era derrubada pela descarga massiva da infantaria. Agora já tinha terminado. Os franceses recolheriam os seus feridos e iriam embora e Sharpe voltaria para a ponte. E cumpriria a sua promessa, Lennox já sabia; o homem que podia planejar a captura daquele canhão teria ânimo para fazer o que Lennox queria. Assim aquele dia não o entristeceria. A imagem da bandeira, afastando-se do campo envolto em fumaça, obscureceu os olhos do escocês. O sol aquecia e ao mesmo tempo fazia muito frio. Agarrou a espada e fechou os olhos.

CAPÍTULO X

Maldito Sharpe! Vou destruí-lo. Perderá a graduação! Vai voltar para o buraco de onde provém! — O rosto de Simmerson contraía-se de raiva; até as orelhas tinham ficado vermelhas de fúria. Estava com Gibbons e Forrest, e o major tentava em vão apaciar a ira de Sir Henry. O coronel tirou o braço de Forrest de cima do seu ombro.

— Vou pedir um conselho de guerra! Vou escrever ao meu primo. Sharpe, está acabado! Acabado!

Sharpe permanecia no outro extremo da sala, com o rosto rígido pelo esforço de controlar a sua própria raiva e desprezo. Olhou pela janela. Tinha voltado a Plasência, ao palácio de Mirabel que era o quartel-general temporário de Wellesley, e olhou fixamente pela rua de Sancho Pólo para os telhados amontoados do bairro mais pobre da cidade, apertados dentro das muralhas. Por baixo passavam carruagens, trens elegantes com condutores uniformizados, que levavam damas espanholas de véu para trajetos misteriosos. O batalhão tinha regressado com dificuldade na noite anterior, os feridos transportados em carros de bois requisitados, com sólidos eixos que chiavam como aquelas fadas más irlandesas, dissera Sharpe. Misturado com o ruído interminável havia os gritos dos feridos. Muitos tinham morrido; muitos mais morreriam minados lentamente pela gangrena nos dias seguintes. Sharpe fora preso, haviam-lhe retirado o sabre, marchara junto com os seus fuzileiros incrédulos, que pensavam que o mundo tinha ficado louco e tinham jurado vingá-lo e dar a Simmerson o que este merecia.

A porta se abriu e o tenente-coronel Lawford entrou na sala. O seu rosto não refletia o ânimo que Sharpe tinha visto no reencontro que tivera havia cinco dias, olhou de frente para todos, tal como o resto do exército sentia-se humilhado e envergonhado pela perda da bandeira.

— Cavalheiros — disse com voz fria mas educada. — Sir Arthur os receberá agora. Têm dez minutos.

Simmerson dirigiu-se para a porta aberta, com Gibbons colado a ele. Simmerson parecia satisfeito. Os dedos do general tamborilaram sobre a mesa.

— Ah, o capitão Hogan. Vi-o há uma hora.

Wellesley pegou um pedaço de papel e olhou para ele. Sharpe sabia que era tudo fingimento. Wellesley sabia perfeitamente o que estava no papel mas fazia com que a tensão aumentasse. Os olhos azuis ergueram-se de novo para Simmerson, e o tom de voz ainda era suave.

— Servi com o capitão Hogan durante muitos anos, Sir Henry. Esteve na Índia. Considerei-o sempre um homem digno da maior confiança.

Levantou as sobrancelhas de modo interrogativo como se convidasse Simmerson a dar-lhe razão. Simmerson, inevitavelmente, aceitou o convite.

— Hogan, meu General, é oficial de engenharia. Não estava em situação de tomar decisões sobre o deslocamento de tropas.

Parecia satisfeito consigo mesmo, até ansioso por demonstrar a Wellesley que não guardava rancor apesar das suas diferenças políticas.

Num local qualquer do palácio um relógio zumbiu sonoramente e em seguida bateram as dez. Wellesley estava sentado, os dedos tamborilavam sobre a mesa, e então lançou um olhar a Simmerson.

— A sua solicitação está recusada, Sir Henry. Não vou submeter o tenente Sharpe a um conselho de guerra. — Fez uma pausa de um segundo, olhou para o papel e virou os olhos para Simmerson. — Temos de tomar algumas decisões a respeito do seu batalhão, Sir Henry, creio que deverá ficar.

Lawford dirigiu-se para a porta. A voz de Wellesley tinha soado forte e fria, pelo que Simmerson explodiu, erguendo a voz com indignação.

— Perdeu a minha bandeira! Desobedeceu!

O punho de Wellesley bateu sobre a mesa.

— Sir! Sei a que ordem ele desobedeceu! Eu também teria desobedecido! O senhor propôs enviar uma linha de atiradores contra a cavalaria! Não foi isso, Sir?

Simmerson não disse nada. Estava horrorizado pelo tumulto de ira que o envolvia. Wellesley continuou:

— Primeiro, Sir Henry, não tinha que fazer o seu batalhão atravessar a ponte. Era desnecessário, uma perda de tempo e uma tolice. Segundo — disse, contando pelos dedos —, só um louco lançaria uma linha de atiradores contra a cavalaria. Terceiro, o senhor desonrou este exército, que levou um ano para se reunir, frente aos nossos inimigos e frente aos nossos aliados. Quarto — disse Wellesley lancinante —, a única compensação ganha neste infeliz combate foi pela mão do tenente Sharpe. Pelo que percebi, Sir, ele recuperou uma das suas bandeiras perdidas e além disso capturou um canhão francês e utilizou-o com algum efeito contra os seus atacantes. Não foi assim?

Ninguém disse nada. Sharpe olhava fixamente para um quadro na parede junto ao general. Ouviu um ruído de papéis. Wellesley tinha pegado o papel da mesa. Baixou a voz.

— O senhor perdeu, além da sua bandeira, duzentos e quarenta e dois homens feridos ou mortos. Perdeu um comandante, três capitães, cinco tenentes, quatro alferes e dez sargentos. São exatos estes números?

Mais uma vez ninguém falou. Wellesley pôs-se de pé.

— As suas ordens, senhor, foram as de um louco! Da próxima vez, Sir Henry, sugiro que levante uma bandeira branca e poupe aos franceses o problema de terem de desembainhar as espadas. O trabalho que tinha de ser feito, senhor, podia ter sido feito por uma companhia; a diplomacia me obrigou a enviar um batalhão e enviei o seu, senhor, de modo que os seus homens pudessem ter um primeiro contato com os

franceses. Enganei-me! E como resultado, uma das nossas bandeiras está agora a caminho de Paris para ser mostrada diante da população. Diga-me se o estou difamando.

Simmerson estava completamente pálido. Sharpe nunca tinha visto Wellesley tão zangado. Parecia ter se esquecido da presença dos outros e dirigia as suas palavras contra Simmerson com uma força vingativa.

— O senhor já não tem um batalhão, Sir Henry. Deixou de existir quando perdeu os seus homens e uma bandeira! O South Essex é um regimento de um único batalhão, não é assim?

Simmerson acenou afirmativamente.

— Já que não pode completar os seus efetivos com outros. Gostaria, Sir Henry, de poder mandá-lo para casa! Mas não posso. Tenho as mãos atadas pelo Parlamento, pela Guarda Real e pelos políticos intrometidos como o seu primo. Declaro o seu batalhão, Sir Henry, um batalhão de destacamentos. Incorporarei novos oficiais e recrutarei homens para as suas fileiras. O senhor servirá na divisão do general Hill.

— Mas, meu General...

Simmerson ficou aterrado com a informação. Um batalhão de destacamentos? Inacreditável! Tartamudeou um protesto. Wellesley interrompeu-o.

— Vou facultar-lhe uma lista de oficiais. Vá dizer-me que já prometeu algumas promoções?

Simmerson assentiu. Wellesley olhou para a folha de papel que tinha na mão.

— Sir Henry, a quem atribuiu o comando da Companhia Ligeira?

— Ao tenente Gibbons, General.

— Ao seu sobrinho?

Wellesley fez uma pausa para se assegurar de que Simmerson respondia. O coronel assentiu tristemente com a cabeça. Wellesley virou-se para Gibbons.

— O senhor concordou com a ordem do seu tio de fazer avançar uma linha de atiradores contra a cavalaria?

Gibbons estava encurralado. Umedeceu os lábios, encolheu os ombros e por fim assentiu. Wellesley balançou a cabeça em sinal de desacordo.

— Então o senhor não é a pessoa mais adequada para comandar uma Companhia Ligeira. Não, Sir Henry, vou entregar-lhe um dos melhores atiradores do exército britânico para que comande as suas tropas ligeiras. Promovi-o a capitão.

Simmerson não disse nada. Gibbons estava pálido de raiva. Lawford olhou sorridente para Sharpe e o fuzileiro sentiu-se estremecer de esperança. O general voltou os olhos para Simmerson.

— Não sei de muitos homens, Sir Henry, que sejam melhores no comando de tropas ligeiras em batalha do que o capitão Sharpe.

Promoviam-no, tinha conseguido, tinha escapado! Não se importava que fosse com Simmerson, era capitão! Quase não ouviu as outras palavras de Wellesley, a vitória era total! O inimigo fora derrotado! Era capitão. O que importava que fosse uma nomeação artificial e que ainda estivesse dependente do visto favorável da Guarda Real? Por hora era assim. Capitão! Capitão Richard Sharpe do Batalhão de Destacamentos.

Wellesley deu por terminada a entrevista. Simmerson fez a última tentativa.

— Vou escrever — disse Simmerson indignado, agarrando-se desesperadamente a quaisquer restos de dignidade que pudesse recuperar da torrente de desprezo de Wellesley —, vou escrever para Whitehall, senhor, e eles ficarão conhecendo a verdade!

— Pode fazer o que quiser, Sir, mas permita-me que eu continue a fazer a guerra. Bom dia.

Lawford abriu a porta. Simmerson pôs de rompante o tricórnio na cabeça e os oficiais deram a volta para saírem. Wellesley disse:

— Capitão Sharpe!

— Senhor?

Era a primeira vez que lhe chamavam de capitão.

— Quero falar com o senhor.

Lawford fechou a porta ao sair com os outros três. Wellesley olhou para Sharpe, o seu semblante continuava duro.

— O senhor desobedeceu a uma ordem.

— Sim, General.

Wellesley fechou os olhos. Parecia cansado.

— Não tenho dúvidas de que mereça ser capitão. — Voltou a abrir os olhos. — Se pode ficar com essa graduação ou não, isso é outro assunto. Não tenho poder para essas coisas e é concebível e provável que a Guarda Real cancele todas estas disposições. Está entendendo?

— Sim, senhor!

Sharpe pensou compreender. Os inimigos de Wellesley tinham conseguido colocá-lo numa comissão de investigação havia apenas um ano e esses mesmos inimigos queriam aniquilá-lo. Sir Henry estava entre eles e o coronel já estaria planejando a carta que ia enviar para Londres. A carta que lançaria a culpa em Sharpe e, como o general se tinha posto do seu lado, também seria perigosa para Wellesley.

— Obrigado, senhor.

— Não me agradeça. Provavelmente não lhe fiz nenhum favor — disse, olhando

para Sharpe com algum desgosto. — Você tem o hábito, Sharpe, de merecer a gratidão através de métodos que deviam ser condenados. Faça-me entender?

— Sim, senhor.

Estava repreendendo-o? Sharpe continuou com o rosto inexpressivo. o rosto de Wellesley mostrou um toque de ira mas controlou-se e, de repente, substituiu-a por um sorriso triste.

— Alegro-me por não ter lhe acontecido nada — disse recostando-se na cadeira. — A sua carreira continua sempre interessante, Sharpe, apesar de eu reccar sempre que termine de forma precipitada. Bom dia, capitão.

Voltou a pegar a pena e começou a escrever nos papéis. Havia verdadeiros problemas. Os espanhóis não tinham entregue nada da comida que tinham prometido, os pagamentos do exército não tinham chegado, a cavalaria precisava de ferraduras e cravos e faltavam carros de bois, ainda mais carros de bois. Para cúmulo, os espanhóis iam de um extremo ao outro; num dia davam tudo pela glória, no dia seguinte pregavam precaução e retirada. Sharpe foi embora.

Lawford seguiu-o até à antecâmara vazia e estendeu a mão.

— Parabéns.

— Obrigado, senhor. Um Batalhão de Destacamentos, hein?

Lawford riu.

— Isso não vai agradar a Sir Henry.

Era verdade. Em cada companhia havia pequenas unidades de homens, como Sharpe e os seus fuzileiros, que se isolavam. Eram os restos do exército e a solução mais simples, quando eram em número suficiente, o general agrupava-os como batalhão temporário de destacamentos. Também proporcionavam ao general a oportunidade de promover homens, mesmo que temporariamente, no novo batalhão, mas não era nenhuma destas a razão que desagradava a Simmerson. Ao converter o maltratado South Essex num batalhão de destacamentos, Wellesley estava literalmente apagando o nome “South Essex” da sua lista do exército; era um castigo dirigido contra o orgulho de Simmerson, ainda que Sharpe duvidasse que o homem que aparentemente tomava a perda da bandeira real com tão assinalável simplicidade se sentisse muito desanimado pelo rebaixamento do seu batalhão. O seu rosto refletia estes pensamentos e Lawford interrompeu-o.

— Está preocupado com Simmerson?

— Sim.

Não havia necessidade de negar.

— Deve estar. Sir Arthur fez o que podia por você, promoveu-o, deve acreditar em mim quando lhe digo que escreveu para Inglaterra a seu respeito nos termos mais elogiosos

Sharpe assentiu.

— Mas...

Lawford encolheu os ombros. Encaminhou-se para a janela e olhou fixamente através das grossas cortinas de veludo para a planície que se estendia para além das muralhas; todo o cenário adormecia debaixo do sol implacável. Voltou-se.

— Sim. Há um mas.

— Continue.

Lawford parecia perturbado.

— Simmerson é muito poderoso. Tem amigos influentes — disse, encolhendo de novo os ombros. — Richard, temo que lhe causem dano. O senhor é um peão na batalha dos políticos. Ele é um tolo, concordo, mas os seus amigos de Londres não vão querer que o pareça! Exigirão um bode expiatório. É como se fosse a voz deles, compreende?

Sharpe concordou.

— Quando escrever da Espanha e disser que a guerra está mal comandada, eles escutarão a carta lida no Parlamento! Não importa que o homem esteja completamente louco! É a voz deles na guerra e se o perdem, perdem a credibilidade!

Sharpe balançou a cabeça angustiado.

— O que quer dizer que vão pressionar a mim e vão me sacrificar para que Simmerson sobreviva?

Lawford assentiu.

— Recio que sim. E a defesa que Sir Arthur faça só será vista como uma questão entre partidos.

— Pelo amor de Deus! Eu não fui minimamente responsável!

— Eu sei, eu sei — disse Lawford para acalmá-lo. — Não interessa. Ele escolheu você para bode expiatório.

Sharpe sabia que o que ele dizia estava certo. Durante algumas semanas estaria a salvo, a salvo enquanto Wellesley avançasse pela Espanha e combatesse os franceses, mas, depois disso, chegaria uma carta da Guarda Real, uma carta simples e breve que significaria o fim da sua carreira no exército. Sabia que se ocupariam de si. O próprio Wellesley talvez precisasse de um administrador ou o recomendasse a alguém que precisasse dele. Mas continuava a ganhar a vida penosamente, sob a suspeita de ser oficialmente o responsável por ter perdido a bandeira de Simmerson. Pensou na sua última conversa com Lennox. Teria o escocês previsto tudo?

— Há outro caminho — disse em voz baixa. Lawford olhou para ele.

— Como?

— Quando vi a bandeira perdida tomei uma decisão. Também fiz uma promessa a um moribundo.

Soava desesperadamente melodramático mas era verdade.

— Prometi capturar aquela bandeira com uma águia.

Houve um momento de silêncio. Lawford assobiou suavemente.

— Isso nunca foi feito.

— Não há qualquer diferença entre isso e eles nos tomarem uma bandeira. — Aquilo era fácil de dizer mas sabia que os franceses não lhe tornariam o trabalho tão fácil como Simmerson o tornara para os franceses. Durante os últimos seis anos os franceses tinham aparecido no campo de batalha com novos estandartes. Em lugar das velhas bandeiras agora traziam águias douradas montadas sobre estacas. Dizia-se que cada asa era apresentada pessoalmente ao regimento pelo imperador e os estandartes eram portanto mais que um mero símbolo do regimento, eram o símbolo de todo o orgulho de França na sua nova ordem. Capturar uma águia era fazer com que Bonaparte em pessoa fizesse papel de tolo.

Sharpe sentiu que a raiva lhe voltava.

— Não me importo de substituir a bandeira de Simmerson por uma águia. Mas estou furioso por ter que cavar o meu caminho através de uma companhia de granadeiros franceses simplesmente para permanecer no exército.

Lawford nada disse. Sabia que Sharpe dizia a verdade; a única coisa que podia impedir que os oficiais de Whitehall escolhessem Sharpe como vítima era o fuzileiro realizar um ato de tão indubitável mérito que lhes pudesse parecer uma idiotice convertê-lo em bode expiatório. Pessoalmente, Lawford acreditava que Sharpe tinha feito mais do que o suficiente, tinha recuperado uma bandeira, capturado um canhão, mas o expediente das suas proezas seria manchado em Londres com o que Simmerson contasse. Não, tinha de fazer mais, ir mais longe, arriscar a vida para tentar conservar o seu emprego.

Sharpe riu ironicamente. Deu uma palmada na batinha vazia.

— Uma vez alguém disse que nesta profissão o nosso valor é aquele que mostramos na última batalha. — Fez uma pausa. — A menos que se tenha dinheiro ou influências.

— Sim, Richard, a menos que se tenha dinheiro ou influências.

Sharpe sorriu zombeteiramente.

— Obrigado. Vou reunir-me à alegre multidão. Os meus fuzileiros continuam comigo?

Lawford assentiu.

— Boa sorte.

Viu Sharpe partir. Se havia um homem que pudesse roubar uma águia dos franceses, esse homem era o recém-promovido Richard Sharpe. Lawford ficou junto à janela e olhou para a rua. Viu Sharpe caminhar para a luz do Sol e pôr a barretina na cabeça; um enorme sargento esperava na sombra, o tipo de homem em que Lawford apostaria uma centena de guinéus numa luta de socos, e reparou que o sargento se dirigia a Sharpe. Os dois homens falaram durante um minuto e então o enorme sargento deu umas palmadas nas costas de Sharpe e articulou um grito de alegria que Lawford ouviu dois andares mais acima.

— Lawford!

— General?

Lawford passou para a outra sala e recebeu o expediente das mãos de Wellesley. O general agitou a pena no tinteiro.

— Explicou-lhe?

— Sim, General.

Wellesley balançou a cabeça.

— Pobre diabo. Que disse?

— Disse que aproveitaria a oportunidade, senhor.

Wellesley grunhiu.

— Todos temos de fazer isso.

Pegou outro pedaço de papel.

— Meu Deus! Enviaram-nos quatro caixas de borracha amoniacal, três de sais de Glauber, e duzentas peças variadas para cotos! Pensam que dirijo um maldito hospital em vez de um exército!

CAPÍTULO XI

As botas dos guardas de Coldstream repicaram sobre as lousas, soavam ocas na escuridão e desvaneciam-se pelas encostas enquanto o seu som era substituído pelo das primeiras companhias dos Guardas do Terceiro. Estas eram seguidas pelo primeiro batalhão do 61, o segundo do 163 e a seguir quatro batalhões completos da curiosa Legião Alemã do Rei. Sharpe estava no pórtico de uma igreja e viu como os alemães passavam à sua frente.

— Boas tropas, Major.

Forrest, tremendo apesar do seu capote, assomou-se na escuridão.

— Quem são?

— A Legião Alemã do Rei.

Forrest enterrou ainda mais as mãos nos bolsos.

— Nunca os tinha visto.

— Com certeza que não, major.

A legião alemã era um corpo estrangeiro do exército e a lei dizia que o máximo que se podia aproximar da Grã-Bretanha era até à ilha de Wight. Por cima das suas cabeças o relógio da igreja bateu as três. As três da madrugada de segunda-feira, 17 de Julho de 1809 e o exército britânico saía de Plasência. Uma companhia do 60 passou pela frente deles, outra unidade alemã, com o insólito nome de Fuzileiros Reais Americanos. Forrest notou que Sharpe olhava fixa e tristemente como marchavam os fuzileiros, com casacas verdes e cintos pretos.

— Nostálgico, Sharpe?

Sharpe sorriu na escuridão.

— Teria preferido que fosse o outro regimento de fuzileiros, Major. — Suspirava pela sensatez reinante no 95 frente à suspeita e ao mau humor que infestava o batalhão de Simmerson. Forrest fez um gesto com a cabeça.

— Lamento, Sharpe.

— Não lamente, senhor. Pelo menos sou capitão.

Forrest fingiu não ter ouvido.

— Mostrou-me uma carta, lembra-se?

Sharpe lembrava-se. Forrest continuou a desculpar-se, já tinha falado na carta por duas vezes. Negligência, total desobediência, inclusive a palavra “traição” tinham tido lugar no relatório mordaz que Simmerson escrevera a respeito das ações de Sharpe em Valdelacasa; mas nada disso era surpreendente. O que tinha aborrecido Sharpe era a

última petição que Simmerson fizera. Que enviassem Sharpe, como tenente, para um batalhão nas Índias Ocidentais. Ninguém comprava um cargo de oficial num desses batalhões, apesar das promoções serem mais rápidas ali do que em qualquer outro lugar do exército, e Sharpe conhecera homens que tinham renunciado, antes de irem para as ilhas banhadas pelo sol com as suas preguiçosas obrigações de guarnição.

— Isso não acontecerá, Sharpe.

O tom de Forrest traía o pensamento que o destino de Sharpe estava traçado.

— Não, senhor.

Não, se eu puder evitar, pensou Sharpe, e imaginava-se com uma águia nas mãos. Apenas a águia poderia salvá-lo das ilhas em que a febre reduzia a esperança de vida de um homem para menos em um ano, devido a uma doença terrível que fazia suar qualquer soldado e que convertia a petição de Simmerson numa virtual garantia de morte, a menos que Sharpe renunciasse à sua promoção ganha com tanto esforço.

Quase todas as unidades desfilarão em frente deles. Cinco regimentos de Dragões e os Hussardos da Legião Alemã do Rei, no total mais de três mil soldados de cavalaria, seguidos de um exército de mulas que transportavam a forragem para os preciosos cavalos. A artilharia pesada com os seus canhões, armões e forjas portáteis tinha ainda mais mulas e mais provisões. Mas o que mais perturbava o silêncio reinante nas ruas era a infantaria. Vinte e cinco batalhões de infantaria, pouco atrativos, com os uniformes manchados e as botas gastas; os homens que tinham de enfrentar os melhores artilheiros e a melhor cavalaria do mundo; e com eles marchavam ainda mais mulas misturadas entre as mulheres e crianças do batalhão.

O batalhão tomou finalmente a estrada que atravessava o rio muito depois do amanhecer e, se bem que nos dias anteriores tivesse havido calor, naquela altura parecia que a natureza tivera o propósito de cozer a paisagem numa sólida extensão de terracota. O exército avançava pela planície longa e árida e ia levantando um fino pó que permanecia no ar e revestia as bocas e gargantas da infantaria. Não havia nem vestígios de vento, só pó, calor e brilho, o suor que escorria para os olhos e o interminável som das botas batendo no caminho branco. Numa povoação havia uma represa que a cavalaria tinha espezinhado deixando-a cheia de barro sujo e pegajoso, mas até mesmo assim os homens acharam-na agradável, já que havia tempo que tinham esvaziado os seus cantis e puseram-se a tirar a água amarga da superfície do barro glutinoso.

Havia pouco mais a agradecer. O resto do exército evitava o novo Batalhão de Destacamentos, como se os homens padecessem de uma grande enfermidade. A perda da bandeira manchada a reputação de todo o exército e quando o batalhão acampou na primeira noite, o coronel de dragões não os deixou entrar numa casa espaçosa alegando que não queria ter nada a ver com um regimento que fracassara tão vergonhosamente. A escassez de comida não ajudava a levantar a moral do batalhão. Havia tempo que as cabeças de gado que saíram de Portugal tinham sido sacrificadas e consumidas, as provisões que os espanhóis haviam prometido não tinham chegado, e os homens tinham fome, estavam de mau humor e intimidados pela brutalidade de Simmerson. Este tinha encontrado as suas próprias razões para a perda da bandeira, o comportamento de

Sharpe e a ação dos seus próprios homens, e uma vez que não podia castigar o primeiro, tinha poder para castigar os outros. Apenas a Companhia Ligeira mantinha alguns vestígios de dignidade. Os homens estavam orgulhosos do seu novo capitão. Em todo o batalhão, Sharpe era considerado um homem mágico, um afortunado, um homem a quem as balas e as espadas do inimigo não podiam tocar. A companhia ligeira acreditava, como fazem os soldados, que Sharpe lhes traria sorte na batalha, os manteria com vida e apresentavam a ação da ponte como prova. Os fuzileiros de Sharpe estavam de acordo, sempre tinham sabido que o seu oficial tinha sorte e estavam satisfeitos com a sua nova promoção. Sharpe ficara perturbado com a alegria dos seus homens, corado quando lhe tinham oferecido alguns copos das garrafas de brandy espanhol guardadas, e tinha dissimulado a sua perturbação aludindo a determinadas tarefas a executar. Na primeira noite após sair de Plasência deitou-se num campo, envolto no seu capote, e pensou no rapaz que tinha se alistado temerosamente no exército havia dezesseis anos. O que teria pensado aquele rapaz aterrorizado, fugido da justiça, se soubesse que um dia seria capitão?

Na segunda noite o batalhão teve mais sorte. Acamparam próximo de um povoado sem nome e os bosques encheram-se de soldados que cortaram ramos para acender fogueiras onde ferver folhas de chá que traziam nos bolsos. Alguns policiais militares vigiavam os olivais. Nada tornava mais impopular o exército do que o hábito francês de cortar as oliveiras do povoado e negar-lhes assim a colheita durante anos e Wellesley dera ordens estritas para que não tocassem nas oliveiras. Os oficiais do South Essex — o batalhão ainda considerava a si mesmo como tal — alojaram-se na pousada do povoado. Era um edifício grande, evidentemente, um lugar de passagem entre Palência e Talavera e, na parte de trás, havia um pátio com grandes ciprestes e mesas e bancos de ambos os lados. O pátio abria-se para um riacho e, na outra margem, num campo de sobreiros, os homens do batalhão acendiam fogueiras e preparavam as camas. Muitos porcos tinham andado pelo campo e quando Sharpe despiu o uniforme para catar os piolhos nas costuras, sentiu cheiro da carne cozida entre as miríades de pequenas fogueiras que se viam através das folhas. Este tipo de saque castigava-se com o enforcamento imediato, mas ninguém podia evitá-lo. Os oficiais, os policiais militares, andavam todos com falta de comida e a oferta sub-reptícia de um pedaço de carne de porco roubada assegurava que os policiais não levariam a cabo qualquer ação por sua conta.

Pouco a pouco o pátio foi se enchendo de oficiais da dezena de batalhões que estavam acampados no povoado. O calor do dia transformou-se numa noite cálida e clara e as estrelas surgiram como se fossem as fogueiras do acampamento de um exército sem limites, visto à distância. Da sala principal da pousada saía a música e as vozes dos oficiais que incitavam as bailarinas espanholas a subirem as saias. Sharpe abriu caminho pela sala cheia de gente e vislumbrou Simmerson e os seus protegidos sentados e jogando cartas numa mesa do canto. Gibbons estava lá, estava sempre com os oficiais de Simmerson, e com o desagradável tenente Berry. Sharpe pensou por um momento na garota. Ele a tinha visto uma ou duas vezes desde que haviam voltado da ponte e sentira uma pontada de ciúmes. Afastou esse pensamento da cabeça; os oficiais do batalhão já estavam bastante divididos.

De um lado estavam os partidários de Simmerson que bajulavam o coronel e lhe confirmavam que a perda da bandeira tinha sido culpa dele, e havia também os que tinham demonstrado publicamente o seu apoio a Sharpe. Era uma situação desagradável, mas não se podia fazer nada quanto a isso. Atravessou a sala para o pátio e encontrou Forrest, Leroy e um grupo de subalternos junto a um cipreste. Forrest indicou-lhe um lugar.

— Nunca larga esse rifle?

— Para que o roubassem? — respondeu Sharpe. — Teria de pagá-lo.

Forrest sorriu.

— Já pagou os galões?

— Ainda não — respondeu Sharpe com uma careta. — Por enquanto estou oficialmente na relação do batalhão e suponho que os descontarão no vencimento quando estes chegarem.

Forrest passou-lhe uma garrafa de vinho.

— Não se preocupe. Hoje eu pago.

Os oficiais que estavam à volta da mesa brindaram ironicamente. Inconscientemente, Sharpe apalpou a bolsa de couro que tinha pendurada ao pescoço. Pesava seis peças de ouro mais, graças aos mortos de Valdelacasa. Bebeu um pouco de vinho.

— É asqueroso!

— Correm rumores — disse Leroy secamente. — Ouvi dizer que quando pisam as uvas não se dão ao trabalho de sair do lagar para urinar.

Fez-se silêncio e então ouviu-se um coro de vozes enojadas. Forrest olhou com dúvidas para dentro do copo.

— Não acredito.

— Na Índia — disse Sharpe — alguns nativos acreditam que é muito saudável beber a própria urina.

Forrest ficou olhando com os olhos arregalados.

— Não pode ser.

Leroy interveio.

— É absolutamente certo, senhor, eu os vi fazendo isso. Um copo por dia. À saúde!

Todos os que estavam à volta da mesa protestaram, mas Sharpe e Leroy garantiram que era verdade. A conversa ficou pela Índia, batalhas e cercos, animais estranhos, palácios que encerravam riquezas inconcebíveis. Pediram mais vinho e trouxeram-lhes comida da cozinha, não aquele porco de cheiro tão atraente que provinha

da tropa, mas um estufado feito à base de verduras. Estava-se bem sentado ali. Sharpe esticou as pernas por baixo da mesa e recostou-se no tronco do cipreste deixando que o cansaço do dia se apoderasse dele. Por cima das conversas e dos risos ouvia milhares de insetos que zumbiam e crepitavam na noite espanhola. Depois atravessaria o riacho e faria uma visita à sua companhia mas, por enquanto, deixou a mente vagar; sabia que não a poucas milhas dali, um grupo de oficiais franceses estaria igualmente sentado como eles e que os seus homens cozinhariam em fogueiras como as que havia na outra margem. E em qualquer lugar, talvez encostada ao canto da sala de uma pousada como aquela, estaria a água. Alguém lhe deu uma palmada nas costas.

— Com que então fizeram-no capitão! Este exército não tem normas!

Era Hogan. Sharpe não o tinha visto desde o dia em que tinham voltado da ponte. Levantou-se e apertou a mão do oficial de engenharia. Hogan sorriu abertamente.

— Estou encantado! Surpreso, claro, mas encantado! Parabéns!

Sharpe ficou vermelho e encolheu os ombros.

— Por onde tem estado?

— Oh, olhando algumas coisas.

Sharpe sabia que Hogan estivera fazendo o reconhecimento do terreno para Wellesley, informando quais as pontes que poderiam suportar o peso da artilharia, que caminhos eram suficientemente largos para que o exército passasse. O capitão, obviamente, tinha avançado até Oropesa e provavelmente ainda mais longe. Forrest convidou-o a sentar-se e perguntou-lhe as novidades.

— Os franceses estão no alto do vale. Muitos — disse Hogan enquanto se servia de um pouco de vinho. — Calculo que haja uma batalha dentro de uma semana.

— Uma semana! — exclamou Forrest surpreso.

— Sim, Major. Há muitos deles numa localidade chamada Talavera.

Hogan pronunciou Taly-verra fazendo com que parecesse uma aldeia irlandesa.

— Mas quando se juntarem com o exército de Cuesta vão superá-los largamente em número.

— Viu as tropas de Cuesta? — perguntou Sharpe.

— Sim — o irlandês sorriu zombeteiramente. — Não são melhores que o Santa Maria. A cavalaria talvez seja melhor, mas a infantaria...

Hogan não terminou a frase. Virou-se para Sharpe e voltou a sorrir.

— A última vez que o vi, você estava detido! Agora veja só. Que tal Sir Henry?

À volta da mesa todos riram. Hogan não esperou pela resposta mas baixou a voz.

— Estive com Sir Arthur.

— Eu sei. Obrigado.

— Por dizer a verdade? E agora? O que vai acontecer?

— Não sei — respondeu Sharpe em voz baixa, de modo que apenas Hogan pudesse ouvi-lo. — Simmerson escreveu para Inglaterra. Disseram-me que tem poder para fazer com que a Guarda Real não ratifique a minha nomeação então dentro de seis meses serei de novo tenente, provavelmente para sempre, e é quase certo que me enviarão para as ilhas da febre, ou para fora do exército.

Hogan olhou atentamente para ele.

— Está falando sério?

— Sim. Um oficial de Sir Arthur me disse mais ou menos isto.

— Por culpa de Simmerson? — perguntou Hogan franzindo a testa incrédulo. Sharpe suspirou.

— Está relacionado com o fato de Simmerson continuar a ter credibilidade no Parlamento entre as pessoas que se opõe a Wellesley. Eu sou o sacrificado. Não me pergunte, porque não consigo compreender. E o senhor? Também estava detido.

Hogan encolheu os ombros.

— Sir Henry perdoou-me. Não me leva a sério, pois sou só um oficial de engenharia. Não, vá por si. Você começou de baixo, é um fuzileiro, não é um cavaleiro, mas é melhor soldado do que ele alguma vez será — disse apertando o dedo indicador e o polegar. — Quer eliminá-lo. Ouça — disse Hogan inclinando-se para ele. — Em breve haverá uma batalha, com certeza. O grande idiota provavelmente armará a mesma porcaria que da outra vez. Não podem protegê-lo sempre. É tremendo, meu Deus, mas o senhor tem de rezar para que volte a se enganar completamente.

— Duvido que tenha de rezar para isso — respondeu Sharpe sorrindo. Numa das janelas superiores que davam para duas varandas que rodeavam o pátio ouviu-se um grito de mulher, terrível e intenso, que fez parar todas as conversas que aconteciam junto às árvores. Os homens ficaram quietos, com os copos a meio caminho da boca e olharam fixamente para as portas escuras que davam para os quartos.

Sharpe pôs-se de pé e agarrou instintivamente a espingarda. Forrest pôs-lhe uma mão no braço.

— Não é nada com você, Sharpe.

Houve um momento de silêncio no pátio, ouviram-se alguns risos nervosos, e a seguir foi retomada a conversa. Sharpe sentia-se incomodado. Podia não ter sido nada; uma das mulheres que vivia na pousada podia estar doente, podia até ser um parto difícil, mas estava certo de que se tratava de alguma coisa mais. Uma violação? Sentia vergonha por não ter feito nada. Forrest agarrou-o outra vez pelo braço.

— Sente-se. Com certeza não é nada.

Antes de Sharpe conseguir se mexer ouviu-se outro grito, desta vez um homem, e converteu-se num urro de raiva. Abriu-se de repente uma porta no piso superior, a luz amarela de uma vela espalhou-se sobre a varanda, e uma mulher saiu correndo do quarto e lançou-se escadas abaixo. Uma voz gritou: “Detenham-na!”

A garota precipitou-se pela escada como se os demônios do inferno a perseguissem. Os oficiais que estavam no pátio aplaudiram-na e insultaram as duas figuras que apareceram atrás dela, Gibbons e Berry. Não tinham qualquer chance de alcançá-la; os dois homens estavam bêbados e quando saíram do quarto foram embora cambaleando e pestaneando pelo pátio.

— É Josefina — disse Forrest.

Sharpe viu que a garota cambaleava pela escada abaixo até atingir o outro lado do pátio. Olhou desesperadamente por um segundo à sua volta como se procurasse ajuda. Levava uma bolsa e Sharpe vislumbrou qualquer coisa que parecia uma faca na mão dela e então ela virou-se e sumiu correndo na escuridão, no outro lado do riacho, em direção às luzes das fogueiras do batalhão. Gibbons deteve-se no meio da escada, vestia calças e camisa, com uma mão agarrava a camisa desabotoada contra o estômago, na outra tinha uma pistola.

— Volte aqui, vaca piolhenta!

Saltou os últimos degraus da escada e manuseou desajeitadamente a segurança da pistola.

— O que aconteceu, Gibbons? A garota levou os estandartes?

A voz provinha de uma mesa do pátio. Gibbons, com aspeto furioso, não fez caso do gozo nem das gargalhadas e correu com Berry para o riacho.

— Algo vai acontecer — disse Sharpe, levantando-se do banco. — vou até lá. — Abriu caminho por entre as mesas, Hogan e Forrest seguiram-no.

Afastou-se da luz do pátio e foi chapinhando pelo riacho; não se via nem a garota nem os seus perseguidores, apenas as luzes do sobral e de vez em quando a silhueta de um homem que passava em frente às chamas. Deteve-se para que os olhos se habituassem à escuridão. Forrest alcançou-o.

— Acontecerá alguma coisa, Sharpe?

— Não, se eu puder evitar, Major. Mas o senhor viu, ele leva uma pistola.

Ouviram-se gritos à direita; um certo alvoroço.

— Vamos!

Adiantou-se aos outros dois; corria depressa, deixando o caminho prateado do riacho, sustendo a espingarda na mão direita.

— O que está acontecendo? Quem diabos é você?

À luz de uma fogueira viu um soldado furioso. O homem surpreendeu-se ao ver

Sharpe e fez um rápido cumprimento.

— Vai atrás desse dois, Capitão?

— Iam com uma garota?

— Por ali, Capitão.

Assinalou a corrente abaixo, longe das fogueiras do batalhão, havia um prado escuro. Sharpe continuou a correr, Forrest e Hogan seguiam-no de perto. A frente ouviu um “ali”, um grito, tinham capturado a garota. Correu mais depressa, sem prestar atenção ao terreno pedregoso, receando ouvir o som de um disparo, adaptando os olhos à noite. De repente viu-os, Berry estava de pé com uma garrafa na mão e olhava para Gibbons que obrigara a moça a ajoelhar-se e queria tirar-lhe o saco das mãos. Sharpe ouviu-o gritando com Josefina.

— Largue, cadela!

Sharpe continuou a correr. Gibbons ergueu a vista, sobressaltado, e então Sharpe deu-lhe um soco com toda a força. O tenente caiu de costas, a pistola saltou-lhe da mão e caiu na água, e Sharpe viu que a bolsa de Josefina lhe caía da mão e derramava ouro brilhante sobre a erva escura. Gibbons tentou resistir com os pés mas Sharpe empurrou-o com a coronha da espingarda.

— Quietol!

O luar era suficiente para ver a expressão de Sharpe e ele deitou-se para trás apoiando-se nos cotovelos. Sharpe voltou-se para Berry.

— O que está acontecendo?

— A garota fugiu, Capitão. Viemos buscá-la.

A peculiar maneira de falar de Berry arrastando as palavras era acentuada pela bebida e quando se voltou para ver chegar Forrest e Hogan cambaleou ligeiramente.

— Está tudo bem? — perguntou Forrest.

Sharpe levantou-se para olhar para Josefina. Percebeu algo irrelevante, que era a primeira vez que a via vestida, sem usar calções de montar, e sua pulsação se acelerou ao ver-lhe os ombros nus e o que sugeria na sombra ser um vestido decotado. Ela tinha a cabeça baixa; primeiro pensou que estava soluçando, mas viu então que recolhia desesperadamente as moedas de ouro espalhadas. Calculou mentalmente que havia uma pequena fortuna no chão, então Forrest tapou-lhe a vista ao ajoelhar-se junto à moça.

— Está tudo bem?

A voz de Forrest era paternal, amável.

A garota assentiu, depois balançou a cabeça, e Sharpe viu que os ombros se moviam como se estivesse soluçando. As mãos continuavam a procurar as moedas de ouro na erva.

O major pôs-se de pé.

— O que aconteceu?

Disse tentando, sem efeito, parecer autoritário. Ninguém disse nada. Sharpe passou a espingarda para a mão esquerda e aproximou-se de Berry, tirou-lhe a garrafa e atirou-a para o ribeiro.

— Alto lá! — exclamou Berry falando com dificuldade.

— O que aconteceu?

— Só uma discussão. Não há nada com que se preocupar.

Berry piscou alegremente o olho para Sharpe e levantou cordialmente a mão entre o pequeno grupo. O fuzileiro deu-lhe um forte murro no estômago, e a boca de Berry abriu-se como a de um peixe. Dobrou-se e vomitou na erva. Sharpe agarrou-o e colocou-o de pé.

— O que aconteceu?

Berry olhava fixamente para ele, espantado.

— Você me bateu!

— E vou crucificá-lo se não falar de uma vez por todas.

— Estávamos jogando cartas. Eu ganhei.

— E?

— Discutimos.

Sharpe aguardou. Berry afastou da testa uma mecha de cabelo solto como se tentasse recuperar algo de dignidade.

— Ela negou-se a pagar a dívida.

Josefina tinha visto como Sharpe batera em Berry, e Hogan que estava calado a um lado a tinha visto sorrir com excitação quando o tenente tinha caído.

— Não é verdade! — exclamou a garota, furiosa. — O senhor trapaceou! Eu estava ganhando!

Ela pôs-se de pé e deu dois passos em direção a Berry.

Hogan olhou para o rosto dela e percebeu que ia arrancar os olhos do tenente, se pudesse. Agarrou-a pelo cotovelo, para detê-la. Ele, pelo menos, sabia que a verdade sobre quem tinha ganho, quem tinha perdido, ou quem tinha trapaceado provavelmente nunca se viria a saber.

— E o que aconteceu?

Josefina apontou para Berry.

— Ele queria me violar! Christian me bateu!

Sharpe virou-se para Gibbons. O tenente louro tinha se posto de pé e olhava para Sharpe dirigindo-se para ele. Tinha a camisa branca manchada de sangue e Sharpe lembrou-se da faca; Josefina tinha lhe dado uma facada mas não lhe tinha causado grande dano.

— Isso é verdade? — perguntou Sharpe.

— O quê? — A voz de Gibbons demonstrava um tom de desprezo.

— Que o senhor lhe bateu e o tenente Berry tentou violá-la.

Gibbons deu uma gargalhada.

— Tentar violar Josefina Lacosta é como obrigar um mendigo a aceitar dinheiro. Não sei se está compreendendo.

Hogan viu que tinha de dar um passo em frente, que havia muita tensão, mas Sharpe rompeu o silêncio que se seguira ao comentário depreciativo de Gibbons.

— Repita isso — disse Sharpe em voz suave.

Gibbons olhou com desprezo para o fuzileiro e quando falou a voz estava impregnada de todo o desdém que se sente pelas classes baixas.

— Vamos ver se compreende. Estávamos jogando cartas. A senhorita Lacosta perdeu dinheiro e apostou o corpo. Recusou-se a pagar e em vez disso veio embora com o nosso dinheiro. Isto é tudo.

— Não é verdade! — Josefina chorava. Afastou-se de Hogan e aproximou-se de Sharpe, olhou para ele com os olhos banhados em lágrimas e agarrou a bolsa com as mãos.

— Não é verdade. Estávamos jogando cartas, eu ganhei. Tentaram me roubar! Eu pensei que eram cavalheiros!

Gibbons riu. Sharpe voltou-se para ele.

— Você lhe bateu?

Vira-lhe uma equimose no rosto.

— O senhor não iria compreender — disse Gibbons com ar aborrecido.

— O que eu não iria compreender? — perguntou Sharpe aproximando-se do tenente.

Gibbons sacudiu uma folha de erva da manga com um gesto despreocupado.

— Como se comportam os cavalheiros, Sharpe. O senhor vai acreditar nela, porque é uma puta e o senhor está habituado a putas. Não está habituado a cavalheiros.

— Trate-me por senhor.

O rosto de Gibbons foi invadido pela ira.

— Vá para o diabo.

Sharpe deu-lhe um soco no peito e ao ver que o rosto de Gibbons estava acima do seu deu-lhe uma cabeçada entre os olhos. Gibbons cambaleou, com o nariz sangrando, e Sharpe largou a espingarda e voltou a atacar. Uma vez, duas vezes, e um soco final no estômago. Tal como Berry, Gibbons dobrou-se e vomitou. Caiu de joelhos, agarrando-se à barriga, e Sharpe, desdenhosamente, empurrou-o com a bota e o tenente estatelou-se no barro.

— Tenente Berry?

— Senhor?

— O senhor Gibbons está bêbado. Leve-o daqui e cuide dele.

— Sim, senhor.

Berry não ia discutir com Sharpe. Ajudou Gibbons a levantar-se. O sobrinho do coronel fazia esforço para respirar, arquejando o estômago, empurrou Berry para o lado e voltou-se para gaguejar a Forrest entre sufocos.

— O senhor viu. Ele m bateu!

Hogan adiantou-se com voz irritada e autoritária.

— Idiotes, tenente. O senhor estava bêbado e caiu. Vá se deitar.

Os dois tenentes foram embora tropeçando. Sharpe viu-os se afastar.

— Bandidos! Não se pode jogar uma mulher nas cartas.

Hogan sorriu tristemente.

— Sabe porque o fizeram oficial, Richard?

— Porquê?

— Você é cavalheiro demais para estar na tropa. Os homens jogam as mulheres nas cartas desde que as cartas foram inventadas, ou as mulheres — virou-se para a garota. — E agora, o que vai fazer?

— Fazer? — disse, olhando para Hogan e depois para Sharpe. — Não posso regressar. Tentaram me violar!

— É verdade — disse Hogan em voz sonora.

A garota assentiu apertando ainda mais a bolsa contra si e chegou-se a Sharpe.

— A minha roupa — disse. — Tenho de recuperar a minha roupa. As minhas coisas estão todas no quarto! — Forrest adiantou-se, com cara de preocupado.

— A sua roupa?

— Todas as minhas coisas. Eles me matarão. — Os olhos astutos de Hogan moveram-se da garota para Forrest.

— Se der a volta à fachada, major, e for depressa, chegará antes deles. Vão demorar dez minutos até vomitarem todo aquele álcool.

Forrest parecia assustado mas Hogan tinha tomado o comando e o major não soube como se opor. Hogan pegou o cotovelo de Josefina e levou-a até Forrest.

— Vá com o major Forrest e recolha as suas coisas. Depressa!

— Mas onde é que vou passar a noite?

Sharpe aclarou a garganta.

— Pode usar o meu quarto. Posso ficar com Hogan.

Forrest puxou a garota pelo cotovelo.

— Vamos, menina, temos de nos apressar.

Os dois foram chapinhando pelo ribeiro e apressaram-se em direção às luzes da pousada. Hogan viu-os ir e voltou-se para Sharpe.

— Ficar comigo?

— Seria o melhor, não?

— Hipócrita. Quer dizer, ficar com ela.

Sharpe não disse nada. Suspeitava que Hogan tinha mandado a garota com o major porque queria falar com Sharpe a sós, mas o fuzileiro não tinha qualquer intenção de facilitar as coisas ao amigo trazendo o assunto à baila. Acocorou-se, agarrou a espingarda e verificou a segurança para ver se a umidade e o barro tinham entrado na caçoleta. As luzes das fogueiras do batalhão manchavam a encosta com um mortício resplendor avermelhado.

— Sabe o que está fazendo, Richard? — perguntou Hogan, sem querer comprometer-se.

— O que quer dizer?

O irlandês sorriu.

— Ela é muito bela. Não há muitas tão bonitas como ela, pelo menos fora de Cork.

A piada fora dita com intenção de suavizar o tom, que era triste.

— Bem, a salvou, então no momento ela é sua. Vá mandá-la de volta para Lisboa?

Sharpe começou a andar junto ao ribeiro sem dizer nada. Hogan alcançou-o.

— Está apaixonado por ela? Pelo amor de Deus!

— E que mal há nisso?

Caminharam algum tempo em silêncio até que Hogan tirou um guinéu do bolso e

o mostrou.

— Aposto isto contra dez dos seus em como não vai dormir no meu quarto hoje.

Sharpe sorriu na escuridão.

— Não faço apostas, nem tenho dinheiro.

Hogan falava ainda em voz baixa. Procurou no bolso e tirou um punhado de moedas.

— Aposto todas estas, Richard, contra uma bala de espingarda como não vai dormir no meu quarto.

Sharpe olhou amistosamente para Hogan, com cara de preocupado. Seria tão fácil ganhar a aposta. Tudo o que queria era pôr Josefina no seu quarto e ir então para o de Hogan para recolher o punhado de moedas. O pagamento de seis meses, só por não se aproximar da dela, mas Sharpe recusou.

— Preciso de todas as minhas balas.

Hogan riu.

— Isso é verdade. Mas não me diga que não o avisei.

Pôs a mão no cinto de Sharpe, abriu a bolsa das munições e deixou cair o ouro. Sharpe protestou e tirou-o, mas Hogan voltou a pô-lo lá.

— Vai precisar dele, Richard. Ela vai querer um quarto decente em Oropesa e em Talavera, e sabe Deus quanto isso vai custar. Não se preocupe. Dentro em pouco haverá uma batalha e você matará um homem rico para me devolver o dinheiro.

Iam caminhando em silêncio. Hogan sentia a excitação de Sharpe e sabia que se tivesse oferecido ao fuzileiro dez vezes mais do que lhe oferecera não teria impedido que o fuzileiro passasse aquela noite com a garota ou, caso Josefina dissesse que não, Sharpe ficaria no quarto como seu fiel protetor, com a espingarda Baker sobre os joelhos. Passaram por Berry e Gibbons, um deles dobrado e gemendo, e chapinharam pelo riacho de volta para as luzes do pátio da pousada. Hogan olhou para Sharpe, os olhos dele estavam vivos de esperança, e deu-lhe um soco amigável no braço.

— Durma bem, Richard.

Sharpe devolveu-lhe o sorriso.

— Não se preocupe.

Subiu a escada pulando os degraus de três em três, as botas pisavam os degraus de madeira, e Hogan viu-o ir embora.

— É breve, meu senhor — estava falando sozinho —, como o amor de uma mulher.

— O que é isso, Capitão? — perguntou o tenente Knowles que estava ao seu lado.

— Nunca leu Shakespeare, meu rapaz?

— Shakespeare, Capitão?

— Um famoso poeta irlandês — disse Hogan. Knowles começou a rir.

— E de que obra se trata, Capitão?

— Hamlet.

— Oh, esse — sorriu Knowles, brincalhão. — O famoso príncipe irlandês?

— Oh, não — respondeu Hogan. — Hamlet não era irlandês. Era um tolo. Boa noite, tenente. Está na hora de ir para a cama.

Hogan olhou para o quarto de Sharpe. Teria confiado a sua vida ao fuzileiro, confiava nele sem a mínima dúvida, mas seria o mesmo ante uma mulher? Estaria indefeso, desarmado; uma jovem podia fazer-lhe o que um batalhão de franceses nunca conseguiria. Hogan foi andando murmurava pelo pátio vazio, repetindo o verso uma e outra vez, como se, por acaso, a repetição o tornasse menos verdadeiro. “A beleza move os tolos mais do que o dinheiro.”

CAPÍTULO XII

O Senhor é o oficial de serviço?

Sharpe confirmou. O oficial comissário, um tenente gorducho, sorriu alegremente e fechou a porta.

— Boa tarde, Capitão. Pode assinar?

— Para quê?

— O tenente ficou surpreso. Olhou o pedaço de papel que estendia a Sharpe.

— Terceiro Batalhão de Destacamentos, não é verdade?

Sharpe confirmou.

— O seu aprovisionamento, Capitão. — Voltou a mostrar-lhe a relação.

— Pode assinar, Capitão?

— Espere — disse Sharpe olhando para a relação. — Setecentas e cinquenta libras de carne de vaca? Que generosos, não acha?

O tenente esboçou um sorriso profissional.

— Recio que isto não seja só para hoje, senhor. É também para os próximos três dias.

— O quê? Três dias? Mas isso é só metade, raios!

O tenente estendeu os braços.

— Eu sei, senhor, eu sei, mas é o melhor que podemos fazer. Assina?

Sharpe tirou o chapéu e as armas de cima da mesa.

— Onde estão?

O tenente suspirou.

— Creio que não quer...

— Onde estão?

A voz de Sharpe ecoou na pequena divisão. O tenente sorriu, abriu a porta, e fez sinal a Sharpe indicando-lhe o pátio onde estava o grupo de trabalho do tenente junto a uma fila de mulas carregadas. O tenente levantou a tampa de uma barrica com pedaços de carne de vaca recém-abatida.

— Senhor?

Sharpe pegou o primeiro pedaço e agitou-o em frente ao rechonchudo oficial

comissário.

— Nem sequer pode andar em cima dela.

O tenente sorriu, já tinha ouvido aquilo em outras ocasiões. Sharpe tirou outro pedaço de cartilagem da barrica.

— Isto não é comestível! Quantas barricas tenho?

O tenente apontou para as mulas.

— Tudo isso, Capitão.

Sharpe olhou para além do pátio, para a rua iluminada. Havia outra mula pacientemente à espera sob o sol do entardecer.

— E o que é aquilo?

— Uma mula, senhor.

O tenente sorriu generosamente. Viu o rosto de Sharpe.

— Desculpe, senhor. É apenas uma pequena piada — disse, ficando sério. — São as provisões para o castelo, senhor. Para Sir Arthur. Está vendo?

— Tem certeza?

Sharpe desceu a arcada até à mula, com o tenente ao lado, e fez sinal ao arriero para que fosse embora.

— Acontece que esta manhã é o dia de entrega de provisões ao castelo, tenente, e não faltava nada lá.

O tenente sorriu impotente. Sharpe mentia, os dois sabiam, mas o tenente também mentia, e os dois também sabiam. Sharpe levantou a tampa da barrica que estava mais próxima.

— Isto sim, tenente, é carne de vaca. Ficarei com duas barricas destas em vez de duas das outras.

— Mas, senhor! Isto é para...

— Para o seu jantar, tenente? E o senhor e os seus companheiros oficiais venderão o resto. Não é verdade? Fico com isto.

O tenente voltou a fechar a barrica.

— Senhor, permita-me que lhe ofereça um excelente frango que encontramos. Claro que é um presente.

Sharpe pôs a mão em cima da mula.

— Quer que eu assine, tenente? Creio que primeiro vou pesar a carne. — O tenente sentia-se derrotado. Sorriu alegremente e entregou a relação a Sharpe.

— Não quero que tenha esse incômodo. Digamos que o senhor fica com todas as

barricas, incluindo estas?

Sharpe concordou. O regateio do dia tinha acabado e o seu próprio grupo de trabalho descarregou as mulas e levou a carne para fora de Oropesa onde estavam aquartelados os homens do batalhão. A situação de abastecimento era desesperadora e estava piorando. O exército espanhol tinha esperado em Oropesa e havia tempo que tinham comido tudo o que restara pelos arredores. As ruas íngremes da cidade estavam cheias de tropas, espanholas, britânicas e alemãs da Legião, e já surgiam desavenças entre os aliados. Patrulhas inglesas e alemãs da Legião tinham emboscado os carros de víveres espanhóis, tinham até matado os guardas, para ficarem com os alimentos que Cuesta prometera a Wellesley mas que não lhe entregara. As esperanças que o exército tinha de chegar a Madrid em meados de Agosto tinham se desvanecido ao ver que as tropas espanholas continuavam à espera. O regimento de Santa Maria estava em Oropesa e desfilava debaixo de bandeiras novas e enormes, e Sharpe interrogou-se se o general Cuesta não tinha limites no momento de substituir os troféus que iriam parar em Paris. Enquanto descia a encosta viu dois oficiais com as compridas espadas metidas debaixo do braço, estranha moda espanhola, e não havia nada neles, nem os seus esplêndidos uniformes, nem os seus finos cigarros, que desse uma pequena sensação de alívio a Sharpe a respeito de exército da Espanha.

Ele mesmo sentia fome enquanto seguia rua abaixo. O criado de Josefina tinha arranjado comida, a um certo preço, e pelo menos naquela noite ia comer, ainda que cada pedaço custasse quase o vencimento de um dia. Os dois quartos que ela tinha encontrado custavam por noite o vencimento de quinze dias, mas ao diabo com isso, pensou. Se acontecesse o pior e se visse obrigado a escolher entre um posto nas Índias Ocidentais e ficar como civil, era melhor maldizer logo o maldito dinheiro e desfrutá-lo agora no aluguel de quartos, pagar os olhos da cara por um frango ossudo que ao cozer se convertia em restos acinzentados, e levar dentro de si a febre da recordação do corpo de Josefina e do extraordinário luxo de um leito amplo e partilhado. No momento apenas tinha a recordação da noite na pousada, uma vez que ela tivera de se adiantar a ele, escoltada contra vontade por Hogan, enquanto Sharpe passava dois dias marchando entre o pó e o calor com o batalhão. Ele a tinha visto por um momento ao meio-dia, ficado deslumbrado por um sorriso de boas-vindas, e agora dispunha de toda uma noite, de uma longa noite, já que no dia seguinte não haveria marcha.

— Capitão!

Sharpe voltou-se. O sargento Harper corria na sua direção; vinha outro homem ao lado dele, um homem da Companhia Ligeira do South Essex.

— Capitão!

— Que aconteceu?

Sharpe reparou que Harper parecia excitado e preocupado, algo pouco habitual, mas sentiu uma pontada de impaciência ao retribuir a saudação. Malditos! Queria ir ver Josefina.

— E então?

— Os desertores, Capitão.

Harper quase se torcia de vergonha.

— Desertores?

— Já sabe, Capitão. Os que fugiram em Castelo. No dia em que se reuniram ao South Essex.

Sharpe recordava-se que os homens tinham sido açoitados porque quatro desertores tinham escapado por entre a guarda durante a noite. Olhou duramente para Harper.

— Como sabe?

— Kirby é companheiro deles, senhor.

Apontou para o homem que estava com ele. Sharpe olhou para ele. Era um homem pequeno a que não tinha quase nenhum dente.

— E então, Kirby?

— Não sei, senhor.

— Quer que te açoitem, Kirby?

Os olhos do homem viraram-se para os seus, surpreso.

— Como, senhor?

— Se não me disser, tenho de presumir que os está ajudando a fugir.

Harper e Kirby estavam calados. Por fim o sargento olhou para Sharpe.

— Kirby viu um deles na rua, senhor. Foi com ele. Dois estão feridos, Capitão. Kirby veio falar comigo.

— E o senhor vem falar comigo — disse Sharpe asperamente. — E o que espera que eu faça?

Mais uma vez nada disseram. Sharpe sabia que tinham esperança que ele fizesse um milagre, que de qualquer maneira o afortunado capitão Sharpe encontrasse um modo de salvar os quatro homens do selvagem castigo que o exército infligia aos desertores. Sentiu-se impaciente, ao mesmo tempo que uma tremenda raiva se apoderava dele. Que eles pensavam que ele era?

— Vá buscar seis homens, sargento. Três fuzileiros e três dos outros. Nos encontraremos aqui dentro de cinco minutos. Kirby, fica aqui.

Harper pôs-se em sentido.

— Mas, senhor...

— Vamos, acelerado!

O ar era transparente, aquele tipo de luz mesmo antes do crepúsculo quando o sol

parece suspenso num líquido colorido. Zumbiu um mosquito irritante à volta do rosto de Sharpe e este espantou-o. Os sinos da igreja tocaram o Ângelus, uma mulher passou correndo rua abaixo e benzeu-se, e Sharpe blasfemou interiormente porque tinha prometido a Josefina que iria encontrá-la às seis em ponto. Malditos desertores! O sargento pensava realmente que Sharpe iria perdoar a deserção? Junto a ele, assustado e nervoso, Kirby impacientava-se olhando para a rua e Sharpe pensou com tristeza no que aquilo significaria para o batalhão. Todo o exército se sentia frustrado, mas pelo menos podia olhar o futuro com uma mistura de medo e ânsia para a inevitável batalha que dava um certo sentido ao seu presente incômodo. O South Essex não partilhava dessas esperanças. Fora desonrado em Valdelacasa, a sua bandeira tinha sido vergonhosamente perdida e os homens não tinham vontade nenhuma de combater de novo. O South Essex estava amargurado e de mau humor. Qualquer dos seus homens teria desejado o melhor para os desertores.

Harper voltou com os homens, todos eles armados, todos eles olhando com apreensão para Sharpe. Um deles perguntou nervoso se podia atirar contra os desertores.

— Não sei — exclamou Sharpe. — Guie-nos, Kirby.

Caminharam encosta abaixo até à parte mais pobre da cidade, até um emaranhado de becos, onde crianças meio nuas brincavam entre a porcaria que se atirava para a rua. A roupa lavada pendia entre as varandas, tapando a luz, e a estreiteza entre as paredes parecia produzir mais peste. Era um cheiro que os homens tinham conhecido pela primeira vez em Lisboa e ao qual tinham se habituado, se bem que a sua origem fizesse com que caminhar pelas ruas noite fora fosse um caso nauseabundo e arriscado. Os homens iam calados e ressentidos, seguiam Sharpe contra vontade para levar a cabo um trabalho que preferiam não fazer.

— Aqui, senhor.

Kirby apontou para uma casa que pouco mais era do que uma cabana. Estava parcialmente caída e o resto parecia que ia cair a qualquer momento, Sharpe virou-se para os homens.

— Esperem aqui. Sargento Peters, venha comigo.

Peters era do South Essex. Sharpe tinha-o como homem sensato e era mais velho do que a maioria. Precisava de alguém do mesmo batalhão que os desertores, de modo que ninguém pudesse pensar que o fuzileiro de casaca verde conspirara contra o South Essex.

Empurrou a porta para abri-la. Quase esperava que houvesse alguém escondido com uma arma, mas em vez disso encontrou-se num quarto incrivelmente sujo. Os quatro homens estavam no chão, dois deitados e os outros dois sentados junto às brasas amortecidas do fogo. A luz filtrava-se pelos buracos que já tinham sido janelas e através do telhado e dos pisos de superiores destruídos. Os homens estavam andrajosos.

Sharpe atravessou o quarto em direção aos homens doentes. Pôs-se de joelhos e olhou para o rosto deles; estavam pálidos e tremendo, quase sem pulso. Virou-se para

os outros.

— Quem são vocês?

— Cabo Moss, senhor.

O homem tinha barba de quinze dias e as faces cavadas. Era óbvio que não comiam havia muito.

— Este é o soldado Ibbotson — disse, apontando para o companheiro. — E aqueles são os soldados Campbell e Trapper, Capitão.

Moss comportava-se com formalidade e educação, como se aquilo fosse salvá-lo do seu destino. O ar estava carregado de pó, o quarto estava cheio do fedor da doença e da porcaria.

— O que fazem em Oropesa?

— Vimos nos juntar ao regimento, Capitão — disse Moss com demasiada rapidez.

Fez-se silêncio. Ibbotson aproximou-se do fogo apagado e ficou olhando para o chão por entre os joelhos. Era o único que tinha arma, uma baioneta que mantinha na mão esquerda, e Sharpe calculou que ele não aprovava o que estava acontecendo.

— E as suas armas?

— Nós as perdemos, Capitão. E os uniformes também. Moss pretendia comprar.

— Quer dizer que os venderam.

— Sim, Capitão — respondeu Moss encolhendo os ombros.

— E beberam com o dinheiro?

— Sim, Capitão.

De repente ouviu-se um ruído no quarto do lado e Sharpe deu uma volta para olhar para a porta. Não havia nada lá. Moss balançou a cabeça.

— São as ratazanas, senhor. Exércitos de asquerosas ratazanas.

Sharpe voltou a olhar para os desertores. Ibbotson olhava agora fixamente para ele, com os olhos fixos de um louco fanático. Sharpe perguntou-se se ele planejava usar a baioneta.

— O que faz aqui, Ibbotson? Não quer se juntar ao regimento?

O homem não disse nada. Em vez disso levantou o braço que tinha escondido atrás das costas. Não tinha mão, só um coto envolto em trapos ensanguentados.

— Ibbs meteu-se numa briga, Capitão — disse Moss. — Perdeu a mão. Já não lhe serve de nada, senhor. Não é canhoto, sabe — acrescentou com rancor.

— Quer dizer que não serve para os franceses.

Houve um silêncio. O pó pesava no ar.

— É verdade — falou Ibbotson.

A voz dele era culta. Moss tentou fazê-lo calar, mas Ibbotson não fez caso do cabo.

— Poderíamos estar com os franceses há uma semana, mas estes loucos resolveram beber.

Sharpe olhou-o fixamente. Era estranho ouvir uma voz educada surgindo daqueles farrapos, barbas e ligaduras ensopadas em sangue. O homem estava doente, provavelmente tinha gangrena, mas agora pouco se importava. Ao admitir que corriam para o inimigo, Ibbotson tinha condenado os quatro. Se os tivessem apanhado tentando chegar a um país neutro, poderiam ter sido enviados, tal como Sharpe, para uma guarnição nas Índias Ocidentais onde a febre os mataria de qualquer maneira; assim só havia um castigo para os homens que se passavam para o inimigo. O cabo Moss sabia isso. Levantou os olhos para Sharpe e pediu-lhe:

— Na verdade, Capitão, não sabíamos o que estávamos fazendo. Esperamos aqui, senhor...

— Cala a boca, Moss!

Ibbotson olhou-o com frieza e depois virou-se para Sharpe, levantando a baioneta com a mão ainda que só para dar ênfase ao comentário.

— Vamos perder esta guerra. Qualquer idiota veria isso! Há mais exércitos franceses do que todos os que a Inglaterra pode formar em cem anos. Olhe para você! — A voz estava cheia de desprezo. — Pode vencer um general, e a seguir outro, mas continuarão sempre a vir! E vencerão! E sabe porquê? Porque têm um ideal. Chama-se liberdade, justiça e igualdade!

Deve-se de repente com os olhos brilhantes.

— O que você é, Ibbotson? — perguntou Sharpe.

— Um homem.

Sharpe sorriu ao ouvir a resposta que soou com dramático desafio. A discussão não era nova, podia contar-se com o fuzileiro Tongue para repeti-la na maior parte das noites, mas Sharpe tinha curiosidade em saber o que fazia um homem educado como Ibbotson nas fileiras do exército e pregando as contra-senhas francesas da liberdade.

— O senhor é culto, Ibbotson. De onde é?

Ibbotson não respondeu. Por trás dele, Sharpe ouviu Harper e Peters arrastando os pés pelo chão duro. Moss aclarou a garganta e apontou para Ibbotson.

— É filho de um vigário, Capitão — disse, como se isso explicasse tudo.

Sharpe olhou para Ibbotson. Filho de um vigário? Talvez o pai tivesse morrido ou fosse uma família muito grande e a penúria podia ter chegado por qualquer dos caminhos. Porque teria o destino levado Ibbotson a alistar-se no exército? Para medir a sua insignificante força com os bêbados e endurecidos criminosos que eram o rebotallo vulgar que ia parar nas unidades de recrutamento? Ibbotson voltou a olhá-lo fixamente e então, para desagrado de Sharpe, começou a chorar. Largou a baioneta e escondeu o rosto no ângulo do seu cotovelo esquerdo e Sharpe perguntou-se se de repente tinha pensado no jardim de um vicariato junto a uma igreja e numa mãe saudosa cozendo pão num cálido Verão inglês. Voltou-se para Harper.

— Estão presos, sargento. Esses dois terão de ser levados. — Saiu do casebre para o beco pestilento.

— Kirby?

— Senhor?

— Pode ir embora.

O homem saiu correndo. Sharpe não queria que se encontrasse cara o rosto com os quatro desertores cuja prisão provocara.

— Os outros, lá para dentro.

Olhou para cima entre as estreitas paredes que mostravam um pedacinho de céu. Algumas andorinhas passaram pela abertura, as cores escureciam com a noite, e no dia seguinte haveria execuções. Mas primeiro havia Josefina.

Harper aproximou-se da porta.

— Estamos prontos, Capitão.

— Vamos então.

CAPÍTULO XIII

Sharpe acordou sobressaltado, sentou-se, levou a mão instintivamente a uma arma e então, dando-se conta de onde estava, voltou a afundar-se na almofada. Estava coberto de suor, apesar da noite estar fresca e uma suave brisa agitar as pontas das cortinas de ambos os lados da janela aberta, através da qual se via a lua cheia. Josefina estava sentada junto à cama, observando-o, com um copo de vinho na mão.

— Estava sonhando.

— Sim.

— Com quê?

— Com a minha primeira batalha. — Não disse mais nada, mas no seu sonho não tinha sido capaz de carregar a Brown Bess: a baioneta e o cano não encaixavam, e os franceses iam se aproximando, rindo do rapaz espantado nas planícies úmidas de Flandres. Era em Boxtel, e raras vezes pensava na confusa batalha sobre o campo úmido. Olhou para a garota.

— E você? — perguntou dando umas palmadinhas sobre a cama. — Porque está acordada?

Ela encolheu os ombros.

— Não conseguia dormir.

Tinha vestido uma espécie de bata escura e só eram visíveis o rosto e a mão que sustinha o copo no quarto às escuras.

— Porque não conseguia dormir?

— Estava pensando no que você disse.

— Não tem por que acontecer.

— Não — respondeu ela sorrindo.

Um cão ladrava em algum ponto da cidade, ainda que não se ouvissem outros ruídos. Sharpe pensou nos prisioneiros e perguntou-se se estariam passando a última noite acordados e ouvindo o mesmo cão. Recordou a noite anterior em que tinha voltado da prisão militar e a larga conversa que tivera com Josefina. Ela queria ir para Madrid, estava desesperada por chegar a Madrid, e Sharpe disse-lhe que não achava provável que os aliados chegassem até à capital da Espanha. Sharpe acreditava que Josefina não sabia muito bem porque queria chegar a Madrid, era a cidade sonhada por ela, o seu pote de ouro no final do arco-íris, e ele tinha ciúmes do desejo dela por lá chegar.

— Porque não quer voltar para Lisboa?

— A família do meu marido não me receberia bem, pelo menos nestas circunstâncias.

— Ah, Edward.

— Duarte — corrigiu de forma automática.

— Então volte para casa.

Já tinham tido aquela conversa anteriormente. Ele tentava obrigá-la a recusar cada opção, exceto a de que ficasse perto dele, como se acreditasse que podia se permitir isso.

— Para casa? Você não compreende. Serei obrigada a esperar por ele tal como os seus pais. Num convento ou num quarto escuro, não importa.

A voz dela tinha indícios de desespero. Tinha sido criada no Porto, filha de um comerciante bastante rico a ponto de se dar com as famílias inglesas importantes que dominavam o comércio portuário. Tinha aprendido inglês desde pequena porque era esta a língua dos ricos e poderosos da sua terra. Então casara-se com Duarte, dez anos mais velho que ela e guardião dos Falcões Reais de Lisboa. Era um cargo de cortesão, longe de qualquer falcão, e ela adorava o brilho do palácio, os bailes, a vida elegante. Depois, havia dois anos, quando a família real fugira para o Brasil, Duarte tinha levado uma amante em vez da mulher e deixou-a na grande casa com os pais e as irmãs dele.

— Queriam que eu entrasse para um convento. Imagine! Que o esperasse num convento, uma mulher respeitosa, enquanto ele gerava bastardos com aquela mulher?

Sharpe rebolou em cima da cama para sair de lá e dirigiu-se à janela. Apoiou-se na madeira negra, esquecendo-se da sua nudez, e olhou fixamente para leste, como se pudesse ver no céu da noite os reflexos das fogueiras francesas. Ali estavam, a um dia de marcha, mas não se via nada mais do que o luar sobre o campo e os telhados inclinados da cidade. Josefina aproximou-se, pôs-se ao seu lado e passou os dedos pelas cicatrizes das costas dele.

— O que acontecerá amanhã?

Sharpe virou-se e olhou para ela.

— Vão matá-los com um tiro.

— É rápido?

— Sim.

Não precisava lhe explicar que as vezes os tiros falhavam e os oficiais tinham de se aproximar e disparar-lhes na cabeça com uma pistola. Passou-lhe o braço por trás e atraiu-a para si. Ela reclinou a cabeça no peito dele, os dedos ainda explorando as cicatrizes das costas.

— Tenho medo — disse ela com voz suave.

— Deles?

— Sim.

Gibbons e Berry tinham estado na prisão militar quando levaram os desertores para lá. Sir Henry estava lá, esfregando as mãos, e tão entusiasmado estava com a captura dos fugitivos que agradecera efusivamente a Sharpe, esquecendo, de repente, toda a inimizade. O conselho de guerra fora uma formalidade, uma questão de minutos, e em seguida o papel fora assinado pelo general; o destino dos quatro homens estava selado. Sharpe, por um momento, ficara na sala com os dois tenentes que não lhe tinham dito nada. Tinham falado em voz baixa, com alguns risos, olhando para ele como que para lhe provocarem a sua ira, mas não era o local nem o momento adequados. Haveria de chegar. Ele puxou-lhe a cabeça para si.

— Precitaria de mim se eles não estivessem aqui?

Ela assentiu.

— Você ainda não compreende. Sou uma mulher casada e fugi. Oh, já sei que ele fez pior, mas isso não conta. No dia em que deixei os pais de Duarte fiquei só. Compreende? Não posso voltar, os meus pais não me perdoariam. Pensei que em Madrid... — A voz foi se apagando.

— E Christian Gibbons disse que tomaria conta de você em Madrid?

Voltou a assentir.

— Outras garotas também iam, você sabe. Há tantos oficiais. Mas agora... — voltou a calar-se. Ele já sabia no que ela pensava.

— Agora está preocupada. Não consegue chegar a Madrid, e está com alguém que não tem dinheiro e pensa em todas essas noites nos campos ou em cabanas cheias de moscas.

Ela sorriu e Sharpe sentiu o tormento da sua beleza.

— Um dia, Richard, você será um coronel com um grande cavalo e montes de dinheiro, e será terrível para com todos esses capitães e tenentes.

Ele riu.

— Mas não depressa o bastante para você?

Tinha dito a verdade, sabia, mas isso não ajudava. Havia outras garotas, moças de boas famílias como Josefina, que tinham se exposto a tudo e tinham corrido atrás dos soldados. Mas não eram casadas, tinham arranjado refúgio num casamento rápido e as suas famílias tinham sido obrigadas a aceitar o melhor possível. Mas e Josefina? Sharpe sabia que ela encontraria um homem mais rico que ele, um oficial de cavalaria com dinheiro para lhe oferecer e com bom olho para as mulheres, e o afeto dela por Sharpe seria ultrapassado diante da necessidade de conforto e segurança. Apertou-a firmemente contra o peito, sentindo que o ar da noite lhe esfriava a pele.

— Tomarei conta de você.

— Promete? — disse ela em voz apagada.

— Prometo.

— Então não vou ter medo — disse afastando-se um pouco. — Está com frio?

— Não importa.

— Anda — disse ela levando-o de novo para o quarto às escuras.

Ele sabia que lhe pertencia por pouco tempo, apenas por pouco tempo, e isso o entristecia. Lá fora, o cão ladrava para o céu vazio.

CAPÍTULO XIV

O batalhão estava formado em companhias dando forma aos lados um quadrado. O quarto lado, em lugar do triângulo para as vergastadas, estava ocupado por dois planos inclinados que cresciam junto a um tanque pouco profundo. As bordas do tanque tinham sido pisadas pela cavalaria; o barro tinha secado e convertera-se em torrões ocres raiados de espuma verde. Entre as árvores tinham colocado o tambor do batalhão e sobre a pele cinzenta e tensa repousavam uma Bíblia aberta e um livro de orações. Não havia vento que pudesse virar as páginas, e o sol seguia o seu interminável assalto sobre a planície e sobre os homens que suavam em sentido com o uniforme de gala.

Sharpe estava diante da Companhia Ligeira, à esquerda da linha, e olhava por cima das cabeças da Companhia de Granadeiros, em frente ao Castelo de Oropesa que dominava a planície. As suas muralhas erguiam-se como lousas de pedra por cima dos telhados da cidade e Sharpe pensou inutilmente no que devia ter sido cavalgar completamente vestido com uma armadura de cavaleiro durante a época em que o castelo fora um verdadeiro obstáculo. A moderna artilharia perfuraria as aparentemente sólidas muralhas e derrubaria as pedras sobre as inclinadas ruínas provocando avalanches devastadoras. O suor fazia-lhe arder os olhos, pingava-lhe pela casaca verde e escorria pela espinha. Sentia-se curiosamente despreocupado, não num estado adequado para presenciar o envio dos desertores para a eternidade, e enquanto olhava fixamente para o castelo pensou em Josefina e de algum modo chegou à conclusão, na luz da manhã, de que a combinação não era má de todo. Ela seria sua enquanto precisasse dele, em troca, oferecia-lhe felicidade e vida. E quando acabasse a dita combinação? Ele sabia que um bom soldado planejava sempre uma batalha quando a tinha pela frente, mas não podia fazer planos para quando Josefina se fosse.

Olhou para Gibbons que estava formado, montado no cavalo com a Companhia Ligeira.

Simmerson montava no centro do quadrado junto ao general Daddy Hill que, junto com os seus oficiais, tinha vindo cumprir o dever de observar a execução. Gibbons estava sentado, com uma expressão petrificada, e olhava fixamente para frente. Tão depressa quanto a revista acabasse, Sharpe sabia que voltaria ao seguro amparo do tio; o tenente não tinha dito nem uma palavra a Sharpe, tinha simplesmente percorrido a companhia com o cavalo, dera a volta e permanecera sentado. Não havia nada a dizer. Sharpe sentia o ódio que o homem quase irradiava, a determinação de vingança, porque Sharpe não só conseguira a promoção que Gibbons queria, mas algo muito pior, o fuzileiro ficara também com a amante dele. Sharpe sabia que esse assunto não estava resolvido.

Catorze homens, todos culpados de crimes menores, marcharam para o interior do quadrado e colocaram-se de frente para as árvores. O castigo deles era ser o pelotão de fuzilamento e enquanto os homens ali permaneciam, com os mosquetes apoiados no

chão, olhavam fixamente com fascinação para as duas sepulturas recém-abertas e para os rudes caixões de madeira que esperavam Ibbotson e Moss. Os outros dois prisioneiros tinham morrido durante a noite. Sharpe pensava que Parton, o médico do batalhão, os tinha ajudado a percorrer esse caminho em vez de obrigar o batalhão a olhar para dois homens gravemente doentes amarrados a duas árvores e crivados de balas até à morte. Quando criança tinha visto um enforcamento público e ouvira a multidão excitada quando as vítimas estrebuchavam e se debatiam bruscamente na forca. Tinha visto homens voando da boca decorada dos canhões de bronze, com os corpos destroçados contra a paisagem indiana, companheiros torturados pelas mulheres do Tippoo, alimentando as bestas selvagens, ele próprio enforcara homens à beira dos caminhos; no entanto, a maior parte das vezes tinha visto homens executados por um tiro com toda a pompa de uma execução ritual. Nunca gostara do espetáculo; supunha que nenhuma pessoa de juízo gostava, mas sabia que era necessário. Aquela execução, no entanto, era ligeiramente diferente. Não que Moss e Ibbotson não merecessem morrer, já que tinham desertado e pensado em se juntar ao exército inimigo, e não podiam esperar outro fim que não o pelotão de fuzilamento. No entanto, depois da batalha da ponte, das chicotadas de Simmerson, da sua insistente condenação por perder a bandeira, parte do batalhão via na execução o resultado do desprezo e o ódio contra eles. Sharpe poucas vezes tinha sentido nas tropas tal ressentimento.

À distância, abrindo caminho por entre a multidão de espectadores britânicos e espanhóis, surgiu o destacamento de prisioneiros e guardas. Forrest aproximou o seu cavalo de Simmerson.

— Batalhão! Armem baionetas!

As lâminas guincharam ao saírem das bainhas e o aço correu pelas fileiras das companhias. Os homens devem morrer com a devida cerimônia. Sharpe viu que Gibbons se baixava para falar com o alferes de dezesseis anos, Denny.

— É a sua primeira execução, Denny?

O jovem assentiu. Estava pálido e inquieto, tal como os soldados mais jovens. Gibbons riu entre dentes.

— É a melhor prática de tiro que os homens podem ter!

— Cale-se! — gritou Sharpe, olhando-o com frieza. Gibbons sorriu às escondidas.

— Batalhão!

O cavalo de Forrest deu de lado. O major acalmou-o.

— Ombro arma!

Os homens perfilaram-se empunhando as baionetas. Fez-se silêncio. Os prisioneiros vestiam calça e camisa, não tinham casaca, e Sharpe supôs que as deviam ter ensopado em brandy asqueroso ou rum. Um capelão caminhava junto a eles, o murmúrio das suas palavras mal chegava a Sharpe, mas os prisioneiros não pareciam dar-lhe importância ao serem conduzidos para as árvores. O drama avançava

inexoravelmente. Moss e Ibbotson estavam atados a duas árvores, com os olhos vendados, e Forrest mandou pôr o pelotão de fuzilamento em sentido. Ibbotson, o filho do vigário, estava mais perto de Sharpe que o viu mover freneticamente os lábios. Estaria rezando? Sharpe não entendia as palavras.

Forrest não deu ordens. O pelotão de fuzilamento tinha sido treinado para obedecer a sinais mais do que a ordens. Apresentaram armas e apontaram ao ver os movimentos da espada do major. De repente, a voz de Ibbotson tornou-se clara e audível, o tom de culto cheio de desespero, e Sharpe reconheceu as palavras. “Pecamos e desviamos-nos do caminho como ovelhas perdidas...” Forrest baixou a espada, os mosquetes dispararam, os corpos estrebucharam freneticamente, e um bando de pássaros voou dos ramos. Dois tenentes adiantaram-se correndo, de pistolas erguidas, mas as balas dos mosquetes tinham cumprido o seu trabalho e os corpos pendiam com os peitos ensangüentados e moídos em frente a última fumaça branca de mosquete.

Um murmúrio, apenas audível, percorreu as filas do batalhão. Sharpe virou-se para os seus homens.

— Silêncio!

A Companhia Ligeira calou-se. A fumaça do pelotão de execução pairava penetrante no ar. O murmúrio cresceu. Oficiais e sargentos gritaram ordens, mas os homens do South Essex tinham encontrado a forma de protestar e o murmúrio tornou-se mais insistente. Sharpe manteve a sua companhia calada, quase pela força, ficou olhando para eles com ferocidade com a espada desembainhada, mas não podia fazer nada contra o desprezo que os seus rostos refletiam. Não era dirigido a ele, mas para Simmerson, e o coronel puxou bruscamente as rédeas no centro do quadrado e rugiu pedindo silêncio. O ruído elevou-se. Os sargentos correram para o interior das filas e bateram nos homens que pensavam que produziam o som, os oficiais gritavam às companhias, fazendo com que aumentasse o estrépito, mas por de trás do batalhão provinham as zombarias dos soldados britânicos de outras unidades, que tinham saído da cidade para assistir à execução.

Pouco a pouco o queixume e o murmúrio foram diminuindo, tão lentamente como a fumaça dos tiros se dissolveu no ar, e o batalhão ficou em silêncio. Daddy Hill não se mexera nem dissera nada, mas agora dirigia-se aos seus ajudantes-de-campo e o pequeno grupo afastou-se delicadamente a trote, passou junto ao pelotão de fuzilamento que estava levantando os corpos para colocá-los nos caixões, e foi em direção a Oropesa. O rosto de Hill era inexpressivo. Sharpe não conhecia Daddy Hill, mas sabia, como o resto do exército, que o general tinha reputação de ser agradável e considerado e Sharpe se perguntava o que ele achava de Simmerson e dos seus métodos. Rowland Hill estava ao comando de seis batalhões mas Sharpe tinha certeza de que nenhum lhe causaria tantos problemas como o South Essex.

Simmerson aproximou o cavalo das sepulturas, puxou o animal para baixo e pôs-se de pé sobre os estribos. Tinha o rosto avermelhado, sua raiva era óbvia e inflamada, a voz soava estridente no silêncio.

— Hoje às seis da tarde haverá uma revista de castigo. Equipamento completo!

Vão me pagar por isto!

Os homens ficaram em silêncio. Simmerson sentou-se na sela.

— Major Forrest! Aja em conformidade!

O batalhão desfilou, uma companhia atrás de outra, à frente os dois caixões abertos e os homens tiveram de olhar fixamente para os corpos destroçados que aguardavam sepultura. Isso, dizia o exército, é o que vai lhes acontecer e mais que isso, pois os nomes dos mortos eram enviados para Inglaterra para serem afixados num painel da paróquia de maneira que a vingança recaísse também sobre as suas famílias. As companhias desfilaram pela frente, em silêncio.

Quando o batalhão se foi e os outros espectadores tinham olhado para os restos de olhos muito abertos, um grupo de trabalho baixou os caixões para as sepulturas. Jogaram terra nas covas, e voltaram a colocar as capas de erva de maneira que à primeira vista não se notasse que havia alguém enterrado ali. Não estavam nitidamente demarcadas, essa era a última afronta, mas depois dos soldados partirem, os camponeses espanhóis encontraram as sepulturas e cravaram cruzes de madeira na erva. Não era uma questão de respeito, era simplesmente precaução de gente sensata. Os mortos eram protestantes, estavam enterrados fora de um cemitério, e as cruzes rudimentares estavam ali para fazer com que os seus espíritos agitados ficassem debaixo da terra. O povo espanhol já tinham muitos problemas com a guerra; os exércitos da França, Espanha e agora da Grã-Bretanha cruzavam uma e outra vez as suas terras. Pouco podia fazer um camponês contra isso, ou contra os homens que lutavam na guerrilha. Mas os fantasmas dos ingleses pagãos eram outra coisa. Que necessidade havia de espantarem o gado e espreitarem pelos campos durante a noite? Cravaram bem as cruzes e dormiram tranquilos.

Um em cada dez homens devia ser açoitado. Sessenta homens do batalhão, seis de cada companhia, e o capitão de cada uma das companhias tinha de entregar seis homens, nus da cintura para cima, prontos para serem atados aos triângulos de açoite que Simmerson mandara fazer. O coronel tinha dado as suas ordens e olhava à volta, furioso, com os pequenos olhos sanguinolentos, para os oficiais reunidos.

— Algum comentário?

Sharpe respirou fundo. Dizer qualquer coisa era inútil, não dizer nada era covardia.

— Creio que não é boa idéia, Coronel.

— O capitão Sharpe crê que não é boa idéia — disse Simmerson despejando acidez em cada palavra. — O capitão Sharpe, cavalheiros, está nos dizendo como dirigir os homens. Porque não é boa idéia, capitão Sharpe?

— Fuzilar dois homens de manhã e açoitiar sessenta de tarde parece-me que é fazer o trabalho dos franceses, Coronel.

— Ah, sim. Bem, maldito seja, Sharpe, e malditas as suas idéias. Se a disciplina deste batalhão fosse aplicada tão rigorosamente pelos capitães como eu exijo, este castigo não seria necessário. Vou açoitá-los! E isso inclui os seus valorosos fuzileiros, Sharpe! Espero que haja três deles entre os seus homens! Aqui não há favoritismos!

Não havia nada que fazer nem a dizer. Os capitães explicaram-no às suas companhias e, tal como fez Sharpe, cortaram palhas e tiraram à sorte para determinar quem seriam as vítimas de Simmerson. Três dúzias de açoites vezes sessenta homens. Eram duas horas, as vítimas iam emborcando bebidas alcoólicas que pudessem debilitar-lhes a mente e os companheiros mal-humorados começaram a tarde limpando e pedindo o equipamento para a revista de Simmerson. Sharpe deixou-os trabalhando e voltou à casa que desempenhava as funções de quartel-general do batalhão. Os problemas pairavam no ar, um humor que evocava o tempo carregado que antecede uma tempestade, a alegria que Sharpe sentira de manhã fora substituída pelo receio do que poderia acontecer antes de voltar à casa onde Josefina estava à espera dele, sonhando com Madrid.

Passou a tarde preenchendo laboriosamente os livros da companhia.

Todos os meses, o diário tinha de ser copiado para o diário maior, e este tinha de ser entregue a Simmerson ao fim de uma semana para que o analisasse. Encontrou tinta, afiou a pena, e com a língua entre os dentes começou a anotar os detalhes. Podia ter delegado o trabalho ao sargento encarregado dos livros, mas preferia fazê-lo pois assim ninguém poderia acusar o sargento de favoritismos. Lançou na conta do soldado Thomas Cresacre uma escova de calçado nova. Cinco pence. Sharpe suspirou; cada entrada para as colunas escondia uma pequena tragédia. Cresacre tinha atirado a escova

na mulher e a madeira tinha se partido contra uma parede de pedra. O sargento McGivern vira e o denunciara de modo que, além dos problemas conjugais, Thomas Cresacre perderia cinco pence dos doze diários que tinha como prêmio. A segunda entrada do pequeno diário que andava no bolso de Sharpe era um par de sapatos para Jedediah Horrell. Sharpe teve dúvidas. Horrell garantia que tinham lhe roubado os sapatos e Sharpe inclinava-se a acreditar nele. Horrell era um bom homem, um robusto camponês da região central de Inglaterra, e Sharpe encontrava sempre o seu mosquete limpo e o equipamento em ordem. E Horrell já tinha sido castigado. Tinha marchado durante dois dias com botas emprestadas e tinha os pés feridos e inflamados. Sharpe riscou a entrada no seu diário e escreveu no diário maior “perdidas em ação”. Tinha poupado seis xelins e seis pence ao soldado Horrell. Puxou para si o livro de equipamentos e copiou laboriosamente a informação do diário maior. Divertiu-o ver que Lennox já tinha apontado que cada homem tinha perdido um colarinho “em ação”, então oficialmente os colarinhos, tal como as botas de Horrell, ficavam por conta do governo, em vez de ficarem a cargo do indivíduo que as tinha perdido. Permaneceu durante uma hora copiando do diário para o diário maior e deste para o livro de contas as bagatelas de cada dia. Quando acabou foi para o livro da tropa. Este era mais simples. O sargento Read, o encarregado dos livros, já tinha registrado o nome dos homens que tinham morrido em Valdelacasa e inscrevera os novos nomes, os dos fuzileiros de Sharpe. Em frente a cada um dos nomes de Sharpe anotou a quantia de três xelins e seis pence, a soma lançada, todas as semanas, pelo custo da comida. Não era justo, sabia, já que os homens só recebiam meias rações e a questão era que a situação do aprovisionamento estava piorando. Os comissários percorriam o vale do Tejo, havia freqüentes refregas entre patrulhas inglesas e francesas para decidirem que bando podia revistar uma terra em busca de alimentos escondidos. Até se travaram batalhas entre os ingleses e os seus aliados espanhóis que não tinham entregado nem uma centésima parte dos víveres prometidos e, no entanto, entravam todos os dias rebanhos de ovelhas, vacas, cabras e porcos para os seus homens. Mas ele não tinha poder para reduzir a quantia que os homens pagavam se as rações não eram entregues completas. No entanto no final da página anotou que a quantia era o dobro do que correspondia à comida e tinha esperança que mais tarde se mandaria corrigir a injustiça. Na coluna seguinte registrou quatro pence em cada linha, o que tinha custado para as mulheres lavarem a roupa. Lavar a roupa de um homem custava dezesseis xelins e quatro pence por ano, o rancho mais de oito libras. Cada soldado ganhava um xelim por dia, dezessete libras e sessenta xelins por ano, mas uma vez deduzidas a comida, a lavagem de roupa, as meias solas e as capas, e o dinheiro de um dia que se perdia para ir aos hospitais militares de Chelsea e Kilmainham, sobravam a cada homem os três setes: sete libras, sete xelins e sete pence, e Sharpe sabia, pela sua própria e amarga experiência, que podiam se considerar afortunados se conseguissem isso. Muitos homens perdiam mais dinheiro ao terem de substituir o equipamento perdido e a verdade era que se pagava a cada soldado quatro pence e meio por dia para lutar contra os franceses.

Como capitão, Sharpe recebia dez xelins e seis pence por dia. Parecia uma fortuna, mas mais de metade ia se na comida e além disso a messe dos oficiais cobrava um extra de dois xelins e oito pence por dia para pagar o vinho, a comida de luxo e o rancho dos criados. Pagava mais pela limpeza e pelos hospitais e conhecia a soma de cor.

Simplesmente não somava. E agora Josefina custava-lhe dinheiro. Hogan tinha lhe emprestado e, somado ao conteúdo da sua bolsa de couro, tinha o suficiente para os próximos quinze dias, mas o que aconteceria depois? A sua única esperança era encontrar o cadáver de um homem rico no campo de batalha. O cadáver de um homem muito rico.

Sharpe terminou os livros, fechou-os, deixou a pena em cima da mesa e bocejou ao mesmo tempo que o relógio da cidade batia as quatro. Voltou a abrir o livro de tropa semanal e deu uma vista de olhos aos nomes, perguntando-se com morbidez quantos deles estariam ainda ali ao fim de uma semana e em quantos deles apareceria na coluna à frente a palavra “falecido”. Registrariam o seu nome? Outro oficial olharia para o livro maior e perguntaria quem tinha escrito “cinco pence, uma escova de calçado” em frente ao nome de Thomas Cresacre? Voltou a fechar os livros. Era tudo pura especulação. Havia um mês que não pagavam ao exército, e mesmo que o fizessem nem assim os pagamentos estariam em dia. Entregaria os livros ao sargento Read, que os guardaria na mula da companhia e quando chegasse o pagamento, então efetuava-o, Read faria as deduções registradas nos livros e pagaria aos homens um punhado de moedas. Alguém bateu à porta.

— Quem é?

— Sou eu, senhor. — Era a voz de Harper.

— Entre.

A cara de Harper estava triste, o seu comportamento era muito formal.

— E então, sargento?

— Temos problemas, senhor, e grandes. Os homens negam-se a formar.

Sharpe recordou-se do seu reccio.

— Que homens?

— Todo o maldito batalhão, Capitão. Incluindo os nossos rapazes. Quando Patrick Harper falava nos “nossos rapazes” queria dizer os fuzileiros.

Sharpe pôs-se de pé e embainhou o grande sabre.

— Quem mais sabe?

— O coronel, Capitão. Os homens enviaram-lhe uma carta.

Sharpe soltou uma maldição em voz baixa.

— Enviaram-lhe uma carta? E quem a assinou?

Harper balançou a cabeça.

— Ninguém a assinou, senhor. Diz simplesmente que não vão formar e que se ele se aproximar farão voar a maldita cabeça dele.

Sharpe pegou a espingarda. Havia uma palavra que descrevia o que estava

acontecendo e essa palavra era “motim”. A ordem de Simmerson de açoitá-los um em cada dez podia converter-se facilmente na ordem de os dizimar, e em vez de açoitá-los, os homens seriam colocados contra árvores e a seguir fuzilados. Olhou para Harper.

— O que está acontecendo?

— Falam muito, Capitão. Estão se entrincheirando no depósito de madeira.

— Todos?

Harper negou com a cabeça.

— Não, senhor. Ainda há uns duzentos na horta. A sua companhia está lá, senhor, mas os rapazes do depósito estão tentando convencê-los a unirem-se a eles.

Sharpe balançou a cabeça. O batalhão estava acampado num olival a que os homens chamavam horta, simplesmente porque as árvores estavam dispostas em filas. O olival ficava por trás do depósito de madeira, um pátio murado com uma única entrada.

— Quem entregou a carta?

— Não sei, Capitão. Puseram-na por baixo da porta da casa de Simmerson.

Sharpe apressou-se em sair. O pátio da casa estava sombrio e em silêncio, a maior parte dos oficiais tinha ido conhecer a cidade antes de marchar na manhã seguinte ao encontro dos franceses.

— Há algum oficial no depósito?

— Não, senhor.

— E os sargentos?

O rosto de Harper era inexpressivo. Sharpe supôs que muitos dos sargentos secundariam o protesto, mas tal como o enorme irlandês, conheciam melhor que os seus homens qual seria o resultado se o batalhão se negasse a formar.

— Espere aqui.

Sharpe voltou correndo para a casa. As divisões estavam frescas e vazias. Uma mulher olhou-o da cozinha, com uma réstia de pimentões na mão, e fechou a porta rapidamente quando viu o rosto dele. Sharpe subiu os degraus dois a dois e abriu de par em par a porta do quarto em que estavam alojados os oficiais mais jovens da Companhia Ligeira. Estavam ali apenas o alferes Denny, o jovem de dezesseis anos, dormindo sobre um colchão de palha.

— Denny!

O rapaz acordou, assustado.

— Senhor!

— Onde está Knowles?

— Não sei, Capitão, creio que na cidade.

Sharpe deteve-se por um momento para pensar. O rapaz olhava-o fixamente, do colchão, com os olhos bem abertos. Sharpe agarrava uma e outra vez o punho da espada.

— Encontre-se comigo no pátio assim que estiver vestido. Depressa.

Harper esperava na rua onde o calor do sol aquecia as pedras de tal maneira que Sharpe sentia o ardor mesmo através das solas das botas.

— Sargento, quero a companhia formada dentro de cinco minutos no caminho por trás do olival. Com toda o equipamento.

O sargento abriu a boca para fazer uma pergunta, mas viu a expressão no rosto de Sharpe e preferiu fazer continência. Denny saiu do pátio afivelando o sabre que arrastava pelas pedras a seu lado. Parecia receoso quando Sharpe se virou para lhe falar.

— Ouça com atenção. Tem de descobrir onde está o coronel Simmerson e o que ele está fazendo. Entendido?

O rapaz confirmou.

— E não deixe que ele descubra o que o senhor está fazendo. Tente no castelo. A seguir venha me buscar. Estarei no caminho atrás do olival ou na praça em frente ao depósito de madeira. Se não estiver em nenhum desses lugares procure o sargento Harper e espere com ele. Entendido?

Denny voltou a confirmar com a cabeça.

— Repita.

O rapaz repetiu as instruções. Queria desesperadamente perguntar a Sharpe a que se devia tanta excitação mas não se atreveu. Sharpe confirmou quando o rapaz acabou.

— Mais uma coisa, Christopher — disse utilizando deliberadamente o nome de batismo do rapaz para lhe dar segurança. — Não deve entrar no depósito de madeira, sob qualquer pretexto. Agora, vá. Se vir o tenente Knowles, o comandante Forrest ou o capitão Leroy, diga-lhes que se puderem venham me procurar! Rápido!

Denny apertou a espada à cintura e abalou a correr. Sharpe gostava dele. Um dia seria um bom oficial se antes não fosse trespassado pela baioneta de um granadeiro francês. Sharpe rodeou a colina até ao depósito de madeira e aos alojamentos dos homens. Só havia uma maneira de impedir o desastre, e era fazer o batalhão formar o mais rapidamente possível, antes de Simmerson ter tempo de reagir ante a ameaça de motim.

Atrás dele ressoaram os cascos de um cavalo e virou-se para ver um cavaleiro que lhe fazia sinais com a mão. Era o capitão Sterritt, o oficial de dia, que parecia compreensivelmente nervoso.

— Sharpe!

— Sterritt?

Sterritt deteve o cavalo.

— Há uma convocação para que todos os oficiais se apresentem no castelo.

— O que aconteceu?

Sterritt olhou freneticamente à volta para as ruas desertas, como se alguém pudesse ouvir o novo desastre que tinha caído sobre o batalhão de Simmerson. Sharpe quase não voltara a ver Sterritt desde a batalha da ponte. O homem tinha um medo evidente de Simmerson, dos homens, de Sharpe, de toda as pessoas, e procurava passar despercebido. Resumiu-lhe os acontecimentos do depósito de madeira. Sharpe interrompeu-o.

— Eu já sei disso. O que está acontecendo no castelo?

— O coronel pediu para falar com o general Hill.

Ainda havia tempo. Levantou os olhos para o assustado capitão.

— Escute. Você não me viu. Entendido, Sterritt? Não me viu.

— Mas...

— Não há mas nem meio mas. Quer que fuzilem esses sessenta homens?

Sterritt abriu a boca. Voltou a olhar para as ruas em redor e dirigiu-se a Sharpe.

— As ordens do coronel são para que ninguém se aproxime do depósito de madeira.

— Você não me viu, assim, como posso ter conhecimento as ordens?

— Oh — respondeu Sterritt, sem saber como reagir.

Viu que Sharpe se afastava rua abaixo e desejou, uma vez mais, ter nascido quatro anos mais cedo; então teria sido o herdeiro e agora seria um latifundiário. Assim sentia-se um boneco arrastado pela corrente. Voltou-se tristemente para o castelo perguntando-se em que acabaria tudo aquilo.

Em frente do depósito de madeira havia um enorme espaço aberto como o terreno comunitário de uma aldeia inglesa, só que a erva aqui era amarelada e crescia humildemente sobre a terra escassa. Aquele terreno era usado para o mercado semanal, mas agora servia de terreno de jogos para os soldados de uma dúzia de batalhões. Sharpe viu tropas do 48 e do 29, e uma companhia dos Fuzileiros Reais Americanos cujas casacas verdes lhe trouxeram à lembrança dias mais felizes. Os homens aplaudiam e animavam os jogadores; Sharpe pensou que em breve teriam um espetáculo mais interessante para assistir.

Virou à esquerda, junto a um muro do depósito de madeira, e desceu na direção do olival. Não havia ninguém pelo caminho, tal como ele previra, mas ao aproximar-se chamou por Harper e como resposta ouviu uma torrente de ordens; eram os sargentos da Companhia Ligeira que conduziam os homens pelo caminho. Supunha que estariam renitentes em formar mas duvidava que se atrevessem a resistir-lhe; deteve-se e viu

como Harper formava a companhia em quatro filas.

— Companhia formada, meu senhor.

— Obrigado, sargento.

Sharpe encaminhou-se para a primeira linha da companhia, de costas para as árvores e a multidão de espectadores constituídos pelas mulheres do batalhão misturadas com homens de outras companhias que tinham pulado o muro do depósito.

— Vamos formar imediatamente.

Não se mexeram. Olhavam fixamente em frente.

— Os seis homens destacados para o castigo dêem um passo em frente. — A hesitação foi momentânea. Os seis homens, três fuzileiros e três da Companhia Ligeira original, olharam para a direita e para a esquerda, mas deram um passo em frente. Gerou-se um murmúrio na tropa.

— Silêncio!

Os homens calaram-se mas de atrás, do olival, um grupo de mulheres começou a gritar insultos e a dizer aos seus homens que não fossem covardes. Sharpe deu a volta.

— Calem a boca! As mulheres também podem ser açoitadas!

Mandou a companhia marchar para a praça do mercado e fez sair da fina erva os ociosos renitentes. Os seis homens que tinham de ser açoitados permaneciam na primeira fila, vestidos apenas com as calças e a camisa. Foi fácil convencê-los. Sharpe adivinhava pela fisionomia deles que se sentiam aliviados por tê-los obrigado a formar. Quaisquer que fossem as palavras inflamadas que tivessem sido pronunciadas na ardente tarde espanhola, Sharpe sabia que nenhum homem queria realmente passar pela inutilidade de enfrentar a máxima autoridade do exército. Isso parecia simples, pensava, e agora tinha de persuadir as outras nove companhias, encaminhou-se para os seis homens da primeira fila e olhou-os com severidade.

— Sei que é injusto — falava baixo. — Vocês não provocaram o ruído desta manhã.

Deve-se. Não estava seguro do que queria dizer e se continuasse poderia parecer que partilhava em demasia os protestos deles. Gataker, um dos infelizes fuzileiros, sorriu alegremente.

— De acordo, senhor. Não é culpa sua. Subornamos os rapazes dos tambores.

Sharpe também sorriu. O suborno não serviria de nada, Simmerson se asseguraria disso, mas agradecia as palavras de Gataker. Deu cinco passos atrás e ergueu a voz.

— Esperem aqui! Se algum homem se mexer substituirá um dos seis.

Caminhou pela erva até à porta de dois batentes do depósito de madeira.

Na realidade nunca tinha estado preocupado pelos seus homens, sabia que o seguiriam, mas enquanto caminhava para as portas fechadas interrogava-se sobre o que se cozinhava no interior, e, ainda mais, que problema estava se fomando atrás das muralhas de lousa do castelo. Tocou no punho da espada e continuou a andar.

CAPÍTULO XVI

Senhor! Senhor!

Denny corria para ele, arrastando a espada, com o rosto escorrendo suor.

— O que descobriu?

— O coronel está no castelo, senhor. Creio que está com o general. Encontrei o capitão Leroy e o comandante Forrest. O capitão Leroy disse que esperasse por ele.

Sharpe viu, por cima do ombro de Denny, que Leroy saía a cavalo das inclinadas ruas que levavam ao castelo. Graças a Deus, o americano não tinha pressa. Trazia o cavalo a passo como se não tivesse qualquer urgência; se os homens do depósito de madeira percebessem pânico ou preocupação entre os oficiais, acreditariam que estavam ganhando e se obstinariam ainda mais.

O cavalo de Leroy fez as últimas jardas quase passeando. O americano cumprimentou Sharpe com a cabeça, tirou as mãos das rédeas e acendeu um charuto preto.

— Sharpe!

Sharpe sorriu.

— Leroy.

Leroy desceu do cavalo e olhou para Denny.

— Sabe montar, rapaz?

— Claro, Capitão.

— Bem, pois então suba neste cavalo e mantenha-se calado. Aqui est.

Leroy fez escada com as mãos e ajudou o rapaz a subir para a sela.

— Espere-nos com a companhia — disse Sharpe.

Denny foi embora a cavalo. Leroy voltou-se para Sharpe.

— Há um pânico tremendo lá em cima. Simmerson está negro de raiva e pede a artilharia aos gritos, Daddy Hill, disse-lhe que se acalmasse.

— Você estava lá em cima?

Leroy assentiu.

— Encontrei Sterritt. Vai ter um ataque, crê que tudo isto é por culpa dele, porque é o oficial de dia. Simmerson grita que é um motim. O que está acontecendo?

Continuaram a andar para o depósito de madeira. Sharpe recusou um charuto.

— Dizem que não vão formar. Mas na realidade ninguém ordenou que formassem ainda. Os meus rapazes fizeram-no sem problemas. Tal como estou vejo, temos de tirar os outros rapidamente.

Leroy lançou um fino fio de fumo para o ar.

— Simmerson já mandou buscar a cavalaria.

— O quê?

— Daddy Hill não tinha alternativa, não é? Chega um coronel e diz-lhe que as tropas se amotinaram. Assim, o general envia a LAR. No entanto ainda vão demorar; nem sequer tinham montado.

A Legião Alemã do Rei. Era a melhor cavalaria do exército de Wellesley; rápidos, eficientes, corajosos, e uma boa escolha para acabar com um motim. Sharpe não ousava pensar nos cavaleiros alemães desalojando o depósito de madeira com os seus sabres.

— Onde está Forrest?

Leroy apontou para o castelo.

— Vem para cá. Foi buscar o sargento-mor. Não creio que espere por Sir Henry e pela sua artilharia pesada.

Leroy sorriu abertamente. Chegaram à porta que estava entreaberta. Harper tinha se referido a barricadas mas Sharpe não via nenhuma. Leroy fez-lhe um sinal.

— Adiante-se, Sharpe. Deixo você falar. Acreditam que você é um maldito operador de milagres.

A sua primeira impressão foi a de um depósito cheio de homens deitados, de pé, sentados, com as armas amontoadas, as casacas e a equipagem postas de lado. Uma fogueira ardia no centro do pátio, o que lhe chamou a atenção dado o calor do dia e então lembrou-se dos troncos que Simmerson encomendara a mais para os açoites em massa. O coronel devia ter mandado fazer ali o trabalho e os homens queimaram as tábuas que tinham sido pregadas toscamente umas às outras, prontas para o castigo. Houve um silêncio momentâneo quando os dois oficiais entraram pela porta seguidos pelo zumbido de uma conversa excitada. Leroy apoiou-se na entrada, Sharpe abriu passagem lentamente por entre os grupos de homens, dirigindo-se para a fogueira que parecia ser o centro do pátio. Os homens bebiam, alguns já estavam embriagados, e enquanto Sharpe caminhava lentamente entre os murmúrios e os olhares hostis, um homem ofereceu-lhe ironicamente uma garrafa. Sharpe não fez caso, deu uma joelhada no braço do homem ao passar e ouviu a garrafa cair no chão. Chegou ao espaço em frente ao fogo e quando se voltou para se pôr de frente para a massa de homens, o murmúrio desapareceu. Achou que não haveria muito a discutir com eles, não havia nenhum líder que protestasse, apenas tinha ouvido tristes murmúrios.

— Sargentos!

Ninguém se mexeu. Tinha de haver sargentos no pátio. Voltou a gritar:

— Sargentos! Rápido! Aqui!

Ainda ninguém se mexia mas pelo canto do olho captou a imagem de um grupo de homens, de camisa e calças, que se mexiam, inquietos. Apontou para eles:

— Vamos. Depressa! Ponham o equipamento!

Vacilaram. Por um momento perguntou-se se os sargentos seriam os líderes, mas chegou à conclusão de que provavelmente tinham medo dos homens. No entanto, pegaram as casacas e os cinturões. Ouviram-se alguns assobios mas ninguém fez um gesto para detê-lo. Sharpe começou a sentir-se mais relaxado.

— Não!

Um homem levantou-se à esquerda. Fez-se silêncio, ninguém se mexia, os sargentos olharam para o homem que tinha falado. Era um homem alto com aspeto inteligente. Virou-se para os homens e falou num tom razoável:

— Não vamos. Decidimos isto e temos de manter nossa decisão!

A sua voz, tal como a do falecido Ibbotson, era educada. Virou-se para Sharpe.

— Os sargentos podem ir, senhor, mas nós não. Não é justo.

Sharpe não lhe prestou atenção. Não era o momento de discutir se a disciplina de Simmerson era justa ou injusta. A disciplina, num momento destes, não era tema que se pudesse discutir. Existia, e isso era tudo. Voltou-se para os sargentos:

— Vamos! Mexam-se!

Cerca de uma dezena de sargentos dirigiu-se obediente para a fogueira. Sharpe percebeu de repente o calor do lume que, juntamente com o sol, lhe encharcava as costas. Os sargentos detiveram-se.

Sharpe falou em voz alta:

— Têm dois minutos. Quero todos formados neste pátio, e uniformizados. Os homens que tiverem de ser açoitados, só de calças e camisa. A companhia de Granadeiros junto à porta, façam formar o restante. Vamos!

Hesitaram. Sharpe deu um passo em frente em direção a eles e de repente puseram-se em movimento. Virou-se e avançou para os homens em massa.

— De pé! Formar! Depressa!

O homem corpulento tentou fazer um último protesto mas Sharpe deu-lhe um soco.

— Quer que haja mais execuções, raios? Mexa-se!

Tudo tinha acabado, teve de dar uns pontapés nas pernas dos bêbados, mas a pequena batalha estava ganha.

Leroy juntou-se a Sharpe e, com os sargentos, alinharam as companhias. Os

homens estavam numa desgraça. Os uniformes não estavam escovados, manchados do pó da madeira, os cintos estavam oxidados e os mosquetes sujos. Alguns homens estavam pálidos da bebida. Sharpe nunca tinha visto um batalhão em tão má forma, ainda que isso fosse melhor do que uma multidão amotinada e acossada pela eficiente cavalaria alemã.

Leroy abriu as portas de par em par, Sharpe deu ordens e o batalhão marchou para fora em formação para se alinhar com a Companhia Ligeira. Forrest estava lá fora. Ficou boquiaberto quando viu sair a primeira companhia. Estavam com ele um grupo de oficiais e sargentos e correram para as suas companhias gritando ordens. O batalhão começou a marchar com determinação, o sargento-mor colocou-os no lugar, ordenou descanso, e deixou-os nessa posição. Sharpe aproximou-se do cavalo de Forrest, chamou-lhe a atenção e fez continência.

— Batalhão formado, Major!

Forrest baixou os olhos para ele.

— O que aconteceu?

— A que se refere, senhor? Nada.

— Mas me disseram que eles se recusavam a formar.

Sharpe apontou para o batalhão. Os homens estavam pondo em ordem os uniformes, escovando o pó das casacas, dando pancadas nas barretinas para lhes restaurarem a forma. Forrest olhou para eles fixamente e em seguida voltou os olhos para Sharpe.

— Isto não vai agradar o coronel.

— Ao coronel, senhor?

Forrest sorriu zombeteiramente.

— A cavalaria vem para cá, Sharpe. E o general Hill.

Forrest abandonou o sorriso, que era impróprio, mas Sharpe entendeu a piada. Simmerson ficaria furioso; tinha incomodado o general, tinha requisitado um regimento de cavalaria e tudo isso por um motim que não existia. Esta idéia agradou-lhe.

O batalhão permaneceu sob o calor, os sinos da cidade bateram as cinco e um quarto, sacudiram tanto quanto puderam o pó dos uniformes. Talvez metade dos oficiais ali estivesse presente, vindo da cidade, mas o resto estava com Simmerson. Quando o relógio bateu as cinco e meia ouviu-se o estrondo de cascos, uma nuvem de pó, e com uma movimentação de forças calculada para desmoralizar as alegadas forças amotinadas, apareceram os dragões com o uniforme azul da Legião Alemã do Rei a galope em direção à praça do mercado. Estavam fantásticos com as casacas azuis, as peliças debruadas de pele e, na cabeça, os chapéus castanhos de pele. Traziam os sabres desembainhados e cavalgavam diretos ao armazém de madeira. Lentamente, foram percebendo que estava vazio e que as cabeças que lhes tinham mandado cortar estavam formadas. Ouviram-se gritar ordens, os cavalos viraram-se, a cavalaria submergiu num

silêncio embaraçoso e olhou para a horda de cavaleiros de casaca vermelha que seguia para a praça do mercado; o coronel Sir Henry Simmerson com o general de divisão Rowland Hill, ajudantes-de-campo, oficiais do batalhão, como Gibbons e Berry, e atrás deles outros oficiais a cavalo que tinham chegado para ver a agitação.

Deriveram-se todos e ficaram olhando. Simmerson espreitou para o depósito de madeira, voltou a olhar para a formação e mais uma vez para o pátio do depósito. O sargento-mor cumpriu as ordens de Forrest.

— Batalhão! Sentido!

O Batalhão de Destacamentos pôs-se em sentido. O sargento-mor encheu o peito.

— Batalhão! Ombro arma!

Os três movimentos estavam perfeitamente sincronizados. Apenas se ouvia o som de seiscentas mãos dando uma palmada a seiscentos mosquetes ao mesmo tempo.

— O batalhão apresenta-se ao General!

Havia um general.

— Apresentar armas!

Sharpe apresentou o sabre. Atrás dele as companhias bateram com o pé direito no chão, com os mosquetes inclinados com magnífica precisão; a formação vibrou de orgulho. Daddy Hill retribuiu a continência. O sargento-mor ordenou “ombro arma”, “sentido” e a seguir “descansar”. Sharpe viu Forrest dirigir-se a cavalo até Simmerson, que estava em sentido. Viu gestos mas não conseguiu ouvir nada. Parecia que Hill fazia perguntas e Sharpe viu Forrest mexer-se na sela e a apontar na direção da Companhia Ligeira. O aceno de braço converteu-se numa chamada.

— Capitão Sharpe!

Sharpe avançou pela praça de armas como se fosse o sargento-mor do regimento num desfile real. Maldito Simmerson. Por ele podia ficar com o rosto afundada na lama. Deteve-se, fez continência e ficou à espera. Hill olhou para ele, o tricórnio fazia-lhe sombra no rosto.

— Capitão Sharpe?

— Senhor!

— O senhor formou o batalhão, não é verdade?

— Sim meu General!

Sharpe, quando era sargento, aprendera que repetir a palavra “meu” seguida pela correspondente graduação com ênfase e precisão suficientes podia facilitar à maior parte das conversas com oficiais veteranos. Hill pensava o mesmo. Olhou para o relógio e de novo para Sharpe.

— A revista está pronta com meia hora de antecedência. Porquê?

— Os homens pareciam estar aborrecidos, senhor. Pensei que um pouco de instrução lhes faria bem. Por isso o capitão Leroy e eu os pusemos em ação.

Hill sorriu, gostou da resposta. Olhou para as tropas que permaneciam imóveis ao sol.

— Diga-me, capitão, houve alguém que se negasse à formar?

— Negar-se, senhor? — respondeu Sharpe, surpreso.

— Nem um só homem, Capitão? — insistiu Hill com determinação.

— Não, senhor, nenhum.

Sharpe atreveu-se a olhar para Simmerson. O coronel mais uma vez passava por tolo. Tinha clamado “motim” ante um general de divisão e no fim de contas um capitão subalterno conseguira formar os homens. Sharpe reparou que Simmerson se agitava na sela, incomodado, quando Hill baixou perspicazmente os olhos.

— Estou espantado, Capitão.

— Espantado?

Hill sorriu. Tinha lidado com tantos sargentos durante a vida que sabia o que Sharpe estava fazendo.

— Sim, Capitão. O senhor teve conhecimento que o seu coronel recebeu uma carta que dizia que os homens se recusavam a formar. Isso chama-se amotinação.

Sharpe desviou inocentemente os olhos para Simmerson.

— Uma carta, senhor? Recusando-se a formar?

Simmerson olhou para ele aborrecido; se pudesse teria matado Sharpe ali mesmo. Sharpe voltou a olhar para Hill e mudou da expressão de surpresa inocente para uma outra que simulava compreender os acontecimentos.

— Creio que se trata de uma brincadeira, senhor. O meu General sabe como os rapazes são brincalhões quando estão em vias de entrar em combate.

O general riu. Tinham-lhe passado pela mão muitos sargentos para saber quando devia parar de brincar.

— Bom! Muitas palavras, poucas ações! Hoje parece que é o dia do South Essex! É a segunda vez, em doze horas, que passo revista, Sir Henry. Creio que já está na hora de que seja o senhor a passar revista aos seus homens, Sir Henry.

Simmerson não disse nada. Hill voltou-se para Sharpe.

— Obrigado, Capitão. Do 95º, não é?

— Sim, senhor.

— Tenho ouvido falar de você. Sharpe, não é? Deixe-me pensar. — Fixou atentamente o fuzileiro e em seguida estalou os dedos. — Claro! É uma honra conhecê-

lo, Sharpe! Sabia que os fuzileiros estão de volta?

Sharpe sentiu o coração saltar.

— Aqui, senhor?

— Talvez agora já estejam em Lisboa. Não se pode fazer nada sem os fuzileiros, não é, Simmerson?

Não houve resposta.

— Qual é o seu batalhão, Sharpe?

— O segundo, senhor.

— Que pena, então. Quem vem para cá é o primeiro. De qualquer modo, é agradável encontrar velhos amigos, não acha?

— Sim, senhor.

Hill parecia bastante satisfeito por estar conversando. Sharpe, por cima do ombro do general, vislumbrou Gibbons desconsoladamente montado no seu cavalo. O general espantou uma mosca.

— O que é que se diz dos fuzileiros, Capitão?

— Que são os primeiros a chegar ao campo de batalha e os últimos a partir, senhor.

Hill confirmou.

— Exatamente! Por isso o incorporaram no South Essex. Não foi?

— Sim, senhor.

— Bom, estou satisfeito por estar na minha divisão, Sharpe, estou muitíssimo satisfeito. Continue!

— Muito obrigado, senhor.

Fez continência, deu meia volta e regressou para junto da Companhia Ligeira. Quando se afastou ouviu Hill gritar para o comandante de cavalaria:

— Podem ir embora! Nada mais por hoje!

O general guiou o cavalo por entre as filas do batalhão e falou afavelmente com os homens. Sharpe tinha ouvido falar muito sobre Daddy Hill e compreendeu então porque lhe tinham dado aquele apelido. O general tinha o dom de fazer cada homem acreditar que se preocupava com eles, parecia interessado neles, queria que estivessem satisfeitos. Não havia a mínima chance de não saber em que estado se encontrava o batalhão. Tendo mesmo em conta as três semanas de marcha e a batalha da ponte, os homens tinham se fardado depressa e, apesar de estarem sujos, Hill fez de conta que não via. Quando chegou à Companhia Ligeira, acenou familiarmente com a cabeça a Sharpe, brincou com a altura de Harper e fez os homens rirem. Deixou a companhia sorridente

e cavalgou em direção a Simmerson e ao seu séquito no centro da praça de armas.

— Vocês foram maus, rapazes! Decepcionaram-me esta manhã! — Falava lenta e claramente, de modo a que as companhias dos lados, como a de Sharpe, pudessem ouvi-lo perfeitamente. — Merecem o castigo a que Sir Henry os condenou! — Fez uma pausa. — Mas esta tarde estiveram muito bem! Formaram antes da hora!

Houve um sussurro de riso entre as tropas.

— Parecem ansiosos por receber o castigo!

Os risos pararam.

— Bom, vão ficar decepcionados. Graças ao seu comportamento esta tarde, Sir Henry pediu-me que suspenda a revista de castigo. Não estou completamente de acordo com ele, mas vou deixar que faça as coisas à sua maneira. Então não haverá açoites.

Ouviram-se suspiros de alívio. Hill respirou fundo.

— Amanhã marcharemos com os nossos aliados espanhóis contra os franceses! Vamos travar uma batalha em Talavera. Estou orgulhoso por tê-los na minha divisão. Juntos, mostraremos aos franceses o que significa ser soldado! — Levantou uma mão para eles em sinal de paz. — Boa sorte, rapazes, boa sorte!

Aclamaram-no até ficarem roucos, tiraram as barretinas e agitaram-nas saudando o general, que lhes devolveu um sorriso radiante como se fosse um pai indulgente. Quando cessou o ruído voltou-se para Simmerson.

— Mande desagrupar, coronel, mande desagrupar. Estiveram muito bem!

Não restava outra alternativa a Simmerson senão obedecer. Desagruparam, os homens espalharam-se pelo campo conversando e rindo. Hill dirigiu-se a trote para o castelo e Sharpe viu Simmerson e o seu grupo de oficiais cavalcando atrás dele. O homem tinha passado por idiota na frente de todos e ele, Sharpe, seria o culpado. O alto fuzileiro regressou lentamente para a cidade com a cabeça baixa. Na verdade não lhe tinha agradado aborrecer Simmerson, mas o coronel merecer; nem sequer tinha se dado ao trabalho de ver se os homens se recusariam a cumprir as ordens, limitara-se a chamar a cavalaria. Sharpe sabia que tinha feito muitas ofensas ao coronel e ao sobrinho. Duvidada que agora Simmerson se satisfizesse com a carta que já devia estar em Lisboa, à espera de um barco que transportasse o correio para Londres. A carta iria arruinar a carreira de Sharpe e a menos que pudesse operar um milagre na batalha que cada vez mais se aproximava, Simmerson teria a satisfação de ver Sharpe destruído. Mas ainda havia mais. Havia a honra e o orgulho, e uma mulher. Duvidava que Gibbons conseguisse uma solução honrosa, duvidava que o tenente ficasse satisfeito com a carta que o tio escrevera, e estremeceu de receio ante o que pudesse acontecer. A garota se tornaria o alvo de Gibbons.

Um homem aproximou-se correndo.

— Senhor?

Sharpe virou-se. Era o homem corpulento que tentara impedir o batalhão de

formar no depósito de madeira.

— Sim?

— Queria agradecer-lhe, senhor.

— A mim? Porquê?

Sharpe falou grosseiramente. O homem estava aturdido.

— Eles teriam nos fuzilado, senhor.

— Eu mesmo teria dado essa ordem.

— Então, obrigado, Capitão.

Sharpe estava impressionado. O homem podia ter ficado calado.

— Como se chama?

— Huckfield, senhor.

Era culto e Sharpe sentiu-se curioso.

— Onde obteve tanta educação, Huckfield?

— Era escriturário, senhor, numa fundição.

— Numa fundição?

— Sim, Capitão. Em Shropshire. Fabricávamos aço, senhor, dia e noite. Era um vale de fogo e fumaça. Pensei que isto seria mais interessante.

— Foi voluntário! — exclamou Sharpe, surpreso.

— Sim, Capitão — assentiu Huckfield.

Sharpe olhou fixamente para ele. Tinha ouvido homens falando sobre a nova “indústria” que estava nascendo na Grã-Bretanha. Tinham descrito, tal como Huckfield, paisagens inteiras cobertas de tijolo e salpicadas de fornos gigantes que produziam ferro e aço. Tinha ouvido contar histórias de pontes construídas sobre rios, pontes completamente feitas de metal, de barcos e de máquinas que funcionavam a vapor, mas nunca tinha visto nenhuma dessas coisas. Uma noite, à volta de uma fogueira no campo, alguém dissera que aquilo era o futuro e que os dias dos homens a pé ou a cavalo estavam contados. Claro que se tratava de pura fantasia, mas ali estava Huckfield que tinha visto aquelas coisas, e a imagem de um país entregue a enormes máquinas negras com ventres de fogo fazia-o se sentir inseguro. Fez ao homem um aceno com a cabeça.

— Esqueça-se do que se passou esta tarde, Huckfield. Não foi nada. — Não aceitou o agradecimento do homem. O sentir-se inseguro quanto ao futuro era o preço que tinha de pagar por ser militar. Sharpe não conseguia imaginar um exército que não estivesse em guerra; não conseguia imaginar o que faria se, de repente, estivessem em paz e ele não tivesse trabalho. Mas antes tinha de travar uma batalha, e ganhar uma água e lutar por uma mulher. Embrenhou-se pelas ruas de Oropesa.

Em dezesseis anos como soldado poucas vezes Sharpe tinha sentido com tal convicção a eminência de uma batalha. O exército espanhol e o britânico tinham se juntado em Oropesa e para Talavera marchavam vinte e um mil britânicos e trinta e cinco mil espanhóis, um enorme exército engrossado com mulas, criados, mulheres, crianças, sacerdotes, que fluía em direção a leste até onde as montanhas quase se uniam ao rio Tejo e à ampla planície na cidade de Talavera. As rodas dos cento e dez canhões de campanha vincavam os caminhos convertendo-os em pó fino, os cascos das montarias dos mais de seis mil soldados de cavalaria levantavam o pó no ar em que seguia a infantaria, caminhando sob o calor e escutando o longínquo ruído produzido pelos atiradores espanhóis da vanguarda que repeliam a cobertura ligeira dos atiradores franceses. Sharpe via à esquerda e à direita outras nuvens de pó onde as patrulhas de cavalaria cavalgavam paralelamente à linha de marcha; mais perto, nos campos, o batalhão via grupos de soldados espanhóis que tinham se descolado da marcha e estavam parados, aparentemente despreocupados, conversando com as mulheres, fumando, vendo passar as longas colunas da infantaria britânica.

Os homens estavam famintos. Por mais que Wellesley tivesse tentado, por muito consciente que fosse o comissário, não havia comida suficiente para todo o exército. A zona entre Oropesa e Talavera já tinha sido passada a pente fino pelos franceses, agora estava a sê-lo pelos espanhóis e pelos britânicos, e o batalhão apenas tinha comido *tomnis*, uma espécie de crepes feitos com farinha e água, desde que no dia anterior tinham saído de Oropesa. Estava na hora de apertar o cinto, mas a perspectiva de entrarem em ação tinha elevado a moral dos homens e, quando o batalhão passou diante dos corpos de três atiradores franceses esqueceram a fome assim que viram o primeiro sinal da infantaria francesa. Sharpe disse à Companhia Ligeira que os mortos com dragonas debruadas eram os famosos *voligeurs* franceses, os atiradores, os homens contra os quais a Companhia Ligeira iria manter a sua própria batalha particular entre as linhas, antes dos grandes batalhões se enfrentarem. Os homens do South Essex, que até então não tinham visto a infantaria inimiga, olharam fixamente e com curiosidade os corpos de casacas-azuis que tinham sido atirados para junto da parede de uma igreja. Os uniformes estavam salpicados de manchas pretas, as cabeças caídas para trás na estranha posição dos mortos, faltava um dedo a um dos homens e Sharpe deduziu ter sido cortado a fim de conseguir um anel de valor. O alferes Denny olhava-os fascinado, era então aquela a famosa infantaria francesa que marchara por toda a Europa: olhou para os rostos com bigode e interrogou-se como se sentiria quando visse caras semelhantes, mas vivas, olhando fixamente para ele por cima do tubo dourado de um mosquete francês.

Os franceses não opuseram resistência a oeste de Talavera, nem sequer na cidade. Os exércitos atravessaram-na, alguns desfilando, e continuaram durante mais uma milha até que se detiveram ao crepúsculo, nas margens de um pequeno rio que desaguava no Tejo. O batalhão marchou para norte da cidade e Sharpe interrogava-se sobre como Josefina iria encontrar um quarto. Hogan prometera-lhe que se ocuparia dela e Sharpe

olhava para a multidão que se apinhava nas estreitas ruas tentando vislumbrá-la. Os homens queixavam-se. Estavam cansados, tinham fome e ressentiam-se por lhes negarem os prazeres da cidade. Viam oficiais a cavalo dirigindo-se para as antigas muralhas, as mulheres e os filhos iam para lá, mas a tropa continuou até ao Alberche e acampou nas matas de sobreiros que desciam até ao rio pouco profundo. No dia seguinte entrariam em combate. Se sobrevivessem, então chegaria o momento de comprarem bebida em Talavera, mas primeiro tinham de cruzar o rio Alberche e derrotar o exército do marechal Victor. Acenderam fogueiras entre as árvores, os batalhões instalaram-se rapidamente para passar a noite, olhando com receio para a longínqua margem de onde centenas de espirais de fumaça se misturavam e agitavam sobre o acampamento francês. Por fim, os exércitos tinham se concentrado, britânicos, espanhóis e franceses e, na manhã seguinte, teriam de lutar; a companhia de Sharpe acorrava-se junto às fogueiras e os homens faziam perguntas a respeito daqueles que se encontravam precisamente do outro lado do rio, sentados junto a fogueiras semelhantes e que diriam as mesmas piadas mas em outra língua.

Sharpe e Harper passearam pela margem do rio onde os pelotões de vanguarda do batalhão se preparavam para passar a noite de guarda. Dois homens da Companhia Ligeira, de capote, fizeram a Sharpe um gesto com a cabeça e levantaram os polegares para indicar o outro lado do rio. Um pelotão francês estava olhando, três homens fumavam cachimbo, enquanto o outro enchia o cantil na beira do rio. O homem levantou os olhos, viu Sharpe e acenou-lhe com a mão. Gritou qualquer coisa mas não compreenderam. Sharpe estremeceu. O sol já não aquecia, avermelhava para oeste e o frio da noite começava a notar-se. Com a mão devolveu o cumprimento ao francês e voltou para os sobreiros.

Chegava agora o momento dos rituais anteriores à batalha. Sharpe caminhou por entre as árvores e conversou com os homens que se preparavam, com obsessão pelos detalhes que todos os homens acreditavam poder protegê-los no caos da luta. Os fuzileiros tinham destravado as armas, tinham prendido as molas principais da enorme espingarda com cavilhas e retirado toda a sujeira do equipamento. Os homens punham pedrneiras novas nos mosquetes ou nas espingardas, desenroscavam-nas e tornavam a colocá-las, procurando o ajustamento exato que não afrouxasse, balançavam-na para os lados ou partiam-na na çação. Levavam com cuidado das fogueiras panelas com água fervendo que despejavam nos canos das armas para limpar qualquer vestígio anterior de pólvora, porque, no dia seguinte, a vida de um homem poderia depender da rapidez com que conseguisse recarregar o seu mosquete. Juntamente com o som dos insetos ouvia-se o ruído de centenas de pedras amolando incessantemente as baionetas, os camponeses afiando as espadas como costumavam afiar as foices ou as gadanhas. Os homens remendavam os uniformes, cosiam os botões, faziam cintas novas, como se o fato de irem mais apurados significasse que estavam a salvo. Sharpe vivera aquele ritual uma centena de vezes; viveria outra vez naquela noite como um cavaleiro de outros tempos, ajustando cada parte da armadura, apertando cada peça, não passando à seguinte sem a anterior estar segura. Alguns fuzileiros vazaram toda a pólvora fina dos cornos e deitaram os grãos negros sobre a tela branca para se assegurarem de que não havia pedaços úmidos que pudessem obstruir a medida durante a batalha. As mesmas piadas de sempre: “Amanhã não ponha o chapéu, sargento, os franceses vão de morrer de rir

se virem a sua cara.” Esta situação sempre sortia efeito desde que o sargento não visse o homem que a tinha gritado dentre as sombras; diziam a outros homens que fossem dormir com os franceses pois os roncões deles manteriam o inimigo acordado, as piadas batidas faziam parte da batalha tal como as balas que começariam a voar com a primeira luz do dia.

Sharpe foi andando por entre as fogueiras, dizendo piadas, aceitando tragos de bebidas escondidas, verificando os fios das baionetas, dizendo aos homens que o dia seguinte não seria ruim. Não devia ser. Os britânicos e os espanhóis superavam largamente em número os franceses; os aliados tinham a iniciativa, a batalha tinha de ser curta, rápida e a vitória era quase certa. Ouvia os homens alardeando as façanhas que efetuariam no dia seguinte e sabia que as palavras escondiam o medo; assim tinha de ser. Outros homens, mais sorrateiramente, perguntavam-lhe como seria. Sorria e dizia-lhes que pela manhã logo veriam, mas que não seria tão ruim quanto temiam e ocultava-lhes o seu conhecimento do caos que todos eles teriam de controlar quando a infantaria ofensiva avançasse para a tormenta de cargas de metralha e disparos de mosquete. Afastou-se, deixando para trás as fogueiras, rodeou a enorme fogueira onde os criados dos oficiais preparavam um estufado ligeiro de vaca salgada, a última das provisões amealhadas, e afastou-se das árvores. Com as últimas luzes do crepúsculo divisou uma casa a umas quinhentas jardas para onde tinha visto encaminharem-se os dragões ligeiros do 16º com os seus cavalos. Atravessou os campos e entrou no pátio. Junto ao armeiro esperava uma fila de soldados de cavalaria com uniforme azul e escarlata. Sharpe esperou que acabassem e então desembainhou a enorme espada e levou-a até à roda. Aquilo fazia parte do seu ritual, ter uma espada afiada por um armeiro de cavalaria, pois faziam o fio mais fino; o armeiro olhou para o seu uniforme de fuzileiro e sorriu zombeteiramente. Era um soldado velho, muito velho para cavalgar na batalha, mas tinha visto de tudo e feito de tudo. Pegou a espada de Sharpe, apalpou-a com o gordo polegar e, em seguida, colocou-a contra a pedra que rodava. Saltavam faíscas da roda, a folha cantava, o homem deslizava-a para cima e para baixo pela superfície e afiou então seis polegadas da ponta e da quilha da folha. Limpou a espada com um pedaço de couro engordurado.

— Arranje uma alemã, Capitão.

Era uma velha discussão, se as folhas Klimenthal eram melhores que as britânicas. Sharpe balançou a cabeça em sinal de discordância.

— Amassei espadas alemãs com esta.

O armeiro soltou uma gargalhada com a boca desdentada e observou o fio com atenção.

— Aqui está, senhor. Tome conta dela.

Sharpe deixou algumas moedas em cima da armação da roda e levantou a espada para a última luz do céu a oeste. O fio tinha um novo resplendor, passou o polegar por ele e sorriu para o armeiro.

— Nunca conseguirá que uma Klimenthal fique tão afiada como esta.

O armeiro não disse nada mas tirou um sabre de trás e entregou-o a Sharpe. Este embainhou a espada e pegou a arma curva, parecia feita para si, o equilíbrio era milagroso, como se o aço ali não estivesse apesar de brilhar contra a luz avermelhada. Tocou no fio. Cortaria tão facilmente a seda como atravessaria a couraça da cavalaria francesa.

— Alemã? — perguntou Sharpe.

— Sim, Capitão. É do nosso Coronel.

O armeiro voltou a pegar a espada.

— E ainda não comecei a afiá-la!

Sharpe riu. O sabre devia ter custado duzentos guinéus. Prometeu a si próprio que um dia teria uma espada igual, não arrebatada de um morto, mas uma espada que tivesse o seu nome gravado, forjada à sua medida, equilibrada para o seu punho. Voltou para as árvores e viu no céu por cima do rio o resplendor das fogueiras inimigas onde vinte e dois mil franceses estavam afiando os seus próprios sabres e pensando na manhã seguinte. Poucos iriam dormir. A maior parte dormitaria durante a noite unindo o receio à insônia, procurando o amanhecer no céu, aquele que poderia ser o último que vissem nas suas vidas.

Sharpe esteve estendido acordado durante parte da noite e visualizou mentalmente o dia seguinte. O plano era bastante simples. O Alberche desenhava uma curva ao unir-se com o Tejo e os franceses estavam dentro dessa curva. Pela manhã, os espanhóis fariam soar as trombetas, deixariam sair os seus trinta canhões e a infantaria marcharia chapinhando pelo rio pouco profundo para atacar os numerosos franceses. E, quando os franceses retirassem, como certamente aconteceria, Wellesley lançaria os britânicos contra o seu flanco. E destruiriam o marechal Victor, destroçariam o seu exército entre o maço espanhol e a bigorna britânica, e quando a infantaria azul se retirasse, a cavalaria sairia da água e converteria a retirada numa carnificina. E uma vez tudo terminado, talvez antes dos cidadãos de Talavera irem à missa de domingo, apenas restariam os vinte mil homens do rei José Bonaparte entre os aliados e Madrid. Era muito simples. Sharpe dormia com o capote vestido, feito um novelo junto às brasas de uma fogueira; os seus sonhos eram atravessados por uma água de bronze.

De manhã não houve clarins para os despertar, nada que pudesse alertar os franceses do ataque ao amanhecer em vez da hora mais civilizada do meio-dia em que os homens esperavam lutar. Os sargentos e os cabos sacudiram os homens para acordá-los, os soldados praguejaram contra o orvalho e o ar fresco que lhes arranhava a garganta. Todos os homens olharam para o rio, mas a outra margem estava envolta na névoa e na escuridão, não havia nada para ver, nada para ouvir. Tinham-nos proibido de reavivar as fogueiras pois as repentinas luzes poderiam pôr de sobreaviso os franceses, mas conseguiram aquecer água e deitar lá para dentro folhas soltas de chá e Sharpe aceitou agradecido dos seus sargentos um jarro metálico com o líquido escaldante. Harper lançou terra para cima do fogo com o pé, pois os homens tinham preferido arriscar-se a acender uma pequena fogueira a não fazerem um chá, levantou os olhos para Sharpe e sorriu brincalhão.

— Autorização para ir à missa, senhor?

Sharpe devolveu-lhe o sorriso. Era domingo. Tentou calcular a data.

Tinham saído de Plasência no dia dezessete, que fora segunda-feira, e contou pelos dedos os dias que haviam transcorrido. Domingo, 23 de Julho de 1809. Ainda não tinha amanhecido a leste, brilhavam as estrelas no céu, faltavam ainda duas horas para o Sol nascer. Atrás deles, num caminho que passava entre o sobreiral e os campos, ouviam-se estrondos, choques e impropérios como se uma bateria de artilharia deixasse o armão. Sharpe voltou-se, com a caneca de chá entre as mãos, e observou as obscuras silhuetas dos cavalos que eram conduzidos e dos canhões de campanha que apontavam para o outro lado do rio. Anunciariam o ataque, lançando as balas para as linhas francesas, abrindo brechas nos batalhões franceses enquanto Sharpe conduzia os atiradores para o rio. Fazia frio, muito frio para sentir qualquer tipo de excitação, que viria depois. Era o momento de se sentir receoso, de ajustar os cintos e as fivelas, de sentir fome. Sharpe tremia ligeiramente com o capote vestido, agradeceu com a cabeça a Harper, e encaminhou-se para o sobreiral entre as linhas dos seus homens, que batiam com os pés no chão, balançavam os braços e faziam ressurgir as melhores piadas da noite anterior. No entanto, de madrugada não pareciam tão engraçadas como ao entardecer.

Afastou-se das árvores e encaminhou-se para um pedaço de erva que havia junto ao rio. As botas rangeram com o orvalho e alertaram as sentinelas da sua chegada. Mandaram-no parar, deu a contra-senha e cumprimentou enquanto descia num salto para os calhaus na margem do rio.

— Alguma novidade?

— Não, senhor.

A água deslizava escura sob a neblina. Ouviu-se um chapinhar isolado e um remoinho que provinha do rio, era um peixe que se agitava e perturbava a superfície. Sharpe olhou através das mãos, em concha, via-se um débil ponto de luz vermelha na outra margem que de repente se tornou mais vivo. A sentinela francesa fumava um cigarro ou um cachimbo. Sharpe olhou para a esquerda. Por fim o céu a leste começava a tomar cor, um cinzento-prateado que desenhava as colinas, o primeiro sinal da aurora. Deu uma palmada no ombro de uma das sentinelas.

— Falta pouco agora.

Subiu pela estreita margem entre os calhaus e a erva e voltou para as árvores. Um cão ladrou nas fileiras francesas; um cavalo relinchou e então ouviu-se o som de darins. Começariam a acender as fogueiras, a preparar a primeira refeição e, com sorte, ainda estariam comendo quando as baionetas espanholas os alcançassem a oeste. De repente, sentiu um apetite tremendo de rins marinados e de café, de outra comida qualquer que não fosse o estufado ligeiro, os tommis e as bolachas passadas com que o batalhão tinha se alimentado durante uma semana. Recordou aquela alheira que tinham roubado do inimigo morto na Roliça, e esperou que encontrassem uma naquela manhã nos corpos dos homens que resmungavam à volta das fogueiras do outro lado do rio.

De volta ao sobrelal despiu o capote, enrolou-o e atou-o à mochila com as correias. Estava tremendo. Tirou o trapo da segurança da espingarda que a tinha protegido da umidade e verificou a tensão da mola com o polegar. Colocou-a no ombro, bateu na espada e começou a movimentar a Companhia Ligeira para o limite do arvoredo. Primeiro iriam os atiradores, a fina linha dos fuzileiros e casacas-vermelhas vedaria o Alberche para afastar as sentinelas e fechar os voligeurs franceses, de modo que não pudessem impedir o ataque dos batalhões britânicos concentrados que se efetuariam ao flanco francês. Fez com que os homens se deitassem no interior do sobrelal. Onde se misturavam com a sombra das árvores, enquanto via atrás as outras nove companhias do batalhão formadas para um assalto que não podia tardar em acontecer.

A aurora avançava por cima das montanhas, inundando o vale com uma luz cinzento-prateada, diminuindo as sombras e mostrando as formas das árvores e arbustos da outra margem. Sharpe deduziu que ainda faltavam uns minutos para que os espanhóis rompessem o silêncio e o ataque começasse. Caminhou ao longo da linha de árvores, cumprimentou com a cabeça o capitão da Companhia Ligeira do 29º que estava ao seu lado direito, trocou umas palavras com ele, desejaram-se mutuamente sorte, e voltou para junto de Harper. Não falavam, mas Sharpe sabia que o enorme irlandês pensava na promessa que Lennox os obrigara a fazer junto à ponte. Mas para Sharpe a águia era mais importante. Se não pudesse arrancá-la da haste naquele dia talvez não houvesse outra possibilidade durante meses e isso significava que nunca mais teria outra chance. Dali a algumas semanas, a menos que pudesse anular a carta de Simmerson, poderia estar num barco a caminho das Índias Ocidentais e a inevitável febre faria desse destino uma virtual garantia de morte. Pensou em Josefina, adormecida na cidade, o cabelo negro espalhado sobre a almofada e perguntou a si mesmo por que razão, a sua vida havia se enredado de repente numa série de problemas que um mês atrás nem sequer suspeitava que existissem.

Ouviram-se mosquetes disparando à distância de forma irregular. Os homens apuraram o ouvido, falavam entre murmúrios, escutaram os tiros esporádicos que abalavam de cima a baixo as filas francesas. O tenente Knowles aproximou-se de Sharpe e arqueou as sobrancelhas em sinal de interrogação.

Sharpe balançou a cabeça.

— Estão apenas limpando os mosquetes.

As sentinelas francesas tinham sido rendidas e os homens saídos de serviço despejavam as cargas que podiam ter umedecido com o ar da noite. O fogo de mosquete anunciaria o ataque. Sharpe esperava os clarões vermelhos que iluminariam o céu para oeste, como a luz de Verão, e indicariam que a artilharia espanhola iniciava a batalha. Não podia faltar muito.

Ouviram-se gritos provenientes do rio. De novo os homens apuraram o ouvido, inclinaram-se para a frente, mas era de novo um alarme falso. Apareceu um grupo do inimigo, perseguindo-se e gritando disparates, carregando baldes cheios de água até à borda. Um deles levantou o balde e gritou para a margem dos britânicos, os

companheiros riram, mas Sharpe não fazia a mínima idéia de qual era a piada.

— Vão dar de beber aos cavalos? — perguntou Knowles.

— Não — respondeu Sharpe e cobriu um bocejo. — São baldes de artilharia. Deve haver canhões à nossa frente.

Aquilo era uma má notícia. Uma dúzia de homens trazia baldes nos quais mergulhavam as esponjas que apagam as faíscas dos canhões que disparavam. A água dos baldes ficaria negra como tinta após alguns disparos e, se os canhões estavam exatamente em frente, Sharpe sabia que o South Essex poderia estar marchando para uma tempestade de fragmentos de metralha. Sentiu-se dolorido e cansado, queria iniciar a luta, queria capturar a águia dos seus sonhos.

Simmerson e Forrest apareceram, ambos a pé, e olharam fixamente para os artilheiros que enchiam os baldes. Sharpe cumprimentou e Simmerson, esquecendo o seu antagonismo por causa dos nervos, devolveu-lhe a saudação com a cabeça.

— E esses tiros de mosquete?

— Livram-se das cargas, senhor. Nada mais.

Simmerson resmungou. Estava fazendo o possível para ser amável, como se nesse momento percebesse que necessitava da destreza de Sharpe junto a si. Puxou um grande relógio, abriu a tampa e balançou a cabeça.

— Os espanhóis estão atrasados.

A luz começou a perder o tom acinzentado. Viu-se um brilho na margem oposta e por trás deles Sharpe contemplou a fumaça de centenas de fogueiras francesas para cozinhar.

— Posso mandar os pelotões descansar, senhor?

— Sim, Sharpe, sim.

Simmerson estava fazendo um enorme esforço para parecer normal e Sharpe pensou se o coronel de repente não se arrependeria da carta que escrevera. Às vezes a eminência da batalha fazia com que disputas aparentemente obstinadas parecessem trivialidades. Simmerson parecia querer dizer algo mais mas, em vez disso, voltou balançando a cabeça e levou Forrest com ele.

Renderam as sentinelas, os minutos passaram, o sol fez levantar a névoa e os últimos restos da noite diluíram-se como a fumaça de um canhão se desvanece no céu para oeste. Malditos espanhóis, pensou Sharpe, ao ouvir os clarins chamando os regimentos franceses para a formação. Um grupo de cavaleiros apareceu na outra margem e inspecionou o lado britânico olhando através de telescópios. Agora não haveria mais surpresa. Os oficiais franceses veriam as baterias de canhões, as montarias da cavalaria arreadas, as filas da infantaria alinhadas entre as árvores. Tinha desaparecido toda a surpresa, tinha-se desvanecido com as sombras e com o frio, pela primeira vez os franceses saberiam quantos homens enfrentavam, onde se planejava o ataque e como teriam de enfrentá-lo.

Ouviu-se o som dos sinos da cidade e Sharpe perguntou-se o que Josefina estaria fazendo; os sinos a teriam acordado? Imaginava o seu corpo espreguiçando entre os cálidos lençóis, um corpo que não seria seu antes do final da batalha. O som dos sinos recordou-lhe a Inglaterra e pensou em todas as igrejas das aldeias que estariam se enchendo de gente. Pensariam no exército que estava na Espanha? Duvidava. Os britânicos não gostavam do exército. Claro que celebravam as suas vitórias, mas havia muito tempo que não tinham comemorações daquele tipo. A marinha era aclamada, os capitães de Nelson eram nomes familiares, mas Trafalgar era uma recordação, Nelson estava na tumba e os britânicos tratavam da vida alheios à guerra. A manhã estava cálida, os homens, sonolentos, apoiavam-se nos sobreiros e dormiam com os mosquetes apoiados nos joelhos. Em algum lugar no acampamento francês ouviu-se o som roufado do sino de um arriero fazendo Sharpe recordar a normalidade.

— Capitão!

O sargento de uma das companhias lá em cima chamava-o, no sobreiral.

— Oficiais da companhia, Capitão. Com o coronel!

Sharpe respondeu com a mão, pegou o rifle, passou o comando a Knowles e subiu pelo sobreiral. Atrasava-se. Os capitães estavam reunidos ouvindo um tenente do estado-maior de Hill. Sharpe captava retalhos do que estava dizendo.

— Profundamente adormecidos... não haverá batalha... ordens de serviço de rotina.

Ouviu-se um zumbido de perguntas. O tenente, esplêndido no seu uniforme prateado de dragão, parecia aborrecido.

— O general pede que nos mantenhamos a postos, senhor. Mas não esperamos que os franceses façam nada.

Foi embora a cavalo deixando os oficiais confusos. Sharpe dirigiu-se a Forrest para averiguar o que lhe tinha escapado, quando viu uma figura familiar cavalcando caminho abaixo. Dirigiu-se para lá e ergueu a mão. Era o tenente-coronel Lawford e estava furioso. Viu Sharpe, puxou as rédeas e soltou um palavrão.

— Inferno maldito, Richard! Maldito, maldito, maldito inferno! Malditos espanhóis!

— O que aconteceu?

Lawford mal podia conter a ira.

— Os malditos espanhóis negaram-se a despertar! Não é inacreditável?

Outros oficiais aproximaram-se. Lawford tirou o chapéu e enxugou a testa. Tinha grandes olheiras.

— Nos levantamos às duas da madrugada para salvar este raio de país e eles nem se incomodaram em sair da cama!

Lawford olhou em volta como se esperasse ver um espanhol sobre quem descarregar a sua fúria.

— Cavalgamos às seis para lá. Cuesta está no seu maldito carro estendido sobre os malditos coxins e diz que o seu exército está muito cansado para lutar! Não é incrível? Nós os tínhamos na mão. Assim! — disse, estalando o indicador e o polegar. — Teríamos acabado com eles esta manhã! Poderíamos ter apagado Victor do mapa. Mas não. Mañana, mañana, amanhã, amanhã! Não vai haver amanhã! Victor não é burro, partirá hoje. Malditos, malditos, malditos! — disse o honorável William Lawford, olhando fixamente para Sharpe. — Sabe o que acontecerá agora?

— Não.

— Jourdan está ali — disse apontando para leste — com José Bonaparte. Vai unir-se a Victor e então teremos de lutar dobrado. Dobrado! E correm rumores de que Soult conseguiu reunir um exército e vem pelo norte. Meu Deus! A oportunidade que perdemos hoje! Sabe o que eu penso?

Sharpe balançou a cabeça.

— Penso que o canalha não quer lutar porque é domingo. Há sacerdotes murmurando orações à volta da sua maldita cama de rodas. Malditos católicos! E continua a não haver comida!

Sharpe sentiu que o cansaço o vencia.

— Que faremos agora?

— Agora? Esperamos. Cuesta diz que atacaremos amanhã. Não vamos fazer isso porque os franceses não estarão mais lá. — Lawford deixou cair os ombros e emitiu um suspiro. — Sabe onde está Hill?

Sharpe indicou o longo caminho e Lawford continuou a cavalo. Malditos espanhóis, pensou Sharpe, malditos todos. Era o oficial de dia e teria de organizar os serviços, inspecionar as linhas, raspar algumas provisões do comissário, que não teria nada. Não seria possível ver Josefina. Não haveria batalha, nem águia, nem sequer pão com chouriço. Maldito.

Hoje um homem...

— Sim?

Sharpe olhava de cima para Josefina que estava sentada, nua, em cima da cama, com os joelhos encolhidos, tentando limar as unhas dos pés com o fio da sua espada. Ria das tentativas e então deixou cair a espada e olhou para ele.

— Era lindo. Trazia uma capa azul com traços brancos aqui. — Esfregou o peito com as mãos. — E um monte de cordões dourados.

— A cavalo?

Ela assentiu.

— E levava uma bolsa pendurada...

— Era a bainha do sabre. E uma espada curva?

Ela voltou a assentir e Sharpe sorriu zombeteiramente.

— Esse parece dos dragões do príncipe de Gales. Muito rico.

— Como o sabe?

— Todos os soldados de cavalaria são ricos. Pouco inteligentes, mas ricos.

Ela levantou a cabeça no seu gesto característico e franziu a testa.

— Pouco inteligentes?

— Todos os oficiais de cavalaria o são. O cavalo põe o cérebro e eles o dinheiro.

— Ah, de acordo — disse, encolhendo os ombros nus. — Não interessa. Eu tenho cérebro suficiente para os dois. — Olhou para ele e sorriu, brincalhona — Está com ciúmes?

— Sim.

Ele tinha captado a sua inclinação para a sinceridade. Ela assentiu com ar sério.

— Estou aborrecida, Richard.

— Eu sei.

— Não é por você — disse, levantando os olhos dos pés e olhando fixamente para ele com ar grave. — Você é bom para mim. Mas há uma semana que estamos aqui e não acontece nada.

Sharpe inclinou-se e puxou as botas por cima das calças.

— Não se preocupe. Algo se vai acontecer amanhã.

— Tem certeza?

— Amanhã vamos combater.

Desta vez, pensou, sem dúvida que nos superarão em número. Ela encolheu os joelhos e encostou-os ao corpo, rodeou-os com os braços e pousou o queixo em cima deles.

— Está com medo?

— Sim.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Quem vencerá?

— Não sei.

Ela sorriu.

— Tenho um presente para você depois da batalha.

— Não quero presente nenhum. Quero você.

— Você já me tem.

Ela já sabia o que ele queria dizer, mas dissimulou. Viu-o pôr-se de pé.

— Quer a espada?

— Sim.

Sharpe apertou bem o cinto, pondo a bainha no lugar. Ela sorriu, brincalhona.

— Venha buscá-la.

Pôs a grande espada em cima da cama e rolando por cima dela pôs o ventre nu sobre o aço frio. Sharpe aproximou-se dela.

— Me dê.

— Venha pegá-la.

O corpo dele era cálido e forte, os músculos endurecidos pelo exercício, e colou-se a ele. Sharpe afastou-lhe o rosto e olhou-a fixamente nos olhos.

— O que acontecerá? — perguntou.

— Você conseguirá a sua águia. Você sempre consegue o que quer.

— Quero você.

Ela fechou os olhos e beijou-o com força, depois separou-se e sorriu.

— Somos simplesmente vagabundos, Richard. Andamos juntos sem rumo, mas

efetuamos ambos uma travessia.

— Não estou entendendo.

— Sim, entende. Vamos por dois caminhos diferentes. Você quer um lar. Quer alguém que te ame e te deseje, alguém que te alegre o trabalho.

— E você?

Ela sorriu.

— Eu quero vestidos de seda e música. Serões até ao amanhecer.

Ele começou a dizer qualquer coisa, mas ela pôs-lhe um dedo sobre os lábios.

— Já sei o que está pensando. Que é loucura, mas é isso que eu quero. Talvez um dia queira uma coisa mais sensata.

— Eu sou sensato?

— Por vezes, querido, quando leva as coisas a sério demais.

— Estás se despedindo?

— Aí está! — disse rindo. — Está vendo? Leva as coisas muito a sério.

Beijou-o fugazmente na ponta do nariz.

— Volte depois da batalha. Venha buscar seu presente.

Ele abaixou-se para agarrar o punho da espada.

— Afaste-se, não quero te cortar.

Ela moveu-se para um lado e tocou a lâmina com o dedo.

— Quantos homens já matou com ela?

— Não sei.

Deslizou-a por entre a bainha, sentiu o seu peso agradável na anca. Pôs-se de cócoras junto à cama e abraçou-lhe a cintura nua. Olhou fixamente para o corpo dela, como se tentasse gravá-lo na memória: a sua plenitude, a sua beleza, o mistério que o fazia parecer inatingível. Acariciou-lhe o rosto com um dedo.

— Vá lutar.

— Eu voltarei.

— Eu sei.

Tudo parecia irreal a Sharpe. Os soldados pelas ruas de Talavera, as pessoas que se afastava ao passar, a tarde em si. No dia seguinte haveria uma batalha. Centenas

morriam, mutilados pelas balas, abertos pelos sabres da cavalaria, atravessados pelos tiros de mosquete, e, no entanto, a cidade fervilhava. Alguns estavam apaixonados, compravam comida, contavam piadas e, no entanto, haveria uma batalha. Ele amava Josefina. A muito custo podia pensar na batalha, na águia, apenas no seu rosto malicioso. Ela lhe escapava, bem sabia, no entanto não aceitava isso. A batalha era quase irrelevante face à irresistível necessidade de agarrá-la, de torná-la sua, e sabia que isso não podia ser.

Encaminhou-se para a porta da cidade que dava para a planície a oeste. A Companhia Ligeira fazia guarda à porta; Sharpe fez com a cabeça um sinal a Harper e subiu as inclinadas escadas do parapeito, onde Hogan olhava fixamente para baixo em direção aos olivais e aos bosques que estavam cheios de soldados espanhóis desfilaro para as posições que Wellesley cuidadosamente lhes havia designado. Cuesta, após ter se negado a atacar no domingo anterior, tinha marchado impetuosamente atrás dos franceses que se retiravam. Agora, quatro dias depois, o seu exército regressava correndo, com o rabo entre as pernas, arrastando atrás de si um exército francês que tinha se multiplicado por dois. Amanhã, pensava Sharpe, os espanhóis teriam de lutar, os franceses os acordariam, o exército aliado que podia ter conseguido uma vitória no domingo anterior teria agora de lutar na defensiva contra as forças unidas de Victor, Jourdan e José Bonaparte.

Não que os espanhóis tivessem muito a ver com o morticínio propriamente dito, pensou Sharpe. Wellesley fizera retroceder o seu exército de modo a criar uma linha defensiva junto à cidade de Talavera. A extrema-direita da linha era constituída pelas muralhas da cidade, pelos olivais, campos e bosques emaranhados, tudo tornado inexpugnável graças ao bom trabalho de Hogan. Tinha abatido árvores, construído rapidamente trincheiras, reforçado as muralhas, e as tropas espanholas tomaram posições nessa teia de barricadas e obstáculos. Nenhum soldado de infantaria francês podia esperar abrir passagem pelo parapeito de Hogan desde que os defensores se mantivessem nos postos; conseqüentemente o exército francês viraria para norte, para o lado esquerdo da linha de Wellesley, onde os britânicos aguardariam o ataque. Sharpe olhou para a planície a norte. Nenhum oficial de engenharia teria disposto os obstáculos de melhor maneira, restava apenas o curso do Portina, que podia ser atravessado por um homem sem que a água lhe entrasse nas botas, e um prado ondulante que era um convite para os batalhões franceses e para as suas compridas linhas de esplêndida cavalaria. À distância estava o Medellín, o monte que dominava a planície, e Sharpe tinha experiência suficiente para saber o que iria acontecer no dia seguinte. As colunas francesas atravessariam o curso de água e atacariam as suaves encostas do Medellín. Era esse o lugar mortal. Trinta mil dos efetivos das tropas espanholas, podiam ficar a salvo atrás dos parapeitos e ficar vendo enquanto as Águias atacavam os britânicos na planície aberta do Norte e a fumaça cobria o Medellín.

— Como se sente? — perguntou Hogan.

— Bem — sorriu Sharpe.

O irlandês virou-se para ver como os espanhóis ocupavam as posições que ele tinha preparado. Na planície do outro lado, ocultos entre as árvores onde o Alberche

despejava as suas águas no Tejo, ouviu-se o ruído dos mosquetes. Durante toda a tarde houve algo parecido a um incêndio florestal distante e Sharpe viu dezenas de britânicos feridos levados através das portas da cidade. Os britânicos tinham coberto a última milha da retirada espanhola e os feridos diziam que os atiradores franceses tinham triunfado naquele dia. Dois batalhões britânicos tinham sido maltratados, corria até o rumor de que por pouco não tinham capturado o próprio Wellesley. Os espanhóis pareciam nervosos e Sharpe interrogava-se sobre que tipo de tropas teriam arranjado os franceses para lançar contra o exército aliado. Baixou os olhos para Harper. O sargento, com uma dezena de homens, fazia guarda à porta da cidade, não contra o inimigo, mas sim para deter os soldados britânicos ou espanhóis que se sentissem tentados a perder-se pelas ruelas obscuras de Talavera e se livrarem da luta que era inevitável. O batalhão estava em Medellín e Sharpe esperava ordens que enviassem a sua companhia pelo baixo Portina até encontrar o pedaço de erva que tinha de defender pela manhã.

— E como está a garota? — perguntou Hogan sentado numa pedra poeirenta.

— Está infeliz. Aborrecida.

— As mulheres são assim. Nunca estão contentes. Precisa de mais dinheiro?

Sharpe olhou para o oficial de engenharia de meia-idade e viu preocupação nos seus olhos. Hogan tinha emprestado mais de vinte guinéus a Sharpe, uma quantia que lhe seria impossível devolver a menos que tivesse sorte no campo de batalha.

— Não, por hora é suficiente.

Hogan sorriu.

— Tem sorte — disse encolhendo os ombros. — Pelo amor de Deus, Sharpe, ela é uma criatura adorável. Está apaixonado?

Sharpe olhou por cima do parapeito onde os espanhóis tinham ocupado as fortalezas provisórias de Hogan.

— Ela não deixará que eu chegue a isso.

— Então é mais sensata do que eu pensava.

A tarde passou lentamente. Sharpe pensou nela, aborrecida no quarto, e observou os soldados espanhóis que cortavam faias e sobreiros para acenderem as fogueiras da noite. Então, com uma brusquidão que Sharpe não esperava, viram-se clarões de luz distantes entre as confusas árvores e arbustos que ladeavam a planície a leste. Sabia que era o sol, que se refletia nos mosquetes e nos peitinhos. Sharpe deu uma ligeira cotovelada em Hogan e apontou para lá.

— Os franceses.

Hogan pôs-se de pé e ficou olhando fixamente.

— Meu Deus — disse em voz baixa. — São muitos.

A infantaria avançava para a longínqua planície como uma mancha escura

espalhando-se sobre a erva. Sharpe e Hogan observavam como batalhão atrás de batalhão marchavam sobre os campos pálidos; esquadrão atrás de esquadrão de cavalaria, as pequenas formas rechonchudas dos canhões espalhadas entre as formações, o maior exército que Sharpe já tinha visto num campo. As galopantes figuras dos oficiais do estado-maior podiam distinguir-se com facilidade, uma vez que dirigiam as colunas para os seus postos, prontas para avançar e para a batalha do dia seguinte. Sharpe olhou para a esquerda para as fileiras britânicas que esperavam junto ao Portina. A fumaça de centenas de fogueiras impregnava o ar do entardecer, uma multidão de homens apinhados junto ao curso de água e, no Medellín, longe da vista do inimigo. Todavia as forças britânicas pareciam lamentavelmente pequenas em relação à enorme maré de homens, cavalos e canhões que cobria a planície para leste e crescia a cada minuto. O irmão de Napoleão, o rei José, estava ali juntamente com dois marechais da França, Victor e Jourdan. Comandavam sessenta e cinco batalhões de infantaria, uma parte enorme dos homens que tinham feito da Europa propriedade de Napoleão, e tinham vindo bater naquele pequeno exército britânico e enviá-lo destroçado para o mar. Planejavam destruí-lo para sempre e garantirem que a Grã-Bretanha nunca mais se atreveria a desafiar as águias em terra.

Hogan assobiou de leve.

— Atacarão esta noite?

— Não — respondeu Sharpe, examinando as linhas distantes. — Vão esperar pela artilharia.

Hogan apontou para leste, que ia escurecendo.

— Eles tem canhões. Olhe, estão lá atrás.

Sharpe balançou a cabeça.

— Esses são só os pequenos que acompanham todos os batalhões de infantaria. Não, os grandes filhos da mãe devem estar lá atrás, em algum lugar no caminho. Chegarão de noite.

E pela manhã, pensou, os franceses começariam com um dos seus favoritos ataques de canhão, a artilharia concentrada lançaria a sua chuva de ferro contra as linhas inimigas antes que as colunas densas e acompanhadas de tambores seguissem as Águias atravessando o curso de água. As táticas francesas raramente eram sutis. A inteligente manobra de rodear o flanco de um inimigo não era típica deles. Em vez disso, uma vez e outra, concentravam os canhões e os homens e lançavam um terrível matraqueio sobre as linhas inimigas; e uma vez e outra, saíam bem. Encolheu os ombros.

Quem precisava de ser sutil? Os canhões e os soldados franceses tinham destroçado todos os exércitos enviados contra eles.

Ouviu gritos atrás de si, atravessou a ameia e olhou para baixo para a porta onde Harper e os seus homens estavam de guarda. O tenente Gibbons estava ali com Berry, ambos a cavalo, ambos gritando a Harper. Sharpe inclinou-se por cima do parapeito.

— O que está acontecendo? — Gibbons voltou-se lentamente. Sharpe percebeu

que o tenente estava ligeiramente embriagado e tinha alguma dificuldade em se manter sobre o cavalo. Gibbons saudou Sharpe com a sua habitual ironia.

— Não o tinha visto, senhor. Lamento. — Inclinou-se. O tenente Berry soltou uma gargalhadinha. Gibbons endireitou-se. — Apenas estava dizendo ao seu sargento, aqui, que já pode regressar, de acordo?

— Mas pelo caminho pararam para beber alguma coisa, não foi?

Berry soltou uma sonora gargalhada. Gibbons olhou para ele e pôs-se também a rir. Voltou a inclinar-se.

— Digamos que sim, Capitão.

Os dois tenentes meteram esporas nos cavalos e começaram a subir o caminho para as linhas britânicas a norte. Sharpe viu-os ir.

— Canalhas.

— Causaram-lhe problemas? — perguntou Hogan sentado no parapeito.

— Não — respondeu Sharpe abanando a cabeça. — São apenas insolências, comentários idiotas, já sabe.

Pensou em Josefina. Hogan pareceu ler os seus pensamentos.

— Está pensando na moça?

— Sim — assentiu Sharpe. — Mas deveria estar bem — disse como se pensasse em voz alta. — Ela fecha a porta à chave. Estamos no último andar e não sei como poderiam nos encontrar.

Voltou-se para Hogan e sorriu.

— Deixe de se preocupar. Não fizeram nada; são covardes. Já desistiram!

Hogan balançou a cabeça em sinal de desacordo.

— Eles o matariam, Richard, lamentariam tão pouco como se sacrificassem um cavalo coxo. Lamentariam ainda menos. E quanto à garota, também tentariam fazer-lhe mal.

Sharpe virou-se para o espetáculo da planície. Sabia que Hogan tinha razão, sabia que havia muitas coisas por resolver, mas não era a sua vez de jogar; teria de esperar até depois da batalha. As tropas francesas tinham inundado o extremo da planície, fluíam entre bosques e casas, avançando sempre para o riacho e para a colina de Medellín. Escureciam a planície, enchiam-na com uma maré de homens pintalgados de aço, e continuavam a chegar; hussardos, dragões, lanceiros, caçadores, granadeiros e voltigeurs, os seguidores das Águias, os homens que tinham construído um império, o velho inimigo.

— Um trabalho duro para amanhã — disse Hogan, abanando a cabeça enquanto observava os franceses.

— Realmente — respondeu Sharpe e voltou-se para chamar Harper. — Venha cá!

O enorme sargento irlandês subiu correndo pela muralha caída e parou junto aos dois oficiais. Nas linhas francesas brilhou a primeira de milhares de fogueiras. Harper balançou a grande cabeça.

— Talvez se esqueçam de acordar amanhã.

Sharpe riu.

— Só têm de se preocupar com a manhã seguinte.

— Pergunto-me com mais quantos exércitos como este teremos de enfrentar, antes de estar tudo acabado — disse Hogan, pondo a mão em pala sobre os olhos.

Os dois fuzileiros não disseram nada. Tinham estado com Wellesley no ano anterior, quando tinha derrotado os franceses na Roliça e no Vimeiro, todavia este exército era dez vezes maior do que o dos franceses na Roliça, três vezes maior do que o de Junot no Vimeiro e duas vezes maior do que o que tinham expulso de Portugal na Primavera. Era como se para cada francês morto saíssem outros dois ou três do depósito, e quando os matassem então vinha mais uma dúzia, e assim sucessivamente. Harper sorriu com malícia.

— Não vale a pena nos preocuparmos enquanto os observamos. O homem sabe o que faz.

Sharpe concordou. Wellesley não estaria à espera deles por trás do Portina se acreditasse que o dia seguinte lhes traria uma derrota. De todos os generais britânicos era o único em que os homens que levavam as armas confiavam, sabiam que tinha compreendido como tinha de lutar contra os franceses e, o mais importante, quando não tinha de lutar contra eles. Hogan apontou com o dedo.

— O que é aquilo?

A uns três quartos de milha de distância cavaleiros franceses disparavam com as suas carabinas. Sharpe não via o alvo. Observou as nuvens de fumaça e ouviu um débil estalido.

— Dragões.

— Isso eu já sei — disse Hogan. — Mas contra o que estão disparando?

— Serpentes?

Durante os seus passeios pelo Portina, Sharpe tinha reparado em pequenas serpentes pretas que ondulavam misteriosamente por entre a erva úmida junto ao riacho. Ele as tinha evitado mas supusera que possivelmente também viveriam na planície e os cavaleiros estavam simplesmente se divertindo com exercícios de pontaria. Já era tarde e as chamas das bocas das carabinas brilhavam intensamente à luz do crepúsculo. Era estranho, pensou Sharpe, como a guerra tantas vezes parecia bonita.

— Ora — disse Harper, apontando para baixo. — Acordaram os nossos valentes

aliados. Parece um maldito formigueiro.

Por baixo da muralha, a infantaria espanhola estava nervosa. Os homens abandonaram as fogueiras e alinharam atrás da muralha de terra e pedras e puseram os mosquetes sobre os troncos caídos e amontoados que Hogan tinha colocado nas portas. Alguns oficiais permaneciam na muralha, com as espadas desembainhadas; ouviam-se gritos e empurrões, os homens apontavam nos distantes dragões e nos seus mosquetes refulgentes.

Hogan riu.

— Dá gosto ter aliados.

Os dragões, muito afastados para serem vistos com nitidez, continuavam a disparar contra o alvo invisível. Sharpe chegou à conclusão de que não passava de brincadeira. Os franceses pareciam alheios ao pânico que estavam causando entre as tropas espanholas. Todos os soldados da infantaria espanhola tinham se amontoados contra o parapeito, com as costas iluminadas pelas fogueiras, e os mosquetes apontados para o campo vazio. Os oficiais cuspiam ordens e Sharpe viu com horror que centenas de mosquetes estavam sendo carregados.

— Que diabo estão fazendo?

Ouviu o som das baquetas ao serem introduzidas nos canos das armas e viu que os oficiais levantavam as espadas.

— Observe isto — disse Hogan. — Pode aprender alguma coisa.

Não foi dada qualquer ordem. Em vez disso, um único mosquete disparou, a bala tamborilou inutilmente na erva, e seguiu-se a maior descarga que Sharpe já tinha ouvido. Milhares de mosquetes dispararam, soltando chamas e fumaça, e um trovão ribombou pelo ar; o som pareceu durar eternamente e, misturado com ele, ouviram-se os gritos dos espanhóis. O fogo e o chumbo entornaram-se sobre o campo vazio. Os dragões levantaram os olhos, sobressaltados, mas nenhuma bala de mosquete atingiria sequer um terço daquela distância, por isso ficaram sentados nas selas e observaram a nuvem de fumaça dos mosquetes elevando-se no ar.

Por um momento, Sharpe pensou que os espanhóis estavam celebrando a vitória frente à erva inocente mas, de repente, percebeu que os gritos não eram de triunfo mas sim de alarme. Tinham se assustado com a sua própria descarga, com o troar de dez mil mosquetes, e agora corriam para pôr-se a salvo. Cerca de um milhar fugiu por entre as oliveiras, largando os mosquetes, pisando as fogueiras, apanhados pelo pânico, pedindo ajuda aos gritos, com a cabeça levantada, agitando os braços para cima e para baixo, fugindo do seu próprio ruído. Sharpe gritou para os seus homens que estavam na porta:

— Deixem-nos passar!

Não havia razão para tentar deter o pânico. Os doze homens de Sharpe seriam envolvidos pelas centenas de espanhóis que se juntaram junto à porta e entraram na cidade. Outros viraram em direção ao norte para os caminhos que levavam para o oeste

afastando-se dos franceses. Saqueariam o parque de bagagens, assaltariam as casas da cidade, semeariam o susto e a confusão mas não havia nada a fazer. Sharpe reparou que a cavalaria espanhola usava as espadas contra a infantaria fugitiva. Deteriam alguns, talvez pela manhã tivessem reunido a maior parte deles, mas o grosso da infantaria espanhola tinha se evaporado, assustada, derrotada por um punhado de dragões a três quartos de milha. Sharpe começou a rir. Era divertido demais, estúpido demais, sem dúvida muito próprio daquela campanha. Viu que a cavalaria espanhola ceifava furiosamente a infantaria, obrigando alguns grupos a regressar à linha, e, à distância, ouviu os clarins que pediam reforços para a caçada. Na planície, as fogueiras francesas formavam linhas de luz, milhares e milhares de chamas assinalando as linhas inimigas, e nenhum dos homens que estavam à volta dessas fogueiras saberia que acabavam de derrotar milhares de soldados da infantaria espanhola. Sharpe deixou-se cair sobre a muralha e olhou para Harper.

— Dizia alguma coisa, sargento?

— Senhor?

— Deus salve a Irlanda? Não poderá. Está com as mãos ocupadas com os espanhóis.

O ruído e o pânico diminuíram. Restava um punhado de homens no olival, outros eram trazidos de volta pela cavalaria espanhola, mas Sharpe calculou que os cavaleiros levariam a noite toda para reunir os fugitivos e a obrigá-los a voltar para os parapeitos, e, mesmo assim, milhares escapariam para propagar o rumor de uma grande vitória francesa nos arredores de Talavera. Sharpe pôs-se de pé.

— Venha, sargento, está na hora de regressarmos ao batalhão.

Uma voz chamou da rua.

— Capitão Sharpe! Senhor!

Um fuzileiro gesticulava e, junto a ele, estava Agostinho, o criado de Josefina. Sharpe sentiu que o seu humor descontraindo desaparecia e via-se substituído por um susto horrível. Desceu correndo pelo muro caído, Harper e Hogan atrás dele, e encaminhou-se para os dois homens.

— O que aconteceu?

Agostinho começou a falar português. Era um homem pequeno que normalmente falava pouco e olhava para tudo com os seus grandes olhos. Sharpe levantou a mão para pedir-lhe que se calasse.

— O que ele diz?

Hogan sabia português suficiente. O oficial de engenharia umedeceu os lábios.

— É Josefina.

— O que lhe aconteceu?

Sharpe teve um pressentimento frio de desgraça. Deixou que Hogan lhe pegasse no cotovelo e o afastasse, com Agostinho, dos ouvidos dos fuzileiros.

Hogan fez mais perguntas, deixou que o criado falasse, e finalmente voltou-se para Sharpe.

— Eles a atacaram. Fecharam Agostinho num armário.

— Eles?

Já conhecia a resposta. Gibbons e Berry. O sargento Harper aproximou-se deles, com um tom formal e correto.

— Senhor?

— Sargento?

Sharpe engoliu as centenas de temores que lhe restavam para poder ouvir Harper.

— Eu levo o homem, Capitão.

Sharpe anuiu. Ocorreu-lhe que Patrick Harper sabia mais do que se estava acontecendo do que ele supunha. Atrás das suas palavras cautelosas havia uma preocupação que fez com que Sharpe lamentasse não ter tido mais confiança em Harper. O irlandês também mostrava uma ira contida. Os seus inimigos, queria ele dizer, são os meus.

— Siga, sargento.

— Sim, Capitão. E o senhor? — disse Harper aflito. — Me permitirá saber o que está acontecendo?

— Sim, sargento.

Sharpe e Hogan correram pelas ruas escuras, resvalando na porcaria, abrindo passagem entre os fugitivos que estavam forçando as portas das tabernas e de casas particulares. Hogan arquejava para se manter junto ao fuzileiro. Seria uma noite ruim para Talavera, uma noite de saque, destruição e violação. Amanhã milhares de homens marchariam contra uma voragem de fogo e Hogan, vislumbrando o rosto de Sharpe quando rosnava aos soldados de infantaria espanhóis que se afastassem do seu caminho, temia pelo mal que parecia brotar com a antecipação da manhã. Chegaram por fim à pequena rua em que vivia Josefina e Hogan levantou os olhos para as silenciosas janelas, com as portas exteriores fechadas, e rogou que Sharpe não destruísse a si próprio com a sua enorme ira.

CAPÍTULO XIX

As botas de Sharpe rangeram sobre o gesso quebrado, ouviu as vozes que murmuravam no quarto do outro lado da porta estilhaçada, e olhou fixamente por uma pequena janela para as pequenas nuvens que passavam rapidamente por cima da Lua. Hogan estava sentado no último lance da escada inclinada, junto aos lençóis que tinham tirado da cama de Josefina. Sob a fraca luz das velas que saía pela porta, os lençóis pareciam estampados de vermelho e branco. Ouviu-se um grito proveniente do quarto. Sharpe ficou irritado.

— O que estão fazendo?

Hogan mandou-o se calar.

— O médico a está sangrando, Sharpe. Ele sabe o que faz.

— Como se não tivesse perdido sangue suficiente!

— Eu sei, eu sei — disse Hogan em tom tranquilizador.

Nada do que dissesse poderia aliviar a confusão que fervilhava na cabeça de Sharpe, amortizar o golpe ou desviar a vingança que Hogan sabia estar sendo planejada minuto a minuto, enquanto o fuzileiro ia e vinha pelo diminuto patamar. O oficial de engenharia suspirou e apanhou uma diminuta cabeça de gesso. A casa pertencia a um vendedor de imagens religiosas e a mercadoria amontoava-se nas escadas e corredores. Quando Gibbons e Berry forçaram a entrada do quarto tinham espezinhado vinte ou trinta imagens de Jesus Cristo, todas elas com um sagrado coração, e os rostos das estátuas ainda estavam espalhados pelo patamar. Hogan era um homem pacífico. Gostava do seu trabalho, gostava dos novos desafios do dia a dia, era feliz com a cabeça repleta de ângulos, medidas em jardas e pesos ingleses; gostava da companhia de quem ria com facilidade, que bebia generosamente, e que passava o tempo com histórias felizes de tempos passados. Não era um lutador. A sua guerra era feita com picaretas, pás e pólvora; no entanto, quando irrompeu pelas águas-furtadas sentira uma ira abrasadora e sede de vingança. Já tinha passado. Agora estava sentado, triste e em silêncio, mas quando olhava para o alto fuzileiro sabia que o humor de Sharpe se limava e se alimentava. Sharpe deteve-se pela vigésima vez.

— Porquê?

— Estavam bêbados, Richard — respondeu Hogan encolhendo os ombros.

— Isso não é resposta!

— Não — respondeu Hogan voltando a colocar com cuidado a cabeça partida no chão, distante das idas e vindas de Sharpe. — Não há resposta. Queriam se vingar de você. Nem você nem a garota são importantes. É o orgulho deles...

Deixou a frase inacabada. Não havia nada a dizer, apenas era possível sentir a enorme tristeza e temer pelo que Sharpe pudesse vir a fazer. Hogan lamentava a primeira

impressão que tinha tido da moça, tinha-a achado fria e calculista, mas quando a escoltara de Plasência a Oropesa, e daí a Talavera, tinha se sentido cativado pelo seu encanto, pelo seu riso fácil e pela honestidade com que planejava o futuro, longe de um desagradável passado e de um marido fugitivo.

Sharpe olhava fixamente para as nuvens que desenhavam a lua através da janela.

— Pensam que não vou fazer nada?

— Estão aterrorizados.

Hogan disse isso categoricamente; tinha medo do que Sharpe pudesse fazer. Pensou no verso de Shakespeare: “a beleza provoca os tolos”. Sharpe voltou-se de novo para ele.

— Porquê?

— Já sabe porquê. Estavam bêbados. Pelo amor de Deus, homem, estavam tão bêbados que nem sequer puderam fazer as coisas direito. Por isso bateram nela. Foi tudo com a excitação do momento, e agora? Estão aterrados, Richard. Aterrados. O que você vai fazer?

— O que vou fazer? Não sei.

Sharpe falava em tom irritado e Hogan sabia que estava mentindo.

— O que pode fazer, Richard? Desafiá-los para um duelo? Isso arruinaria a sua carreira, já sabe. Vai acusá-los de violação? Pelo amor de Deus, Richard, quem iria acreditar em você? Esta noite a cidade está cheia de soldados sanguinários, que violam tudo o que se mexe! E todos sabem que ela estava com Gibbons antes de estar com você. Não, Richard, deve reconsiderar. Deve pensar muito bem antes de fazer qualquer coisa.

Sharpe voltou-se para ele e Hogan viu que não havia qualquer argumento contra aquele rosto implacável.

— Malditos, vou matá-los.

Hogan suspirou e esfregou o rosto com as duas mãos.

— Não ouvi isso. Quer que o enforcuem? Que o fuzilem? Moa-os de pancada se quiser, mas nada mais, Richard, nada mais.

Sharpe não respondeu e Hogan sabia que estava vendo na sua mente o corpo que tinham encontrado com os lençóis ensopados em sangue. Tinham-na violado e batido e quando eles chegaram, a proprietária gritava ao ver a garota. Tinha custado mais dinheiro fazer calar a mulher, encontrar um médico e agora esperariam. Agostinho apareceu na escada, viu o rosto de Sharpe e voltou para a porta onde lhe tinham dito que esperasse. Levaram lençóis limpos para o quarto, água e Sharpe, que ouvira como a proprietária limpava o chão, recordou da moça, ferida e sangrando, a arrastando-se entre os santos partidos e os lençóis manchados.

A porta se abriu, fazendo estalar os cacos, e a proprietária os chamou. O médico

estava de joelhos junto à cama e os seus olhos dirigiram-se cautelosamente para os dois oficiais. Josefina estava em cima da cama, com o cabelo negro estendido sobre a almofada, e apesar de ter os olhos bem fechados, Sharpe sentou-se a seu lado, viu a contusão amarela na pele anormalmente pálida e pegou-lhe uma das mãos que se agarrava ao linho limpo. Ela estendeu a mão mas ele agarrou-a e os olhos dela abriram-se.

— Richard?

— Josefina, como está?

Parecia uma estupidez mas não lhe ocorria mais nada. Voltou a abrir os olhos.

— Vou ficar boa.

Por momentos recordou a antiga Josefina, mas enquanto falava escapou-se uma lágrima, soluçou e virou-se de costas. Sharpe voltou-se para o médico.

— Como ela está?

O médico encolheu os ombros e olhou sem esperança para a dona da casa.

Hogan interveio e algaraviou ao médico algo em espanhol. Sharpe ouvia as vozes e enquanto o fazia acariciava-lhe o rosto escondido. Tinha prometido protegê-la e acontecera aquilo, o pior, o impensável. Hogan sentou-se junto a ele.

— Vai ficar bem. Perdeu muito sangue.

— O quê?

Hogan fechou os olhos e respirou fundo antes de voltar a abri-los.

— Bateram nela, Richard. Não tiveram escrúpulos. Mas ficará melhor.

Sharpe assentiu. No quarto reinava o silêncio apesar de Sharpe poder ouvir os gritos e os berros que vinham da rua, produzidos pelos soldados espanhóis que estavam bêbados. A garota virou-se para ele. Tinha parado de chorar. Falava muito baixo.

— Richard?

— Sim?

— Mate-os.

Falou com decisão. Hogan balançou a cabeça, mas Sharpe inclinou-se e beijou-a junto à orelha.

— Farei isso.

Quando se levantou, viu outro meio sorriso no roto dele e então ela forçou um verdadeiro sorriso, que parecia estranho ao lado das lágrimas. Ela apertou-lhe a mão.

— Haverá batalha amanhã?

— Sim.

Sharpe falava como se aquele fosse um tema banal, como se não tivesse importância.

— Boa sorte.

— Virei vê-la depois — disse sorrindo.

— Sim — respondeu sem convicção na voz.

Sharpe voltou-se para Hogan.

— Você fica?

— Até o amanhecer. Não precisam de mim até lá. Mas o senhor deve ir.

— Eu sei — disse Sharpe assentindo com a cabeça.

Voltou a beijá-la, pôs-se de pé, pegou a espingarda e a mochila. Hogan pensou que a expressão do rosto dele era a mais cruel possível. O oficial de engenharia acompanhou-o até à escada.

— Tenha cuidado, Richard.

— Vou ter.

Hogan pôs-lhe a mão sobre o ombro para detê-lo.

— Lembre-se do que pode perder.

Sharpe voltou a concordar.

— Quando puder, dê-me notícias.

Sharpe abriu caminho até à rua, sem prestar atenção aos espanhóis, e enquanto se encaminhava para norte não viu o homem alto de capote azul e virolas brancas que espiava a partir de uma porta em frente ao quarto de Josefina. O homem fitou Sharpe compadecido, a seguir olhou para cima, para as janelas, e instalou-se no portal onde tentou se acomodar apesar do braço quebrado com talas e do lenço que o apoiava e eles o manteriam afastado da batalha do dia seguinte. Interrogava-se sobre o que estaria acontecendo no segundo piso mas em breve saberia. Agostinho lhe diria em troca de uma moeda de ouro.

Sharpe apressou-se a subir o caminho que saía da cidade entre o Portina e as linhas espanholas. Os assustados soldados de infantaria eram obrigados a regressar às suas posições, mas, apesar de Sharpe caminhar apressadamente por entre as árvores, ouvia os disparos fortuitos de mosquetes provenientes da cidade, os gritos, a preparação da noite de medo e violação em Talavera. A lua desaparecera por trás de um grupo de nuvens mas as luzes das fogueiras espanholas indicavam-lhe o caminho. Meio correndo dirigia-se para norte, para a encosta do Medellín. O céu brilhava à direita com um vermelho intenso em que milhares de fogueiras francesas se refletiam no ar. Devia estar preocupado pensando no dia seguinte; sabia que seria a maior batalha em que teria lutado; no entanto, a sua mente estava dominada pela necessidade de encontrar Berry e Gibbons. Chegou ao Pajar, a diminuta colina que limitava o fim das linhas espanholas e

o local em que o Portina virava à direita; depois de correr por trás das tropas espanholas a corrente fluía agora em frente da posição britânica. Viu os vultos dos canhões da companhia que Wellesley tinha posicionado sobre a pequena colina e uma parte da sua mente registrou como o fogo daquelas armas se estenderia preventivamente diante das linhas espanholas e desviaria o ataque francês em massa para as linhas britânicas. Mas a do dia seguinte seria outra batalha.

O caminho fundia-se com a erva. Viu as fogueiras dispersas dos britânicos mas não fazia idéia de qual era o South Essex. Sabia que estavam dispostos na colina do Medellín, por isso correu junto ao riacho, tropeçando nos tufo de erva, chapinhando entre zonas pantanosas, seguindo o prateado Portina como guia até o Medellín.

Estava só na escuridão. As fogueiras britânicas estavam longe à sua esquerda, as francesas mais distantes à direita, ambos os exércitos tranquilos e calados. Qualquer coisa não corria bem. Sentiu a pontada do seu velho instinto e deteve-se, pôs um joelho no chão e explorou a escuridão. De noite, a encosta do Medellín parecia um lombo comprido e baixo que apontava para o exército francês. Era a chave do flanco esquerdo de Wellesley; se os franceses atacassem a colina poderiam voltar-se e esmagar os britânicos entre o Medellín e Talavera. No entanto, não havia fogueiras no cume. Viu algumas chamas brilhantes no extremo oeste, mais para lá do inimigo, mas no lado que dava para a cidade, e na metade do cimo plano mais perto do inimigo não havia luzes. Pensara que o South Essex estava acampado na encosta que tinha à sua frente mas esta estava escura e vazia. Escutou. Ouviam-se os sons da noite, os ruídos que provinham da cidade que se dissipavam num murmúrio seco, o vento sobre a erva, insetos, o chapinhar da corrente, e os sons distantes de cem mil homens de cócoras junto às fogueiras esperando a chegada da manhã. Atrás de si, a pequena colina do Pajar estava iluminada com fogueiras, os canhões desenhavam-se em frente ao muro branco da casa que havia em cima, mas, em frente, tudo era escuridão e silêncio. Levantou-se e continuou a andar cautelosamente, com os instintos despertos perante um perigo que não conseguia definir. E, com o pensamento à procura de explicações na escuridão e entre os murmúrios da noite. Porque não lhe tinham mandado parar? Deveria haver piquetes na linha do Portina, sentinelas amontoadas, abrigando-se do vento frio, espertando o inimigo, mas ninguém o tinha mandado parar, nem lhe perguntara nada. Continuou a andar junto ao riacho até que a silhueta indistinta e negra do Medellín ficou acima dele, então virou à esquerda e começou a subir a vertente. De dia parecia uma vertente suave mas enquanto subia, com a espingarda e a mochila, sentia o terreno inclinado e cada passo fazia com que lhe doessem os músculos da barriga da perna. Amanhã, pensou, é precisamente por aqui que virão as colunas francesas. Subirão esta encosta, com a cabeça baixa, enquanto os canhões rebentarão as suas fileiras e os mosquetes esperarão em silêncio lá em cima.

A meio caminho do alto da encosta parou e se virou. Na parte mais afastada do riacho havia outra colina, parecida na sua forma com o Medellín mas mais baixa e menor. Sharpe viu no extremo superior as fogueiras dos franceses, as sombras fugazes do inimigo, e dando meia volta correu colina acima. O seu pensamento estava ainda alerta quanto ao perigo, a uma ameaça que não compreendia, mas pensava incessantemente no cabelo negro da garota espalhado sobre a almofada, na mão dela a

agarrar-se aos lençóis, nas manchas de sangue, no seu terror, nas águas-furtadas quando os dois homens irromperam de lá. Não tinha a mínima idéia do que fazer. Gibbons e Berry provavelmente estavam a salvo na companhia de Simmerson e dos seus amigos. De uma maneira ou de outra teria de fazer com que saíssem de lá, interná-los na escuridão, e aquilo animou-o a seguir mais depressa.

A encosta nivelava-se no planalto. Ao longe viu as fogueiras dos britânicos e percorreu lentamente o caminho até eles, com a mochila batendo desajeitadamente e a espingarda balançando. Ainda não tinham mandado que parasse. Aproximava-se do exército pela direção do inimigo e não havia sentinelas, nem linha de pelotão na escuridão, como se o exército tivesse se esquecido dos franceses do outro lado do Portina. Deteve-se a duzentas jardas da linha de fogueiras e acocorou-se sobre a erva. Encontrara o South Essex. Estavam na crista da colina e via os canhões das mangas brilhantes e amarelas dos seus uniformes brilhando à luz das chamas. Procurou por entre as fogueiras, viu o uniforme dos seus fuzileiros, e continuou a olhar como se, àquela distância, pudesse ver as figuras dos seus inimigos. A sua raiva transformou-se em frustração. Tinha andado e percorrido uma milha para encontrar o batalhão e, no entanto, sabia que não havia nada a fazer. Gibbons e Berry estariam a salvo com o coronel e os seus amigos, sentados à volta de uma fogueira com os oficiais, a salvo da sua vingança. Hogan tinha razão. Acabaria com a sua carreira se os defrontasse; no entanto, fizera uma promessa a Josefina, e não sabia como cumpri-la. E no dia seguinte teria de tentar cumprir a promessa que fizera a Lennox. Sacou a grande espada da bainha e fincou a ponta sobre a erva à sua frente. A lâmina brilhou embaciada à luz das fogueiras, olhou fixamente para ela em todo o comprimento e sentiu que os olhos ardiam ao recordar o corpo de Josefina deitado, provocador e nu, sobre a folha plana. Aquilo tinha acontecido nessa mesma tarde. Agora maldizia o destino que o tinha levado àquela noite, às promessas que não poderia cumprir. Pensou na jovem, nos homens que a tinham arranhado, levantou os olhos para as fogueiras e sentiu a sua impotência. Era melhor, sabia, deixar correr as coisas, entrar na luz das fogueiras e concentrar-se no amanhã, mas iria olhar para o rosto de Gibbons e Berry e ver o triunfo nos seus rostos sem cravar neles uma espada?

Deu meia volta e olhou fixamente para o horizonte distante e o resplendor vermelho das fogueiras francesas que se perfilavam no alto da colina com luz tênue. Havia coelhos correndo por cima da colina que subira, via as suas pequenas figuras movendo-se e de repente ficou gelado. Havia ali sentinelas que não tinha visto? Não eram coelhos. Via vultos de homens, tinha confundido a cabeça deles com coelhos, mas enquanto subiam pelo outro lado do cume, viu uma dúzia de homens, empurrando canhões na sua direção. Deitou-se na erva, agarrando a espada, e olhou fixamente para o opaco resplendor do céu. Pôs o ouvido no chão e escutou o que temia, o débil bater de pés marchando; levantou a cabeça e ficou olhando para a dúzia de homens que se convertia numa massa uniforme. Lembrava-se de ter dito a Hogan que os franceses não atacariam de noite; no entanto, suspeitava de que o que estava vendo era precisamente isso, um ataque noturno de Medellín. Os doze homens seriam alguns atiradores, os *voltigeurs* franceses, e a massa sólida era uma coluna francesa que subia a colina sob o silêncio da noite. Mas como ter certeza? Poderia certamente ser um batalhão britânico movimentando-se na escuridão, à procura de um novo lugar onde acampar, mas tão

tarde? Avançou rastejando, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, espalhando bem o corpo contra o solo de maneira que quem quer que viesse na escuridão não o visse projetado nas fogueiras. A espada restolhava sobre a erva, parecia-lhe um ruído ensurdecedor, mas os homens continuavam a caminhar para ele. Parou quando viu que se detinham e viu que se ajoelhavam. Tinha quase certeza de que eram voltigeurs, a linha de atiradores que fora enviada à cabeça para liquidar as sentinelas, e agora que já tinham os alvos à vista esperavam a coluna de modo que o ataque atingisse o objetivo em uníssono. Sharpe conteve a respiração. Os homens ajoelhados chamavam-se uns aos outros em voz baixa e queria ouvir a língua deles.

Era francês. Virou a cabeça e olhou fixamente para as fogueiras que assinalavam a linha britânica. Ali nada se mexia, os homens estavam sentados olhando para as chamas, esperando pela manhã desconhecendo completamente que o inimigo encontrara sem defesa o planalto do Medellín e estava prestes a atacar. Sharpe tinha de avisar os ingleses, mas como? Um único disparo de espingarda seria atribuído a uma sentinela nervosa, que visse sombras na noite; não podia gritar de tão longe, e se voltasse correndo, seria atingido pelo fogo britânico muito antes de pelo francês. Havia apenas uma maneira, que era provocar os franceses para que disparassem uma descarga, um estrondo de mosquetes que surpreenderia os ingleses, os advertiria do perigo e os faria de imediato formar em linha. Pegou a espada, vislumbrou perto de si o vulto de um voltigeur ajoelhado, e então pôs-se de pé e precipitou-se para o inimigo. O homem levantou os olhos quando Sharpe se aproximou dele e pôs um dedo sobre os lábios. Sharpe soltou um grito de fazer gelar o sangue de raiva e desafio, e cortou de lado com a sua espada. Não se deteve para ver se tinha causado dano mas continuou a correr, puxando a lâmina, gritando ao homem seguinte. Este levantou-se, gritou uma pergunta, e morreu com a espada na barriga. Sharpe continuou a gritar. Puxou a espada para fora, a girou no ar, de maneira que silvasse, descobriu um movimento à sua esquerda e correu para outro voltigeur. O seu ataque surpreendera-os, não faziam idéia de quantos homens havia entre eles, nem de onde vinham. Sharpe viu dois atiradores juntos, que erguiam as baionetas para ele, mas gritou, fazendo-os vacilar e desferiu um golpe num homem ao afastar-se; depois desapareceu na noite. Deixou-se cair na erva. Ninguém tinha disparado. Ouviu os franceses que corriam pela erva, os gemidos de um ferido, mas ninguém tinha disparado. Ficou estendido, imóvel, olhando fixamente para o céu, e esperou até que os olhos pudessem distinguir as escuras figuras da coluna que se aproximava. Ouviu como faziam perguntas, e como os atiradores sussurravam as respostas, mas ainda não tinham sido detectados, os britânicos estavam sentados junto às fogueiras e esperavam o amanhecer que talvez nunca chegasse. Sharpe tinha de provocar uma descarga.

Pousou a espada sobre a erva e tirou a Baker do ombro. Deslizou-a para a frente, abriu a caçoleta e apalpou a pólvora para ver se ainda estava no lugar; afastou então para trás a pederneira até sentir que se encaixava. Os franceses ficaram de novo em silêncio, o seu atacante tinha desaparecido tão rapidamente como tinha surgido.

— Batalhão! O batalhão disparará por companhias! Apresentar armas! — Gritava ordens sem sentido aos franceses. Via o vulto da coluna apenas a cinqüenta jardas. Os atiradores tinham se retirado para se reunirem à marcha decisiva de homens que se

atiraria sobre os britânicos confiantes.

— Batalhão! — Desembainhou a espada. — Fogo!

A Baker cuspiu a bala em direção aos franceses e ouviu-se um grito agudo.

Teriam visto o fogo do cano, mas Sharpe rodou para a direita e pegou a espada.

— Tírez!

Gritou a ordem à coluna. Uma dezena de soldados nervosos puxaram o gatilho e ele ouviu as balas sibilarem sobre a relva. Por fim! Os britânicos deviam ter acordado e ele deu meia volta para ver os homens junto das fogueiras, movimentando-se até com algum pânico.

— Tírez! Tírez! Tírez! — gritou para a coluna e mais mosquetes soaram na noite. Os oficiais gritaram aos seus homens que detivessem os disparos mas o mal já estava feito. Os britânicos tinham ouvido os tiros, tinham visto os fogos dos mosquetes, e Sharpe viu os homens pegarem as armas e fixarem as baionetas, aguardando ajoelhados, na escuridão. Estava na hora de sair dali. Os franceses voltavam a movimentar-se e Sharpe correu a toda velocidade em direção às linhas britânicas. O seu corpo correndo desenhava-se contra as chamas, ouviu o barulho de um mosquete e sentiu como as balas passavam perto dele. Gritava enquanto corria.

— Os franceses! Formar em linha! Os franceses!

Viu Harper e os fuzileiros que desciam correndo pela linha, afastados do centro para onde os franceses disparariam, e fora do pouco iluminado cimo do planalto. Era o mais sensato. Os fuzileiros não serviam para as distâncias curtas e o sargento escondia os seus homens nas sombras de onde pudessem disparar contra o inimigo. A respiração retumbava nos ouvidos de Sharpe, que arquejava, pois a corrida tinha se convertido numa luta contra o cansaço e o peso da mochila. Viu que o South Essex formava pequenos grupos nervosos que se separavam e voltavam a formar. Ninguém sabia o que estava acontecendo. À direita, outro batalhão estava em igual desordem e Sharpe ouviu atrás o som firme dos franceses avançando a trote.

— Os franceses!

Ficou sem respiração. Harper tinha desaparecido. Sharpe saltou por cima de uma fogueira e correu a toda a velocidade para um sargento que o agarrou e susteve enquanto fazia esforço para respirar.

— O que aconteceu, Capitão?

— Coluna francesa. Vem para cá.

O sargento estava confuso.

— Porque a primeira linha não os deteve?

Sharpe olhou para ele surpreso.

— Vocês são a primeira linha!

— Ninguém nos disse nada!

Sharpe olhou em seu redor. Os homens corriam de um lado para o outro à procura dos seus sargentos ou oficiais, um oficial a cavalo fazia frente entre os fogos. Sharpe não via quem era, e desapareceu em direção à coluna. Sharpe ouviu um grito, o relincho do cavalo perante os disparos dos mosquetes, e o barulho do animal caindo. Os fogos dos mosquetes indicavam onde estavam os franceses e Sharpe, com alguma satisfação, ouviu o som crepitante das Baker no alto da colina.

Então a coluna tornou-se visível, as calças brancas mostrando-se à luz das fogueiras, fazendo ângulo com a frente e apontando para o centro da linha britânica. Sharpe gritou as ordens.

— Apresentar. Fogo!

Alguns mosquetes dispararam, a fumaça branca desapareceu imediatamente na escuridão; Sharpe estava só. Os homens tinham fugido ao ver a enorme coluna. Sharpe correu atrás deles, batendo-lhes com a espada.

— Aqui estão mais seguros! Quietos!

Mas não serviu de nada. O South Essex, tal como o batalhão junto a eles, tinha se dispersado, tomado pelo pânico e voltavam de novo para junto das fogueiras atrás deles, onde Sharpe viu homens que formavam em companhias, a tropa com as baionetas levantadas.

Era o caos. Sharpe rompeu por entre os fugitivos, dirigindo-se para o alto da colina e para a obscuridade em que os seus fuzileiros estavam escondidos. Encontrou Knowles com um grupo da companhia, e empurrou-os para a frente para se juntarem a Harper, mas a maior parte do batalhão voltava correndo. Os franceses dispararam a primeira descarga, um trovão imponente de tiros que fez estremecer a noite com fumaça e chamas, e abriram uma brecha nas tropas à frente deles. O batalhão voltou a correr às cegas para a segurança de linha de fogo seguinte, Sharpe chocou-se com os fugitivos, livrou-se deles, lutando até à paz relativa do alto da colina. Uma voz gritou:

— O que está acontecendo?

Sharpe voltou-se. Berry estava ali, com a casaca desabotoada, a espada desembainhada, o cabelo preto caindo-lhe por cima do rosto gordo. Sharpe deteve-se, abaixou-se e resmungou. Lembrou-se da jovem, do seu terror, da sua dor, e pôs-se de pé, avançou alguns passos, e agarrou Berry pelo pescoço. Olhos assustados viraram-se para ele.

— O que está acontecendo?

Arrastou o tenente consigo, para cima, até à escuridão da encosta. Ouvia Berry balbuciar, perguntar o que acontecia, mas empurrou-o para baixo até os dois estarem bem abaixo do cume e escondidos das fogueiras. Sharpe ouviu os últimos fugitivos passarem pesadamente, o barulho dos mosquetes, os gritos desvanecendo-se à medida que os homens voltavam a correr. Só o pescoço de Berry. Viu o rosto branco virar-se para ele na escuridão; ouviu o seu grito sufocado.

— Meu Deus. Capitão Sharpe? É o senhor?

— Por acaso estava à minha espera? — A voz de Sharpe soava tão fria como a espada no Inverno. — Eu estava à sua procura.

A bala de mosquete perdida zumbiu por cima da cabeça de Sharpe; os ruídos da batalha eram mais dêbeis agora que estava por baixo do cume e a única luz provinha dos reflexos macabros das fogueiras isoladas por baixo da fumaça da batalha que se elevava do planalto de Medellín.

— Sharpe! — Berry continuava a balbuciar. Deitou-se de costas e tentou subir, arrastando-se para o alto da colina, afastando-se do alto e escuro vulto do fuzileiro.

— Não deveríamos ir, Sharpe, e os franceses? Estão na colina.

— Eu sei. Matei pelo menos dois — disse Sharpe sustendo a espada contra o peito de Berry e detendo o seu esbracejar. — Voltarei para matar mais alguns.

Berry calou-se ao ouvir falar em morte. Sharpe reparou que ele o olhava fixamente mas estava muito escuro para adivinhar a expressão do seu rosto. Sharpe teve de imaginar os lábios úmidos, o rosto rechonchudo, o olhar temeroso.

— O que fez a Josefina, Berry?

O tenente ficou calado. Sharpe viu a espada fina que deixara cair na erva; o homem não lutava, não tinha intenção de resistir, tinha apenas a patética esperança de que Sharpe se acalmasse.

— O que fez, Berry?

Sharpe aproximou-se e a lâmina tremeu junto à garganta de Berry. Sharpe viu que o rosto se voltava de um lado para o outro, ouvia a respiração presa na garganta do tenente.

— Nada, Sharpe, juro, nada.

Sharpe sacudiu o pulso de modo a que a lâmina lhe tocasse no queixo. A folha estava afiada e ouviu o arquejo.

— Deixe-me ir embora. Por favor! Deixe-me ir embora!

— O que fez?

Sharpe ouviu o som característico das espingardas disparando à sua direita. O estalido envolvente dos mosquetes que se ouvia à esquerda e supôs que a coluna francesa tinha enviado os seus atiradores pelos flancos para dissipar os grupos dispersos que ainda ofereciam resistência. Não tinha muito tempo; queria estar com os seus homens e ver o que se estava acontecendo em cima da colina mas primeiro queria que Berry sofresse tanto quanto Josefina havia sofrido, que sentisse o mesmo medo que ela tinha sentido.

— Josefina suplicou? — A voz dele parecia o vento noturno do mar do Norte. — Pediu-lhe que não lhe fizesse mal?

Berry continuou calado. Sharpe voltou a pegar a espada.

— Pediu?

— Sim — respondeu num sussurro.

— Estava assustada? — perguntou colocando a ponta sobre a carne do pescoço de Berry.

— Sim, sim, sim.

— E mesmo assim a violou?

Berry estava aterrorizado demais para falar. Emitia ruídos incoerentes, balançava a cabeça, olhava fixamente a lâmina que surgia da figura escura e vingativa por cima dele. Sharpe sentia o cheiro penetrante da fumaça dos mosquetes na colina. Tinha de se apressar.

— Está me ouvindo, Berry?

— Sim, Sharpe, estou ouvindo-o.

Percebia-se na voz de Berry um mínimo indício de esperança. Sharpe cortou-o.

— Vou matá-lo. Quero que saiba que está tão aterrorizado como ela estava. Compreende?

O homem voltou a balbuciar, a suplicar, a balançar a cabeça, deixou cair a espada e juntou as mãos como se rogasse a Sharpe. O fuzileiro olhou para baixo. Lembrou-se de uma frase estranha que uma vez ouvira num ato religioso numa campanha longínqua, na Índia. Aparecera um capelão que ficara com a sobrepeliz branca na praça de armas e de entre todos o murmúrios sem sentido, uma frase, tinha ficado na cabeça, uma frase do Livro de Orações que agora lhe voltava à mente ao perguntar-se se realmente poderia matar um homem por ter violado uma mulher. “Liberta a minha alma da espada, a minha amada do poder do cão.”

Sharpe tinha pensado em deixar o homem se levantar, pegar a espada e lutar pela vida. Mas pensou no terror da jovem, deixou que a imagem do seu sangue nos lençóis alimentasse a sua cólera uma vez mais, viu o rosto carnudo murmurar por baixo dele e, como se estivesse cansado ou apenas quisesse repousar, apoiou-se com ambas as mãos no cabo da espada.

O murmúrio transformou-se quase num guincho, o corpo estremeceu uma vez mais, a espada trespassou a pele e o músculo grosso até à garganta de Berry e o tenente morreu. Sharpe deteve-se sobre a espada. Era um crime, sabia, um pecado capital e, no entanto, não se sentia culpado.

O que o preocupava era saber que devia se sentir culpado quando não se sentia.

Tinha vingado a jovem matando o cão. Tinha as mãos úmidas ao arrancar a espada, sabia que tinha cortado a jugular de Berry. Devia parecer-se com alguém de um matadouro mas sentia-se melhor e sorriu na escuridão ao deixar-se cair sobre um joelho

e rebuscar rapidamente com as mãos os bolsos de Berry. A vingança, pensou, assentava-lhe bem e sacou do morto algumas moedas e meteu-as nos bolsos. Afastou-se do corpo caminhando em direção aos sons das espingardas, caminhando lentamente para o alto da colina, onde os fogos cuspiam balas em direção aos franceses, e afundou-se junto a Harper. O sargento olhou para ele, depois voltou-se para o alto da colina e apertou o gatilho. Saiu fumaça da caçoleta, vomitado pelo cano da espingarda, e Sharpe viu um voltiueur cair para trás numa fogueira. Harper sorriu satisfeito.

— Esse sujeito estava me aborrecendo. Estava andado por aqui aos saltos como se fosse um pequeno Napoleão.

Sharpe olhou fixamente para o alto da colina. Parecia-se com as pinturas do inferno que tinha visto nas igrejas espanholas e portuguesas. A fumaça girava vermelha em retalhos estranhos pela colina, densa no local em que a coluna abria caminho por entre as fogueiras que demarcavam as linhas britânicas, e débil onde pequenos grupos lutavam contra os atiradores que tentavam desalojá-los de lá de cima. Centenas de pequenos fogos iluminavam a batalha, os mosquetes bombeavam fumaça e chamas na noite, tudo isso acompanhado pelos gritos dos franceses e pelos lamentos dos feridos. Os fuzilheiros tinham massacrado os atiradores franceses. Harper os alinhara nas sombras do alto do monte e eles tinham matado uma a uma as figuras azuis que corriam por entre as fogueiras, muito antes dos franceses estarem suficientemente perto para usarem os seus mosquetes com precisão. Sharpe puxou a espingarda e pegou um cartucho.

— Algum problema?

Harper balançou a cabeça e sorriu.

— Exercício de tiro.

— E o resto da companhia?

O sargento lançou a cabeça para trás.

— A maior parte está lá embaixo com o senhor Knowles, Capitão. Disse-lhe que não precisava deles aqui.

Por um segundo Sharpe perguntou a si mesmo se alguém teria visto como tinha matado Berry, mas afastou da cabeça esse pensamento. Confiava no seu instinto, o instinto que o advertira da presença do inimigo e, naquela noite, cada homem tinha sido seu inimigo até Berry ter morrido. Ninguém o tinha visto. Harper resmungou enquanto metia outra bala na espingarda.

— O que aconteceu, senhor?

Sharpe sorriu como uma raposa e não disse nada. Estava revivendo o instante da morte de Berry, sentindo a satisfação, o alívio da dor e do sofrimento de Josefina. Quem havia dito que a vingança era dura e inútil? Estavam enganados. Preparou o rifle, levantou-o e o fez deslizar para frente, mas não havia nenhum voltiueur à vista. A batalha tinha mudado para a esquerda onde relampejava e troava na escuridão.

— Senhor?

Virou-se e olhou para o sargento. Explicou-lhe, simples e brevemente, o que tinha acontecido e observou o enorme rosto do irlandês ficar cheio de raiva.

— Como ela está?

— Perdeu muito sangue — respondeu Sharpe balançando a cabeça. — Eles bateram nela.

O sargento procurou o chão à sua frente, examinou cuidadosamente o fogo e as sombras corcovadas, os fogos distantes dos mosquetes que tanto podiam ser franceses como ingleses. Quando falou, a voz era suave.

— E o que vai fazer com os dois?

— O tenente Berry morreu esta noite na batalha.

Harper virou-se e olhou para o capitão, para a espada vermelha que estava junto dele e sorriu calmamente.

— E o outro?

— Amanhã.

Harper concordou e voltou à batalha. Os franceses haviam sido retidos a julgar pela posição dos fogos dos mosquetes, como se ao avançar para as linhas tivessem encontrado uma resistência, que afinal não podiam vencer. Sharpe perscrutou a escuridão, para a direita. Os franceses deviam ter enviado mais tropas mas não havia sinais delas. No terreno em frente deles não se distinguia qualquer movimento. Deu meia volta.

— Tenente Knowles!

— Capitão!

A voz provinha da escuridão mas precedia o rosto ansioso de Knowles que subia a encosta.

— Senhor! Está bem, senhor?

— Como peixe na água, tenente.

Knowles não compreendia porque Sharpe parecia tão contente. Tinham corrido rumores pela companhia pois Harper e os fuzileiros tinham voltado sem o capitão.

— Diga aos homens que preparem as baionetas e subam até aqui. Já está na hora de nos juntarmos.

— Sim, Capitão — respondeu Knowles sorrindo.

— De quantos homens dispomos?

— Vinte, meu Capitão, sem contar com os fuzileiros.

— Bom! Ao trabalho.

Sharpe pôs-se de pé e caminhou para o alto da colina. Fez um sinal com a mão aos fuzileiros para que avançassem e esperou que Knowles e o seu grupo subissem até à luz. Sharpe fez sinais para a direita e à esquerda com a espada.

— Ordem de escaramuça! Avancem lentamente. Não queremos enfrentar a coluna, mas eliminaremos os atiradores.

As baionetas brilhavam vermelhas à luz encarnada do fogo, a linha avançava firmemente, mas os atiradores inimigos tinham desaparecido. Sharpe conduziu-os até umas cem jardas da coluna inimiga e fez-lhes um sinal com a mão para que se acocorassem. Não podiam fazer outra coisa além de observar a demonstração da infantaria britânica. Os franceses tinham aberto caminho quase até ao extremo da colina mas haviam sido detidos por um batalhão que Sharpe pensou ter subido desde a base da colina e que agora se estendia diante dos franceses como uma barreira intransponível. O batalhão formava linha e disparava em controladas descargas de pelotão. Era soberbo. A infantaria nunca poderia resistir aos melhores britânicos e o batalhão destroçava a coluna com os mosquetes que retumbavam acima e abaixo da linha do batalhão, as baquetas faiscando em uníssono, os pelotões disparando em série, num irresistível martelar de disparos de fogo de mosquete que se espalhava na tropa compacta dos franceses. O inimigo fraquejava. Cada descarga dizimava as tropas da frente da coluna. Os homens da retaguarda da coluna não se adiantariam por aquela chuva de chumbo que fluía metódica e mortalmente dos mosquetes britânicos. Grupos de franceses, vestidos com a casaca azul, começaram a fundir-se na escuridão, um oficial britânico a cavalo viu e levantou a espada, a tropa vermelha aplaudiu e adiantou-se, apontando com as baionetas e, tão de repente como começara, a batalha terminou. Os franceses retrocederam, espezinhando os mortos, retirando-se cada vez mais rapidamente das espadas que os alcançavam. O inimigo portara-se bem. Uma única coluna tinha tomado a colina, mesmo sem as outras colunas terem chegado, mas agora o coronel francês tinha de voltar, tinha de retirar os seus homens do fogo dos mosquetes que os esmagava. Quando atingiam a linha de atiradores, alguns dos fuzileiros de Sharpe levantaram as armas mas ele ordenou-lhes que os deixassem ir. No dia seguinte haveria carnificina suficiente.

Sharpe abaixou-se junto à fogueira e limpou o sangue colado à espada na casaca de um francês morto. Era hora de recolher os mortos e contar os vivos. Queria que Gibbons se preocupasse com Berry, que tivesse medo na noite e, de novo, sentiu a excitação do golpe mortal. Ouviram-se os sinos da cidade baterem meia-noite e pensou por breves momentos na garota deitada à luz das velas, perguntando a si mesmo se pensaria nele. Harper acocorou-se junto a ele, com o rosto negro do fumaça da pólvora, e estendeu-lhe uma garrafa.

— Beba um pouco para dormir, Capitão. Bem precisa — disse, a sorrir. — Amanhã teremos de cumprir uma promessa.

Sharpe ergueu a garrafa para o sargento como se brindasse.

— Uma promessa e meia, sargento. Uma promessa e meia.

Foi uma noite curta e ruim. Depois de repelir os franceses o exército recolheu os feridos e, à tênue luz das fogueiras, procuraram os mortos e amontoaram os que encontraram. Batalhões que tinham se considerado a salvo numa imaginária segunda linha punham agora sentinelas e a curta noite viu-se perturbada por freqüentes estalidos dos mosquetes, pois os pelotões de guarda imaginavam novas colunas inimigas na escuridão. Os clarins tocaram às duas da manhã, avivaram-se as fogueiras e os homens famintos tremiam à volta das chamas, ouvindo os distantes clarins franceses que acordavam o inimigo. Às três e meia, quando uma luz acinzentada e prateada tocava os flancos do Medellín, encontraram o corpo de Berry e levaram-no até à fogueira onde Simmerson e os seus oficiais sorviam chá quente. Gibbons, espantado perante a grande ferida que desfigurava a garganta do amigo, olhou para Sharpe com olhos sem brilho mas desconfiados. Sharpe devolveu-lhe o olhar e sorriu, viu a suspeita, e então Gibbons virou-se bruscamente e chamou os seus criados gritando para que arranjassem as mantas. Simmerson olhou para os seus oficiais.

— Morreu como um valente, cavalheiros, como um valente. — Todos concordaram num murmúrio, mais preocupados com a fome e com que se ia acontecer do que com a morte de um tenente gordo, e observaram com fastio como se despojava o corpo dos pertences antes de o amontoar com as pilhas dos cadáveres que iam ser enterrados antes que se levantasse o Sol e os tornasse repugnantes. Não pareceu estranho a ninguém que o corpo de Berry se encontrasse tão afastado dos outros mortos. Os acontecimentos da noite haviam sido confusos, dizia-se que os alemães abaixo do Medellín tinham enfrentado um atirador que corria com outra coluna e que os grupos de fugitivos franceses tinham se perdido na escuridão, vagueando pelas linhas britânicas; supôs-se que Berry tinha se encontrado com esse grupo.

Às quatro o exército estava em posição. As brigadas de Hill estavam no Medellín e os comandantes de brigada alinhavam os batalhões por trás do cume de modo a que não fossem visíveis aos canhões franceses. O South Essex estava na encosta da colina que dava para os alemães e para a guarda, que defenderia a planície entre o Medellín e o Pajar. Sharpe olhou fixamente para a cidade, meio oculta na neblina, e pensou no que estaria acontecendo com Josefina. Estava impaciente por começar a batalha, afastar a sua Companhia Ligeira de Simmerson e subir até à linha de atiradores que se formaria no vale do Portina meio envolto em névoa. Estava surpreso por Simmerson não ter dito nada ao batalhão. O coronel estava montado no seu cavalo cinzento e olhava mal-humorado para a miríade de esteiras de fumaça que se elevavam do acampamento francês e se fundiam com o sol-nascente. Não prestava atenção a Sharpe, nunca o fazia, como se o fuzileiro fosse uma pequena moléstia que se apagaria da sua vida quando a carta fosse recebida em Londres. Gibbons estava sentado junto a Simmerson e Sharpe reparou de repente que ambos estavam espantados. Em frente deles ondulava na haste a solitária bandeira, adornada com o orvalho da manhã, uma solitária recordação da desonra do batalhão. Simmerson não conhecia a guerra e estava olhando fixamente para a neblina que percorria o Portina pensando no que poderia emergir da brancura para

desafiar o seu batalhão. Não era só o futuro de Sharpe que dependia daquela batalha. Se o batalhão se portasse mal então ficaria como Batalhão de Destacamentos e iria mingando assaltado pelas doenças e pela morte até que desapareceria pura e simplesmente da lista do exército; o batalhão que nunca existiu. Simmerson sobreviveria. Voltaria para casa, para as suas propriedades, ocuparia o seu lugar no Parlamento, se transformaria num especialista quando conversasse sobre as guerras mas, onde quer que houvesse soldados, os nomes de Simmerson e do South Essex seriam desprezados. Sharpe esboçou um sorriso; ironias da vida. Naquele dia, Simmerson necessitava muito mais do fuzileiro do que Sharpe necessitava do coronel.

Por fim, chegou o sinal e as companhias ligeiras avançaram, abrindo-se numa linha estreita de atiradores para se converterem nos primeiros homens a atacar. Enquanto caminhava vertente abaixo na neblina, Sharpe olhou para o monte Cascajal, coroado por canhões franceses, que quase como uma roda, apontavam para o Medellín. Em algum lugar atrás dos canhões, os batalhões estariam formados em enormes colunas que se lançariam contra a linha britânica; atrás deles estaria à espera a cavalaria para se enfiar pela brecha; mais de cinquenta mil franceses a prepararem-se para castigar os britânicos pela sua temeridade ao enviar o pequeno exército de Wellesley contra o seu império. A Companhia Ligeira penetrou no nevoeiro, no mundo privado onde os atiradores se enfrentariam os voligeurs, e Sharpe afastou da cabeça os pensamentos de derrota. Era impensável que Wellesley perdesse, que o exército fosse destruído e enviado desfeito de volta ao mar, que os problemas de Sharpe, que os problemas de Simmerson, que o destino do South Essex, que tudo se afogasse na desastrosa inundação da derrota. Harper correu para ele e fez-lhe alegremente um sinal com a cabeça enquanto puxava a trava do cano do rifle.

— Para nós está calor, Capitão.

— Vai clarear dentro de mais ou menos uma hora — disse Sharpe com uma careta.

O nevoeiro escondia tudo a uma distância de cem passos, retirando a vantagem das espingardas de longo alcance. Sharpe viu o ribeiro à frente.

— Já está bem. Vá ver se o senhor Denny está bem.

Harper foi para a direita onde Denny devia estar reunido com os atiradores alemães. Sharpe caminhou riacho acima onde supunha que se faria o ataque e encontrou Knowles no extremo da linha. Ao longe, no nevoeiro, viu os casacas-vermelhas do 66º e alguns fuzileiros dos Americanos Reais.

— Tenente?

— Capitão?

Knowles estava vigilante e nervoso; meio temeroso, meio desfrutando o seu primeiro dia de verdadeira batalha. Sharpe sorriu alegremente.

— Algum problema?

— Não, Capitão. Falta muito?

Knowles lançava continuamente os olhos à distante margem vazia do Portina, como se esperasse ver materializar-se de repente todo o exército francês.

— Primeiro vai ouvir os canhões — disse Sharpe batendo os pés para aliviar o frio. — Que horas são?

Knowles puxou o relógio, com uma dedicatória do pai, e abriu a tampa.

— Quase cinco, senhor. — Continuou a olhar para o floreado relógio com o ponteiro de filigrana. — Senhor? — Disse comovido.

— Sim?

— Se eu morrer, fica com ele? — Disse estendendo-lhe o relógio. Sharpe afastou o relógio. Tinha vontade de rir mas balançou a cabeça com um gesto grave.

— Você não vai morrer. Quem assumiria o comando se eu me fosse? — Knowles olhou para ele temeroso e Sharpe confirmou. — Pense, tenente. A promoção é rápida em combate — disse, sorrindo, tentando dissipar a preocupação de Knowles. — Quem sabe? Um destes dias ainda acabamos todos generais.

Ouviu-se um canhão no Cascajal. Os olhos de Knowles abriram-se muito, quando ouviu pela primeira vez o envolvente estrondo da bala de ferro.

Fora do alcance da vista dos atiradores a bala de oito libras bateu no alto do Medellín, ricocheteou por cima das tropas envolta em terra e pedras, e rolou inofensivamente até se deter quatrocentas jardas abaixo do planalto. O som do disparo ressoou seco desde as colinas, apagou-se entre o nevoeiro e desapareceu. Ouviram-no cem mil homens, alguns benzeram-se, e outros simplesmente pensaram impulsivamente na tormenta que estava a ponto de rebentar no outro lado do Portina. Knowles esperou ouvir outro canhão mas apenas se fez silêncio.

— O que foi isto, senhor?

— Um sinal para as outras baterias francesas. Devem estar recarregando o canhão.

Sharpe imaginou o assobio da esponja ao ser introduzida no canhão, o vapor saindo do orifício e, a seguir, uma nova carga e a bala atacada a fundo.

— Agora, creio eu.

O silêncio terminou. A partir daquele momento, Sharpe contaria a história da batalha pelos sons e ouviu as balas de ferro enviadas por setenta ou oitenta canhões franceses que gritavam e troavam no ar. Escutava o estalido das enormes armas, imaginava-as retrocedendo com os seus tremendos pesos sobre as armações, dando sacudidas no ar e voltando a cair sobre as rodas enquanto a baqueta se metia em água e os homens preparavam a bala seguinte. Atrás, o ruído era diferente, o som surdo das salvas que cinzelavam o Medellín, o ruído seco do aço sobre a terra. Voltou-se para Knowles.

— Não é o meu dia de sorte.

Knowles voltou-se, mostrando-lhe o rosto preocupado. Dizia-se que o capitão tinha sorte. Sharpe e a companhia dependiam da superstição.

— Porquê, Capitão?

Sharpe sorriu.

— Disparam pela nossa esquerda.

Gritava mais alto que todos os canhões concentrados.

— Atacará por ali. Pensei que, de contrário, poderia ser o orgulhoso proprietário de um relógio!

Deu uma palmada no ombro de Knowles demonstrando que se sentia aliviado e apontou para o outro lado do riacho.

— Espere-os dentro de uns vinte minutos, ali um pouco à esquerda. Agora vou regressar!

Percorreu a linha de homens, verificando os pedernais, fazendo piadas de sempre e procurando Harper. Estava extremamente cansado, não apenas o cansaço por ter dormido mal, mas também pela fadiga, pelos problemas que pareciam não ter fim. A morte de Berry era como um sonho semi-esquecido e apenas tinha solucionado metade de uma promessa, e não fazia a menor idéia de como iria resolver a outra metade ou a promessa da águia. As promessas eram como barreiras que tinham se erguido na sua própria vida e a honra exigia que as cumprisse, mas o seu bom senso dizia-lhe que a tarefa seria impossível. Fez um sinal a Harper e, quando o sargento se dirigiu a ele, o som da batalha mudou. Houve um tom de gemido no rugido da bala que passava por cima e Harper levantou os olhos para o nevoeiro.

— Granadas?

Sharpe acenou afirmativamente quando a primeira explodiu sobre o Medellín. O som subiu de intensidade, o choque das granadas fazia eco com o troar dos canhões, e ao estrépito somava-se o som agudo do comprido canhão britânico de seis libras que respondia. Harper ergueu o polegar para o Medellín que não estava à vista.

— É um matraquear estranho, senhor.

Sharpe pôs-se à escuta.

— As bandas ainda estão tocando.

— Preferia estar lá em baixo.

Distante, entre os incessantes choques que se fundiam num longo retumbar, Sharpe pôde ouvir o som das bandas regimentais. Se os músicos tocavam, os batalhões britânicos não sofriam em demasia com o bombardeamento francês. Se Wellesley não tivesse retirado a linha britânica de trás do cume, os artilheiros franceses estariam massacrando os batalhões linha a linha e os músicos estariam fazendo o seu trabalho, de recolher os feridos e levá-los para a retaguarda. Sharpe sabia que Harper, tal como ele,

pensava na promessa que tinham feito a Lennox — a águia. Olhou para a outra margem do riacho, para a erva vazia, escutou o canhoneio como se fosse uma batalha de outros e voltou-se para o sargento.

— Haverá outros dias, você sabe. Outras batalhas.

Harper sorriu calmamente, pôs-se de cócoras e atirou uma pedra para a água límpida.

— Vamos ver o que acontece, senhor — ficou parado, à escuta, apontando em frente. — Ouviu isto?

O som de que Sharpe tinha estado à espera, débil mas inequívoco, o som que não tinha ouvido desde o Vimeiro, era o som do ataque francês. As colunas do inimigo não estavam à vista, não estariam senão dentro de minutos, mas entre o nevoeiro ouvia os perigosos tambores rufando o hipnótico ritmo da carga. Bum-bum, bum-bum, bum-bum, bum-bum, bum-bum. Assim continuaria até que o ataque estivesse ganho ou perdido, os tambores golpeariam a pele não obstante as descargas, era o ritmo interminável que tinha levado os franceses a vitória atrás de vitória. Havia uma inexorável ameaça naqueles toques e cada frase repetida aproximava dez passos os franceses.

Sharpe sorriu para Harper.

— Cuide do rapaz. Está bem?

— De Denny, senhor? Tropeçou três vezes na espada, mas além disso está bem. — Harper riu. — Cuide-se, Capitão.

Sharpe voltou rio acima, com o rufar de tambores cada vez mais perto, a linha de atiradores esquadrinhando o nevoeiro com temor. O seu trabalho estava prestes a começar. Os canhões franceses não tinham conseguido dispersar os batalhões britânicos e frente aos tambores, estendendo-se como uma enorme nuvem, aproximavam-se os *voligeurs*. A intenção deles era chegarem o mais próximo que pudessem dos batalhões britânicos e dispersar a linha com os seus mosquetes para a dizimarem e debilitarem, de modo que quando a coluna chegasse com os tambores, os britânicos estivessem destroçados e cedessem. Os atiradores de Sharpe com as outras companhias ligeiras tinham que deter os *voligeurs* e a sua própria batalha, travada no nevoeiro, estava a ponto de começar. Encontrou Knowles de pé junto ao riacho.

— Vê alguma coisa?

— Não, meu Capitão.

O rufar ouvia-se mais, rivalizando com o choque das granadas e, no fim de cada rufo, Sharpe ouvia um novo som quando os tambores se detinham para deixar que milhares de vozes entoassem *Vive l'empereur*. Era o som vitorioso que tinha aterrorizado os exércitos da Europa, o som de Marengo, de Austerlitz, de Jena, as vozes e os tambores da vitória francesa. A seguir, corrente acima e longe da vista, as tropas ligeiras reuniram-se e Sharpe ouviu o primeiro ruído dos mosquetes; não a envolvente descarga de tropas concentradas, mas sim os estalidos espaçados, deliberados, de

disparos dirigidos a um alvo.

Knowles olhou para Sharpe arqueando as sobancelhas, o fuzileiro balançou a cabeça.

— Aquilo é apenas uma coluna. Haverá pelo menos outra, provavelmente duas, e mais perto. Espere.

E ali estavam, obscuras silhuetas correndo no meio do nevoeiro, dezenas de homens com casacas azuis e dragonas vermelhas. Os soldados levantaram os mosquetes.

— Esperem! — disse Sharpe baixando a arma.

Os voltigeurs enfrentaram o fogo do 66º e o dos Americanos Reais, estavam a uns cem passos corrente acima e Sharpe esperava para ver se a linha de atiradores franceses chegaria até ao South Essex.

— Esperem! — Verificou que os primeiros franceses se estendiam na erva, outros punham-se de joelhos e apontavam com cuidado ainda que não fosse dia.

Supôs que o ataque francês, dirigido ao Medellín, ia passar diante do South Essex mas satisfazia-o o suficiente deixar que a sua tropa inexperiente visse uma verdadeira escaramuça, antes que tivessem de tomar parte numa.

Os franceses, tal como os britânicos, lutavam aos pares. Cada homem tinha de proteger o seu companheiro, disparando ora um, ora outro e gritando avisos, observando constantemente o inimigo para ver se as armas apontavam para ele ou para o seu companheiro. Sharpe ouvia os gritos, os assobios que transmitiam ordens e, ao fundo, insistente como um rebate, o rufar e os gritos. Knowles parecia um sabujo preso querendo subir pela margem a caminho da luta, mas Sharpe deteve-o.

— Não precisam de nós. Vai chegar a nossa vez. Espere.

A linha britânica agüentava. Os franceses tentaram tomar o riacho mas caíram ao chegar à água. As parelhas britânicas movimentavam-se em acometidas rápidas, mudando de posição, confundindo o inimigo, esperando que os voltigeurs estivessem ao alcance e disparando então. Os fuzileiros de casaca verde dos Americanos Reais procuravam os oficiais e sargentos inimigos e Sharpe ouvia o estalido das suas espingardas quando abatiam os chefes inimigos. O som atingiu o primeiro crescendo com o rugido do canhão, os choques anunciados das granadas, os tambores e as vozes da coluna, e o som dos clarins misturando-se com os mosquetes. O nevoeiro tornava-se mais espesso com a fumaça das baterias francesas e virava para oeste, para a linha britânica, mas, em breve, sabia Sharpe, a bruma se diluiria. Sentiu a brisa débil, viu estremecer um grande remoinho branco, e ouviu Knowles respirar espantado antes de o nevoeiro se fechar. Pela fenda via-se uma massa de homens marchando em filas muito próximas, encimadas por pontas de aço e uma dessas colunas dirigia-se para o riacho. Era o momento de retirar e, efetivamente, Sharpe ouviu os apitos e cornetins e viu os atiradores à sua esquerda começarem a recuar para o Medellín. Deixavam atrás de si corpos vermelhos e verdes.

Fez soar o apito, sinalizou com o braço e esperou que os sargentos repetissem o

sinal. Os seus homens ficariam decepcionados. Não tinham disparado um único tiro, mas Sharpe suspeitava que teriam oportunidade de o fazer dentro em pouco. Os rufares e os cantos continuaram, os disparos soavam desde cima, mas enquanto a companhia subia a colina, o nevoeiro isolou-os da batalha. Ninguém disparava contra eles, nenhuma granada aterrava com espoletas cintilantes no seu trecho da encosta, e Sharpe continuou a sentir a estranha sensação de estar ouvindo uma batalha que não tinha nada a ver consigo. A ilusão desvaneceu-se quando a linha saiu do nevoeiro para uma encosta iluminada pelo sol da manhã. Sharpe deteve a linha, voltou-se, e viu que os homens estavam boquiabertos e amaldiçoavam o que de repente acabavam de encontrar. No alto do Medellín não havia soldados. Só os projéteis franceses continuavam a amassar o solo como grandes gotas de terra e chamas. Ao ver o ataque francês, os atiradores subiram pela encosta, aproximando-se cada vez mais dos projéteis que rebentavam, e viraram-se para disparar contra as colunas que se arrastavam, saindo do nevoeiro como animais grandes e estranhos emergindo do mar. A coluna mais próxima estava a duzentas jardas para a esquerda e para os homens pouco experimentados de Sharpe devia parecer assustadora. Os voltigeurs concentravam as tropas, aumentando-as, os tambores continuavam a tocar com o seu rufar incessante, hipnótico e os gritos graves de *Vive l'empereur* sublinhavam o avanço demolidor. Três colunas subiam a vertente; Sharpe calculou que cada uma teria cerca de dois mil homens e sobre cada uma delas pendiam, brilhando ao sol da manhã, três águias douradas que subiam o monte.

Sharpe voltou a sua linha de atiradores de frente para a coluna e fez sinal aos homens para que se abaixassem. Pouco podiam fazer àquela distância. Decidiu não voltar para o batalhão, a companhia sofreria menos ficando na encosta e observando o ataque, do que se tentassem atravessar a barreira de granadas, e enquanto se abaixava, observando a enorme formação marchar vertente acima, Sharpe viu que os homens da Legião Alemã do Rei se uniam à sua toska linha. Seriam espectadores privilegiados desde a barreira do ataque francês. O alferes Denny aproximou-se de Sharpe, ajoelhou-se junto a ele e o seu rosto mostrava a preocupação e o medo que os rufos e os cantos geravam nele. Sharpe olhou-o.

— Em que está pensando?

— Senhor?

— Está com medo?

Denny concordou. Sharpe riu.

— Alguma vez estudou matemática?

— Sim, Capitão.

— Sendo assim, some quantos franceses podem realmente utilizar o mosquete.

Denny olhou fixamente para a coluna e Sharpe notou pela expressão do seu rosto que ele tinha compreendido. A coluna francesa seria sem dúvida uma vencedora experimentada mas, contra boas tropas, não passava de uma armadilha mortal. Apenas a primeira linha e as duas filas dos flancos podiam na realidade utilizar as suas armas e dos duzentos homens da coluna mais próxima, apenas os sessenta da primeira fila e os

homens no fim da trintena de filas podiam na realidade disparar contra o inimigo. A massa de homens do centro estava ali simplesmente para acrescentar peso, para torná-la impressionante, para lhe dar alento, e para preencher os buracos que os mortos deixavam.

O som da batalha mudou repentinamente. Os projéteis pararam. Os grandes quadrados que marchavam estavam perto do alto do Medellín e os artilheiros franceses tinham medo de acertar nos seus próprios homens. Por um momento apenas se ouviram os ruídos, o som de milhares de botas batendo em uníssono na encosta, e, de repente, um grande júbilo da infantaria francesa ao pensar que tinha vencido. Era fácil de entender porque pensavam ter conseguido a vitória. Não tinham inimigos à frente, simplesmente a linha do horizonte vazia, e a linha de atiradores tinha se arrastado para o outro lado do cimo para se reunir com os seus batalhões. Tinham cumprido o seu trabalho. Tinham mantido os voltigeurs afastados dos britânicos. Mas o júbilo francês desvaneceu-se quando se ouviram as ordens britânicas e, de repente, o cume se encontrou cheio de homens que esperavam para formar em linha dois a dois. No entanto parecia ridículo. Três grandes punhos, massas enormes, apontando para uma tênue linha de dois mas a visão enganava; naquela situação a matemática era tudo.

A coluna mais próxima de Sharpe dirigia-se ao 66° e ao 3° Os dois batalhões britânicos eram inferiores em número, dois para um, mas todos os casacas-vermelhas do cimo podiam disparar o mosquete. Das centenas de franceses que subiam em coluna apenas pouco mais de cem podiam na realidade responder ao fogo e Sharpe já o vira muitas vezes e conhecia o resultado. Observou como davam a ordem, viu a linha britânica aparecer para dar meia volta para a direita enquanto levavam os mosquetes aos ombros, e observou que a coluna francesa se detinha instintivamente frente a tantas armas. Os tambores rufaram, os oficiais franceses gritaram e das colunas saiu, uma espécie de grunhido sonoro, que se converteu num rugido e em adamações e os franceses carregaram em direção ao alto.

E detiveram-se. As delgadas lâminas de aço dos oficiais britânicos desciam e começaram as descargas incessantes. Nada podia se opor àquele fogo de mosquetes. Da direita para a esquerda, ao longo dos batalhões, as descargas de pelotão acendiam-se e vacilavam; era um fogo envolvente que nunca se detinha, a regularidade quase maquinal das tropas instruídas que faziam quatro tiros por minuto em direção à densa massa de franceses. O som atingiu o verdadeiro crescente da batalha, o imponente som das descargas ordenadas, e juntamente com ele, o curioso repicar das balas ao se chocarem com as baionetas francesas. Sharpe olhou para a esquerda e viu que o South Essex estava observando. Encontravam-se muito longe para que os seus mosquetes fossem úteis mas alegrava-se de que as tropas pouco aguerridas de Simmerson pudessem ver como a potência de um fogo com prática ganhava batalhas.

O rufar de tambores continuou, os rapazes batiam freneticamente nos seus instrumentos para forçar a coluna encosta acima e, incrivelmente, os franceses tentavam subir. O instinto de vitória era muito forte, muito arraigado, e quando as primeiras filas foram destruídas pelo fogo mortal, os homens que iam atrás esforçavam-se, passando por cima dos corpos para, por sua vez, serem lançados para trás pelas balas incessantes. Enfrentavam uma tarefa impossível. A coluna fora apanhada, empurrada contra a

tormenta, absorvendo um incrível castigo mas negando-se a ceder, a aceitar a derrota. Como estivera em Vimeiro, Sharpe estava surpreso ao ver que aquelas tropas podiam sofrer tamanho castigo mas foi assim e observou como os oficiais franceses tentavam organizar um novo ataque. Os franceses, ainda que muito tarde, tentavam a formação em linha e viu que os oficiais brandiam as espadas para conduzirem as fileiras da retaguarda para os flancos abertos.

Sharpe levantou a espingarda.

— Vamos!

Os seus homens aplaudiram e seguiram-no colina acima. O perigo de os franceses formarem uma linha era pequeno mas a aparição de dois centos de atiradores pelo flanco os faria desistir. Os alemães da legião foram com a companhia de Sharpe e todos se detiveram a cem passos da massa de franceses combativos e iniciaram as suas próprias descargas, mais espaçadas do que o fogo ordenado vindo do alto, mas suficientemente eficaz para repelir os franceses que tentavam corajosamente a formação em linha. Os alemães começaram a armar as baionetas, sabiam que a colina não podia agüentar o fogo por muito tempo, e Sharpe gritou aos seus homens que fizessem o mesmo. O som dos tambores desvanecia-se. Um rapaz soltou outro rufo com as baquetas, mas o ritmo distintivo da carga apagava-se e o ataque terminou. O alto da colina cintilava quando o 66º armou as baionetas, extinguiram-se as descargas, os britânicos aplaudiram e os franceses estavam derrotados, destruídos e apanhados pelo fogo dos mosquetes que não esperavam contra a sua carga de baionetas. A massa dividiu-se em pequenos grupos de fugitivos, as águias caíram, as filas azuis dispersaram-se e correram para o riacho.

— Em frente! — gritaram Sharpe, os oficiais alemães, e lá do alto, os oficiais da companhia do 66º, enquanto comandavam a linha vermelha coroada de aço colina abaixo. Sharpe procurou as águias mas estas estavam distantes, pois tentavam levá-las para local seguro. Então esqueceu-as e conduziu os seus homens em diagonal colina abaixo para cortar a retirada aos grupos de franceses que fugiam. Era o momento de fazer prisioneiros e quando os atiradores investiram contra a massa azul, os franceses largaram as armas e levantaram as mãos. Um oficial não quis se render e brandiu a espada para Sharpe, mas a enorme espada de cavalaria atingiu-o de lado e o homem caiu de joelhos erguendo as mãos postas para o fuzileiro. Sharpe não lhe deu importância. Queria chegar ao riacho e fazer com que os seus homens deixassem de perseguir os franceses na outra margem onde os batalhões de reserva esperavam para castigar os britânicos vencedores. O nevoeiro tinha se dissipado quase completamente.

Alguns franceses detiveram-se no ribeiro e voltaram os mosquetes contra os britânicos. Uma bala acertou-lhe a manga, outra roçou-lhe o rosto, chamuscando-o, mas o pequeno grupo dispersou e fugiu quando ele brandiu a espada. As botas chapinharam no riacho, ouvia tiros atrás de si e viu balas baterem na água, mas voltou-se e ordenou aos seus homens que se detivessem. Afastou-os do riacho e juntou-os aos prisioneiros, longe das tropas francesas de reserva que esperavam na outra margem com os mosquetes carregados.

Pronto. O primeiro ataque fora retido e a encosta do Medellín estava coberta de

corpos que jaziam formando uma mancha azul desde o ribeiro até quase o alto que não tinham podido alcançar. Haveria outro ataque mas, primeiro, cada parte devia contar os vivos e recolher os mortos. Sharpe procurou Harper e viu que, felizmente, o sargento estava vivo, o tenente Knowles estava ali sorrindo jovialmente, e com a espada ainda por manchar de sangue.

— Que horas são, tenente?

Knowles prendeu a espada debaixo do braço e abriu o relógio.

— Seis e cinco, Capitão. Não foi incrível?

Sharpe riu.

— Espere. Isto não foi nada.

Harper desceu correndo pela vertente e estendeu-lhe um pacote que trazia na mão.

— Café da manhã, senhor?

— Uma alheira?

— Especialmente para o senhor — respondeu Harper sorrindo.

Sharpe cortou um pedaço e trincou a carne saborosa e picante. Esticou os braços, sentiu o alívio da tensão nos músculos e começou a sentir-se melhor. Tinha terminado o primeiro assalto e levantou os olhos para a encosta cheia de restos e para a única bandeira do batalhão.

Debaixo dela estava Gibbons, a cavalo junto ao tio, e Sharpe desejou que o tenente tivesse observado os atiradores e sentisse medo. Harper viu para onde ele estava olhando e observou a expressão que tinha o rosto do seu capitão. O sargento voltou-se para os homens da companhia, vigiando os prisioneiros e gabando-se das suas façanhas.

— Muito bem, não estamos na maldita festa da colheita! Recarreguem as armas. Eles vão voltar.

A batalha explodira durante um curto espaço de tempo, mas mais tarde terminou, e quando o Sol se elevou no alto e a fumaça se desvaneceu, o vale do Portina encheu-se de homens, tanto britânicos como franceses, que iam recolher os feridos e enterrar os mortos. Homens que uma hora antes lutavam desesperadamente para se matarem uns aos outros conversavam agora e trocavam tabaco por comida e vinho por conhaque. Sharpe enviou uma dúzia de soldados para o riacho para procurarem quatro homens da Companhia Ligeira que faltavam. Não tinham morrido no tiroteio mas sim atingidos quando subiam de volta pela encosta com os prisioneiros. Os canhões franceses tinham aberto fogo, mas dessa vez com os canos baixos e os projéteis tinham rebentado por cima da tropa dispersa que caminhava colina acima. Os homens começaram a correr, os prisioneiros franceses tinham dado a volta e corrido para as suas próprias linhas, mas não havia proteção contra as granadas. Sharpe vira uma bola de ferro bater na toca de um coelho e ricochetear no ar com a fumaça rodopiando violentamente da espoleta. A granada, suficientemente pequena para caber numa mão, aterrou junto a Gataker. O fuzileiro tinha se baixado para arrancar a espoleta com um sacão mas era muito tarde, ela explodiu, salpicando-o com a cobertura partida e vomitando fumaça e chamas ao mesmo tempo que a tirava para trás o seu corpo já sem vida. Sharpe ajoelhou-se junto a ele mas Gataker estava morto; o primeiro fuzileiro de Sharpe a morrer desde a luta nas montanhas do Norte no Inverno anterior.

Quando os canhões se calaram mandou-os voltar para enterrarem rapidamente os mortos e os homens cavaram buracos profundos na terra mole junto ao riacho. Também chegaram os franceses. Durante alguns minutos as tropas evitaram-se, mas em breve, alguém disse uma piada, estendeu uma mão, e em poucos minutos os inimigos apertavam as mãos, provavam as barretinas uns dos outros, partilhavam os tristes restos de comida e tratavam-se mais como velhos amigos do que como inimigos declarados. O vale estava coberto dos restos da batalha; granadas por explodir, armas, mochilas saqueadas, o lixo comum de uma derrota.

— Sharpe! Capitão!

Sharpe virou-se e viu Hogan abrindo caminho entre os mortos e feridos.

— Estava à sua procura! — disse o oficial de engenharia descendo do cavalo. — Você está bem?

— Estou bem.

Sharpe aceitou a garrafa de água que Hogan lhe oferecia.

— Como está Josefina?

Hogan sorriu.

— Adormeceu.

Sharpe olhou para as escuras olheiras debaixo dos olhos do irlandês.

— Mas o senhor não?

Hogan balançou a cabeça e então apontou para os corpos.

— Não vale a pena me queixar de uma noite sem dormir.

— E Josefina?

— Creio que está bem. Sinceramente, Richard. — Hogan balançou de novo a cabeça. — Está deprimida; infeliz. Mas o que se podia esperar depois da noite passada?

A noite passada, pensou Sharpe. Santo Deus, era só a noite passada. Deu a volta e olhou para a água ensangüentada do Portina e para os franceses que estavam escavando na outra margem um buraco comprido e um pouco profundo para o qual atirariam os mortos nus. Virou-se para Hogan.

— O que está acontecendo na cidade?

— Na cidade? Ah, preocupa-se com a segurança dela?

Sharpe acenou afirmativamente. Hogan pegou a caixa de tabaco.

— Está tudo calmo. Recolheram a maior parte dos espanhóis e já estão de volta às suas linhas. Há uma guarda na cidade para impedir qualquer saque.

— Então está a salvo?

Hogan olhou para os olhos avermelhados de Sharpe, para as sombras escuras da sua cara e confirmou.

— Está a salvo, Richard.

Hogan não disse mais nada. O rosto de Sharpe assustava-o; tinha uma expressão triste, pensou, como o rosto de um aventureiro desesperado que arriscaria tudo numa única jogada de dados. Os dois homens começaram a caminhar junto ao riacho e Hogan pensou no dragão do príncipe de Gales, um capitão com o braço quebrado que tinha batido à porta da casa de manhã cedo. Josefina tinha ficado surpresa ao vê-lo, mas tinha-lhe agradado, e dissera-lhe que tinha conhecido o oficial de cavalaria no dia anterior na cidade. O dragão tinha substituído Harper na vigilância mas aquele, pensou o oficial de engenharia, não era o momento para falar a Sharpe no capitão Claud Hardy. O homem tinha agradado a Hogan, tinha-lhe parecido simpática a descrição de Hardy de como caíra do cavalo e o irlandês vira quão aliviada se tinha sentido Josefina ao ter alguém a seu lado que lhe contasse piadas, lhe falasse alegremente de bailes e banquetes, de caça e cavalos, mas que astutamente compreendia os horrores que ainda se escondiam nas suas recordações da noite anterior. Hogan sabia que Hardy servia para Josefina, mas não era o momento de dizer isso a Sharpe.

— Richard?

— Sim?

— Fez alguma coisa a respeito... — deixou escapar Hogan.

— De Gibbons e Berry?

— Sim.

Hogan chegou-se para um lado e afastou o cavalo de um francês que arrastava um cadáver pela erva. Sharpe esperou que o homem tivesse se afastado.

— Porquê?

Hogan encolheu os ombros.

— Estava pensando — disse Hogan com dúvidas. — Esperava que, depois de pensar durante uma noite, seria prudente. Poderia destruir a sua carreira. Um duelo, uma luta. Tenha cuidado.

Hogan estava praticamente implorando. Sharpe parou e virou-se para ele.

— Prometo-lhe uma coisa. Não farei nada ao tenente Berry.

Por um momento, Hogan deteve-se para pensar. O rosto de Sharpe era inexpressivo mas, por fim, o irlandês concordou.

— Suponho que isso seja bom. Mas está realmente decidido em relação a Gibbons?

Sharpe sorriu.

— O tenente Gibbons se reunirá em breve ao tenente Berry.

Deu meia volta e começou a caminhar encosta acima. Hogan correu atrás dele.

— Quer dizer...?

— Sim. Berry está morto. Diga isso a Josefina, por favor.

Hogan sentiu uma tremenda tristeza, não por Berry, que provavelmente merecia o que Sharpe lhe tinha feito, mas por Sharpe que via a vida como uma imensa batalha e tinha se preparado para lutar por ela com uma ferocidade inigualável.

— Tenha cuidado, Richard.

— Terei. Prometo.

— Quando o verci? — perguntou Hogan receoso de que Sharpe entrasse no quarto de Josefina e encontrasse Hardy lá.

— Não sei — responde Sharpe apontando para o exército francês que esperava. — Vai haver uma batalha do inferno e receio que tenhamos de ficar todos no campo até que uma das partes vá embora. Talvez esta noite. Provavelmente amanhã. Não sei.

Ouviram-se cornetins no vale chamando as tropas às suas posições e Hogan recolheu as rédeas. Os dois homens viram como os soldados britânicos e franceses apertavam as mãos e davam palmadas nas costas uns dos outros antes da carnificina

recomeçar.

Hogan subiu para a sela.

— Direi a ela o que aconteceu a Berry Richard. Tenha cuidado, não queremos perdê-lo.

Meteu esporas ao cavalo e partiu a meio galope, seguindo o rio de volta a Talavera.

Sharpe subiu a encosta do Medellín com os seus homens enquanto contavam os despojos que tinham recolhido dos mortos. Ele, por seu lado, nada recolhera mas, caminhando colina acima, sabia que haveria despojos melhores no campo antes que se pusesse o Sol; havia uma águia a depenar.

A manhã foi avançando. Os dois exércitos encontravam-se frente a frente, a cavalaria aborrecida por não haver infantaria dispersa para massacrar, a artilharia amontoando as munições para dispersar a infantaria, enquanto a infantaria estava sentada na erva, compunha as munições e limpava as seguranças dos mosquetes. Ninguém parecia ter pressa. O primeiro ataque tinha sido repellido e agora os franceses estavam duplamente determinados a destroçar o pequeno exército britânico que tinham pela frente. Através do seu telescópio, Sharpe observava os batalhões azuis posicionando-se preguiçosamente no seu lugar, regimento a regimento, brigada a brigada, até que pôde ver entre o Pajar e o Cascajal mais de trinta águias concentradas para atacar.

Forrest aproximou-se e sorriu nervoso ao pegar o telescópio que Sharpe lhe estendia.

— Estão se preparando, Sharpe?

Forrest examinou a linha francesa. Era óbvio o que ia acontecer. Sobre o Cascajal os artilheiros rodavam os canhões de maneira para poderem disparar contra as tropas à direita do South Essex, a Legião e a Guarda. Frente a estes regimentos estava se reunindo uma vasta horda de batalhões inimigos. Os franceses não tinham conseguido tomar o Medellín, nem de dia nem de noite, então estavam agora planeando um matraqueio de tal ordem que nenhuma tropa no mundo pudesse resistir à fúria e intensidade do seu ataque. Sharpe viu atrás da infantaria francesa a cavalaria impaciente esperando penetrar pela brecha e sacrificar os derrotados britânicos. O dia recuperava as suas forças, fazendo uma pausa antes da carnificina, preparando-se para a grande demonstração da superioridade francesa que destruiria o exército britânico, espalmando-o depreciativamente, e com essa finalidade, à uma em ponto, os canhões franceses voltaram a abrir fogo.

Sir Henry Simmerson quase não se mexera em toda a manhã. Tinha observado o repelir do primeiro ataque, mas exceto a Companhia Ligeira, o South Essex não tinha sido necessário; agora, Sir Henry sabia, seria diferente. A parte leste do Portina estava cheia de tropas francesas, batalhão atrás de batalhão, preparando-se para avançar nas inevitáveis colunas que Sir Henry inspecionara silenciosamente com o seu telescópio. Quinze mil homens estavam a ponto de se lançarem contra o centro da posição britânica e, além disso, quinze mil outros começavam a se aproximar do Pajar e da rede de obstáculos que protegia os espanhóis.

À direita de Sir Henry os quatro batalhões da Legião Alemã do Rei, o Coldstream e o terceiro de Guardas esperavam o ataque mas Sir Henry sabia que a batalha estava perdida. Nenhuma tropa, nem sequer as ostentosas como a da Legião e a dos Guardas, podia resistir aos espantosos números que esperavam o sinal para iniciar a sua aproximação em massa.

Sir Henry resmungava agitado na sua sela. Tivera razão desde o princípio. Fora uma loucura deixar um exército nas mãos de Wellesley, era uma loucura lutar naquele país pagão, esquecido de Deus quando os britânicos deveriam antes estar lutando atrás das muralhas das cidades francesas e flamengas. Voltou a olhar para os franceses. Qualquer tolo veria o que ia acontecer; que as enormes colunas atravessariam a débil linha britânica como um touro enfurecido contra uma barreira de estilhaços. Talavera ficaria isolada, os espanhóis caçados como ratanzas pelas ruas, mas as tropas do Medellín, como o seu próprio batalhão, estavam em pior posição. Pelo menos as tropas próximas de Talavera tinham a chance de atingir a ponte e começar a longa retirada para a ignomínia, mas para o South Essex e para os outros batalhões o único destino era ficarem isolados, e a rendição inevitável.

— Não nos renderemos.

O tenente Gibbons aproximou o cavalo do tio. Não lhe ocorrera que deviam render-se mas havia tempo que tinha aprendido que a maneira mais fácil de continuar usufruindo dos favores de Sir Henry era estar de acordo com ele.

— De acordo, senhor.

Simmerson fechou o telescópio com força.

— Será um desastre, Christian, um desastre. O exército está a ponto de ser dizimado.

O sobrinho estava de acordo e Simmerson pensou uma vez mais no desperdício de talento que era Gibbons ser apenas tenente. Nunca tinha ouvido do sobrinho mais do que coisas com sentido militar, o rapaz compreendia todos os seus problemas, concordava com as suas soluções, e Sir Henry não encontrara temporalmente a oportunidade de dar ao sobrinho um merecido posto de capitão para pelo menos poder

mantê-lo afastado daquele maldito Sharpe e utilizá-lo como conselheiro e confidente de confiança. Apareceu um novo batalhão na linha francesa, quase em frente ao South Essex e Simmerson abriu o telescópio e olhou para eles.

— É estranho.

— Senhor?

Simmerson entregou o telescópio ao sobrinho. O novo batalhão marchando por trás do Cascajal vestia casacas brancas com dragonas e colarinhos vermelhos. Simmerson nunca tinha visto tropas como aquelas.

— Major Forrest!

— Senhor?

Simmerson indicou as novas tropas que estavam se formando em colunas.

— Sabe quem são?

— Não, Coronel.

— Descubra.

O coronel viu Forrest esporcar o cavalo linha abaixo. “Vai falar com Sharpe. Acha que ele sabe tudo.” Mas não por muito tempo, pensou Simmerson, aquela batalha seria o fim de aventureiros militares como Sharpe e Wellesley e devolveria o exército a homens prudentes, oficiais com bom senso, homens como Sir Henry Simmerson. Voltou-se e observou as granadas que explodiam entre a LAR e os Guardas. Os batalhões estavam deitados no chão e a maior parte dos disparos franceses explodiam inofensivamente ou saltavam sobre as suas cabeças. No entanto, de vez em quando, via-se uma nuvem de fumaça no meio da tropa e Simmerson viu os sargentos retirarem os mortos mutilados da linha e vedando as brechas. A linha de atiradores estava à frente, deitada na erva alta junto ao riacho, uma ação fútil frente ao eminente ataque francês. Forrest regressou.

— Major?

— O capitão Sharpe diz que são da Divisão Alemã, Coronel. Acredita que provavelmente são os batalhões holandeses.

Simmerson soltou uma gargalhada.

— Alemães lutando contra alemães, hein? Deixemos que se matem uns aos outros!

Forrest não ria.

— O capitão Sharpe pede para a Companhia Ligeira se adiantar, Coronel. Pensa que os holandeses atacarão parte da linha.

Simmerson não disse nada. Olhou para os franceses e holandeses, se é que o eram, e na verdade estavam mesmo em frente ao South Essex. Um segundo batalhão formava uma coluna separada atrás da primeira, mas Simmerson não tinha qualquer

intenção de que o seu batalhão se enredasse na luta de morte do exército de Wellesley. A Legião Alemã do Rei podia enfrentar os batalhões da Divisão Alemã enquanto Simmerson pelo menos salvaria um batalhão do desastre.

— Senhor? — incitou Forrest.

Simmerson fez-lhe sinal para deter a interrupção. Tinha uma idéia na cabeça e era excitante, uma idéia que se estendia para o futuro e que dependia do que fizesse naquele momento e observou a beleza com que crescia na sua mente. O exército estava condenado. Isso era certo e, ao fim de uma hora aproximadamente, as forças de Wellesley estariam mortas ou feitas prisioneiras, mas não havia necessidade nenhuma de que o South Essex participasse nesse desastre. Se os mandasse marchar agora, afastando-se do Medellín para uma posição na retaguarda, então não se veriam cercados pelos franceses. Mais que isso, seriam o ponto de reunião para os fugitivos que conseguissem escapar à fúria dos franceses e então poderia comandá-los, a única unidade que teria saído incólume da destruição de um exército, de volta a Lisboa e depois a Inglaterra. Semelhante ação teria de ser premiada e Simmerson via-se com o largo galão dourado e o tricórnio de general. Agarrou-se à sela com excitação. Era óbvio! Não seria tolo a ponto de não entender que a perda da bandeira em Valdelacasa era uma mancha para ele, apesar de estar satisfeito por na carta ter lançado com firmeza todas a culpa em Sharpe, tornando-a credível, mas se pudesse salvar ainda que fosse uma pequena parte deste exército, então Valdelacasa seria esquecida e a Guarda Real de Whitehall veria-se obrigada a reconhecer a sua habilidade e recompensar a sua iniciativa. A sua confiança cresceu. Durante algum tempo tinha se sentido incomodado com os duros homens que lutavam naquela guerra mas agora tinham conduzido o exército a uma posição terrível e apenas Simmerson tinha a visão do que havia a fazer.

Endireitou-se na sela.

— Major! O batalhão dará meia volta e formará uma coluna de marcha para a esquerda!

Forrest não se mexeu. O coronel fez voltar o cavalo.

— Vamos, Forrest, não temos muito tempo!

Forrest estava espantado. Se fizesse que ele ordenava, o daria a volta como uma porta giratória e deixaria uma brecha na linha britânica por onde os franceses poderiam introduzir as suas tropas. E as colunas francesas tinham iniciado o avanço! Os *voligeurs* formigavam em direção ao riacho, os tambores tinham iniciado o seu ritmo de guerra, as granadas iam caindo cada vez com mais intensidade entre a Legião Alemã por baixo deles. Simmerson deu uma palmada na anca do cavalo de Forrest.

— Depressa, homem! É a nossa única esperança!

Deram as ordens e o South Essex iniciou o torpe movimento giratório que convertia o flanco do Medellín numa vertente aberta ao inimigo. A companhia de Sharpe era o eixo do movimento, a tropa movimentava-se desajeitadamente e olhavam fixamente para trás de si, espantados, enquanto as colunas inimigas iniciavam o avanço. A linha de atiradores já estava lutando, Sharpe ouvia os mosquetes e espingardas, mas a

trezentos metros do riacho aproximavam-se as águias. Este ataque não só era mais esmagador do que o primeiro, como dessa vez os franceses enviavam a artilharia de campanha com as colunas e Sharpe via os cavalos e os canhões à espera de iniciar a sua viagem para o ribeiro. E o South Essex retirava-se! Sharpe correu pesadamente ao longo da linha oscilante.

— Coronel!

Simmerson baixou os olhos para ele.

— Capitão Sharpe?

— Pelo amor de Deus, senhor! Dirige-se uma coluna para nós... — Foi interrompido por um tenente dos dragões, um dos oficiais de Hill, que fez com que o cavalo se detivesse resvalando e provocasse uma chuva de terra. Simmerson olhou para o que acabava de chegar.

— Tenente?

— Cumprimentos do general Hill, Coronel, permaneça na sua posição e mande avançar os atiradores.

Simmerson balançou a cabeça com bonomia.

— Os meus cumprimentos ao general Hill, mas vai ver que estou agindo corretamente. Prossigam!

Sharpe pensou em discutir mas sabia que era inútil. Correu de volta para a companhia. Harper estava atrás, mantendo a formação, e olhou com pena para o seu capitão.

— Que aconteceu, Capitão?

— Vamos em frente, é isso que aconteceu.

Sharpe abriu caminho entre a tropa.

— Companhia Ligeira! Ordem de combate! Sigam-me!

Correu colina abaixo com os homens atrás dele. Maldito Simmerson! Os voltigeurs do batalhão de casacas-brancas já tinham atravessado o riacho e atacavam os Alemães do Rei e Sharpe viu que muitos homens jaziam mortos ou feridos onde a legião lutava contra o dobro dos seus homens. Foi uma corrida asfixiante, com as mochilas o atrasando, com bolsas e armas, mas os homens esforçavam-se por seguir em frente contra os holandeses que tinham cruzado o riacho. Explodiram granadas entre a Companhia Ligeira e Harper, arrastando-os para trás, viu cair dois homens mas não havia tempo para tratar deles. Viu Sharpe tirar desajeitadamente a espada da bainha e percebeu que o capitão plançava carregar precisamente sobre os voltigeurs e empurrá-los de volta ao riacho. Harper respirou fundo.

— Baionetas! Baionetas!

Os homens com mosquetes tinham poucas chances de armar a tempo as baionetas,

mas para os fuzileiros não era preciso. A baioneta Baker era comprida e estava equipada com uma asa e os fuzileiros de Sharpe agarravam-na como uma espada; os franceses viram-nos chegar, viraram-se e manusearam desajeitadamente as munições. Uma primeira bala passou próximo de Sharpe, cantando-lhe ao ouvido, uma segunda bateu no chão e ricocheteou para cima até bater no seu cantil e a seguir já estava brandindo a espada contra o homem mais próximo; o resto da companhia apunhalava e gritava e os de casaca branca voltavam correndo para o outro lado do Portina.

— Para baixo! Para baixo! Para baixo! — gritava Sharpe aos seus homens e empurrava dois deles para o chão.

Tinha restabelecido a linha de atiradores, o que não passava de uma pequena vitória. Correu por entre os homens.

— Apontem baixo! Matem esses bastardos!

Os atiradores holandeses tinham voltado a formar e começaram a atravessar o riacho. Sharpe não lhes deu importância e continuou a correr até que encontrou um capitão da Legião Alemã do Rei cuja companhia sofrera por Simmerson ter se negado a enviar a sua Companhia Ligeira.

— Lamento!

O capitão fez um sinal com a mão, a Sharpe, rejeitando a desculpa.

— Seja bem-vindo! Lutamos contra a Divisão Alemã, não é? — disse o capitão e riu. — São bons soldados mas nós somos melhores. Divirta-se!

Sharpe voltou para a sua companhia. O inimigo estava a cinqüenta jardas, do outro lado do riacho, e os fuzileiros de Sharpe afirmavam a sua superioridade graças a sete ranhuras em espiral nos canos das armas. Os voltigeurs atrasavam-se pouco a pouco e os casacas-vermelhas de Sharpe do South Essex deslizavam para a frente, aproximando-se do riacho para melhorar a pontaria; ele observava-os com orgulho, ajudando-se uns aos outros, apontando para os alvos, disparando com serenidade e recordando as lições que lhes tinha martelado durante o avanço para Talavera. O alferes Denny estava de pé, animando estridentemente, e Sharpe empurrou-o para o chão.

— Não se faça de alvo, senhor Denny, gostam de matar oficiais jovens e promissores!

Denny sorriu de orelha a orelha ao ouvir o cumprimento.

— E o senhor, Capitão? Porque não se baixa?

— Vou fazê-lo agora. Lembre-se que não pode ficar quieto!

Harper estava de joelhos junto a Hagman, carregando para ele, e escolhendo alvos maduros para o velho caçador. Sharpe deu-lhe a sua própria espingarda e deixou-os para que matassem um a um, os oficiais inimigos. Knowles estava observando sensatamente o extremo descoberto da linha, dirigindo o fogo de meia-dúzia de homens para deter os casacas-brancas que atacavam o South Essex, e Sharpe não fazia falta ali. Sorriu abertamente. A companhia estava trabalhano bem, lutava como uma unidade de

veteranos, e já havia uma dúzia de corpos do outro lado do riacho. Havia dois, vestidos de vermelho, do seu lado mas o South Essex, talvez devido à ferocidade da sua carga, mantinha a iniciativa e os holandeses não queriam se arriscar aproximando-se demais da linha de atiradores britânicos.

Mas atrás dos voltigeurs, aproximava-se decididamente, a primeira coluna, a coluna da direita de uma série que enchia a planície entre o Cascajal e a cidade. Faltavam poucos minutos para o ataque e quando este acontecesse, pensava Sharpe, a linha de atiradores teria de se retirar.

Todo o horizonte estava encoberto pela nuvens de poeira que os milhares de soldados de infantaria levantavam, os seus rufos e vivas competiam com o som dos canhões e das granadas explodindo, e ao fundo ouvia-se o ruído sinistro das correntes que chocavam e faziam parte dos arneses da artilharia. Sharpe nunca vira um ataque em tão grande escala, as colunas ocupavam meia milha em formação e, atrás delas, quase invisível entre a poeira e a fumaça, uma segunda coluna, igualmente forte que os franceses enviariam se os britânicos detivessem os primeiros batalhões. Sharpe olhou para trás. Simmerson fizera virar o batalhão e afastava-se, desfilando, da grande brecha que tinha criado na linha, Sharpe viu um cavaleiro encaminhar-se temerariamente para a única bandeira e supôs que Hill ou até mesmo Wellesley estavam enfrentando Simmerson furiosamente, mas no momento a brecha existia e os casacas brancas marchavam diretamente para ela.

Foi reunir-se a Harper. Faltavam apenas alguns segundos para que a coluna os obrigasse a retroceder e ele olhava fixamente para o seu lento avanço e para a águia que brilhava sedutoramente no meio. Ao lado dela cavalgava um cavaleiro com um chapéu com insígnia e franjas e Sharpe deu uma palmada no ombro de Hagman.

— Senhor?

O homem de Cheshire sorriu com a sua boca sem dentes. Sharpe gritou mais alto do que os toques de tambor do que o estalido dos mosquetes.

— Vê o homem com o chapéu elegante?

Hagman olhou.

— Duzentas jardas?

Pegou a espingarda e apontou com cuidado, sem se importar com o silvar das balas do inimigo à sua volta, prendeu um pouco a respiração e apertou o gatilho. A espingarda retrocedeu e bateu-lhe no ombro, havia uma vaga de fumaça, mas Sharpe saltou para o lado e viu o coronel inimigo cair na massa da coluna. Deu uma palmada nas costas de Hagman.

— Muito bem!

Encaminhou-se para os outros fuzileiros.

— Apontem na artilharia! Nos canhões!

Tinha medo dos cavalos da artilharia que os franceses traziam com as colunas; se

permitissem que os artilheiros se aproximassem o suficiente para carregarem com cargas ou metralha abriam grandes brechas na linha britânica e dariam às colunas francesas a potência de fogo que uma formação compacta normalmente lhes impedia. Observou os seus fuzileiros que apontavam nos cavalos e artilheiros que estavam em cima dos canhões; se alguma coisa podia deter a artilharia, seria a precisão à distância da espingarda Baker, mas faltava muito pouco tempo para que a coluna os obrigasse a recuar e a luta se converteria em correr e disparar continuamente, aproximando-se cada vez mais do enorme espaço que Simmerson criara na defesa britânica.

Voltou a correr até Harper, no meio da linha, e recuperou a sua espingarda. Ao mesmo tempo que a coluna se aproximava mais, os voltigeurs inimigos enchiam-se de coragem e faziam curtas arremetidas em direção ao riacho numa tentativa de forçar a linha de atiradores britânicos a recuar. Sharpe viu meia-dúzia dos seus homens jazendo mortos ou feridos, um deles com casaca-verde, apontou para o homem e arqueou as sobrancelhas olhando para Harper.

— Pendleton, Capitão. Está morto.

Pobre Pendleton, apenas dezessete anos, e tantos bolsos que tinha deixado por roubar. Os voltigeurs disparavam mais rapidamente, sem se preocupar em apontar, concentrando-se simplesmente em saturar o inimigo com fogo de mosquete e Sharpe viu cair outro homem: Jedediah Horrell, cujas botas novas lhe tinham posto os pés em feridas. Era o momento de se retirarem e Sharpe fez soar por duas vezes um assobio e viu como os homens apontavam um último tiro antes de recuarem alguns passos, para se ajoelharem e voltarem a carregar. Atacou uma bala na espingarda e voltou a deslizar a baqueta de aço pela abertura da culatra. Procurou um alvo e encontrou-o num homem que tinha um único galão de sargento francês e que estava separando os voltigeurs para a corrida que os levaria ao outro lado do riacho. Sharpe encostou a espingarda ao ombro, sentiu a satisfação do clique quando o percussor plano e de ponta redonda apertou a mola e apertou o gatilho. O sargento rodopiou, atingido no ombro e virou-se para ver quem tinha disparado. Harper agarrou Sharpe pelo braço.

— Foi um tiro terrível. Agora vamos embora daqui! Vão querer se vingar! Sharpe fez uma careta e correu com o sargento até à nova linha de atiradores que estava a setenta passos do riacho. O ar estava cheio do bum-bum, bum-bum, bum-bum, bum-bum, bum-bum, Viva l'Empereur, e as colunas iam chapinhando pelo riacho, toda a planície asfíxiada pela infantaria francesa, marchando sob inúmeras águias contra a débil linha defensiva que recebia ainda as granadas dos canhões do Cascajal. Os canhões britânicos tinham um alvo que não podiam errar e Sharpe viu como, uma vez atrás de outra, o disparo sólido abria as colunas, atingindo dezenas de homens, mas havia muitos soldados e as fileiras fechavam-se, a tropa pisava os mortos e as colunas avançavam. Ouviram-se vivas dos atiradores britânicos quando se disparou uma caixa esférica, uma arma secreta britânica desenvolvida pelo coronel Shrapnel, detonada com êxito precisamente em cima de uma das colunas e as balas de mosquete, comprimidas na caixa, salpicaram os franceses e destroçaram metade da tropa, mas não havia canhões suficientes para deter o ataque e os franceses assumiram o castigo e continuaram a avançar.

Então, durante dez minutos, não houve tempo para olhar para mais nada senão os voltigeurs à frente, para fazer mais nada que não fosse correr e disparar continuamente, tentar manter os atiradores franceses cravados contra a sua coluna. O inimigo parecia mais numeroso, o rufar de tambores mais forte, e a fumaça dos mosquetes e das espingardas cobria o ar com uma cortina opaca que rodeava a companhia de Sharpe, os voltigeurs de casacas brancas, com os seus gritos estranhos e guturais. Sharpe conduzia a Companhia Ligeira para o local onde deveria estar o South Essex, alargando o espaço entra a sua companhia e os atiradores alemães. A companhia já tinha menos de sessenta homens e, naquele momento, eram as únicas tropas entre a coluna e a planície vazia na retaguarda da linha britânica. Não tinha qualquer chance de deter a coluna mas enquanto pudesse atrasar o avanço, havia a possibilidade de que a brecha fosse tapada e o sacrifício dos seus homens fosse justificado. Sharpe lutou com a espingarda até esta estar tão suja que não podia mais introduzir a baqueta pelo cano; os fuzileiros havia tempo que tinham deixado de utilizar o pano engordurado que rodeava a bala e assim como Sharpe, atacavam a carga e a bala na arma, tão rapidamente quanto podiam, para desanimar o inimigo. Alguns homens corriam urinar nas armas e voltavam à batalha. Era tosco, mas era o método mais rápido de limpar a pólvora aglomerada num cano sujo no campo de batalha.

Então, por fim, o bendito som das rajadas, do fogo de pelotão, quando as tropas de Legião e dos guardas dilacerou a frente das colunas francesas e as destroçou, empurrou a tropa para trás, destruiu aquelas que avançavam, fazendo cair as descargas sobre as colunas com maior número de canhões. Sharpe não conseguia ver nada. O Batalhão Holandês tinha penetrado na brecha no flanco do sétimo batalhão da Legião Alemã do Rei e tinha parado. Os alemães lutavam em duas frentes, diante deles e do lado onde o South Essex deveria permanecer; Sharpe pouco podia ajudá-los.

Os voltigeurs tinham desaparecido, tinham voltado à sua coluna para aumentar seu número e Sharpe e a sua companhia, exaustos e com o rosto chamuscado, tinham ficado no meio da brecha olhando para a retaguarda da coluna inimiga enquanto esta tentava envolver o flanco dos alemães.

— Porque não avançam? — perguntou o tenente Knowles que estava junto a ele, sangrando do couro cabeludo, de repente com uma expressão de veterano no rosto.

— Porque as outras colunas foram derrotadas. Não querem ficar sós. — Aceitou um gole do cantil de Knowles, o seu tinha sido destroçado e sentia a água maravilhosamente fresca na garganta ardente. Desejara não ver o que estava acontecendo mas o som, como sempre, contava a sua própria história. O rufar das doze colunas francesas sussurrou e deteve-se, as aclamações dos britânicos elevaram-se no ar, as descargas detiveram-se enquanto as baionetas rangiam ao se encaixarem nos mosquetes. As aclamações converteram-se em gritos vingativos e, do alto do Medellín, os oficiais do general observavam como a primeira linha do ataque francês se desintegrava e a linha dos alemães e dos Homens da Guarda a perseguia obrigando-a a recuar, perseguindo as colunas destroçadas pelas baionetas, cruzando o riacho, passando pelos cavalos da artilharia que pura e simplesmente tinham sido abandonados pelo inimigo sem disparar um único tiro.

— Oh, meu Deus — gemeu Sharpe incrédulo.

— Que aconteceu?

Knowles olhou para o riacho, atrás do batalhão holandês que estava isolado no meio do campo, para onde os vitoriosos alemães estavam com problemas. As primeiras colunas francesas tinham fugido, dispersas e derrotadas mas, junto ao riacho, havia uma segunda linha de colunas, tão grande como a primeira, e os franceses dispersos encontravam proteção atrás dos canhões à espera da sua reserva. As tropas britânicas e alemãs, de ânimo elevado, baionetas úmidas e mosquetes descarregados, corriam direito ao fogo da reserva da tropa francesa e os britânicos seriam destroçados pelas descargas de mosquete. Voltaram-se e fugiram, em completa desordem e, atrás deles, a segunda linha de colunas, reforçada com os sobreviventes da primeira, iniciou os rufos e começou a marchar para uma planície onde a brecha deixada por Simmerson tinha se alargado até meia milha e onde as únicas tropas britânicas corriam em desordem.

Sir Henry, a salvo com o South Essex, atrás do Medellín, viu o segundo avanço francês e suspirou aliviado. Por momentos tinha ficado espantado. Tinha visto avançar as colunas francesas pela planície, a poeira a levantar-se por trás delas, com os voltigeurs à cabeça. Tinha visto o sol realçar a prata dos milhares de baionetas e arder o ouro dos milhares de insígnias quando as trombetas e tambores aproximavam as águias de doze colunas até à extensa linha britânica. E detiveram-se. Os mosquetes tinham ido acima e abaixo da linha britânica como uma chama em movimento, o seu troar abafando todos os outros sons. Desde o seu lugar privilegiado na encosta, Simmerson tinha visto que as colunas cambaleavam como milho batido repentinamente pelo vento ao se chocarem com as descargas. Então as colunas tinham se desfeito, dispersado, corrido e ele quase não podia acreditar que uma linha tão débil pudesse repelir o ataque. Observou, mudo, os britânicos aplaudindo, as bandeiras da União avançando, as baionetas chegando azuis ao inimigo e voltando vermelhas. Esperara a derrota e, em vez disso, vira a vitória, esperara que os franceses abrissem caminho através da linha britânica como se esta não existisse mas, pelo contrário, os britânicos estavam conseguindo semear um maldito caos num exército que os duplicava em número e, ante eles, e com eles, esfumavam-se os seus sonhos e as suas esperanças.

Mas os britânicos tinham ido longe demais. As novas colunas francesas abriram fogo, os alemães e a Guarda separaram-se e dispersaram-se, e um novo ataque francês, ainda maior que o primeiro, abria caminho à partir do riacho. As aclamações dos britânicos tinham desaparecido, os tambores estavam de volta e as bandeiras da União dobravam-se num caos ante as águias triunfantes. No fim de contas, tivera razão. Virou-se para acentuar a sua perspicácia a Christian Gibbons mas, em lugar do sobrinho, encontrou olhando para ele os olhos de um tenente-coronel desconhecido; ou não tão desconhecido? Tinha idéia de que, anteriormente, já tinha visto o homem mas não sabia onde. Estava a ponto de lhe perguntar o que queria mas o elegante tenente-coronel falou primeiro.

— Está exonerado, Sir Henry. O batalhão é meu.

— O que... — O homem não queria discutir. Virou-se para um sorridente Forrest e lançou um jorro de ordens.

O batalhão deteve-se, voltou-se e encaminhou-se para o combate. Simmerson cavalgou atrás do homem e gritou um protesto mas o tenente-coronel aproximou-se dele com a espada desembainhada, mostrando-lhe os dentes e Sir Henry, decidindo que não era o lugar para uma discussão, puxou as rédeas do cavalo. O homem olhou então para Gibbons.

— Quem é o senhor, tenente?

— Gibbons, senhor.

— Ah, sim, já me recordo. Da Companhia Ligeira?

— Sim, senhor.

Gibbons lançou um olhar desesperado ao tio mas Simmerson olhava fixamente para os franceses que avançavam. O novo coronel deu uma pancada com a quilha da espada no cavalo de Gibbons.

— Reuna-se à Companhia Ligeira, senhor Gibbons! Depressa! Precisam de ajuda, até da sua!

Os franceses avançavam por uma planície juncada de corpos, cercada de fumaça, mas com um aterrorizador vazio de tropas. Sir Henry estava montado no seu cavalo e observava o South Essex que marchava para a batalha, viu outro batalhão, o 48º, apressando-se contra o inimigo e, no extremo da brecha aberta, marchavam desesperadamente outros batalhões britânicos para formarem uma fina barreira frente à concentração dos Águias. Os oficiais do estado-maior levantavam pó ao galopar colina abaixo, os compridos canhões de seis retrocediam nos seus carris enquanto massacravam o inimigo, a cavalaria britânica rondava ameaçadora para deter os cavaleiros inimigos que tentavam se aproveitar dos destroçados batalhões britânicos. A batalha ainda não estava perdida. Sir Henry olhou em redor no alto da colina e sentiu-se terrivelmente só.

Sharpe perdeu de vista a batalha quando se entrepôs o batalhão de tropas holandesas e a fumaça que se elevava como estranhas nuvens de nevoeiro sob o abrasador calor espanhol. Com a retirada da primeira linha das colunas francesas, os holandeses tinham se convertido num alvo para os canhões britânicos e, com muita sensatez, as tropas de casaca branca tinham abandonado a coluna e formado uma linha. Agora constituíam uma parede branca e suja, em ângulos retos com o riacho e em frente ao resto que fugia da Legião Alemã do rei que atravessava correndo à sua frente. Sharpe via que os holandeses atacavam e disparavam os mosquetes em direção aos batalhões dispersos mas não faziam qualquer movimento de avanço e arrematavam os sobreviventes. Sharpe achou que, morto o coronel pelo disparo de Hagman, o batalhão não sabia o que fazer e estava à espera do segundo ataque francês para se unir a eles.

— Capitão! Capitão! — gritou o alferes Denny puxando a casaca de Sharpe e apontando.

Por entre a fumaça que os canhões do Medellín levantavam, Sharpe viu um batalhão britânico descendo a colina.

— É o nosso! O nosso!

Denny estava excitado, aos saltos, enquanto o único estandarte abriu caminho entre a fumaça e se tornou totalmente visível na encosta. No entanto, estavam a um quarto de milha de distância e, atrás deles, apenas perceptível por entre a fumaça, Sharpe viu outro batalhão que marchava para a brecha, para se pôr em frente deste segundo e mais amplo ataque francês. Voltou a ouvir os tambores, tão persistentes como sempre, e pressentiu que o ponto crucial da batalha se aproximava; como que para confirmá-lo, os canhões franceses voltaram a soar e dos canhões quentes e chamuscados lançaram granada atrás de granada sobre o batalhão britânico que corria para formar uma nova linha com que enfrentar o ataque seguinte. Os franceses estavam muito perto da vitória, apenas tinham de romper a improvisada defesa que estava se formando com os restos e teriam ganho o dia.

Esqueceram-se dos homens de Sharpe. Era um pequeno grupo no fundo de um vale pouco profundo nos extremos de uma grande luta. Os batalhões tinham se dispersado de ambos os lados, havia centenas de mortos, corria sangue pelo riacho e agora, entre a fumaça e o ruído, marchavam milhares de franceses em direção à remendada linha britânica. O ataque atingiria o alvo a qualquer momento e as reservas britânicas desmoronariam ou agüentariam e Sharpe, com a espada na mão, ficou sem saber o que fazer. Harper deu-lhe um toque no braço e apontou para um cavaleiro que se aproximava deles lentamente vindo do Medellín.

— O tenente Gibbons, Capitão!

Sharpe voltou a olhar para o combate. Gibbons provavelmente vinha com ordens de Simmerson, mas Sharpe não tinha confiança no coronel e não estava particularmente

interessado na mensagem que Gibbons trazia. O South Essex ainda estava distante para abrir fogo contra o batalhão de casacas-brancas que tinha pela frente e, quando o fizesse, sabia que os holandeses se voltariam contra os atacantes e não confiava na aptidão de Simmerson para lutar contra o batalhão. Era melhor não dar importância ao South Essex.

A fumaça cobria os holandeses. Quando a luta se tornou mais intensa, a fumaça da pólvora ficou mais espessa até se converter numa nuvem branca e suja que cobria tudo e os sons longínquos das trombetas da cavalaria competiam, numa sinistra ameaça. Sharpe descontraiu-se. Não podiam tomar decisões, a batalha seria decidida com os milhares de homens atrás da fumaça dos mosquetes holandeses e a Companhia Ligeira do South Essex cumprira o seu dever. Virou-se para Harper e sorriu.

— Está vendo o mesmo que eu?

Harper fez uma careta, os seus dentes pareciam de um branco brilhante no rosto preto da pólvora.

— É bastante tentador, capitão. Eu estava pensando no mesmo.

A duzentas jardas, no meio da linha holandesa, havia uma águia. Brilhava como ouro, sob a luz, as asas abertas faziam sombra na haste em que estava içada. Sharpe olhou fixamente para as costas da infantaria holandesa que disparavam contra um alvo invisível entre a fumaça.

— Com certeza que daria muito que falar.

Sharpe arrancou um talo de erva e mastigou-o, a seguir cuspiu-o.

— Não posso ordenar que venha comigo.

O sargento voltou a sorrir, um sorriso largo e feliz num rosto marcado.

— Não tenho nada melhor para fazer. Vamos precisar de mais dois.

Sharpe balançou a cabeça e sorriu brincalhão.

— O tenente Gibbons talvez nos dê uma ajuda.

Harper virou-se e ficou olhando para Gibbons que estava a cerca de cinquenta jardas atrás da companhia.

— O que ele quer?

— Sabe Deus. Não lhe dê importância.

Sharpe colocou-se diante dos homens e olhou para eles.

Estavam ajoelhados na erva, com as caras sujas, olheiras fundas por causa da fumaça da pólvora e da fadiga da batalha. Tinham feito tudo muito bem. Olharam-no na expectativa.

— Portaram-se bem. Foram extraordinários e estou orgulhoso de vocês. — Sorriram, perturbados pelo elogio, agradecidos. — Não vou pedir mais nada. O

batalhão vem para cá dentro de um minuto e o senhor Denny os conduzirá e os fará formar à esquerda como sempre.

Estavam confusos, os sorrisos esfumaram-se.

— O sargento Harper e eu não vamos com vocês. Creio que não está certo que o nosso batalhão só tenha uma bandeira, por isso vamos buscar outra. Aquela.

Apontou para a águia e viu que os homens espreitavam por trás dele. Alguns fizeram uma careta, a maioria parecia espantada.

— Vamos lá agora. Quem quiser vir é tolo, mas será bem-vindo. Os outros, todos, se quiserem, regressarão com o senhor Denny e o sargento e eu nos reuniremos a vocês quando pudermos.

— Eu quero ir, senhor! — protestou Denny. Sharpe balançou a cabeça em sinal de negação.

— Qualquer um pode vir, senhor Denny, exceto o senhor. Gostaria que chegasse a fazer dezessete anos.

Os homens sorriram brincalhões, Denny corou, e Sharpe afastou-se.

Ouviu Harper desembainhar a espada e logo se seguiu o ruído de outras lâminas encaixando-se. Começou a andar em direção ao inimigo, com a espada desembainhada e ouvia os passos atrás de si. Harper estava a seu lado e continuaram a andar em direção ao batalhão confiante.

— Todos vieram, senhor. Todos.

Sharpe olhou para ele.

— Todos? — disse, voltando-se para trás. — Senhor Denny? Volte ao batalhão! É uma ordem!

— Mas, senhor...

— Não, senhor Denny. Volte!

Observou como o rapaz dava meia volta e encetava alguns passos. Gibbons continuava montado no seu cavalo olhando para eles e Sharpe virou-se para lhe perguntar o que fazia o tenente, mas era irrelevante; a águia era tudo. Deu a volta, rezando para que o inimigo não os visse, rezando que houvesse mais para além do céu azul, misturado com a fumaça para que tivessem êxito. A águia era tudo o que desejava.

O inimigo ainda não olhara para eles, ainda disparava contra a fumaça, e o som da batalha crescia. Por fim, Sharpe ouviu as descargas regulares do pelotão e soube que o segundo ataque francês enfrentava à nova linha britânica e que a espantosa monotonia das rajadas britânicas lutava uma vez mais com o hipnótico rufar dos tambores. As balas dos canhões britânicos troavam por cima das suas cabeças e descreviam trajetórias terríveis nas invisíveis colunas francesas mas os rufares tornavam-se mais intensos, os gritos de Viva l'Empereur não diminuía, e, de repente, encontraram-se a umas cem

jardas da águia. Sharpe rodou a espada na mão e acelerou o passo. Com certeza o inimigo os veria!

Um rapaz que tocava tambor, rufando com as baquetas na retaguarda da linha inimiga, voltou-se para vomitar e viu o pequeno grupo que se aproximava silenciosamente por entre a fumaça. Lançou o aviso, mas ninguém o ouviu, voltou a gritar e Sharpe viu que um oficial se virava. A tropa moveu-se, os homens voltavam-se para enfrentá-los, mas tinham as baquetas meio enfiadas nos canos e ainda estavam carregando. Sharpe ergueu a espada.

— Continuem, continuem!

Começou a correr, sem pensar em mais nada que não fosse a águia e as caras espantadas do inimigo que desesperadamente se apressavam a carregar os mosquetes. Sharpe via os granadeiros com altos gorros de pele, alguns estavam armados de machados, protetores da honra francesa. Um mosquete disparou e uma baqueta deu uma volta sobre a sua cabeça; Harper estava a seu lado, com o sabre-baioneta na mão, e os dois homens soltaram o seu grito enquanto os rapazes dos tambores fugiam, cada um para o seu lado e os dois enormes fuzileiros se introduziam no meio da linha inimiga. Os mosquetes explodiram com um barulho terrível. Sharpe teve a impressão de ver homens vestidos de verde lançados para trás, mas depois só pôde ver um granadeiro alto que arremetia com golpes curtos e profissionais de baioneta. Sharpe desviou-se, deixou que a lâmina deslizasse ao seu lado, agarrou o cano do mosquete com a mão esquerda e atirou o granadeiro para cima da sua espada afiada. Alguém o atacou pela esquerda, um golpe baixo oscilante com um mosquete; moveu-se de maneira a que este caísse com um ruído surdo sobre a mochila e lançou o soldado para cima do corpo do granadeiro cujas mãos agarravam a espada cravada no estômago. Um tiro ensurdeceu-o e, de repente, viu-se livre, arrancando a lâmina do pesado cadáver e gritando morte aos homens que protegiam a águia. Harper tinha aberto caminho, tal como Sharpe, entre a primeira fila, mas a sua baioneta era muito curta e o irlandês foi repellido por dois homens com baionetas. Sharpe empurrou-os para o lado com a espada, cortando uma grande lasca do mosquete mais próximo e Harper saltou para a brecha, golpeando à esquerda e à direita, enquanto Sharpe forçava ao lado. Mais mosquetes, mais gritos, os casacas-brancas feriam-nos, voltando a carregar para destruir o diminuto grupo, com fogo de mosquete, que os dizimaria sem piedade. A águia retirava-se, afastava-se, mas o porta-estandarte não tinha outro lugar para onde ir senão em direção ao fogo de mosquete de um batalhão britânico invisível que estava em algum entre a fumaça que jorrava do choque da coluna contra a linha. Um dos homens com machado dirigiu-se a Sharpe; era um homem enorme, como Harper, e sorriu ao mesmo tempo que levantava a enorme lâmina e a fazia descer com força, desferindo um golpe que teria partido a cabeça de um boi. Sharpe desviou-se para o lado, sentiu o deslocamento de ar produzido pela lâmina, e viu cair o machado no chão empapado em sangue. Cravou a espada no pescoço do homem, soube que o tinha matado e viu que Harper apanhara o machado do chão e largava a baioneta. O irlandês berrava na língua dos seus antepassados e subia-lhe à cabeça o sangue enfurecido, brandindo o machado num círculo tão selvagem que até Sharpe teve de se abaixar quando Patrick Harper seguiu em frente; os lábios distorcidos e o rosto enegrecido, a barretina perdida, o cabelo comprido emaranhado pela pólvora, a

grande espada prateada silvando nas mãos e, usando o antigo idioma, abrindo caminho por entre o inimigo.

O porta-estandarte saltou das fileiras para pôr a salvo a preciosa águia no batalhão mas ouviu-se um estalido, o homem caiu, e Sharpe ouviu o habitual “agarrei-”, de Hagman. Então ouviu-se um novo ruído, mais tiros, e o batalhão holandês estremeceu como um animal ferido enquanto o South Essex se aproximava do seu flanco e começava a lançar descargas. Um oficial enlouquecido estava olhando para Sharpe, atirou-se a ele com uma espada, errou, e gritou de pânico quando Sharpe arremeteu com a ponta. Um homem de branco saiu correndo da formação para recolher a águia caída, mas Sharpe estava na mesma linha e deu-lhe um pontapé nas costelas, dobrou-se e apanhou o objeto do chão. Ouviu-se um grito informe, proveniente do inimigo, os homens arremeteram contra ele com baionetas e sentiu um golpe na coxa, mas Harper estava ali, com o machado e também Denny com a sua espada ridiculamente estreita.

Denny! Sharpe fez com que o rapaz se abaixasse, balançou a espada para protegê-lo mas tinha uma baioneta no peito, e embora Sharpe batesse com a espada na cabeça do homem, reparou que Denny estremezia e caía. Sharpe berrou, balançou a águia de cobre dourado em direção ao inimigo, viu que o seu brilho rasgava o ar e obrigou-os a retroceder, gritou de novo e saltou por cima dos corpos com a espada ensanguentada à procura de mais. Os holandeses afastaram-se aterrorizados, a águia vinha na sua direção e eles recuavam diante de dois enormes fuzileiros que grunhiam, lançando-se contra eles, sangrando de uma dezena de golpes mas mesmo assim continuando a avançar. Eram imortais! Agora vinham descargas da direita, de frente, e os holandeses, que tinham combatido tão bem para os seus amos franceses, já tinham que lhes bastasse. Correram, tal como os outros batalhões franceses, e, por entre a fumaça do vale do Portina, os restos dos batalhões como o 48º, os homens da Legião e os Guardas tinham voltado a formar adiantavam-se para voltar a combater, avançando sobre o terreno encharcado de sangue, investiam com as baionetas, obrigando as enormes colunas francesas a retroceder. O inimigo afastava-se do aço gotejante, retirava-se de uma cena que era como as imagens mais pavorosas do inferno. Sharpe nunca tinha visto tantos corpos, tanto sangue derramado num campo de batalha; nem sequer em Assaye, que acreditava ser incomparável no que dizia respeito a horror, tinha corrido tanto sangue.

Desde o Medellín, através da fumaça, Sir Henry observou todo o exército francês recuar, destruído e sangrando, tendo perdido a quarta parte dos seus efetivos; derrotados, destroçados pela linha, pelos mosquetes que faziam cinco disparos por minuto em um dia bom, e por homens que não temiam os tambores. E em pensamento, Sir Henry redigiu uma carta em que explicaria como a sua ordem de retirada do South Essex da linha tinha sido o movimento-chave que permitira a vitória. Acaso não dissesse sempre que os britânicos venceriam?

Ainda não tinha terminado, mas o fim estava muito próximo. Quando as tropas britânicas no meio do campo se fundiram em linhas exaustas junto à margem da decorada corrente do Portina, ouviram rajadas de tiros e os sons estridentes das trombetas de cavalaria provenientes do terreno a norte do Medellín. Mas pouco mais aconteceu; os Dragões Ligeiros do 23º efetuaram uma carga suicida, os canhões de seis britânicos pulverizaram doze batalhões franceses em quadrado e então os franceses renderam-se. Fez-se silêncio no campo. Os franceses estavam acabados, derrotados, e os britânicos tinham ficado com a vitória e com o campo.

E com este, os mortos e os feridos. Houve mais de treze mil baixas, mas naquele momento ninguém sabia. Não sabiam que os franceses não voltariam a atacar, que o rei José Bonaparte e os marechais franceses cavalgariam para leste durante a noite, então os exaustos e enegrecidos vencedores ficaram no campo. Os feridos gritavam pedindo água, chamando pelas mães, pedindo qualquer coisa que não fosse a dor e a impotência sob o calor. E o horror não se compadecia com eles. O sol queimara implacável durante dias, a erva do Medellín e do vale estava seca, e em algum lugar uma chama se acendeu e estendeu-se pela erva, queimando tanto feridos como mortos. O cheiro de carne queimada espalhou-se e elevou-se em persistentes nuvens de fumaça. Os vencedores tentaram retirar os feridos mas era muito tarde, as chamas estendiam-se e aqueles que tentavam resgatá-los maldiziam-se e deixavam-se cair junto ao sujo ribeiro mitigando a sede nas águas ensangüentadas.

Os abutres rondavam as colinas a norte. O sol caía a prumo e inclinava as sombras sobre os campos incendiados, sobre os homens que lutavam para escapar das chamas e sobre as tropas enegrecidas que se revolviam para saquear os mortos e retirar os feridos. Sharpe e Harper seguiam o seu próprio percurso, dois homens nas cortinas de fumaça e na erva que ardia, ambos sangrando mas com os rostos enrugados de íntima satisfação. Sharpe segurava a águia. Não era grande coisa; uma haste de oito pés de comprimento de cor azul-clara e, no extremo, o pássaro dourado com as asas abertas com a garra esquerda levantada, um raio pronto a ser lançado contra os inimigos de França. Não tinha nenhuma bandeira pregada; como muitos outros batalhões franceses os antigos donos tinham deixado a bandeira no depósito e só traziam a dádiva de Napoleão para a guerra. Tinha menos de dois palmos de largura e o mesmo de altura, mas era uma águia e era sua.

A Companhia Ligeira tinha-os visto ir. Só Sharpe, Harper e Denny tinham atravessado as tropas do batalhão inimigo e quando o ataque francês se precipitou, o resto da Companhia Ligeira tinha sido empurrada para um lado pela avalanche dos sobreviventes aterrorizados que fugiam das descargas pontuais. O tenente Knowles, com uma bala no ombro, observava como os homens continuavam a disparar contra os franceses em retirada e então conduziu-os de novo para junto do batalhão. Sabia que Sharpe e Harper estavam em qualquer lugar entre a fumaça e que em breve apareceriam com ou sem a águia.

O tenente-coronel William Lawford, a cavalo, olhava fixamente para os corpos no campo. Conduzira o South Essex, colina abaixo, e observara como disparavam os seus mosquetes, lentamente mas com calma, contra os inimigos de casaca branca. Vira a luta pela águia mas a fumaça que se alastrava provocada pelos tiros do batalhão tinha encoberto a cena e os sobreviventes da Companhia Ligeira pouco mais lhe puderam dizer. Um tenente trouxe quarenta e três homens sangrando e sujos, fazendo caretas como macacos, que falavam da águia, mas onde estava ela? Queria ver Sharpe, queria ver o rosto do amigo quando descobrisse que o seu companheiro da prisão de Seringapatam era agora o seu coronel; contudo o campo estremecia em chamas, então deixou de procurar e fez com que o batalhão começasse a assombrosa tarefa de despir os mortos e amontoar os corpos como se fossem lenha para uma fogueira. Eram muitos os que tinham de enterrar.

Sir Henry Simmerson estava acabado. Wellesley tinha-o amaldiçoado mas com fluidez, e tinha enviado Lawford para tomar conta do batalhão. Lawford esperava ficar com o posto, já era hora de comandar um batalhão, e havia muito que fazer com este. O major Forrest cavalgou até ele e cumprimentou-o.

— Major?

— À exceção da Companhia Ligeira, tivemos poucas baixas.

— Quantas?

Lawford olhou para Forrest que tirava um pedaço de papel da bolsa.

— Uma dúzia de mortos, talvez o dobro de feridos.

Lawford concordou.

— Saímos-nos bem, major. E a Companhia Ligeira?

— O tenente Knowles trouxe quarenta e três e a maior parte está ferida. O sargento Read ficou com o equipamento e com outros dois; isso soma quarenta e seis. Cinco homens estavam muito doentes para lutar e estão na cidade. — Forrest fez uma pausa. — Isso totaliza cinquenta e um em relação a um efetivo de oitenta e nove.

Lawford não disse nada. Inclinou-se para a frente na sela e olhou por entre a fumaça que se elevava. Forrest pigarreou nervoso.

— O senhor acha que...? — disse sem terminar a pergunta.

— Não, major, não. — Lawford endireitou-se, desfez-se em explicações. — Conheço Richard Sharpe desde que eu era tenente e ele sargento. Devia ter morrido uma dúzia de vezes, major, pelo menos uma dúzia, mas não sei como consegue se safar. — Lawford sorriu. — Não estou preocupado com Sharpe, comandante. É muito melhor deixar que ele se preocupe consigo. Quem falta mais?

— O sargento Harper...

— Ah! — interrompeu Lawford. — O lendário irlandês.

— E o tenente Gibbons, Coronel.

— O tenente Gibbons?

Lawford lembrou-se do encontro no quartel-general de Wellesley em Plasência e da petulante expressão do rosto do tenente louro.

— Gostaria de saber como ele vai se arranjar sem o tio.

Lawford mal esboçou um sorriso; Gibbons era o que menos o preocupava. Havia ainda muito para fazer, muitos homens a recolher antes que as pessoas da cidade se espalhassem por entre a carnificina para saquearem os corpos.

— Obrigado, major. Teremos que esperar pelo capitão Sharpe. Por hora, poderia organizar um grupo para buscar água para os homens. E esperemos que esses franceses mortos tenham comida nas mochilas, senão vamos ter uma noite de fome.

Os franceses sim, tinham comida, e ouro, e Sharpe, como sempre fazia, repartia com Harper o que encontrava. O sargento levava a água e olhava pensativo para a ave.

— Vale algum dinheiro?

— Não sei.

Para não perder o hábito, Sharpe estava recarregando a espingarda e resmungou enquanto tentava introduzir a baqueta pelo cano sujo.

— Mas nos recompensariam, senhor, não é verdade?

— Creio que sim — disse Sharpe, sorrindo brincalhão para o sargento. — O valor patriótico deveria ser de cem guinéus, quem sabe? — disse enquanto colocava a baqueta no lugar. — Talvez apenas digam “obrigado”. Obrigado, sargento Harper — disse ao mesmo tempo que fazia uma reverência.

Harper retribuiu-lhe desajeitadamente o cumprimento.

— Foi um prazer, capitão Sharpe — fez uma pausa. — Os grandes filhos da mãe fariam melhor pagando qualquer coisa. Estou desejoso de ver o rosto de Simmerson quando lhe entregar isto.

Sharpe riu, ansiava por esse momento. Tirou a água de Harper.

— Vamos. Fariamos melhor indo ao seu encontro.

Harper tocou no ombro de Sharpe e ficou imóvel, olhando por entre a fumaça sobre o riacho. Sharpe não via nada.

— O que foi?

— Não o vê, Capitão? — Harper falava em voz baixa mas excitada. — Ali! Maldita! Foi embora.

— O quê, pelo amor de Deus, o quê?

Harper virou-se para ele.

— Pode esperar, senhor? Dois minutos?

— Um pássaro? — perguntou Sharpe fazendo uma careta.

— Sim. A pega de rabo azul. Sobrevoou o ribeiro, e não pode estar longe.

Harper tinha uma expressão satisfeita no rosto, de repente tinha esquecido a batalha, a captura da águia era uma ninharia, perante a descoberta do estranho pássaro que tanto desejava ver.

— Vá lá. Eu espero aqui — disse Sharpe sorrindo.

O sargento dirigiu-se lentamente para o riacho, deixando Sharpe entre a fumaça que se elevava dos corpos. Passou um cavalo a trote; absorto no seu trabalho, com uma mancha de sangue no flanco. E, afastado das chamas, Sharpe ouviu os clarins tocando para a formação dos vivos. Olhou fixamente a águia, o raio preso na garra, o anel que rodeava o pescoço do animal, e sentiu uma nova onda de alvoroço pela sua captura. Agora não podiam mandá-lo para as Índias Ocidentais! Simmerson podia fazer tudo o que quisesse, mas o homem que trouxera a primeira águia capturada dos franceses estava a salvo de Sir Henry. Sorriu, levantou a águia de maneira que o sol lhe batesse nas asas, e ouviu o som de cascos atrás de si.

A espingarda estava no chão e teve de deixá-la ao rodar desesperadamente para evitar o ataque de Gibbons. O tenente, com o sabre curto desembainhado, tinha os olhos enlouquecidos e apoiava-se na sela; a espada silvou sobre a cabeça de Sharpe, este caiu, continuou a rodar, e ajoelhou-se para ver Gibbons puxar o freio do cavalo, fazê-lo girar com uma mão, e voltar a lançá-lo para frente. O tenente nem sequer deu tempo a Sharpe de puxar a espada, em vez disso apontava-lhe o sabre como se fosse uma lança e meteu esporas ao cavalo para que este avançasse de maneira que a lâmina se enterrasse no ventre de Sharpe. Este deixou-se cair e o cavalo chegou como um raio a seu lado, virou-se sobre as patas traseiras, e Gibbons estava por cima dele, apontando para baixo com o sabre. Nenhum dos dois disse nada. O cavalo relinchou, recuou e bateu com os cascos, Sharpe desviou-se quando o sabre desceu para atingi-lo. Agitou a águia, apontando para a cabeça do animal mas Gibbons era muito bom cavaleiro e sorriu enquanto se esquivava do golpe violento. O tenente ergueu o sabre com ambas as mãos.

— Dê-me a águia, Sharpe.

Sharpe olhou à sua volta. A espingarda carregada estava a cinco jardas e correu para ela, sabendo que estava muito longe, ouvindo os cascos atrás de si, e então o sabre desceu sobre a mochila e atirou-o ao chão. Caiu por cima da águia, rodou para a direita, e o cavalo fazia piruetas por cima dele, os cascos eram como martelos por cima do seu

rosto, e a lâmina do sabre era uma luz curva por trás das ferraduras brilhantes. Voltou a se desviar, sentiu um golpe paralisante quando um casco lhe pisou um ombro, mas continuou a se desviar afastando-se do sabre de Gibbons. Era inútil. A erva metia-se pelo nariz, o ar estava cheio do ruído dos cascos, o cavalo estava por cima dele, batendo com as patas no solo a seu lado. Esperou que a espada o atravessasse e o cravasse contra o chão. Estava aborrecido consigo mesmo, por ter sido apanhado, por se esquecer de Gibbons e perguntava-se por quanto tempo o tenente estivera à espreita por entre a fumaça.

Mal conseguia mexer o braço direito, todo ele parecia estar paralisado pela pancada do casco, mas arremetia para cima com a águia como se fosse uma barra, tentando afastar os cascos do seu corpo. Sorte maldita! Será que Harper não ouvia a luta? Nesse momento o sabre parou por cima do seu estômago e viu o rosto sorridente de Gibbons a olhá-lo.

— Ela gostou. E eu vou ficar com a águia também.

Parecia que Gibbons ria dele, a boca do tenente alargava-se cada vez mais, mas não o atacava. Os olhos alargaram-se e Sharpe começou a mover-se, afastou-se do sabre, pôs-se de pé e viu que brotava sangue da garganta de Gibbons e que este caía, lentamente, por cima do sabre. Sharpe continuava a mover-se, balanceando a águia, e a asa do troféu francês bateu contra a boca de Gibbons, partindo-lhe os dentes, empurrando-lhe a cabeça para trás, mas o tenente estava morto. A águia apenas o tinha obrigado a se deitar para trás, mas o corpo estava inclinado para Sharpe e no meio, entre as costelas, havia a baioneta de um mosquete francês. O sargento Harper estava do outro lado do cavalo e sorriu para Sharpe.

O corpo de Gibbons caiu junto à montaria e ficou olhando fixamente para ele, para a baioneta e para o estranho mosquete francês que lhe tinha entrado tão certamente nos pulmões e ali estava cravado, oscilando sobre o corpo. Olhou para Harper.

— Obrigado.

— Foi um prazer.

O sargento sorria encantado, como se estivesse agradecendo a Sharpe por ter salvado a sua vida.

— Só para fazer isto vale a pena estar neste exército.

Sharpe inclinou-se sobre a águia, respirou fundo, aterrado com a proximidade da morte. Balançou a cabeça olhando para Harper.

— O canalha quase me acertou!

E a voz saiu-lhe espantada, como se parecesse incrível que Gibbons pudesse sair vencedor.

— Primeiro teria de acabar comigo, senhor.

Disse isto alegremente, mas Sharpe sabia que o sargento dissera a verdade e sorriu

em sinal de agradecimento e em seguida foi apanhar a espingarda.

Virou-se mais uma vez.

— Patrick?

— Senhor?

— Obrigado.

Harper fez-lhe um sinal como se rejeitasse o agradecimento.

— Procure apenas que me dêem mais cem guinéus. Não se captura uma maldita águia todos os dias.

Gibbons não trazia grande coisa. Um relógio que tinha se quebrado com a queda e o sabre caro que se viam obrigados a abandonar. Sharpe aproximou-se de Harper e, ajoelhando-se junto ao corpo caído, meteu a mão por entre o colarinho de Gibbons e encontrou o que quase esperava: um fio de ouro. Muitos soldados levavam ao pescoço qualquer coisa de valor e Sharpe sabia, que, se morresse, um inimigo qualquer encontraria a bolsa com as moedas pendurada no seu pescoço. Harper levantou os olhos.

— Esqueci disto.

Era um medalhão em cujo interior havia o retrato de uma jovem. Era loura, mas os lábios eram mais grossos do que os dele. Os olhos, apesar da pequenez da miniatura, pareciam fixar-se com vivacidade e alegria para fora do medalhão, Harper inclinou-se.

— O que diz, senhor?

Sharpe leu as palavras no interior da tampa aberta.

— Deus te guarde. Com carinho, Jane.

Sharpe assobiou baixinho.

— É bonita, senhor.

Sharpe pegou o medalhão, meteu-o na cartucheira e então voltou a olhar para o morto com o sangue brilhante por cima do rosto delicado. Sabia que tipo de pessoa era o irmão?

— Vamos, sargento.

Caminharam sobre a erva, por entre as chamas, até que viram a bandeira amarela e solitária do South Essex. O tenente Knowles foi o primeiro a vê-los, gritou e, de repente, a companhia rodeava-os, dando-lhes palmadas nas costas, dizendo-lhes palavras que eles não ouviam e empurrando-os para o grupo de cavaleiros que estavam junto à bandeira. Sharpe passou os olhos por um Forrest resplandecente e olhou para Lawford.

— Coronel?

Forrest riu ante a surpresa de Sharpe.

— Se não me engano, o senhor está no comando da minha Companhia Ligeira?

— Sua?

Lawford arqueou as sobrancelhas. Ficava esquisito com o galão prateado.

— Não concorda, capitão Sharpe?

— E Sir Henry?

— Digamos que Sir Henry sentiu um ardente desejo de voltar para as boas casas de Paglesham — respondeu Lawford encolhendo os ombros.

Sharpe teve vontade de rir. Tinha cumprido a promessa feita a Lennox mas sabia que a verdadeira razão por que tinha aberto caminho para a águia francesa fora para salvar a sua própria carreira, e teria afinal sido necessário? A morte de Denny e de tantos outros, tudo para não ter de ir para as Índias Ocidentais? O troféu estava escondido entre a multidão de homens, mas ele levantou-o de modo a que a estatueta dourada resplandecesse de repente sob a luz. Entregou-a a Lawford.

— A bandeira perdida do batalhão. Foi o melhor que o sargento Harper e eu pudemos fazer.

Lawford ficou olhando fixamente para os dois homens, para o cansaço sob as manchas de pólvora, para as rugas dos seus rostos sulcados com sangue das feridas na cabeça e para as manchas negras onde as baionetas tinham deixado sangue nas casacas-verdes. Pegou a águia, incrédulo, sabendo que era a única coisa que devolveria o orgulho ao batalhão e elevou-a ao alto. O South Essex, durante tanto tempo desprezado pelo exército, viu-a e soltou gritos de júbilo, os homens deram palmadas nas costas uns dos outros, elevaram os mosquetes ao céu e brincaram até que os outros batalhões se desliveram para ver a causa de tanto alarido.

Por cima deles, no Medellín, o general Hill ouviu o entusiasmo e apontou o telescópio para o batalhão que quase tinha perdido a batalha. Focou a águia com a lente e ficou de boca aberta.

— Raios me partam! Meu Deus! Que coisa mais esquisita! O South Essex capturou uma águia!

Ouviu-se um riso seco a seu lado e Hill voltou-se para olhar para Sir Arthur Wellesley.

— General?

— Raios me partam também, Hill. É apenas a terceira vez que o ouço praguejar — disse Wellesley enquanto pegava o telescópio de Hill e olhava através dele pela encosta abaixo. — Raios nos partam! Tem razão! Vamos lá ver esse animal esquisito.

O vinho dos copos de vidro tinha uma cor vermelho-escuro, a brilhante mesa maciça polida resplandecia sob a luz de uma vintena de velas em candelabros de prata, os quadros, cujo antigo verniz refletia o círculo de luz, mostravam graves e eminentes antepassados da família espanhola em cujo palácio de Talavera Sir Arthur Wellesley era o anfitrião do jantar. Até mesmo a comida era adequada a ocasião. Na semana posterior à batalha a situação do abastecimento tinha piorado, os espanhóis não haviam cumprido as suas promessas e as tropas só recebiam metade das escassas rações. Wellesley, como correspondia a um general, tinha recebido todo o possível e Sharpe tinha bebido um caldo de galinha ligeiramente aguado, desfrutara de uma lebre estufada. Comera com gosto o carneiro favorito de Wellesley e agora ouvia os outros convidados queixando-se da dieta enquanto bebiam intermináveis garrafas de vinho. Daddy Hill estava ali, corado e feliz, sorrindo continuamente para Sharpe, balançando a cabeça e dizendo “Bendito Sharpe, uma águia”. Robert Crawford estava sentado em frente do fuzileiro; Black Bob, que Sharpe não tinha visto desde a retirada para a Corunha.

Crawford tinha perdido a batalha de Talavera por um dia, apesar de ter feito marchar a sua excelente Companhia Ligeira quarenta e duas milhas em vinte e seis horas para ir encontrar-se com Wellesley. Entre as tropas que tinha trazido de Inglaterra estava o Batalhão de Fuzileiros do 95º que tinha recebido Sharpe com grande algazarra para celebrar a façanha. Tinham feito mais do que isso. Tinham-lhe oferecido uma farda nova e ele estava sentado à mesa com Wellesley, resplandecente e vestido de elegante verde, couro preto e adornos prateados. Guardara o uniforme velho. No dia seguinte, quando o exército se pusesse de novo em andamento, preferia vestir a farda de cavalaria manchada de sangue e as confortáveis botas francesas do que aquele imaculado uniforme e o frágil calçado.

Black Bob Crawford estava em forma. Era a pessoa mais disciplinada do exército, um tirano de cólera excessiva, amado e odiado pelas suas tropas.

Poucos generais exigiam mais dos seus homens, ou recebiam mais dele, e se as suas exigências se apoiavam em castigos selvagens, pelo menos os homens sabiam que a justiça de Crawford era imparcial. Sharpe recordava-se de uma vez que Crawford apanhara um oficial da companhia atravessando um ribeiro gelado nas montanhas do Norte nas costas de um homem.

— Deixe-o cair! Deixe-o cair! — gritara o general da segurança do seu cavalo ao surpreso soldado e para deleite da tropa martirizada, o oficial foi atirado à água sem qualquer cerimônia.

Agora Crawford fixava Sharpe com olhos cínicos e batia na mesa fazendo estremecer o serviço de prata.

— Teve sorte, Sharpe, teve sorte!

— Sim, meu General.

— Não me chame de “meu General”.

Sharpe viu Wellesley olhando para ele divertido. Crawford estendeu uma garrafa de vinho a Sharpe.

— Perdeu metade da sua maldita companhia! Se não tivesse voltado com a água merecia ser rebaixado a soldado outra vez. Tenho ou não tenho razão?

— Sim, General — respondeu Sharpe inclinando a cabeça. Crawford riu satisfeito e ergueu o copo para o fuzileiro.

— Mas, de qualquer modo, esteve muito bem.

Ouviram-se gargalhadas à mesa. Lawford, enfeitado com rendas e prata fora promovido, pelo menos temporariamente, a comandante do South Essex. Inclinou-se e pôs mais duas garrafas abertas em cima da mesa.

— Como está o excelente sargento Harper?

— Se recuperando — Sharpe respondeu sorrindo.

— A ferida foi grave? — perguntou Hill, inclinando-se para a luz das velas com a sua cara redonda de fazendeiro cheia de preocupação.

— Não, senhor. O pessoal da messe de sargentos do primeiro batalhão quis comemorar com ele. Creio que propôs a teoria de que um homem de Donegal conseguia beber tanto como três ingleses.

Hogan deu um soco na mesa. O engenheiro irlandês estava alegremente bêbado e ergueu o copo em direção a Wellesley.

— A nós, irlandeses, nunca ninguém nos derrota. Não é, meu General?

Wellesley franziu a testa. Tinha bebido menos que Sharpe.

— Eu não me considero irlandês, capitão Hogan, apesar de partilhar essa característica com eles.

— Caramba, senhor — grunhiu Crawford. — Eu o ouvi dizer que por um homem ter nascido num estábulo, isso não o converte em cavalo!

Ouviram-se mais gargalhadas. Sharpe recostou-se e ouviu a conversa à volta da mesa e deixou que a comida lhe descansasse pesadamente no estômago. Os criados traziam brandy e cigarros, o que significava que o serão em breve iria acabar, mas ele estava aproveitando-o bem. Não gostava muito das refeições oficiais; não tinha nascido para aquilo, tinha estado em poucas, mas aqueles homens o tinham feito se sentir em casa e tinham fingido não perceber que ele esperava que pegassem primeiro os talheres para saber qual deveria usar para em cada prato. Explicara uma vez mais a história de como ele e Patrick Harper tinham sido arrastados pelos fugitivos antes de abrirem caminho a golpes de espada e de machado.

Bebeu o vinho, remexeu os pés dentro dos sapatos novos e pensou de novo na sua sorte. Vinha-lhe à memória o desânimo da batalha anterior, o desgosto pelas

promessas que não iria conseguir cumprir; no entanto tudo tinha corrido bem. Talvez fosse mesmo afortunado, como diziam os seus homens, mas gostaria de saber como conservar a sua sorte. Lembrava-se do corpo caído de Gibbons, com a baioneta bem espetada nas costas, e da visão de Harper que voltara precisamente a tempo de deter a descida do sabre sobre si. No dia seguinte, tinham queimado todas as provas do crime. Os mortos, com Gibbons entre eles, tinham sido amontoados nus em pilhas e os vivos tinham colocado pedaços de lenha entre os corpos e atado fogo. Eram demais para serem enterrados; alimentaram a fogueira com madeira durante dois dias e o cheiro pairou sobre a cidade até que as cinzas se espalharam pelos vales do Portina, os únicos vestígios da batalha eram os restos do equipamento que ninguém se preocupou em recolher e a erva queimada onde as chamas tinham queimado os feridos.

— Sharpe?

Sobressaltou-se. Alguém tinha chamado por ele e não tinha ouvido o que estavam dizendo.

— Senhor, desculpe-me.

Wellesley sorria para ele.

— O capitão Hogan estava dizendo que o senhor está melhorando as relações anglo-portuguesas.

Sharpe lançou um olhar a Hogan que arqueou as sobrancelhas malicioso. O irlandês estivera durante toda a semana muito alegre em relação a Josefina, e Sharpe, com três generais a observá-lo, não teve outro remédio senão sorrir e encolher os ombros modestamente.

— A sorte está do lado dos valentes, não é, Sharpe? — disse Hill sorridente.

— Sim, senhor.

Encostou-se e deixou que a conversa fluísse. Estava sentindo falta dela. Só tinham se passado duas semanas desde a noite em que tinha ido do pátio da pousada para a escuridão junto ao riacho e desde esse momento passara apenas cinco noites com ela. E agora já não haveria mais nenhuma. Compreendera isso quando chegaram a Talavera, na manhã seguinte à batalha e ela o beijara e lhe sorria enquanto atrás dela Agostinho enchia os alforjes e dobrava os vestidos que ele não tinha tido tempo de vê-la vestida. Tinha andado pelo braço dele pela cidade, olhando para o seu rosto como se fosse uma criança.

— Não teria durado, Richard.

— Eu sei — dissera, apesar de não pensar assim.

— Verdade?

Ela queria que ele lhe dissesse adeus sem dificuldade e era o mínimo que podia fazer. Explicou-lhe o caso de Gibbons; o último olhar antes que a baioneta a vingasse. Ela apertou-lhe o braço.

— Lamento, Richard.

— Por Gibbons?

— Não. Que tivesse de fazer isso. A culpa foi minha, fui uma tola.

— Não.

Era estranho, pensava ele, quando os amantes se despedem e culpam a si mesmos.

— A culpa não foi sua. Prometi que a protegeria e não o fiz. — Caminharam até um pequeno largo banhado pelo sol e pararam para olhar para o convento que constituía um dos lados da praça. Havia mil e quinhentos feridos no edifício e os cirurgiões do exército estavam no primeiro andar. Ouviam-se nitidamente os gritos através das janelas e, com eles, o fluxo macabro dos membros amputados que eram empilhados junto a uma árvore; um monte cada vez maior de braços e pernas, vigiados por dois soldados cuja missão era afugentar os cães famintos da carne mutilada. Sharpe estremeceu ao ver aquilo e rezou a oração dos soldados: que se livrasse dos cirurgiões com as suas serras e dos dentes delas secos de sangue. Josefina pegara-lhe no cotovelo e afastara-o do convento.

— Tenho um presente para você.

— Eu não tenho nada para você — dissera-lhe ele, baixando os olhos. Ela parecia embaraçada.

— Você deve vinte guinéus ao senhor Hogan?

— Você não vai me dar dinheiro! — exclamou ele mostrando a sua fúria. Josefina balançou a cabeça.

— Já o paguei! Não se aborreça!

Ele tinha tentado afastar-se, mas ela agarrou-o.

— Não pode fazer nada, Richard. Já o paguei. Você me levou a crer que tinha dinheiro que chegasse mas eu sabia que o pedia emprestado.

Ela deu-lhe um papelzinho enrolado sem olhar de frente para ele porque sabia que ele estava perturbado.

Dentro do papel havia um anel de prata com uma águia gravada. Não era a águia francesa com o raio, mas de qualquer maneira era uma águia. Ela levantou a vista para olhar para ele, entristecida por ver a sua expressão.

— Comprei-a em Oropesa. Para você.

Sharpe não soubera o que dizer. Agradecera-lhe tartamudeando e agora, sentado com os generais, fez com que os dedos apalpassem o anel de prata.

Tinham voltado para casa e havia um oficial de cavalaria com dois cavalos a esperá-los na porta.

— É ele?

— Sim.

— E é rico?

— Muito — confessara ela sorrindo. — É um homem bom, Richard. Devia gostar dele.

— Duvido — respondera Sharpe rindo.

Gostaria de lhe dizer o pouco que lhe tinha agradado Claud Hardy, com o seu estúpido nome sonoro, o rico uniforme e os seus puros-sangues. O dragão observava-os quando ela levantava os olhos para Sharpe.

— Não posso ficar com o exército, Richard.

— Então vai voltar para Lisboa?

Ela confirmou.

— Não vamos para Madrid, não é?

Ele negou com a cabeça.

— Bom, tem que ser para Lisboa.

Ela sorriu.

— Tem uma casa em Belém; é grande. Lamento.

— Não lamente.

— Não posso ir atrás do exército, Richard. — Estava pedindo que a compreendesse.

— Eu sei. Mas os exércitos vão atrás de você, não é verdade?

Era uma desastrosa tentativa de lhe fazer um galanteio e ela teria gostado mas, naquele momento, estava na hora de se separarem e ele queria que ela ficasse. Não sabia o que dizer.

— Josefina. Lamento.

Ela tocou-o no braço e nos seus olhos brilharam-lhe algumas lágrimas. Pigarreou e esforçou-se por parecer contente.

— Um dia, Richard, você se apaixonará pela mulher certa. Promete-me?

Sharpe não a viu partir com o dragão porque se voltou para se juntar à companhia entre a pestilência dos mortos do campo de batalha.

— Os capitães não deviam se casar — disse Crawford batendo na mesa e Sharpe sobressaltou-se. — Não é verdade?

Sharpe não respondeu. Pensava que Crawford tinha razão e decidiu, de novo, apagar Josefina da memória. Ela ia a caminho de Lisboa, para a grande casa, viver com um homem que ia se juntar à guarnição de Lisboa, manter uma vida de bailes e

diplomacia. Ao diabo tudo aquilo. Bebeu o vinho, pegou a garrafa e limitou-se a ouvir a conversa que era tão triste como os seus pensamentos. Estavam falando dos mil e quinhentos feridos do convento que tinham de deixar ao cuidado dos espanhóis. Hill olhava para Wellesley com preocupação.

— Será que Cuesta vai tratar deles?

— Gostaria de poder dizer que sim — Wellesley bebeu um gole de vinho. — Os espanhóis faltaram com todas as promessas. Não é fácil deixar os nossos feridos aos cuidados deles, mas não temos outra alternativa, cavalheiros, não há outra alternativa.

Hill balançou a cabeça.

— A retirada não será bem recebida na Inglaterra.

— Maldita Inglaterra! — exclamou Wellesley asperamente com os olhos cheios de raiva. — Eu sei o que a Inglaterra vai dizer; que mais uma vez nos correram da Espanha, e é assim, cavalheiros!

Recostou-se na cadeira e Sharpe notou-lhe o cansaço no rosto. Os outros oficiais permaneciam em silêncio, ouvindo atentamente, e, tal como Sharpe, reparavam no rosto de Wellesley na dificuldade da decisão que este tinha tomado.

— Mas desta vez — disse o general passando o dedo pela borda do copo de vinho de forma a que se ouvisse —, mas desta vez os nossos aliados nos correram, não os franceses — deixou que o sarcasmo abafasse as palavras.

— Um exército faminto, cavalheiros, é pior do que não ter exército. Se os nossos aliados não podem nos alimentar temos que ir até onde possamos nos alimentar, e depois regressaremos com as nossas condições e não com as dos espanhóis.

Ouviram-se na mesa murmúrios de aprovação. Wellesley bebeu outro gole de vinho.

— Os espanhóis falharam em tudo. Prometeram comida e não nos forneceram nada. Prometeram que nos protegeriam ao norte do exército de Soult e agora dou-me conta de que não foi assim. Soult, meus senhores, está atrás de nós e, a não ser que nos movimentemos agora, acabaremos por ser um exército faminto, pura e simplesmente porque acreditamos no general Cuesta e nas suas promessas. — Wellesley balançou a cabeça.

— Já sei o que vai acontecer. Vai insistir em avançar para enfrentar os franceses, eles o vencerão, e a cidade ficará abandonada ao inimigo. — Encolheu os ombros. — Estou convencido, cavalheiros, que vão tratar os nossos feridos melhor do que os nossos aliados.

Fez-se silêncio à volta da mesa. As velas estremeciam refletindo o seu brilho sobre a madeira envernizada. De um lugar distante chegava o som de música mas desvanecia-se com a brisa por trás das pesadas cortinas. E o que aconteceria com Josefina? Sharpe encheu um copo de vinho e passou a garrafa a Hill. Se Wellesley tivesse razão, e tinha, em questão de dias os franceses seriam donos de Talavera e o exército britânico estaria a

caminho de Portugal e provavelmente em Lisboa. Sharpe sabia que ainda gostava dela e interrogava-se sobre o que aconteceria se os agitados caminhos da guerra voltassem a reuni-los.

Uma pancada na porta interrompeu-lhe os pensamentos e viu entrar um capitão do estado-maior que entregou um papel selado a Wellesley.

Os oficiais conversavam, inventando outros temas de modo a que Wellesley pudesse abrir o papel e falar em particular com o capitão. Hill falava com Sharpe sobre o teatro Drury Lane. Sabia que tinha queimado em Fevereiro? Sharpe balançou a cabeça e sorriu, respondendo de forma adequada, mas olhava à volta da mesa, para os outros generais, para os aristocratas, e pensou nos orfanatos e nas prisões que conhecera desde pequeno. Recordava o pestilento quartel onde os homens partilhavam o catre, as sovas, a luta sem princípios apenas para continuar vivo. E agora aquilo? As velas dançavam no ar, vinho fino e intenso, e perguntava-se até onde os levaria o caminho que tinham que tomar no dia seguinte pelo frio amanhecer. Se Bonaparte tivesse de ser vencido a marcha do dia seguinte poderia durar anos até terminar às portas de Paris. O capitão saiu e Wellesley deu algumas pancadas na mesa. As conversas foram interrompidas e olharam para o general de nariz adunco que mostrou no ar o papel.

— Os austríacos assinaram a paz com Bonaparte — esperou que as exclamações acabassem. — com efeito, meus senhores, estamos sós. Podemos esperar mais tropas francesas, talvez Napoleão em pessoa, e até mais inimigos em casa.

Sharpe pensou em Simmerson, já de volta a casa, planeando conspirar contra Wellesley e contra o exército britânico no Parlamento e nos salões cheios de fumo de Londres.

— Mas, cavalheiros, derrotamos três marechais este ano, então deixemos que venham mais!

Os oficiais deram pancadas na mesa e ergueram os copos. Na cidade um relógio bateu oito horas e, de repente, Sir Arthur Wellesley pôs-se de pé e ergueu o copo.

— Vejo que os charutos estão aqui e que o serão já vai longo. Amanhã partimos cedo, meus senhores, portanto, pelo rei!

Sharpe empurrou a cadeira para trás, pegou no copo e juntou-se ao brinde.

— Pelo rei, Deus o abençoe!

Estava de novo sentado, esperando com prazer o brandy e um dos charutos do general, quando percebeu que Wellesley ainda estava de pé. Pôs-se de pé, amaldiçoando a sua falta de educação e esperando que os outros não tivessem reparado que estava corado. Wellesley estava à espera dele.

— Lembro-me de outra batalha, cavalheiros, que quase iguala em carnificina a nossa vitória recente. Depois de Assaye tive de agradecer a um jovem sargento; hoje brindo ao mesmo homem, agora capitão.

Levantou o copo em direção a Sharpe que estava cheio de vergonha. Viu os

oficiais sorrindo para ele, erguendo-lhe os copos, e baixou os olhos para a águia de prata. Teria gostado que Josefina o visse naquele momento, que pudesse ouvir o brinde de Wellesley. Ele quase não o ouviu.

— Cavalheiros. Pela águia do império!

Sir Arthur Wellesley (que pouco tempo depois se converteu em visconde Wellington de Talavera, graças aos acontecimentos de 27 e 28 de Julho de 1809) teve 5365 baixas durante a batalha, entre mortos e feridos. Quinze por cento dessas baixas morreram. As baixas francesas ascenderam a 7268 e também haveria a somar à lista da carnificina 600 espanhóis. Os franceses também perderam dezessete canhões mas, infelizmente, nenhuma águia. A primeira águia que os britânicos capturaram na Guerra Peninsular foi conseguida pelo alferes Keogh e pelo sargento Masterman do 87º, na batalha de Borosa, a 5 de Maio de 1811. Keogh morreu devido às feridas mas Masterman sobreviveu e foi recompensado com uma promoção juntando-se assim ao pequeno número de oficiais do exército peninsular, quase cinco por cento do total, que subiram desde soldados. Espero que os fantasmas de Keogh e de Masterman, tal como os atuais sucessores do 87º, os Royal Irish Rangers, me perdoem por ter me apoderado da sua façanha.

Não existe qualquer lugar chamado Valdelacasa, nem sequer houve um regimento South Essex, mas, à parte estas invenções, a campanha de Talavera aconteceu em grande parte tal como é descrita neste romance. No relato da batalha, apenas as aventuras do South Essex e a captura da águia são fictícias; havia um batalhão holandês lutando com os franceses e tomei a liberdade de o passar da sua posição frente às fortificações espanholas e oferecê-lo em sacrifício a Sharpe e Harper. Infelizmente o relato do exército espanhol não é inventado; fugiram na véspera da batalha, assustados pela sua própria descarga e durante dias o general Cuesta levou-os à derrota total. Talavera foi abandonada aos franceses, e tal como Wellesley prediz no romance, trataram os feridos britânicos com amabilidade e consideração. A inaptidão do exército espanhol via-se mais compensada pela bravura dos guerrilheiros que fizeram com que Napoleão comparasse a Espanha a uma “ferida a supurar” nos seus exércitos.

Muitos dos detalhes do livro foram obtidos em cartas e diários da época. Cenas como as dos montes de braços e pernas junto ao convento de Talavera desafiam a imaginação e só podem provir dos relatos de testemunhas.

Para além desses relatos recorri com frequência aos trabalhos de Michael Glover, *The Peninsula War*, de Jac Weller, *Wellington in the Peninsula*, e de Lady Elizabeth Longford, *Wellington: The Years of the South*. Estou em dívida para com esses três autores.

Richard Sharpe e Patrick Harper são, infelizmente, fictícios.

Espero que os Royal Green Jackets atuais, que marcharam como fuzileiros do 95º, não se envergonhem deles nem das suas pitorescas aventuras no longo caminho que os levará finalmente a Waterloo.